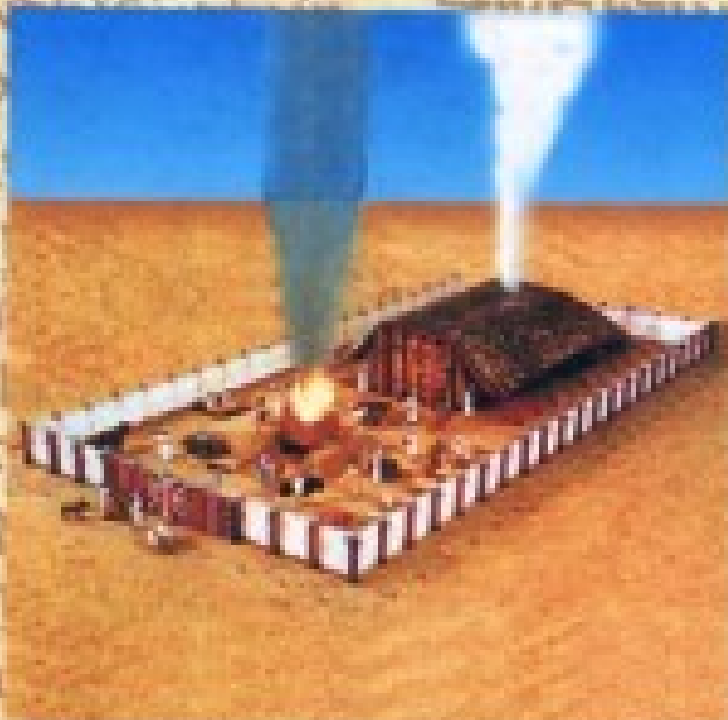


SÉRIE DE NOTAS SOBRE O
PENTATEUCO

C.H. MACKINTOSH



ESTUDOS SOBRE O LIVRO DE

Levítico



DEPÓSITO DE LITERATURA CRISTÃ

ANTES DE LER

Estes e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante à aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

* * * *

*“Se você encontrar erros de ortografia durante a leitura deste e-book, você pode nos ajudar fazendo a revisão do mesmo e nos enviando.”
Precisamos de seu auxílio para esta obra. Boa leitura!*

[E-books Evangélicos](#)

C.H. MACKINTOSH

**ESTUDOS SOBRE
O LIVRO DE LEVÍTICO**

2ª edição

Esta segunda edição é, essencialmente, igual à primeira de 1967. Alguns erros de tipografia e ortografia foram intencionalmente corrigidos.

As citações bíblicas seguem a "Edição Revista e Corrigida" de João Ferreira de Almeida publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, edição de 1995

*São Paulo, maio de 2003
Os editores.*

Edição original em inglês
2ª Edição em português: maio de 2003
Editoração, Impressão e Acabamento Associação Religiosa Imprensa da Fé

DEPÓSITO DE LITERATURA CRISTÃ

Rua Arlindo Bétio, 117
09911-470 Diadema, SP —BRASIL
Todos os direitos reservados

O HOLOCAUSTO

Antes de entrarmos em pormenores sobre este capítulo, há duas coisas que requerem toda a nossa atenção, a saber: primeiro a posição de Jeová e segundo a ordem por que são apresentados os sacrifícios.

"E chamou o SENHOR a Moisés e falou com ele da tenda da congregação." Tal foi a posição de onde o Senhor fez as comunicações narradas neste livro. Havia falado do Monte Sinai, e a Sua posição ali imprimiu um caráter particular à comunicação. Do monte ardente saiu "o fogo da lei" (Dt 33:2). Porém, aqui o Senhor fala "da tenda da congregação". Era uma posição muito diferente.

Vimos este tabernáculo concluído no final do livro precedente. "Levantou também o pátio ao redor do tabernáculo e do altar e pendurou a cobertura da porta do pátio. Assim, Moisés acabou a obra. Então a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo,... porquanto a nuvem do SENHOR estava de dia sobre o tabernáculo, e o fogo estava de noite sobre ele, perante os olhos de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas". (Êx 40:33-38).

Ora, o tabernáculo era o lugar onde Deus habitava em graça. Podia estabelecer ali a Sua habitação, porque estava rodeado de todos os lados por aquilo que representava brilhantemente o fundamento das Suas relações com o povo. Se tivesse vindo ao meio deles na plena manifestação do caráter revelado no Monte Sinai só podia ser para os "consumir num momento", como "povo obstinado" (Êx 33:5). Porém, retirou-se para dentro do véu — figura da carne de Cristo (Hb 10:20) e tomou o Seu lugar sobre o propiciatório, onde o sangue da expiação, e não "o povo obstinado" de Israel, se apresentava à Sua vista e satisfazia as exigências da Sua natureza. O sangue que era levado ao santuário pelo sumo sacerdote era figura do sangue precioso que purifica de todo o pecado; e, embora Israel, segundo a carne, não discernisse nada disto, esse sangue, contudo, justificava o fato de Deus habitar no meio deles; "santificava-os quanto à purificação da carne" (Hb9:13).

Tal é, pois, a posição do Senhor no Livro de Levítico, posição esta que deve ser tida em consideração, se se quiser ter um conhecimento exato das revelações que este livro encerra. Nessas revelações encontramos inflexível santidade unida à mais pura graça. Deus é santo, seja qual for o lugar de onde fala. É santo no monte Sinai e santo no propiciatório; porém, no primeiro caso a

Sua santidade estava ligada a "um fogo consumidor", enquanto que no segundo estava ligada com paciente graça.

Ora, a união da perfeita santidade com a graça perfeita é o que caracteriza a redenção que há em Cristo Jesus, redenção que é, de diversas maneiras, tipificada no livro de Levítico. É preciso que Deus seja santo, ainda que seja na condenação eterna dos pecadores impenitentes; porém a revelação plena da Sua santidade na salvação dos pecadores faz ressoar no céu um coro de louvor. "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens" (Lc 2:14). Esta doxologia não podia ter sido entoada em relação com "o fogo da lei". Sem dúvida, havia "glória nas alturas", mas não havia "paz na terra" nem "boa vontade para com os homens", porquanto a lei era a declaração do que os homens deviam ser, antes que Deus pudesse ter prazer neles. Mas quando "o Filho" ocupou o Seu lugar como homem na terra, o céu pôde exprimir todo o Seu prazer n'Aquele cuja Pessoa e obra podiam ligar, da maneira mais perfeita, a glória divina com a bem-aventurança humana.

A Ordem dos Sacrifícios

E agora algumas palavras sobre a ordem dos sacrifícios, nos primeiros capítulos do livro de Levítico. O Senhor começa com o holocausto e termina com a expiação da culpa. Quer dizer, termina onde nós começamos. Esta ordem é notável e muito instrutiva. Quando pela primeira vez a seta da convicção penetra na alma dá-se um profundo exame de consciência quanto aos pecados cometidos. A memória volve a sua vista iluminada para as páginas da vida passada e vê-as manchadas com inumeráveis transgressões contra Deus e contra o homem. Neste momento da história da alma, ela não se ocupa tanto com a raiz de onde brotaram essas transgressões como com o fato palpável que este e aquele ato foram cometidos por ela; e, por isso, tem necessidade de saber que Deus proveu um sacrifício por cuja virtude "todas as ofensas" podem ser perdoadas livremente. E este sacrifício é-nos apresentado no sacrifício da expiação da culpa.

Mas à medida que a alma progride na vida divina torna-se consciente do fato que *esses pecados* que cometeu não são mais que rebentos de uma raiz, correntes de uma mesma fonte; e, além disso, que *o pecado* na sua natureza — ou seja: na carne — é essa fonte, essa raiz. Isto conduz-nos a um exercício íntimo ainda mais profundo, que nada pode tranqüilizar senão um conhecimento mais profundo da obra da cruz. Em suma, a cruz deve ser compreendida como o lugar onde Deus Mesmo "*condenou o pecado na carne*" (Rm 8:3).

O leitor há - de notar que esta passagem não diz "*pecados*

na vida", mas a raiz de onde os pecados provêm, a saber, o "pecado na carne".

E uma verdade de grande importância. Cristo não somente morreu por nossos pecados, "segundo as Escrituras" (1 Co 15:3), como foi feito *pecado* por nós (1 Co 5:21). Esta é a doutrina do sacrifício da expiação do pecado.

E quando o coração e a consciência encontram descanso mediante o conhecimento da obra de Cristo, que nos podemos alimentar d'Ele como o fundamento da nossa paz e do nosso gozo, na presença de Deus. Não pode haver paz ou gozo antes de sabermos que todas as nossas transgressões foram perdoadas e o nosso pecado julgado. A expiação da culpa e a expiação do pecado têm de ser conhecidas antes que os sacrifícios pacíficos, de manjares ou de ações de graças possam ser convenientemente apreciados. Por isso, a ordem em que está o sacrifício pacífico corresponde à ordem da nossa apreciação espiritual de Cristo.

Nota-se a mesma perfeita ordem em referência à oferta de manjares. Quando a alma é levada a apreciar a doçura da comunhão espiritual com Cristo — a alimentar-se d'Ele em paz e gratidão na presença divina — sente um desejo arrebatador de conhecer melhor os mistérios gloriosos da Sua pessoa; e este desejo é ditosamente satisfeito na oferta de manjares, que é o tipo da perfeita humanidade de Cristo.

Em seguida, no holocausto, somos conduzidos a um ponto para além do qual é impossível ir, e esse ponto é a obra da cruz, realizada sob as vistas de Deus como expressão do afeto inquebrantável do coração de Cristo. Todas estas coisas nos serão apresentadas em belos pormenores, à medida que as examinarmos; aqui consideramos apenas a ordem dos sacrifícios, a qual é verdadeiramente maravilhosa, seja qual for o sentido em que caminhar, seja exteriormente de Deus para nós, ou intimamente de nós até Deus. Em qualquer dos casos começamos e terminamos com a cruz. Se começamos com o holocausto, vemos Cristo na cruz fazendo a vontade de Deus — fazendo expiação, segundo a medida da Sua perfeita rendição a Deus. Se começamos com a expiação da culpa, vemos Cristo na cruz levando os nossos pecados e tirando-os, segundo a perfeição do Seu sacrifício expiatório; enquanto que em cada um e em todos eles vemos a excelência, a beleza e a perfeição da Sua divina e adorável pessoa.

Certamente, tudo isto é suficiente para despertar em nossos corações o mais profundo interesse pelo estudo desses símbolos preciosos que passaremos a analisar pormenorizadamente. E que Deus Espírito Santo, que inspirou o livro de Levítico, dê a sua explicação, em poder vivo, aos nossos corações, para que, quando

chegarmos ao fim, possamos ter motivo de sobra para bendizer ao Senhor por tantas e tão admiráveis imagens da pessoa e obra de nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo, a quem seja dada glória, agora e para todo o sempre. Amém.

No holocausto, com o qual abre o livro de Levítico, temos uma figura de Cristo, que "se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus" (Hb 9:14). Daí a posição que o Espírito Santo lhe dá. Se o Senhor Jesus Cristo Se manifestou para realizar a obra gloriosa da expiação, o Seu mais desejável e supremo objetivo, na sua consecução estava a glória de Deus.

"Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10:9), era o grande lema em todas as cenas e circunstâncias da Sua vida, e em nenhuma tão completamente como na obra da cruz. Fosse qual fosse a vontade de Deus, Ele veio para a fazer. Bendito seja Deus, nós conhecemos qual é a nossa parte na realização dessa "vontade"; pois por ela "temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez" (Hb 10:10).

Contudo, o aspecto primário da obra de Cristo era Deus. Era Seu prazer inefável cumprir a vontade de Deus na terra. Ninguém a tinha feito. Alguns, pela graça, haviam feito o que era reto aos olhos do Senhor; porém ninguém jamais tinha, perfeita e invariavelmente, desde o princípio ao fim, sem hesitação e sem divergência, feito a vontade de Deus. Mas foi isto exatamente que o Senhor Jesus fez. Ele foi "obediente até à morte e morte de cruz" (Fp 2:8): "...manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém" (Lc 9:51). E quando se dirigia do jardim de Getsêmane ao Calvário, o afeto intenso de Seu coração foi expresso nestas palavras: "Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?" (Jo 18:11).

Certamente, havia um perfume de cheiro suave nesta absoluta devoção a Deus. Um Homem perfeito na terra, cumprindo a vontade de Deus, até mesmo na morte, era assunto de profundo interesse para o céu. Quem poderia sondar as profundezas desse coração dedicado, que se manifestou aos olhos de Deus, na cruz? Seguramente, ninguém senão Deus; porque nisto, como em tudo mais, certo é que "ninguém conhece o Filho senão o Pai"; e ninguém pode conhecer nada, até certo ponto, a Seu respeito se o Pai o não revelar. A mente humana pode compreender, até certo ponto, qualquer coisa do que se passa "abaixo do sol". A ciência humana pode ser compreendida pelo intelecto humano; mas nenhum homem conhece o Filho de Deus, se o Pai não lho revelar pelo poder do Espírito e por meio da Palavra escrita. O Espírito Santo deleita-se em revelar o Filho — em tomar das coisas de Jesus e revelar-no-las. Estas coisas temo-las, em toda a sua beleza e plenitude, nas Escrituras. Não pode haver novas revelações, pois o Espírito trouxe "*todas as coisas*" à

memória dos apóstolos e conduziu-os a "toda a verdade" (Jo 14:26; 16:13). Não pode haver nada mais além de "toda a verdade"; e, por isso, as pretensões de novas revelações e do descobrimento da verdade — quer dizer, verdade não mencionada no cânone sagrado de inspiração — representam apenas os esforços do homem para acrescentar alguma coisa àquilo que Deus designa por "toda a verdade". O Espírito pode, certamente, mostrar e aplicar, com nova e extraordinária energia, a verdade contida na Escritura; porém, isto é claramente uma coisa muito diferente da ímpia presunção que abandona o campo da revelação divina com o propósito de encontrar princípios, idéias e dogmas que tenham autoridade sobre a consciência.

Na narrativa do evangelho Cristo é-nos apresentado nos vários aspectos do Seu caráter, Sua Pessoa e obra. Em todas as épocas o povo de Deus tem achado alegria em recorrer a essas preciosas Escrituras, sedentando-se nas revelações celestiais do objeto do seu amor e confiança—Aquele a quem tudo devem, quer no tempo presente, quer no tocante à eternidade. Contudo, muito poucos comparativamente têm sido induzidos a considerar os ritos e cerimônias da dispensação levítica como cheios das mais minuciosas instruções referentes ao mesmo assunto dominante. Os sacrifícios de Levítico, por exemplo, têm sido considerados freqüentemente como registros de antigos costumes judaicos, sem nenhum outro significado para nós nem nenhuma luz espiritual para iluminar os nossos entendimentos. Mas tem de admitir-se que as páginas aparentemente obscuras de Levítico, assim como as expressões sublimes de Isaías, têm o seu lugar entre "tudo que dantes foi escrito" (Rm 15:4), e são, portanto, "para nosso ensino". Certamente, precisamos de estudar estes registros, assim como também toda a Escritura, com espírito humilde e desprezioso, em reverente dependência do ensino d'Aquele que graciosamente os inspirou para nosso ensino, e com atenção diligente pelo grande objetivo, alvo e analogia geral de todo o corpo da revelação divina; dominando a nossa imaginação, para que se não extravie com entusiasmo profano; mas se assim, mediante a graça, entrarmos no estudo dos símbolos de Levítico, encontraremos um filão do mais rico e precioso minério.

A Vítima

Vamos prosseguir agora com o exame do holocausto, que, como havemos acentuado, representa Cristo oferecendo-se a Si mesmo incontaminado a Deus.

"Se a sua oferta for holocausto de gado, oferecerá macho sem mancha." A glória essencial e dignidade da pessoa de Cristo formam a base do cristianismo. Ele transmite esta dignidade e

essa glória a tudo que faz e a cada uma das funções que assume. Nenhuma função podia de algum modo acrescentar glória Aquele que é sobre todos, "Deus bendito eternamente" (Rm9:5) — "Deus manifestado em carne" (1 Tm 3:16) —, o glorioso "Emanuel"— Deus conosco —, o Verbo eterno, o Criador e Mantenedor do universo. Que função poderia acrescentar dignidade a uma tal Pessoa De fato, sabemos que todas as Suas funções estão relacionadas com a Sua humanidade; e assumindo essa humanidade, Ele desceu da glória que tinha com o Pai antes da criação do mundo. Desceu, deste modo, a fim de glorificar Deus perfeitamente no próprio meio de uma cena onde tudo Lhe era hostil. Veio para ser "devorado" por santo e inextinguível zelo (SI 69:9) pela glória de Deus e a realização eficiente dos Seus desígnios eternos.

Cristo Oferecendo-se a Si Mesmo a Deus

O macho sem mancha de um ano era uma figura do Senhor Jesus Cristo oferecendo-se a Si mesmo para o cumprimento perfeito da vontade de Deus. Não deveria haver nada que detonasse fraqueza ou imperfeição. Devia ser "um macho de um ano". Teremos ocasião de ver, quando tivermos ocasião de examinar os outros sacrifícios, que era permitido oferecer, nalguns casos, uma "fêmea"; mas essa era apenas a forma de mostrar a imperfeição inerente à compreensão do adorador, e de modo nenhum um defeito da oferenda, porquanto esta era "sem mancha" tanto num caso como no outro.

Contudo, o holocausto era um sacrificio da mais elevada ordem, porque representava Cristo oferecendo-se a Si mesmo a Deus — Cristo no holocausto exclusivamente para a vista e o coração de Deus. Eis um ponto que deve ser claramente compreendido. Só Deus podia apreciar devidamente a Pessoa e obra de Cristo. Só Ele podia apreciar plenamente a cruz como a expressão do perfeito afeto de Cristo. A cruz tal qual é simbolizada no holocausto, encerra qualquer coisa que só a mente divina pode compreender. Tinha profundidades tais que nem o mortal nem os anjos podiam sondar. Nela havia uma voz que se dirigia exclusiva e diretamente aos ouvidos do Pai. Entre o Calvário e o trono de Deus houve comunicações que excedem em muito as mais altas capacidades dos entes criados.

"A porta da tenda da congregação a oferecerá, de sua própria vontade, perante o SENHOR." O emprego do vocábulo "*vontade*", nesta passagem, revela claramente o grande propósito no holocausto. Leva-nos a contemplar a cruz sob um aspecto que não é suficientemente compreendido. Estamos sempre prontos a contemplar a cruz simplesmente como o lugar onde a grande

questão do pecado foi tratada e liquidada entre a justiça eterna e a vítima incontaminada — o lugar onde a nossa culpa foi expiada e onde Satanás foi gloriosamente vencido. Louvor universal seja dado eternamente ao amor redentor! A cruz foi tudo isto. E mais do que isto. Foi o lugar onde o amor de Cristo pelo Pai se expressou em linguagem tal que só o Pai podia ouvir e compreender. E sob este último aspecto que a vemos simbolizada no holocausto e é, portanto, por isso que a palavra "vontade" ocorre. Se fosse apenas uma questão de imputação do pecado e de sofrer a ira de Deus por causa do pecado, essa expressão não estaria dentro da ordem moral. O bendito Senhor Jesus não podia, com estrita propriedade, ser apresentado como aquele que *desejava* ser feito pecado — *desejar* sofrer a ira de Deus e ser privado da vista do Seu rosto; e, neste fato, por si só, aprendemos da maneira mais evidente, que o *holocausto não representa Cristo sobre a cruz levando o pecado*, mas, sim, Cristo sobre a cruz cumprindo a vontade de Deus. Que Cristo mesmo contemplava a cruz nestes dois aspectos é evidente pelas Suas próprias palavras. Quando contemplou a cruz como o lugar onde foi feito pecado — quando previu os horrores que, sob este ponto de vista, ela encerrava, exclamou: "Pai, se queres, passa de mim este cálice" (Lc 22:42). Fugia daquilo que a Sua obra, por ter de levar sobre Si o pecado, comportava. A Sua mente santa e pura fugia ao pensamento de contato com o pecado; e o Seu terno coração fugia da idéia de perder, por um momento, a luz do semblante de Deus.

O Amor de Cristo pelo Pai

Porém, a cruz tinha outro aspecto. Aparecia à vista de Cristo como uma cena em que Ele podia revelar plenamente os segredos profundos do Seu amor ao Pai — um lugar onde podia, "de Sua própria vontade", tomar o cálice que o Pai lhe havia dado e esgotá-lo até às fezes. É verdade que toda a vida de Cristo emitiu um fragrante odor, que subia sem cessar até ao trono do Pai — Ele fazia sempre as coisas que agradavam ao Pai —, fez sempre a vontade de Deus; mas o holocausto não O representa na Sua vida — precioso além de todo o pensamento como foi cada ato dessa vida —, mas na Sua morte, e não como Aquele que foi feito "maldição por nós", mas como Aquele que apresenta ao coração do Pai um perfume de incomparável fragrância.

Esta verdade envolve a cruz de atrativos particulares para a mente espiritual. Dá aos sofrimentos do nosso bendito Senhor um interesse do caráter mais intenso. O pecador culpado encontra, incontestavelmente, na cruz uma resposta divina aos mais profundos e ardentes desejos do coração. O verdadeiro crente encontra na cruz aquilo que cativa todas as afeições do seu coração e deixa

aturdido todo o seu ser moral. Os anjos encontram na cruz um tema para contínua admiração. Tudo isto é verdade; mas há alguma coisa na cruz que ultrapassa as mais elevadas concepções dos santos ou dos anjos; isto é, a profunda devoção do coração do Filho para com o Pai e como Este a apreciou. Este é o assunto elevado da cruz, que é manifestado de um modo tão notável no holocausto.

E deixai-me observar que a beleza própria do holocausto deve ser inteiramente sacrificada se admitirmos a idéia de que Cristo carregou com o pecado toda a Sua vida. Deixa de haver então força, valor e significado nas palavras "sua própria vontade". Não poderá haver lugar para ação voluntária no caso de uma pessoa que era compelida, pela própria necessidade da sua posição, a morrer. Se Cristo tivesse carregado com o nosso pecado na Sua vida, então segue-se que a Sua morte seria *obrigatória* e não um ato voluntário.

De fato, pode afirmar-se com segurança que não há uma oferta sequer entre todas cuja beleza não fosse manchada e a sua integridade sacrificada pela teoria de *uma vida* carregando com o pecado. Este é especialmente o caso no holocausto, porquanto não é uma questão de carregar com o pecado ou de sofrer a ira de Deus, mas inteiramente de dedicação voluntária, manifestada na morte da cruz. No holocausto reconhecemos uma figura de Deus o Filho, cumprindo, por intermédio de Deus Espírito, a vontade de Deus Pai. Isto fez Ele de "sua própria vontade". "Por isso, o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la" (Jo 10:17). Temos aqui o aspecto da morte de Cristo no holocausto. Por outro lado, o profeta contemplando-O como oferta pelo pecado, diz: "... a sua vida é *tirada* da terra" (At 8:33 —versão LXX⁽¹⁾ de Isaías 53:8). Outro tanto, Cristo diz, — Ninguém ma tira, mas eu de mim mesmo a dou". Estaria Ele levando o nosso pecado sobre Si quando disse isto? Note-se que Ele diz "ninguém" — homens, anjos, demônios ou qualquer outra criatura. Foi um ato voluntário da Sua própria parte: deu a Sua vida para tornar a tomá-la. "Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu" (SI 40:8). Tal era a linguagem do holocausto divino — de Aquele que achou gozo inexprimível em Se oferecer incontaminado a Deus.

É, pois, da máxima importância aprender com distinção o primário objetivo de Cristo na obra de redenção. Contribuí para consolidar a paz do crente. O cumprimento da vontade de Deus, estabelecer os Seus desígnios e parentear a glória de Deus, era o que preocupava esse coração dedicado, que via e avaliava todas as coisas em relação com Deus.

(1) LXX - "Septuaginta" - versão grega do Velho Testamento.

O Senhor Jesus nunca se deteve para averiguar até que ponto qualquer ato ou circunstância O afetaria. "O Aniquilou-se a si mesmo" (Fp 2:7-8). Renunciou a tudo. E, por isso, quando chegou ao fim da Sua carreira, pôde refletir sobre o passado, olhar para trás e, com os olhos levantados ao céu, dizer, "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer" (Jo 17:4).

É impossível contemplar a obra de Cristo sob este aspecto sem que o coração se sinta cheio das mais gratas afeições para com a Sua Pessoa. O conhecimento de que o Seu primeiro objetivo na obra da cruz era Deus não diminui em nada o sentimento que temos do Seu amor por nós. Pelo contrário, o Seu amor por nós, e a nossa salvação n'Ele só podiam ser fundamentados no estabelecimento da glória de Deus. Essa glória deve formar a base sólida de todas as coisas. "Porém, tão certamente como eu vivo e como a glória do SENHOR encherá toda a terra" (Nm 14:21). Mas nós sabemos que a glória eterna de Deus e a bem-aventurança eterna da criatura estão inseparavelmente ligadas nos desígnios divinos, de sorte que se a primeira está assegurada, a segunda tem de sê-lo também.

A Identificação do Adorador com o Holocausto

"E porá a sua mão sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceito por ele, para a sua expiação." O ato da imposição das mãos exprimia completa identificação. Por este ato significativo o oferente e a oferta tornavam-se um; e esta unidade, no caso do holocausto, assegurava ao oferente que a sua oferta era aceite. A aplicação deste fato a Cristo e ao crente realça uma verdade das mais preciosas, uma das mais largamente desenroladas no Novo Testamento, a saber: a identificação eterna do crente com Cristo e a sua aceitação em Cristo: "... qual ele é, somos nós também neste mundo... No que é verdadeiro estamos." (1 Jo 4:17; 5:20).

Nada menos do que isto nos podia aproveitar. O homem que não está em Cristo está nos seus pecados. Não há terreno neutro. Ou havemos de estar em Cristo ou fora d'Ele. Não se pode estar *parcialmente* em Cristo. Ainda que seja apenas a espessura de um cabelo que se interponha entre vós e Cristo, estais num estado positivo de ira e condenação. Pelo contrário, se estais n'Ele, então sois "qual ele é" perante Deus, e assim considerados na presença da santidade infinita.

Tal é o ensino claro da Palavra de Deus. "Estais perfeitos nele", sois "membros do seu corpo", da Sua carne e dos Seus ossos, "agradáveis" a Deus "no amado", porque "o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito" (1 Co 6:17; Ef 1:6; 5:20, C12:20). Ora, não é possível que a Cabeça esteja num grau de

aceitação e os membros noutra. Não; a Cabeça e os membros são um. Deus considera-os um; e, portanto, são um. Esta verdade é, ao mesmo tempo, o fundamento da mais elevada confiança e da mais profunda humildade. Dá-nos a mais completa segurança "para que no dia do juízo tenhamos confiança" (1 Jo 4:17), visto que não é possível haver qualquer acusação contra Aquele com quem estamos unidos. Dá-nos uma profunda impressão da nossa própria nulidade, visto que a nossa união com Cristo é baseada na morte da velha natureza e na abolição total de todos os seus direitos e pretensões.

Visto que, portanto, a Cabeça e os membros são considerados na mesma posição de infinito favor e aceitação perante Deus, é evidente que todos os membros têm uma mesma aceitação, uma mesma salvação, a mesma vida e uma mesma justiça. Não há graus diferentes na justificação. O recém-nascido em Cristo e o crente de cinquenta anos estão no mesmo plano de justificação. Um está em Cristo, e o outro também; e assim como estar em Cristo é a única base de vida, também o é de justificação. Não há duas espécies de vida nem duas espécies de justificação. Não há dúvida que existem diversos graus de gozo desta justificação — vários graus no conhecimento da sua plenitude e extensão — vários graus na capacidade de mostrar o seu poder sobre o coração e a vida; e estas coisas são freqüentemente confundidas com a própria justificação, a qual, sendo divina, é, necessariamente, eterna, absoluta, invariável, e não pode ser afetada pela flutuação dos sentimentos ou experiências humanas.

Mas, além disso, não há progresso na justificação. O crente não está mais justificado hoje do que estava ontem; nem estará mais justificado amanhã do que está hoje. Sim, a alma que "está em Cristo Jesus" está tão completamente justificada como se estivesse diante do trono de Deus. O crente é "*perfeito* em Cristo". É "*como*" Cristo. Está, sobre a própria autoridade de Cristo, "todo limpo" (Jo 13:10). Que mais poderia esperar ser deste lado da glória? Pode fazer e fará — se andar em Espírito — progresso no gozo desta gloriosa realidade; mas, quanto à própria justificação, no momento em que, pelo poder do Espírito Santo, creu o evangelho, passou de um estado positivo de injustiça e condenação para um estado positivo de justiça e aceitação. Tudo isto se baseia na perfeição divina da obra de Cristo; precisamente como no caso do holocausto, em que a aceitação do adorador era baseada na aceitação da oferta. Não era uma questão de saber o que ele era, mas simplesmente do que era o sacrifício. "*Para que seja aceito por ele, para a sua expiação.*"

O Sacrifício

"Depois, degolará o bezerro perante o SENHOR; e os filhos de Arão, os sacerdotes, oferecerão o sangue e espargirão o sangue à roda sobre o altar que está diante da porta da tenda da congregação." No estudo da doutrina do holocausto é absolutamente indispensável não esquecer que o ponto principal que ressalta dele não é ir ao encontro da necessidade do pecador, mas apresentar a Deus aquilo que Lhe é infinitamente agradável. Cristo, como é prefigurado no holocausto, não é para a consciência do pecador, mas para o coração de Deus.

Além disso, no holocausto a cruz não é demonstração da abominação do pecado, mas a devoção inabalável de Cristo ao Pai. Nem tampouco é a cena de Deus descarregar a Sua ira sobre Cristo por Ele levar sobre Si o pecado, mas sim a sublime complacência do Pai em Cristo, o sacrifício voluntário e cheio de fragrância. Finalmente a "expição", como a vemos no holocausto, não é apenas proporcionada às exigências da consciência do homem, mas o desejo intenso do coração de Cristo em fazer a vontade de Deus e estabelecer os propósitos divinos — um desejo que não O impediu de entregar a Sua vida imaculada e preciosa como "oferta voluntária" "de cheiro" suave a Deus.

Nenhum poder da terra ou do inferno, homens ou demônios, pôde demovê-Lo de cumprir este desejo. Quando Pedro, ignorantemente, e com palavras de falsa ternura, procurou dissuadi-lo a não ir ao encontro da vergonha e degradação da cruz, "dizendo: Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso", qual foi a Sua resposta? "Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens" (Mt 16:22-23). De igual modo, noutra ocasião, disse aos Seus discípulos, "Já não falarei muito convosco, porque se aproxima o príncipe deste mundo e nada tem em mim mas é para que o mundo saiba que *eu amo o Pai* e que faço como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos daqui" (Jo 14:30-31). Estas e muitas outras passagens correlativas das Escrituras mostram-nos a fase da obra de Cristo no holocausto em que o primeiro pensamento é evidentemente "oferecer-se a Si mesmo imaculado a Deus".

Os Sacerdotes

Em perfeita harmonia com tudo quanto tem sido exposto a respeito deste ponto especial no holocausto está o lugar que ocupam os filhos de Arão e as funções que lhes são assinaladas nele. Eles "espargirão o sangue... porão fogo sobre o altar, pondo em ordem a lenha sobre o fogo", também "porão em ordem os pedaços, a cabeça e o redenho, sobre a lenha que está no fogo em cima do altar". Estas coisas estavam bem em evidência e formam

um aspecto notável do holocausto, em contraste com a expiação do pecado, na qual os filhos de Arão não são mencionados. "Os filhos de Aarão" representam a Igreja, não como "um corpo", mas como casa sacerdotal. Isto compreende-se facilmente. Se Arão era uma figura de Cristo, a casa de Arão era uma figura da casa de Cristo, como lemos na Epístola aos Hebreus, capítulo 3 versículo 6: "Mas Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa; a qual casa somos nós". E, "Eis-me aqui a mim e aos filhos que Deus me deu" (Hb 2:13). Agora é privilégio da Igreja, na medida em que é dirigida e ensinada pelo Espírito Santo, fixar os olhos e deleitar-se nesse aspecto de Cristo que nos é apresentado no símbolo com que abre o livro de Levítico. "A nossa comunhão é com o Pai", que, graciosamente, nos convida a ter parte com Ele nos Seus pensamentos acerca de Cristo. É verdade que nunca podemos elevar-nos à altura desses pensamentos; mas podemos ter participação neles pelo Espírito Santo que habita em nós. Não se trata aqui de uma questão de se ter a consciência tranqüilizada pelo sangue de Cristo, como o que levou sobre Si o pecado, mas de comunhão com Deus na rendição perfeita de Cristo na cruz.

"... e os filhos de Arão, os *sacerdotes*, oferecerão o sangue e espargirão o sangue à roda sobre o altar que está diante da porta da tenda da congregação." Aqui temos uma figura da Igreja trazendo o memorial de um sacrifício consumado e oferecendo-o no lugar de aproximação individual de Deus. Mas devemos lembrar que é o sangue do holocausto e não o da expiação do pecado. É a Igreja penetrando, no poder do Espírito Santo, no pensamento admirável da comprovada devoção de Cristo a Deus, e não o pecador convicto valendo-se do valor do sangue de quem carregou com o pecado. Desnecessário é dizer que a Igreja é composta de pecadores arrependidos; mas "os filhos de Arão" não representam os pecadores arrependidos, mas, sim, os santos em adoração. É na qualidade de "*sacerdotes*" que têm de intervir no holocausto. Muitos erram quanto a isto. Imaginam que, pelo fato de se tomar o lugar de adorador — para que se é convidado pela graça de Deus e tornado idôneo para o fazer pelo sangue de Cristo — não tem que se considerar como pecador indigno. Isto é um grande erro. O crente, em si mesmo, nada é absolutamente. Mas em Cristo é um adorador purificado. Não está no santuário como pecador culpado, mas como sacerdote em adoração, vestido com os vestidos de glória e ornamento. Ocupar-me da minha culpa na presença de Deus, não é, pelo que me diz respeito, humildade mas sim incredulidade, pelo que respeita ao sacrifício.

Todavia, é bem evidente que a idéia de levar o pecado — a imputação do pecado—, ou da ira de Deus, não aparece no holocausto. É certo que lemos: "... para que seja aceito por ele,

para a sua expiação"; mas é "expiação" não segundo a profunda enorme culpa humana, mas segundo a perfeita rendição de Cristo a Deus e a intensidade do prazer de Deus em Cristo. Isto dá-nos a mais elevada idéia da expiação. Se contemplamos a Cristo como o sacrificio pelo pecado, vemos expiação efetuada segundo as exigências da justiça divina em relação ao pecado. Mas quando vemos a expiação no holocausto, é segundo a medida da boa vontade e capacidade de Cristo para cumprir a vontade de Deus, segundo a medida de complacência de Deus em Cristo e na Sua obra. Quão perfeita deve ser a expiação que é o fruto da devoção de Cristo a Deus! Poderia haver alguma coisa além disto? Certamente que não. O aspecto da expiação que o holocausto dá é o que deve ocupar a família sacerdotal nos átrios da casa do Senhor, para sempre.

A Preparação do Sacrificio

"Então, esfolará o holocausto, e o partirá nos seus pedaços. O ato cerimonial de "esfolar" era particularmente expressivo. Era simplesmente remover a cobertura exterior, a fim de se patentear completamente o que havia no *interior*. Não era suficiente a oferta ser exteriormente "sem mancha", "as entranhas" deviam ser postas a descoberto para que cada músculo e cada junta pudessem ser vistas. Era só no caso do holocausto que se mencionava especialmente este ato. Isto está perfeitamente de acordo com o conjunto do tipo, e tende a fazer realçar a profunda devoção de Cristo ao Pai.

Não se limitava a cumprir uma missão. Quanto mais se revelavam os segredos da Sua vida íntima e as profundidades do Seu coração eram exploradas, tanto mais manifesta se tornava essa pura devoção à vontade do Pai, e o desejo ardente pela Sua glória. Estas eram as fontes de ação do grande Antítipo do holocausto. Ele foi seguramente o perfeito holocausto.

"E o partirá nos seus pedaços". Este ato apresenta uma verdade um tanto semelhante à que é ensinada no "incenso aromático moído" (*Lv 16:12*).

O Espírito Santo deleita-se em se deter sobre a doçura e fragrância do sacrificio de Cristo, não só como um todo, como também em todos os seus mínimos pormenores. Considerai o Holocausto como um todo e vê-lo-eis sem mancha. Considerai-o em todas as suas partes e vereis como é o mesmo. Assim era Cristo; e como tal é prefigurado neste importante tipo.

"E os filhos de Arão, os sacerdotes, porão fogo sobre o altar, pondo em ordem a lenha sobre o fogo. Também os filhos de Arão, os sacerdotes, porão em ordem os pedaços, a cabeça e o redenho, sobre a lenha que está no fogo em cima do altar". Isto era uma

posição elevada para a família sacerdotal. O holocausto era totalmente oferecido a Deus. Era tudo queimado sobre o altar (¹); o homem não participava dele; mas os filhos do sacerdote Arão, sendo também sacerdotes, mantinham-se em redor do altar de Deus contemplando a chama que se erguia do sacrificio aceitável em aroma suave. Era uma posição elevada — uma elevada comunhão — uma elevada ordem no serviço sacerdotal —, uma figura notável da Igreja em comunhão com Deus relacionada no perfeito cumprimento da Sua vontade na morte de Cristo. Como pecadores convictos, contemplamos a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, e vemos nela aquilo que satisfaz todas as nossas necessidades. A cruz, neste aspecto, dá perfeita paz à consciência. Por isso, como sacerdotes, como adoradores purificados, como membros da família sacerdotal, nós podemos olhar para a cruz sob outra luz diferente, ou seja a completa consumação do santo propósito de Cristo de cumprir, até mesmo na morte, a vontade do Pai. Como pecadores convictos, permanecemos junto do altar de cobre, e encontramos paz por meio do sangue da expiação; mas, como sacerdotes, permanecemos ali para observar e admirar a perfeição daquele holocausto — a perfeita rendição e apresentação a Deus d'Aquele que era incontaminado.

¹) *E talvez conveniente, em ligação com este ponto, informar o leitor que o vocábulo hebraico traduzido por "queimado" no caso do holocausto é inteiramente diferente daquele que é empregado na expiação do pecado. Vou referir, devido ao interesse peculiar do assunto, algumas passagens em que ocorre esta palavra. A palavra usada no holocausto significa "incenso" ou "queimar incenso", e ocorre nas seguintes passagens numa ou noutra das suas diferentes inflexões: Levítico 6:15, "... e todo o incenso... e o acenderá sobre o altar". Deuteronomio 33:1. "E farás um altar para queimar incenso". Salmo 66:15, "... odorante fumo de carneiros"; "... o incenso que queimaste nas cidades de Judá"; Cantares 3:6, "... colunas de fumo, perfumada de mirra, de incenso". As passagens podiam multiplicar-se, porém estas bastam para mostrar o uso da palavra que ocorre no holocausto.*

A palavra hebraica traduzida por "queimar", em ligação com a expiação do pecado, significa queimar, em geral, e aparece nas seguintes passagens: Gênesis 11:3, "... façamos tijolos, e queimemo-los bem"; Levítico 10:16, "E Moisés diligentemente buscou o bode da expiação e eis que já era queimado"; 2 Crônicas 16-14, "... e fizeram-lhe queima mui grande".

Assim, a oferta por expiação do pecado não só era queimada num lugar diferente, como é adotada uma palavra diferente pelo Espírito Santo para expressar o ato pelo qual era consumida. Ora nós não podemos imaginar, nem por um momento, que esta distinção seja apenas uma troca de palavras, cujo emprego é indiferente. Creio que a sabedoria do Espírito Santo é tão manifestada no emprego das duas palavras como em qualquer outro ponto de diferença entre as duas ofertas. O leitor espiritual não deixará de dar o próprio valor a esta interessante distinção.

Teríamos uma idéia muito imperfeita do mistério da cruz, se nela víssemos somente aquilo que satisfaz as necessidades do homem como pecador. Havia profundidades nesse mistério que só a mente de Deus podia aprofundar.

E, por isso, importante ver que, quando o Espírito Santo nos apresenta figuras da cruz, dá-nos, em primeiro lugar, aquela que no-lo mostra em relação com Deus. Isto seria suficiente para nos ensinar que há altos e baixos na doutrina da cruz que o homem nunca pode atingir. Pode aproximar-se da fonte de alegria e beber para sempre — pode satisfazer as mais veementes aspirações do seu espírito — pode explorá-la com todos os recursos da sua nova natureza, mas, depois de tudo, existe na cruz aquilo que só Deus pode apreciar. E por isso que o holocausto ocupa o primeiro lugar. Tipifica a morte de Cristo vista e apreciada somente por Deus. E certamente, podemos dizer que não poderíamos passar sem uma tal figura; porque não só nos dá o aspecto mais elevado da morte de Cristo, como também um pensamento precioso referente ao interesse particular que Deus tinha nessa morte. O próprio fato de Deus ter instituído um tipo da morte de Cristo, o qual devia ser exclusivamente para Si, contém um volume de instrução para a mente espiritual.

Mas apesar de nem os anjos nem os homens puderem jamais sondar perfeitamente as profundezas espantosas do mistério da morte de Cristo, nós podemos, pelo menos, discernir algumas das suas características, que a fazem mais do que preciosa para o coração de Deus. E da cruz que Ele recolhe a mais rica glória. De nenhuma outra maneira teria sido tão glorificado como pela morte de Cristo. É na entrega voluntária que Cristo fez de Si mesmo à morte que a glória divina resplandece em todo o seu fulgor. Sobre ela foi posto também o fundamento sólido de todos os desígnios divinos.

Isto é uma verdade muito consoladora. A criação nunca poderia ter oferecido um tal fundamento. Além disso, a cruz oferece um justo canal através do qual o amor divino pode fluir. E, finalmente, pela cruz, Satanás é confundido para sempre, e "os principados e potestades" foram publicamente expostos (Cl 2:15). Estes são os gloriosos frutos resultantes da cruz; e, quando pensamos neles, podemos ver a razão por que era preciso que houvesse um tipo da cruz exclusivamente para Deus, e também a razão por que esse tipo devia ocupar uma posição eminente devia estar à cabeça da lista das ofertas. E deixai-me dizer que teria havido uma falta grave entre os símbolos se faltasse o holocausto; e haveria também uma omissão lamentável nas páginas inspiradas se tivesse sido omitido o registro desse símbolo.

Uma Oferta Queimada de Cheiro Suave ao SENHOR

"Porém a sua fressura e as suas pernas lavar-se-ão com água; e o sacerdote tudo isto queimará sobre o altar; holocausto é, oferta queimada, de cheiro suave ao SENHOR." Este ato tornava o sacrifício simbolicamente no que Cristo foi essencialmente—puro tanto no íntimo como exteriormente. Havia a mais perfeita ligação entre os motivos íntimos de Cristo e a Sua conduta exterior. Esta era a expressão daqueles. Tudo tinha o mesmo fim — a glória de Deus. Os membros do Seu corpo obedeciam perfeitamente e executavam os desígnios do Seu consagrado coração—esse coração que pulsava só por Deus e a Sua glória na salvação dos homens. Bem podia, portanto, o sacerdote "queimar *tudo* isto sobre o altar". Tudo era tipicamente puro e destinado para ser como alimento para o altar de Deus. De alguns sacrifícios participava o sacerdote; de outros o oferente; mas o holocausto era "todo" consumido no altar. Era exclusivamente para Deus. Os sacerdotes podiam preparar a lenha e o fogo, e ver subir a chama; e isto era um grande e santo privilégio. Mas não comiam do sacrifício. Deus era o único objetivo de Cristo no aspecto em que o holocausto tipificava a Sua morte. Não devemos ser demasiadamente simples na nossa compreensão de tudo isto. Desde o momento em que o macho sem mancha era voluntariamente apresentado à porta da lenha da congregação até ser reduzido a cinzas por ação do fogo, discernimos nele Cristo oferecendo-se a Si mesmo a Deus incontaminado pelo Espírito Eterno.

Isto torna o holocausto inefávelmente precioso para a alma. Dá-nos a visão sublime da obra de Cristo. Nessa obra Deus teve particular prazer — um gozo em que nenhuma inteligência criada podia penetrar. Isto deve ter-se sempre em vista. É desenrolado no holocausto e confirmado "pela lei do holocausto", a que nos vamos referir imediatamente.

A Lei do Holocausto

"Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Dá ordem a Arão e a seus filhos, dizendo: Esta é a lei do holocausto: o holocausto será queimado sobre o altar toda a noite até pela manhã, e o fogo do altar arderá nele. E o sacerdote vestirá a sua veste de Unho, e vestirá as calças de Unho sobre a sua carne, e levantará a cinza, quando o fogo houver consumido o holocausto sobre o altar, e a porá junto ao altar. Depois, despirá as suas vestes, e vestirá outras vestes, e levará a cinza fora do arraial para um lugar limpo. O fogo, pois, sobre o altar arderá nele, não se apagará; mas o sacerdote acenderá lenha nele cada manhã, e sobre ele porá em

ordem o holocausto, e sobre ele queimará a gordura das ofertas pacíficas. O fogo arderá continuamente sobre o altar; não se apagará" (Lv 6:8 -13). O fogo no altar consumia o holocausto e a gordura da oferta pacífica. Era a própria expressão da santidade divina que encontrou em Cristo e no Seu perfeito sacrificio um elemento próprio para se alimentar. Esse fogo não devia nunca extinguir-se. Tinha de haver manutenção perpétua daquilo que representava a ação da santidade divina. No meio das trevas e vigílias silenciosas da noite o fogo ardia sobre o altar de Deus.

"E o sacerdote vestirá a sua veste de linho". Aqui, o sacerdote toma, em figura, o lugar de Cristo, cuja justiça pessoal é representada pela veste de linho. Havendo-se entregado a Si mesmo à morte de cruz, a fim de cumprir a vontade de Deus, entrou no céu com a Sua própria justiça, levando consigo os sinais de ter completado a Sua obra. As cinzas atestavam que o sacrificio estava consumado e que havia sido aceito por Deus. Essas cinzas, postas ao lado do altar, indicavam que o fogo tinha consumido o sacrificio — que era um sacrificio não apenas consumado, mas aceito. As cinzas do holocausto declaravam a aceitação do sacrificio. As cinzas da expiação do pecado declaravam que o pecado fora julgado.

Muitos dos pontos que temos estado a considerar reaparecerão perante nós no decorrer do estudo dos sacrificios com mais clareza, precisão e poder. Postas em contraste umas com as outras, as ofertas adquirem mais relevo. Consideradas em conjunto dão-nos uma visão completa de Cristo. São como espelhos dispostos de tal maneira que refletem, sob diferentes aspectos, a imagem do verdadeiro e único sacrificio perfeito. Nenhuma figura por si só pode representá-Lo em toda a sua plenitude. É necessário contemplar-mo-Lo na vida e na morte como Homem e como Vítima em relação com Deus e conosco; e é assim que no-Lo apresentam os sacrificios de Levítico.

Deus, que satisfaz misericordiosamente as necessidades das nossas almas, permita que a nossa inteligência seja também iluminada para compreendermos e desfrutarmos aquilo que nos preparou.

A OFERTA DE MANJARES: CRISTO NA SUA HUMANIDADE

Vamos considerar agora a oferta de manjares, que, de uma maneira muito clara, apresenta Cristo Jesus como Homem. Assim como o holocausto simboliza Cristo *na morte*, a oferta de manjares representa-O *na vida*. Nem num nem no outro se trata da questão de levar o pecado. No holocausto vemos expiação, mas não é uma questão de levar o pecado ⁽¹⁾ — não é imputação do pecado — nem manifestação da ira por causa do pecado. Como podemos saber isto? Porque tudo era consumido sobre o altar. Se houvesse nele alguma coisa referente à remoção do pecado teria sido consumido fora do arraial (veja Lv 4:1,12 com Hb 13:11).

Porém, na oferta de manjares nem sequer havia derramamento de sangue. Encontramos nela uma formosa figura de Cristo, como viveu, andou e serviu na terra. Este fato, em si, é suficiente para persuadir a mente espiritual a considerar esta oferta atentamente e com oração. A humanidade pura e perfeita de nosso bendito Senhor é um tema que requer a atenção de todo o verdadeiro crente. É de recear que prevaleça muita liberdade de pensamento sobre este santo mistério. As expressões que às vezes se ouvem e se lêem bastam para provar que a doutrina fundamental da encarnação não é compreendida como a Palavra de Deus no-la apresenta. Tais expressões podem, muito provavelmente, proceder de uma má compreensão da natureza verdadeira das Suas relações e do verdadeiro caráter dos Seus sofrimentos; mas seja qual for a causa que lhes dá origem, devem ser julgadas à luz das Sagradas Escrituras e rejeitadas. Infalivelmente, muitos dos que fazem uso dessas expressões recuariam como horror e justa indignação ante a verdadeira doutrina que elas encerram, se esta fosse exposta perante eles no seu verdadeiro e extenso caráter; e, por esta razão, deve haver o cuidado de não atribuir erro à verdade fundamental, quando pode muito bem ser apenas incorreção de linguagem.

⁽¹⁾ Não se salienta a idéia de levar o pecado. Mas, claro, quando há expiação existe a questão de pecado.

Existe, contudo, uma consideração que deve pesar grandemente nas apreciações de todo o cristão, a saber: a natureza vital da doutrina da humanidade de Cristo. Encontra-se

no próprio fundamento do cristianismo; e, por esta razão, Satanás tem procurado diligentemente, desde o princípio, induzir as pessoas em erro a este respeito. Quase todos os erros principais que se têm introduzido na igreja professa revelam o propósito satânico de minar a verdade quanto à pessoa de Cristo. E até homens piedosos ao pretenderem combater esses erros caem, em muitos casos, em erros do lado oposto. Daí a necessidade de prestarmos atenção às próprias palavras de que o Espírito Santo fez uso para revelar este sagrado e profundo mistério.

Na realidade, eu creio que, em todos os casos, a submissão à autoridade das Sagradas Escrituras e a energia da vida divina na alma são os melhores meios de proteção contra toda a espécie de erro. Não são precisos grandes conhecimentos teológicos para preparar uma alma de modo a evitar erros a respeito da doutrina de Cristo. Se a palavra de Cristo habitar abundantemente na alma e "o Espírito de Cristo" estiver nela em poder, não haveria lugar para Satanás introduzir as suas sombrias e horríveis sugestões.

Se o coração se compraz no Cristo das Escrituras, fugirá seguramente dos falsos Cristos que Satanás lhe apresenta. Se nos alimentarmos da realidade de Deus, rejeitaremos sem hesitação as limitações de Satanás. Este é o melhor meio de escapar aos enredos do erro, qualquer que seja a sua forma e caráter. "As ovelhas ouvem a sua voz[...] e o seguem, porque *conhecem a sua voz*. Mas, de modo nenhum, seguirão o estranho, antes fugirão dele; porque *não conhecem a voz dos estranhos*" (Jo 10:3-5). Não é necessário, de modo algum, estar-se habituado à voz de um estranho para se fugir dele; tudo que precisamos é conhecer a voz do "Bom Pastor". Este conhecimento nos guarda da influência ardilosa de todos os estranhos. Portanto, embora me sinta chamado para prevenir o leitor contra sons estranhos, a respeito do mistério divino da humanidade de Cristo, não me parece necessário discutir tais sons, mas procurarei antes, pela graça, avisá-lo contra erros, apresentando a doutrina das Escrituras sobre o assunto.

Poucas coisas há em que revelamos maior fraqueza do que em mantermos uma comunhão vigorosa com a perfeita humanidade de nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso sofremos tanto com a falta de frutos, inquietação, divagações e erro. Se estivéssemos compenetrados, mercê de uma fê simples, da verdade que à direita da Majestade nos céus está um Homem real — Um cuja simpatia é perfeita, cujo amor é insondável, cujo poder é onipotente, cuja sabedoria é infinita, cujos recursos são inesgotáveis, cujas riquezas são inexauríveis, cujo ouvido está sempre atento às nossas petições, cuja mão está aberta a todas as nossas necessidades, cujo coração está cheio de ternura e amor

inefável por nós — quanto mais felizes e elevados seríamos e quanto mais independentes dos meios correntes da criatura estaríamos, fosse qual fosse o canal por onde viessem"? Não há nada que o coração possa desejar que não tenhamos em Jesus. Suspira por verdadeira simpatia"? Onde poderá encontrá-la senão n'Aquele que pôde juntar as Suas lágrimas às das desoladas irmãs de Betânia¹?- Anela o gozo de uma sincera afeição"? Só pode encontrá-la no coração que manifestou o seu amor em gotas de sangue. Procura a proteção de um poder eficaz"? Nada mais tem a fazer senão olhar para Aquele que criou o mundo. Sente necessidade de uma sabedoria infalível para o guiara Entregue-se Aquele que é a sabedoria; "o qual por nossos pecados foi feito por Deus sabedoria". Em resumo, temos tudo em Cristo.

A mente divina e as afeições divinas encontraram um objetivo perfeito em "Jesus Cristo, homem"; e, seguramente, se existe na pessoa de Cristo o que pode satisfazer Deus perfeitamente, há também o que nos deveria satisfazer, e nos satisfará, na proporção em que, pela graça do Espírito Santo, andarmos em comunhão com Deus.

Cristo, o Homem Perfeito

O Senhor Jesus Cristo foi o único homem perfeito que jamais pisou esta terra. Era todo perfeito — perfeito em pensamento, palavras e ação. N'Ele todas as qualidades morais se encontravam em divina e, portanto, perfeita proporção. Nenhuma qualidade pré-ponderava. N'Ele entrelaçavam-se singularmente a majestade que amedrontava e a delicadeza que dava um perfeito à vontade na Sua presença. Os escribas e fariseus eram severamente censurados por Ele, enquanto que a samaritana e a mulher que era "pecadora" eram inexplicável e irresistivelmente atraídas para Ele. Nenhuma qualidade deslocava outra, porque tudo estava em bela e airosa proporção. Isto pode verificar-se em todas as cenas da Sua perfeita vida. Podia dizer a respeito de cinco mil pessoas famintas: "Dai-lhes vós de comer"; e, depois de estarem satisfeitas podia acrescentar, "Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca".

A benevolência e a economia são ambas perfeitas. Uma não interfere com a outra. Cada uma brilha na sua própria esfera. Não podia despedir a multidão faminta; tampouco podia permitir que um simples fragmento do que Deus criara fosse desperdiçado. Supria com mão-cheia e liberal as necessidades da família humana, e, quando isso fora feito, guardava cuidadosamente cada átomo deixado. A mesma mão que estava sempre aberta a toda a forma de necessidade humana estava firmemente fechada contra toda a prodigalidade. Nada havia de mesquinho nem tampouco de

extravagante no caráter do Homem perfeito, o Homem do céu.

Que lição para nós! Quantas vezes acontece conosco que a benevolência degenera em injustificável prodigalidade! E, por outro lado, quantas vezes a nossa economia é manchada pela exibição de um espírito avaro!

Por vezes os nossos corações mesquinhos recusam abrir-se às necessidades que se nos apresentam; enquanto que noutras ocasiões dissipamos por frívola extravagância o que poderia satisfazer muitos dos nossos semelhantes necessitados. Oh! prezado leitor, estudemos atentamente o quadro divino que nos é apresentado na vida de "Jesus Cristo, homem". Quão confortante e edificante é para "o homem interior" estar ocupado com Aquele que foi perfeito em todos os Seus caminhos e que em tudo deve ter a "preeminência"!

Vede-O no jardim do Getsêmane. Ali, Ele ajoelha-Se no recôndito profundo de uma humildade que ninguém senão Ele podia mostrar; mas, todavia, adiante do bando do traidor mostra uma presença de espírito e majestade que nos faz retroceder e cair por terra. O seu comportamento diante de Deus é de prostração; mas perante os Seus juizes e acusadores de dignidade inflexível. Tudo é perfeito. O desapego, a humildade, a prostração e a dignidade são divinos.

Assim também quando contemplamos a combinação formosa das Suas relações divinas e humanas observa-se a mesma perfeição. Ele podia dizer, "Porque é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai??" E, ao mesmo tempo, podia descer a Nazaré e dar ali um exemplo de perfeita sujeição à autoridade paternal (veja Lc 2:49-51). Podia dizer a Sua mãe: "Mulher, que tenho eu contigo?" E contudo ao passar pela agonia indizível da cruz podia confiar ternamente aquela mãe ao cuidado do discípulo amado. No primeiro caso, Ele separou-se no espírito de perfeito nazireu, deu expressão aos ternos sentimentos do perfeito coração humano. A devoção do Nazireu e a afeição do homem eram igualmente perfeitas. Não houve interferência nem num caso nem no outro. Cada uma brilhava com brilho límpido na sua própria esfera.

Agora, a sombra deste Homem perfeito passa perante nós na "flor de farinha" que formava a base da oferta de manjares. Não havia nela um grão mal moído. Nada desigual, nada desproporcional, nada revelava aspereza. Não importava qual fosse a pressão vinda do exterior, a superfície era sempre uniforme. O Senhor nunca foi perturbado por quaisquer circunstâncias. Nunca teve de retroceder um passo ou retirar uma palavra. Viesse o que viesse enfrentava sempre as circunstâncias com aquela uniformidade admiravelmente simbolizada na "flor de farinha".

Em todas estas coisas desnecessário é dizer que Ele está em flagrante contraste com os Seus mais honrados e consagrados servos. Por exemplo, Moisés, embora fosse "muito mais manso do que todos os homens que havia sobre a terra" (Nm 12:3) "falou imprudentemente com seus lábios" (SI 106:33). Em Pedro vemos um zelo e uma energia que, por vezes, eram excessivos; e, também noutras ocasiões, uma covardia que o levava a fugir do lugar de testemunho e vitupério. Fazia afirmações de uma devoção que, quando chegava a altura de agir, não se via. João, que respirava tanto da atmosfera da presença imediata de Cristo, manifestou, por vezes, um espírito sectário e intolerante. Em Paulo, o mais consagrado dos servos, descobrimos considerável desigualdade: dirigiu palavras ao sumo sacerdote que teve de retirar (At 23). Escreveu uma carta aos Coríntios, de que logo se arrependeu, para mais tarde não se arrepender (2 Co 7:8). Encontramos em todos qualquer falha, menos n'Aquele que "é cândido e totalmente desejável entre dez mil".

No estudo da oferta de manjares, para mais clareza e simplicidade dos nossos pensamentos, convém considerar primeiro os materiais de que era composta; depois as diversas formas em que era apresentada; e, por último, as pessoas que participavam dela.

Os Ingredientes da Oferta de Manjares

a) A Flor de Farinha Amassada com Azeite

Quanto aos materiais, a "flor de farinha" pode ser considerada como a base da oferta; nela temos uma figura da humanidade de Cristo, na qual se encontram todas as perfeições. Nela se encontram também todas as virtudes prontas para ação eficiente, a seu tempo. O Espírito Santo deleita-se em mostrar a glória de Cristo, em O apresentar em toda a Sua excelência incomparável — em O apresentar diante de nós em contraste com tudo mais. Põe-no em contraste com Adão, até mesmo no seu melhor e mais elevado estado, como lemos: "O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu" (1 Co 15:47). O primeiro Adão, até mesmo no seu estado de inocência, era "da terra"; mas o segundo Homem era "o Senhor do céu".

O "azeite", na oferta de manjares, é um símbolo do Espírito Santo. Mas assim como o azeite é aplicado de um modo duplo, o Espírito Santo é apresentado num duplo aspecto, *em relação* com a *encarnação* do Filho. A flor de farinha era "*amassada*" com azeite; e sobre ela era *deitado* azeite (versículos 5,6). Tal era o tipo; e no Antítipo vemos o bendito Senhor Jesus Cristo, primeiro "*concebido*" e então "*ungido*" pelo Espírito Santo (compare Mt 1:18,23 com capítulo 3:16). Isto é divino! A exatidão é tão clara

que provoca a admiração da alma. O mesmo Espírito que dita os ingredientes do tipo dá-nos os fatos ocorridos com o Antítipo. O mesmo que referiu com assombrosa precisão as figuras e sombras do Livro de Levítico deu-nos também o seu glorioso objetivo nas páginas do evangelho. O mesmo Espírito sopra através das páginas do Velho e do Novo Testamento e permite-nos ver como um corresponde exatamente ao outro.

A concepção da humanidade de Cristo, pelo Espírito Santo, no ventre da virgem descobre um dos mais profundos mistérios que pode prender a atenção da mente renovada. É plenamente revelado no Evangelho de Lucas; e isto é inteiramente característico, visto que, através de todo esse evangelho, parece ser objetivo especial do Espírito Santo revelar, na Sua maneira terna e divina, "o Homem Cristo Jesus". Em Mateus temos "O Filho de Abraão" — "Filho de Davi". Em Marcos temos o Servo Divino — o Obreiro Celestial. Em João temos "o Filho de Deus"—o Verbo Eterno — a Vida, Luz, por Quem todas as coisas foram feitas. Porém, o grande tema do Espírito Santo no Evangelho de Lucas é "o Filho do homem".

Quando o anjo Gabriel anunciou a Maria a honra que lhe ia ser conferida em relação com a grande obra da encarnação, ela, não com espírito de cepticismo, mas de honesta ignorância, perguntou: "Como se fará isto, visto que não conheço varão!" Claramente, imaginava que o nascimento desta gloriosa Pessoa que estava prestes a aparecer devia ser segundo os princípios normais da geração; e este seu pensamento torna-se, na infinita bondade de Deus, a ocasião de derramar luz sobre a verdade fundamental da encarnação. A resposta do anjo à pergunta da virgem é muito interessante e merece ser considerada a fundo. "E respondendo o anjo disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lc 1:35).

Desta magnífica passagem aprendemos que o corpo humano que o Filho eterno de Deus tomou foi formado pela "virtude do Altíssimo". Um "corpo me preparaste" (compare-se SI 40:6 com Hb 10:5). Foi um verdadeiro corpo humano—verdadeiramente "carne e sangue". Não há aqui fundamento possível para as teorias inúteis e inconsistentes do agnosticismo ou misticismo; nenhuma justificação para as frias abstrações do primeiro ou a fantasia obscura do último. Tudo é profunda, sólida e divina realidade. O que os nossos corações necessitam é precisamente o que Deus nos deu. A primitiva promessa havia declarado que "a semente da mulher havia de ferir a cabeça da serpente", e ninguém, a não ser um verdadeiro homem, podia cumprir esta predição—alguém cuja

natureza humana fosse tão real quanto era pura e incorruptível. "Eis que em teu ventre conceberás", disse o mensageiro angélico, "e darás à luz filho ("). E, então, para que não houvesse lugar para qualquer erro quanto ao modo desta concepção, ele acrescenta palavras que provam indubitavelmente que "a carne e o sangue" de que o Filho eterno "participou", ao mesmo tempo que era absolutamente real, era absolutamente incapaz de receber, reter ou comunicar uma simples mancha. A humanidade do Senhor Jesus era, enfaticamente, "O Santo".

E, visto que era inteiramente sem mancha, não havia nela o princípio mortalidade. Não podemos pensar na mortalidade sem a relacionar com o pecado; e a humanidade de Cristo não tinha nada a ver com o pecado, quer pessoal quer relativamente. O pecado foi-Lhe imputado na cruz, onde "ele foi feito pecado por nós". Mas a oferta de manjares não é uma figura de Cristo tomando sobre Si o pecado. Prefigura-O na Sua vida perfeita aqui na terra — uma vida em que sofreu, sem dúvida, mas não como Aquele que leva sobre si o pecado, não como substituto nem como sofrendo às mãos de Deus. Convém distinguir isto claramente. Nem no holocausto nem na oferta de manjares se prefigura Cristo levando sobre Si o pecado. Nesta vemos-Lo *vivendo*, e naquele vemos-Lo *morrendo* na cruz; mas em nenhuma destas ofertas existe a questão de imputar o pecado nem de suportar a ira de Deus por causa do pecado. Em resumo, apresentar Cristo como o substituto do pecador em qualquer lugar a não ser na cruz é privar a Sua vida de toda a sua beleza divina e excelência, e deslocar inteiramente a cruz. Além disso, isto envolveria em confusão irremediável as figuras do livro de Levítico.

⁽¹⁾ "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gl 4:4). Esta passagem é muito importante, visto que apresenta o bendito Senhor como Filho de Deus e Filho do homem. "Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher". Que precioso testemunho!

Quero advertir o leitor que nunca poderá ser escrupuloso demais em referência à verdade essencial da Pessoa do Senhor Jesus Cristo e Suas relações. Tudo que não tiver esta verdade por base não pode receber a sanção de Deus. A Pessoa de Cristo é o centro vivo e divino ao redor do qual o Espírito Santo exerce toda a Sua atividade. Deixar escapar a verdade a este respeito e, à semelhança de um barco que parte as amarras e é levado sem leme ou bússola sobre a turbulenta imensidade líquida, vós correreis o perigo iminente de vos despedaçardes contra as rochas do arianismo, da infidelidade ou do ateísmo. Duvidai da eterna Filiação de Cristo; duvidai da Sua divindade ou da Sua

humanidade incontaminada, e tereis aberto as comportas à corrente do erro mortal. Ninguém julgue, nem por um momento, que isto é apenas um assunto para ser discutido entre teólogos — uma questão curiosa, um mistério abstrato ou um ponto sobre o qual podemos legalmente discordar. Não; é uma verdade essencial e basilar, para ser retida na energia do Espírito Santo e mantida a todo o custo — na verdade, para ser confessada em todas as circunstâncias, sejam quais forem as conseqüências.

O que nós precisamos é receber simplesmente em nossos corações, pela graça do Espírito Santo, a revelação que o Pai faz do Filho, e, então, as nossas almas serão eficazmente preservadas das ciladas do inimigo, seja qual for a forma que elas tomarem. O inimigo pode cobrir plausivelmente as armadilhas do arianismo ou socinianismo com a erva e as folhas de um atrativo e plausível sistema de interpretação; mas o coração piedoso descobre imediatamente o que este sistema pretende fazer de Aquele bendito Senhor a quem tudo deve e onde ele pretende colocá-lo, e, não encontra dificuldade em o remeter ao lugar de onde veio. Podemos muito bem dispensar as teorias humanas; mas não podemos prescindir de Cristo — o Cristo de Deus; o Cristo das afeições de Deus; o Cristo dos desígnios de Deus; o Cristo da Palavra de Deus.

O Senhor Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus, uma Pessoa distinta da Trindade gloriosa, Deus manifestado em carne, Deus sobre todas as coisas, bendito eternamente, tomou um corpo que era inerente e divinamente puro, santo e sem possibilidade de contrair mancha—absolutamente isento de toda a semente ou princípio de pecado e mortalidade. A humanidade de Cristo era tal que Ele podia a todo o momento, tanto quanto Lhe dizia pessoalmente respeito, voltar para o céu, de onde tinha vindo, e ao qual pertencia. Dizendo isto, não me refiro aos desígnios eternos do amor redentor ou do amor inalterável do coração de Jesus—o Seu amor por Deus, o Seu amor pelos eleitos de Deus ou da obra que era necessária para ratificar o concerto eterno de Deus com a semente de Abraão e toda a criação. As próprias palavras de Cristo ensinam-nos que "convinha que padecesse e ressuscitasse ao terceiro dia" (L c 24:46). Era necessário que sofresse para perfeita manifestação e pleno cumprimento do grande mistério da redenção. Era Seu clemente propósito "trazer muitos filhos à glória". Não queria "ficar só", e, portanto, Ele, como "o grão de trigo", devia "cair na terra e morrer". Quanto melhor compreendermos *a verdade* da Sua Pessoa, tanto melhor compreenderemos *a graça* da Sua obra.

Quando o apóstolo fala de Cristo como havendo sido *consagrado pelas aflições* considera-O como "o príncipe da nossa

salvação" (Hb 2:10); e não como o Filho eterno, que, pelo que diz respeito à Sua própria pessoa e natureza, era divinamente perfeito sem que fosse possível acrescentar alguma coisa ao que Ele era. Assim, também, quando o próprio Senhor diz: "Eis que eu expulso demônios, e efetuo curas hoje e amanhã, e no terceiro dia sou consumado" (Lc 13:22) refere-Se ao fato de ser consumado no poder da ressurreição como o Consumador de toda a obra da redenção. Tanto quanto Lhe dizia respeito, Ele podia dizer, até mesmo ao sair do Jardim do Getsêmane: "Ou pensas tu que eu não poderia, agora, orar a meu Pai e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos? Como, pois se cumpririam as Escrituras, que dizem que assim convém que aconteça"? (Mt 26:53,54).

É bom que a alma seja esclarecida acerca disto — é bom ter uma compreensão divina da harmonia que existe entre aquelas passagens das Escrituras que apresentam Cristo na dignidade essencial da Sua pessoa e pureza da Sua natureza e aquelas que O apresentam em relação com o Seu povo e cumprindo a grande obra da redenção. Por vezes encontramos estes dois aspectos ligados na mesma passagem, como em Hebreus 5:8 a 9, "Ainda que *era Filho*, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu. E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que Lhe obedecem". Devemos contudo lembrar que nenhuma destas relações em que Cristo entrou voluntariamente, quer como expressão do amor divino para com o mundo perdido, quer como o Servo dos desígnios divinos, podia de modo algum interferir com a pureza essencial, a excelência e a glória da Sua Pessoa. "O Espírito Santo desceu sobre a virgem", e a virtude do Altíssimo "cobriu-a com a Sua sombra; pelo que também o santo que dela nasceu foi chamado Filho de Deus". Magnífica revelação do mistério da humanidade pura e perfeita de Cristo, o grande Antítipo da *"flor de farinha amassada com azeite"*!

Deixai-me observar que entre a humanidade como se vê no Senhor Jesus Cristo e a humanidade em nós não pode haver união. Aquilo que é puro nunca pode ligar-se àquilo que é impuro. Aquilo que é incorruptível nunca pode unir-se ao que é corruptível. O espiritual e o carnal — o celestial e o terrestre — nunca podem combinar-se. Portanto, segue-se que a encarnação não foi, como alguns têm tentado ensinar-nos, Cristo tomando a nossa natureza decaída em união consigo Mesmo. Se tivesse feito isto, a morte da cruz não teria sido necessária. Ele não necessitava, nesse caso, "angustiar-se" até que se cumprisse o batismo—não havia necessidade de o grão de trigo "cair na terra e morrer". Isto é um ponto de grande importância.

A mente espiritual deve ponderar atentamente este fato. Cristo não podia, de modo algum, tomar a natureza humana

pecaminosa em união consigo. Ouvi o que o anjo disse a José no primeiro capítulo do evangelho de Mateus. "José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque *o aue nela está gerado é do Espírito Santo*". Veja-se como a sensibilidade natural de José, assim como a piedosa ignorância de Maria, dão ocasião a uma revelação mais completa do santo mistério da humanidade de Cristo e como contribuem também para proteger essa humanidade contra todos os ataques blasfemos do inimigo!

Como é então que os crentes são unidos a Cristo¹² É na encarnação ou na ressurreição? Na ressurreição certamente. Como é que isto se provai "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer fica ele só" (Jo 12:24). Deste lado da morte não podia haver união entre Cristo e o Seu povo. É no poder de uma nova vida que os crentes são unidos a Cristo. Eles estavam mortos em pecado, e Ele, em perfeita graça, desceu e, apesar de puro e imaculado em Si próprio, "foi feito pecado"—"morreu para *o pecado*"—, tirou-o, ressuscitou triunfante sobre ele e na ressurreição tornou-Se a Cabeça de uma nova raça. Adão era a cabeça da velha criação, que caiu com ele. Cristo, pela Sua morte, pôs-se a Si próprio sob todo o peso da condição do Seu povo, e havendo satisfeito tudo que era contra eles, ressuscitou vitorioso sobre tudo e levou-os consigo para a nova criação, da qual Ele é o centro e Chefe glorioso. Por isso lemos: "O que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito" (1 Co 6:17).

"Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda *mortos em nossas ofensas*, nos vivificou *juntamente com Cristo* (pela graça sois salvos) e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Ef 2:4-6). "Porque somos membros do seu corpo", da Sua carne e dos seus ossos (Ef 5:30). "E, quando vós estáveis *mortos nos pecados* e na incircuncisão da vossa carne, *vos vivificou juntamente com ele*, perdoando-vos todas as ofensas" (Cl 2:13).

Poderíamos multiplicar as passagens, porém as que reproduzimos são amplamente suficientes para provar que não foi na encarnação mas na morte que Cristo tomou uma posição na qual o Seu povo pôde ser "vivificado com ele". Isto parece insignificante ao leitora Examine-o à luz da Escritura. Pese todas as conseqüências. Considere-o em relação com a pessoa de Cristo, com a Sua vida e com a Sua morte, com a nossa condição, por natureza, na velha criação, e o nosso lugar, por misericórdia, na nova. Considere-o assim, e estou persuadido que não voltará a considerá-lo como um assunto de pouca importância. De uma coisa, pelo menos, pode o leitor estar certo, que o autor destas páginas não escreveria uma simples linha para provar este ponto,

se não o considerasse pleno dos mais importantes resultados. O conjunto da revelação divina está unido de tal maneira e tão bem ajustado pela mão do Espírito Santo — é tão consistente em todas as suas partes — que se uma verdade é alterada todo o seu arco é prejudicado. Esta consideração deveria bastar para produzir na mente de todo o cristão uma santa atitude de precaução, a fim de evitar que, por qualquer golpe rude, ele possa prejudicar a beleza da superestrutura. Cada pedra deve ser deixada no seu lugar divinamente marcado; e a verdade acerca da Pessoa de Cristo é incontestavelmente a pedra principal da abóbada.

b) A Flor de Farinha sobre a qual "deitarás azeite"

Havendo procurado assim descrever a verdade simbolizada pela "flor de farinha *amassada* com azeite", podemos considerar outro ponto de grande interesse na expressão "e *sobre ela* deitarás azeite". Nisto temos uma figura da unção do Senhor Jesus Cristo pelo Espírito Santo. O corpo do Senhor Jesus não foi apenas preparado misteriosamente pelo Espírito Santo, como foi ungido, como vaso santo e puro, para o serviço pelo mesmo poder. "E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele, em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se uma voz do céu que dizia: Tu és o meu Filho amado; em ti me tenho comprazido" (1x2:21-22).

O fato de o Senhor Jesus ter sido ungido pelo Espírito Santo antes da Sua entrada no ministério público é, praticamente, da máxima importância para todo aquele que deseja realmente ser verdadeiro e eficiente servo de Deus. Embora concebido quanto à Sua humanidade pelo Espírito Santo; posto que na Sua Própria Pessoa fosse "Deus manifestado em carne"; se bem que a plenitude da Divindade habitasse corporalmente n'Ele; contudo, é bom notar que, quando se manifesta como homem, para fazer a vontade de Deus na terra, qualquer que fosse essa vontade, quer pregando o evangelho, ou ensinando nas sinagogas, quer curando os enfermos ou purificando os leprosos, quer expulsando os demônios, alimentando os famintos ou ressuscitando os mortos, fez tudo pelo Espírito Santo. O vaso santo e celestial em que aprouve ao Deus Filho aparecer no mundo foi formado, ungido e dirigido pelo Espírito Santo.

Que profunda e santa lição para nós! Uma lição tão necessária como salutar! Quão propensos somos a correr sem sermos enviados! Quão propensos a atuar na energia da carne! Quanto daquilo que se parece com ministério não é somente atividade inquieta e profana de uma natureza que nunca foi medida nem julgada na presença divina! Na realidade, nós

precisamos de contemplar atentamente a nossa divina "oferta de manjares" para compreendermos melhor o significado da "flor de farinha amassada com azeite". Precisamos de meditar profundamente sobre o próprio Cristo, que, apesar de possuir, na Sua própria pessoa, poder divino, contudo, fez toda a Sua obra, operou todos os Seus milagres, e, finalmente, "ofereceu-se a si mesmo imaculado a Deus pelo Espírito eterno" (Hb 9:14). Ele podia dizer "eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus" (Mt 12:28).

Nada tem qualquer valor senão aquilo que é realizado pelo poder do Espírito Santo. Um homem pode escrever; porém se a sua pena não for guiada e usada pelo Espírito Santo, as suas linhas não produzirão resultados permanentes. Um homem pode falar; mas se os lábios não forem ungidos pelo Espírito Santo, as suas palavras não criarão raízes. Isto merece a nossa solene consideração, e, se for devidamente ponderado, levar-nos-á a muita vigilância sobre nós próprios e a uma dependência fervorosa do Espírito Santo. O que precisamos é despojarmo-nos inteiramente do ego, a fim de haver lugar para o Espírito agir por nosso intermédio. É impossível que um homem cheio de si mesmo possa ser o vaso do Espírito Santo. Um tal homem deve primeiro despojar-se de si mesmo, e então o Espírito Santo pode usá-lo. Quando contemplamos a Pessoa e o ministério do Senhor Jesus, vemos como em todas as cenas e circunstâncias, atua pelo poder direto do Espírito Santo. Havendo tomado o Seu lugar, como homem, no mundo, mostrou que o homem deve viver não somente da Palavra mas atuar pelo Espírito de Deus. Ainda que, como homem, a Sua vontade era perfeita — os Seus pensamentos, as Suas palavras e as Suas obras eram em tudo perfeitas —, contudo não atuava senão pela direta autoridade da Palavra e pelo poder do Espírito Santo. Oh! se nisto, como em tudo mais, nós pudéssemos seguir mais de perto e fielmente nas Suas pisadas! Então o nosso ministério seria verdadeiramente eficaz, o nosso testemunho mais fecundo e toda a nossa vida para glória de Deus.

c) O Incenso

Outro ingrediente da oferta de manjares, que requer a nossa atenção, é "o incenso". Como tivemos ocasião de verificar, a oferta de manjares era à base de "flor de farinha". O "azeite" e "o incenso" eram os dois principais ingredientes acrescentados; e, na realidade, a relação entre estes dois é muito instrutiva. O "azeite" simboliza a *poder* do ministério de Cristo; "o incenso" simboliza o seu *objetivo*. O primeiro ensina-nos que Ele fez tudo pelo Espírito de Deus; o último que fez tudo para glória de Deus.

O incenso representa aquilo que na vida de Cristo era

exclusivamente para Deus. Isto é evidente pelo segundo versículo: "E a trará (a oferta de manjares) aos filhos de Arão, os sacerdotes, um dos quais tomará dela um punhado da flor de farinha e do seu azeite com *todo o seu incenso*; e o sacerdote queimará este memorial sobre o altar; oferta queimada é; de cheiro suave ao SENHOR". Assim era a verdadeira oferta de manjares — o Homem Cristo Jesus. Em Sua vida bendita havia o que era exclusivamente para Deus. Cada pensamento, cada palavra, cada olhar, cada ato Seu exalava um perfume que subia diretamente para Deus. E assim como o símbolo era "o fogo do altar" que fazia sair o cheiro suave do incenso, assim no Antítipo quanto mais "provado" era, em todas as cenas e circunstâncias da Sua bendita vida, tanto mais manifesto se tornava que, na Sua humanidade, não havia nada que não pudesse subir, como cheiro suave, ao trono de Deus. Se no holocausto vemos Cristo "oferecendo-se a si mesmo imaculado a Deus", na oferta de manjares vêmo-Lo apresentar a Deus toda a excelência intrínseca da Sua natureza humana e perfeita atividade. Um homem perfeito, vazio de si, obediente, na terra, fazendo a vontade de Deus, agindo pela autoridade da Palavra e mediante o poder do Espírito, exalava um perfume suave que só podia ter aceitação divina. O fato de todo "o incenso" ser consumido sobre o altar revela a sua importância da maneira mais simples.

d) O Sal

Agora só nos falta considerar um ingrediente que fazia parte da oferta de manjares, a saber, "*o sal*". "E toda a oferta dos teus manjares salgarás com sal; e não deixarás faltar à tua oferta de manjares o sal do concerto do teu Deus; em toda a tua oferta oferecerás sal". A expressão "o sal do concerto" revela o caráter permanente desse concerto. Deus Mesmo tem ordenado assim o seu emprego em todas as coisas para que nunca haja alteração — nenhuma influência poderá corrompê-lo. Sob o ponto de vista espiritual e prático, é impossível dar demasiado apreço a um tal ingrediente. "A vossa palavra seja sempre agradável, temperada *com sal*" (Cl 4:6). Em todas as conversas, o Homem perfeito mostrava sempre o poder deste princípio. As Suas palavras não eram simplesmente palavras de graça, mas palavras de penetrante poder—palavras divinamente adaptadas para preservar de toda a mancha e influência corrupta. Nunca pronunciou uma palavra que não fosse perfumada com "incenso" e "temperada com sal". O primeiro era de todo agradável a Deus; o último, o mais proveitoso para o homem.

Às vezes, infelizmente, o coração corrompido do homem e o seu gosto viciado não podiam tolerar a acidez da oferta de

manjares salgada por determinação divina. Observemos, por exemplo, a cena na sinagoga de Nazaré (Lc 4:16-29). O povo podia dar-lhe testemunho e "todos... se maravilham das *palavras de graça* que saíam da sua boca"; mas logo que passou a temperar essas palavras com *sal*, que tão necessário era a fim de os preservar da influência corruptível do seu orgulho nacional, eles de boa vontade O teriam precipitado do cume do monte em que a sua cidade estava edificada.

Assim também em Lucas 14, logo que as Suas palavras de "graça" atraíram "grandes multidões", Ele deitou-lhes imediatamente o "sal" ao anunciar em palavras de santa fidelidade os resultados seguros de O seguirem. "Vinde, que já tudo está preparado". Aqui estava a "graça". Mas logo em seguida diz: "Qualquer de vós que não renunciar a tudo quanto tem não poder ser meu discípulo. Aqui estava o "sal". A graça é atrativa; mas "o sal é bom". Um discurso agradável pode ser popular; mas um discurso temperado com sal nunca o será. A multidão pode, em certas ocasiões e sob determinadas circunstâncias, seguir por um pouco de tempo o puro evangelho da graça de Deus; mas logo que o "sal" de uma aplicação fervorosa e fiel é introduzido, o auditório é reduzido ao número daqueles que foram trazidos sob o poder da Palavra.

Os Ingredientes Excluídos da Oferta de Manjares

a) O Fermento

Havendo assim considerado os ingredientes que compunham a oferta de manjares, referiremos agora os que eram excluídos dela.

Destes, o primeiro era "o fermento". "Nenhuma oferta de manjares, que oferecerdes ao SENHOR, se fará com fermento". Por todo o volume inspirado, sem uma única exceção, o fermento é o símbolo do *mal*. Em capítulo 23 de Levítico, que examinaremos na devida altura, vemos que o fermento era permitido nos dois pães que eram oferecidos no dia de Pentecostes (versículo 17); porém, da oferta de manjares, o fermento era cuidadosamente excluído. Não devia haver nada que azedasse, nada que fizesse levantar a massa, nada expressivo do mal naquilo que simbolizava "o Homem Cristo Jesus". N'Ele não podia haver nada com gosto ao azedume da natureza, nada turvo, nada susceptível de fazer inchar. Tudo era puro, sólido e genuíno. A Sua palavra podia, por vezes, ferir até ao vivo; mas nunca era áspera. O Seu estilo nunca se elevou acima das ocasiões. O Seu comportamento mostrou sempre a profunda realidade de quem andava na presença imediata de Deus.

Nós que professamos o nome de Jesus, sabemos muito bem

como, infelizmente, o fermento se mostra em todas as suas propriedades e efeitos. Só houve uma gabela pura de fruto humano — uma única oferta de manjares perfeitamente sem levedura; e, bendito seja Deus, essa é a nossa — para nos alimentarmos dela no santuário da presença divina, em comunhão com Deus. Nenhum exercício espiritual pode realmente edificar melhor e dar maior refrigério à mente renovada do que firmarmo-nos sobre a perfeição incontaminável da humanidade de Cristo — para contemplar a vida e o mistério d'Aquele que foi absoluta e essencialmente sem levedura. Em toda a origem dos Seus pensamentos, afeições, desejos e imaginação não havia a mínima partícula de fermento. Ele foi o Homem perfeito, sem pecado e imaculado. E quanto mais, no poder do Espírito, aprofundarmos tudo isto, tanto mais profunda será a nossa experiência da graça que levou este perfeito Senhor a tomar sobre Si todas as conseqüências dos pecados do Seu povo, como fez quando foi pendurado na cruz. Porém, este pensamento pertence inteiramente ao sacrifício de nosso bendito Senhor, simbolizado na expiação do pecado. Na oferta de manjares, o pecado não está em questão. Não é uma figura da expiação do pecado por um substituto, mas de um Homem real, perfeito, imaculado, concebido e ungido pelo Espírito Santo, possuindo uma natureza sem fermento e vivendo uma vida isenta de levedura no mundo; exalando sempre perante Deus a fragrância da Sua excelência pessoal e mantendo entre os homens um comportamento caracterizado pela "graça temperada com sal".

b) O Mel

Porém, havia outro ingrediente tão claramente excluído da oferta de manjares quanto o "fermento", e este era o "mel". "Porque de nenhum fermento, *nem de mel algum* oferecereis oferta queimada ao SENHOR" (versículo 11). Portanto, assim como o "fermento" é a expressão daquilo que é positiva e manifestamente *mau* na natureza, podemos considerar o "mel" como o símbolo expressivo do que é aparentemente *doce* e atrativo. Ambos são proibidos por Deus — ambos eram cuidadosamente excluídos da oferta de manjares —, ambos impróprios para o altar. Os homens podem aventurar-se, como Saul, a distinguir entre o que é "vil e desprezível" (1 Sm 15:9) e o que não é: porém o juízo de Deus conta o polido Agaque com o mais vil dos filhos de Amaleque. Não há dúvida que existem boas qualidades morais no homem, que devem ser consideradas pelo seu valor. "Achaste mel come o que te basta". Mas recorde-se que não era admitido na oferta de manjares nem no seu Antítipo. Havia a plenitude do Espírito Santo; havia o fragrante odor do incenso; havia a virtude

preservativa do "sal do concerto". Todas estas coisas acompanhavam a "flor de farinha" na Pessoa da verdadeira "oferta de manjares"; mas nenhum mel.

Que lição se encontra aqui para os nossos corações! Sim, que volume de sã instrução! O bendito Senhor Jesus sabia como dar à natureza e às suas relações o lugar próprio. Sabia a quantidade de "mel" *que era conveniente*; podia dizer a Sua mãe: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai" E todavia podia dizer também ao discípulo amado: "Eis aí tua mãe". Por outras palavras, nunca permitiu que as pretensões da natureza interferissem com a apresentação a Deus de todas as energias da perfeita humanidade de Cristo. Maria e outros também podiam ter pensado que as suas relações humanas com o bendito Senhor lhes dava algum direito ou influência peculiar com base em motivos puramente naturais.

"Chegaram, então, seus irmãos e sua mãe; e, estando de fora, mandaram-no chamar. E a multidão estava assentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos (segundo a carne) te procuram e estão lá fora" (Mc 3:31-32).

Qual foi a resposta de Aquele que a oferta de manjares simbolizava em Sua perfeição? Abandonou Ele imediatamente a Sua missão a fim de atender a chamada da natureza? De modo nenhum. Se o tivesse feito, teria sido a mesma coisa que misturar "mel" com a oferta de manjares, o que não podia ser permitido. O mel foi fielmente excluído nesta ocasião, assim como em todas as ocasiões em que os direitos de Deus deviam ser atendidos, e, em seu lugar, o poder do Espírito, o odor do "incenso" e as virtudes do "sal" foram ditosamente patenteados. "E ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, olhando em redor para os que estavam assentados junto dele disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Porquanto qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe" () (Mc 3:33-35).

Há poucas coisas que o servo de Cristo encontra mais difíceis do que harmonizar, com precisão espiritual, as pretensões das relações naturais, de forma a não as deixar interferir com os direitos do Mestre. No caso do nosso bendito Senhor, como bem sabemos, este ajustamento era divino. No nosso caso, acontece freqüentemente que os deveres divinamente reconhecidos são abertamente negligenciados para dar lugar àquilo que imaginamos ser o serviço de Cristo. A doutrina de Deus é constantemente sacrificada à obra aparente do evangelho. Porquanto é bom lembrar que a verdadeira dedicação parte sempre de um ponto em volta do qual estão inteiramente asseguradas todas as reivindicações de Deus. Se eu tenho uma colocação que requer os

meus serviços desde as dez às dezesseis horas todos os dias, não tenho o direito de sair para fazer visitas ou pregar durante aquelas horas. Se estou estabelecido, sou forçado a manter a integridade desse negócio de uma maneira cristã. Não tenho o direito de correr para lá e para cá para pregar, enquanto o meu negócio fica abandonado e em desordem, trazendo vergonha sobre a santa doutrina de Deus. Um homem pode dizer: "eu sinto-me chamado para pregar o evangelho e acho que o meu emprego ou negócio é um embaraço". Bem, se es *divinamente chamado e apto* para a obra do evangelho e não podes conciliar as duas coisas, então renuncia à tua colocação ou liquida o teu negócio de uma maneira cristã e parte em nome do Senhor. Mas, claro, enquanto eu continuar no meu emprego ou mantiver o meu negócio, o meu trabalho no evangelho deve partir de um ponto no qual os meus deveres nessa ocupação ou nesse negócio são inteiramente cumpridos. Isto é consagração. Tudo o mais é confusão, por mais bem intencionado. Bendito seja Deus, temos um exemplo perfeito perante nós na vida do Senhor Jesus e ampla direção para o novo homem, na Palavra de Deus; de forma que não há razão para cometermos erros nas diversas responsabilidades que fomos chamados, na providência de Deus, a desempenhar ou quanto aos vários deveres que o governo moral de Deus tem estabelecido em relação com tais responsabilidades.

⁽¹⁾ *Quão importante é vermos nesta magnífica passagem que fazer a vontade de Deus põe a alma num parentesco com Cristo do qual os Seus irmãos segundo a carne nada sabiam, pois não se baseia em laços naturais. Era tão verdadeiro a respeito daqueles irmãos como a respeito de outra qualquer pessoa, que "aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus". Maria não podia ter sido salva pelo simples fato de ser a mãe de Jesus. Ela precisa ter fé pessoal em Cristo como qualquer outro membro da família decaída de Adão. Precisa de passar por meio do novo nascimento da velha criação para a nova. Foi por ter entesourado as palavras de Cristo em seu coração que esta bem-aventurada mulher foi salva. Não há dúvida que ela foi especialmente agraciada por ter sido escolhida como um vaso para tão santa missão, mas, como qualquer pecador, ela precisava de "alegrar-se em Deus, seu Salvador". Ela permanece no mesmo plano, está lavada no mesmo sangue, vestida com as mesmas vestes de justiça e entoará o mesmo cântico como todos os remidos de Deus.*

Este simples fato dará força adicional e clareza a um ponto que foi já frisado, a saber: que a encarnação não significou Cristo tomar a nossa natureza em união consigo. Esta verdade deve ser escrupulosamente ponderada. E inteiramente apresentada em 2 Coríntios 5: "Porque o amor de Cristo nos constrange, julgando nós assim: que, se um morreu, logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. Assim que, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora; já não o conhecemos desse

modo. Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo" (versículos 14-17).

A Oferta de Manjares em suas diversas Formas

O segundo ponto do nosso assunto é a forma como era preparada a oferta de manjares. Isto era feito, como lemos, pela ação do fogo. Era "cozida no forno", "cozida na caçoula" ou frita numa "sertã". O processo de cozedura sugere a idéia de sofrimento. Mas visto que a oferta de manjares é chamada de "cheiro suave" — um termo que nunca é aplicado à expiação do pecado ou expiação da culpa — é evidente que há qualquer relação com o sofrimento do pecado — não sugere o sofrimento sob a ira de Deus devido ao pecado, nem o sofrimento às mãos da Justiça infinita com substituto do pecador. As duas idéias de "cheiro suave" e sofrimento pelo pecado são inteiramente incompatíveis, segundo a ordem da dispensação levítica. Se introduzíssemos a idéia do sofrimento pelo pecado na oferta de manjares, destruiríamos totalmente o seu símbolo.

Ao contemplarmos a vida do Senhor Jesus, que, como já frisamos, é o principal assunto prefigurado na oferta de manjares, podemos notar três espécies distintas de sofrimento, a saber: sofrimento por amor da justiça, sofrimento em virtude da simpatia, e o sofrimento por antecipação.

a) Sofrimento por Amor da Justiça

Como Servo justo de Deus, Ele sofreu no meio de uma cena em que tudo Lhe era adverso; contudo isto era justamente o oposto do sofrimento pelo pecado. É da máxima importância distinguir entre estas duas espécies de sofrimento. Confundi-las conduzir-nos-ia a erros graves. Sofrer com um justo e manter uma atitude firme entre os homens a favor de Deus é uma coisa; sofrer em lugar do homem sob a mão de Deus é outra muito diferente. O Senhor Jesus sofreu por amor da justiça, durante a Sua *vida*. Sofreu pelo pecado, na Sua *morte*. Durante a Sua vida os homens e Satanás sempre se Lhe opuseram; e até mesmo na cruz empregaram todo o poder de que dispunham; mas depois de ter sido feito tudo que podiam fazer— depois de haverem chegado, no seu ódio mortal, ao limite da oposição humana e diabólica — restava ainda uma região afastada de sombras impenetráveis e horror que tinha de ser percorrida por Aquele que levava sobre Si o pecado, no cumprimento da Sua obra. Durante a Sua vida, Ele sempre andou na luz límpida do semblante divino! Porém, sobre a cruz de maldição a sombra negra do pecado interveio e ocultou essa luz e provocou esse brado misterioso:

"Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?" Foi um

momento absolutamente único nos anais da eternidade. De vez em quando, durante a vida de Cristo na terra, o céu abriu-se para dar expressão à complacência divina n'Ele; mas na cruz Deus desamparou-O, porque Ele estava oferecendo a Sua alma em sacrifício pelo pecado. Se Cristo tivesse carregado com o pecado em toda a Sua vida, então qual seria a diferença entre a cruz e qualquer outro período¹? Por que razão não foi Ele desamparado por Deus durante toda a Sua vida? Qual foi a diferença entre Cristo na cruz e Cristo no monte da transfiguração? Foi desamparado de Deus nesse monte¹?- Estaria Ele ali carregando com o pecado"? Estas interrogações são muito simples, mas que dêem a resposta aqueles que alimentam a idéia de uma vida com o peso do pecado.

O fato simples é este, não houve nada quer na humanidade de Cristo, quer na natureza das Suas relações, que pudesse, de modo algum, relacioná-Lo com o pecado ou a ira ou a morte. Ele "foi feito pecado" na cruz; e ali suportou a ira de Deus e deu a Sua vida, como perfeita expiação pelo pecado. Porém, nada disto encontra lugar na oferta de manjares. Na realidade, temos o processo de cozedura — a ação do fogo —; mas isto não é a ira de Deus. A oferta de manjares não era uma oferta pelo pecado, mas uma oferta de "cheiro suave". Assim, a sua importância está definitivamente estabelecida; e, além disso, a sua inteligente interpretação deve sempre preservar, com santo zelo, a verdade preciosa da humanidade imaculada de Cristo e verdadeira natureza das Suas relações. Dizer que Ele, por necessidade do Seu nascimento, teve de carregar com o pecado, ou colocá-Lo, por esse motivo, debaixo da maldição da lei e da ira de Deus, é contradizer toda a verdade de Deus respeitante à encarnação — verdade anunciada pelo anjo e repetida diversas vezes pelo apóstolo inspirado. Além disso, tal afirmação destrói todo o caráter e objetivo da vida de Cristo e rouba à cruz a sua glória característica. Diminui a significação do pecado e da expiação. Numa palavra, remove a pedra principal do arco da revelação e põe tudo em irremediável ruína e confusão em redor de nós.

b) Sofrimento em Virtude da Simpatia

O Senhor Jesus também sofreu em virtude da simpatia — da compaixão —; e este gênero de sofrimento nos faz penetrar nos segredos profundos do Seu terno coração. A dor humana e a miséria sempre impressionaram esse coração de amor. Era impossível que esse perfeito coração humano não sentisse com a sua sensibilidade divina as misérias que o pecado havia transmitido à família humana. Embora livre, pessoalmente, tanto da causa como do efeito— pertencendo, embora ao céu, e vivendo

uma perfeita vida celestial na terra, contudo, desceu no poder de uma imensa compaixão aos mais profundos recessos da dor humana. Assim, Ele sentiu a dor mais vivamente do que aqueles que eram vítimas dela, porquanto a Sua humanidade era perfeita. E, além disso, pôde contemplar tanto a dor como a sua causa, segundo a sua própria medida e caráter perante Deus. Sentia como ninguém jamais pôde sentir. Os Seus sentimentos — as Suas afeições, a Sua sensibilidade e simpatia— toda a Sua constituição moral e mental eram perfeitos; e, por isso, ninguém pode dizer quanto sofreu ao passar por um mundo como este. Viu lutar a família humana sob o peso grave da culpa e miséria; observou como toda a criação gemia debaixo do jugo; o clamor dos cativos chegava aos Seus ouvidos; as lágrimas das viúvas saltavam aos Seus olhos; as privações e a pobreza comoviam o Seu coração sensível; perante a doença e a morte "moveu-se muito em espírito; os Seus sofrimentos em virtude de simpatia excediam todo o entendimento humano.

Transcrevo a seguir uma passagem ilustrativa do caráter do sofrimento a que nos referimos. "E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele, com a sua palavra, expulsou deles os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: *"Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças"* (Mt 8:16-17). Isto era verdadeira compaixão — o poder de interesse comum, que n'Ele era perfeito. Não havia n'Ele enfermidades ou fraquezas. Essas coisas de que, por vezes, se fala como de "fraquezas inocentes", no Seu caso, eram apenas provas de uma real, verdadeira e perfeita humanidade. Porém, por compaixão — por um perfeito interesse comum — "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças" (Mt 8:17). Só um homem absolutamente perfeito podia ter feito isto. Nós podemos simpatizar com os outros: mas só Jesus podia tornar Suas as enfermidades e fraquezas humanas.

Logo, houvesse Ele tomado todas estas dores em virtude do Seu nascimento ou das Suas relações com Israel, e a família humana, nós teríamos perdido toda a beleza e preciosidade da Sua voluntária simpatia. Não podia haver lugar para ação voluntária se a necessidade absoluta lhe tivesse sido imposta. Mas, por outro lado, quando vemos a Sua inteira liberdade, tanto pessoal como relativamente, da miséria humana e daquilo que a produz, podemos compreender aquela perfeita graça e compaixão que O levou a "tomar sobre si as nossas enfermidades e levar as nossas doenças" no poder de verdadeira simpatia. Existe, portanto, uma manifesta diferença entre os sofrimentos de Cristo por voluntária simpatia com as misérias humanas e os Seus

sofrimentos como substituto do pecador. Os primeiros são manifestos ao longo de toda a Sua *vida*; os últimos são restringidos à Sua *morte*.

c) Sofrimento por Antecipação

Finalmente, temos de considerar os sofrimentos de Cristo por antecipação. Vemos a sombra tétrica da cruz projetar-se sobre o Seu caminho e produzir uma ordem aguda de sofrimento, que, não obstante, deve distinguir-se com tanta precisão do Seu sofrimento expiatório como o Seu sofrimento por amor da justiça se distingue do Seu sofrimento por simpatia. Tomemos como exemplo de prova uma ou duas passagens.

"E, saindo, foi, como costumava, para o monte das Oliveiras; e também os seus discípulos o seguiram. E, quando chegou àquele lugar, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação. E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua. E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão" (Lc 22:39-44). "E, levando Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e velai comigo... E, indo segunda vez, orou, dizendo: Meu pai, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade" (Mt 26:37-42).

Da leitura destes versículos é evidente que havia qualquer coisa em perspectiva que o bendito Senhor nunca havia encontrado antes. Estava sendo cheio um "cálice" para Si do qual nunca tinha bebido. Se tivesse carregado com o pecado durante toda a Sua vida, qual a razão dessa intensa agonia ante o pensamento de entrar em contato com o pecado e ter de suportar a ira de Deus devido ao pecado? Que diferença havia entre Cristo no Gêtsemani e Cristo no Calvário, se Ele carregou com o pecado toda a Sua vida? Existiu uma diferença essencial! Mas foi porque Ele não carregou com o pecado durante toda a Sua vida. Qual é, logo, a diferença? No Gêtsemani Ele estava *antecipando* a cruz! No Calvário, *suportava-a*. No Gêtsemani "Apareceu-lhe um anjo do céu que o confortava"; no Calvário foi desamparado por todos. Não houve ali ministério dos anjos. No Gêtsemani dirigiu-se a Deus como "*Pai*", gozando assim a comunhão desse inefável parentesco; mas no Calvário clama: "*Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?*" Aqui Aquele que leva sobre Si o pecado olha para cima e vê o trono da Justiça eterna envolto em nuvens carregadas e o semblante da santidade inflexível desviado d'Ele porque estava

sendo "feito pecado por nós".

O leitor não terá dificuldade em prosseguir este assunto por si mesmo. Poderá traçar pormenorizadamente as três espécies de sofrimento da *vida* de nosso bendito Senhor e fazer distinção entre eles e os sofrimentos da Sua *morte* — os Seus sofrimentos pelo pecado. Verá como, depois de os homens e Satanás terem feito o pior que podiam restava ainda uma espécie do sofrimento que era perfeitamente único no seu gênero, ou seja, às mãos de Deus, por causa do pecado — o sofrimento como substituto do pecador. Antes de chegar à cruz, Ele podia olhar para cima e alegrar-se na luz clara do rosto de Seu Pai. Nas horas mais sombrias sempre encontrara um auxílio certo nas alturas. O caminho que trilhava na terra era escabroso. Como poderia ser de outra maneira num mundo onde tudo estava em oposição direta à Sua natureza santa e pura? Ele teve de suportar a "contradição dos pecadores contra Si mesmo". Teve de suportar a afronta dos que se opunham a Deus. O que não teve Ele de suportara Foi mal compreendido, mal interpretado, injuriado, difamado, acusado de estar fora de Si e de ter demônio. Foi traído, negado, abandonado, escarnecido, esbofeteado, cuspidos, coroado de espinhos, expulso, condenado e cravado entre dois malfeitores. Todas estas coisas Ele sofreu às mãos dos homens juntamente com os terrores indizíveis com que Satanás atormentou o Seu espírito; mas, deixai-me repetir mais uma vez e com ênfase, depois de os homens e Satanás terem esgotado o seu poder e inimizado o nosso bendito Senhor e Salvador tinha de suportar alguma coisa comparada com a qual tudo o mais era como nada, e isto era a ocultação da face de Deus — as três horas de trevas e terrível escuridão, durante as quais sofreu aquilo que ninguém senão Deus pode conhecer.

Ora, quando a Escritura fala de termos comunhão com os sofrimentos de Cristo, refere-se, simplesmente, aos Seus sofrimentos por amor da justiça — aos Seus sofrimentos às mãos dos homens. Cristo sofreu pelo pecado, para que nós não tivéssemos de sofrer por ele. Sofreu a ira de Deus, para que nós não tivéssemos de sofrê-la. Este é o fundamento da nossa paz. Mas pelo que respeita aos sofrimentos infligidos pelos homens, descobrimos sempre que quanto mais fielmente seguirmos as pisadas de Cristo, mais sofreremos nesse sentido; porém, isto é um assunto de privilégio, uma mercê, uma honra (veja-se Fp 1:29-30). Andar nos passos de Cristo — gozar da Sua companhia, ter parte na Sua simpatia, são privilégios dos mais elevados. Quão bom seria que todos nós os aproveitássemos melhor! Mas, infelizmente, contentamo-nos em passar sem eles — contentamo-nos, à semelhança de Pedro, em "seguir de longe" — de nos mantermos à distância do Cristo desprezado e sofredor. Tudo isto

é, indubitavelmente, um grande privilégio. Tivéssemos nós apenas um pouco mais de comunhão com os Seus sofrimentos, e a nossa coroa resplandeceria com maior brilho na visão da nossa alma. Quando fugimos aos sofrimentos de Cristo privamo-nos da profunda alegria da Sua companhia e também do poder moral da esperança da Sua glória futura.

A Parte dos Sacerdotes

Havendo examinado os ingredientes que compunham a oferta de manjares e as diversas formas em que era oferecida, só nos resta aludir às pessoas que participam dela. Estas eram o chefe e os membros da família sacerdotal. "E o que sobejar da oferta de manjares será de Arão e de seus filhos; coisa santíssima é, de ofertas queimadas ao SENHOR" (versículos 3 e 10). Assim como o holocausto, como já frisamos, os filhos de Arão são apresentados como figuras de todos os verdadeiros crentes, não como pecadores convictos, mas como sacerdotes em adoração, assim na oferta de manjares encontramos-os alimentando-se do que sobejava daquilo que havia sido posto, por assim dizer, sobre a mesa do Deus de Israel. Isto era um elevado e santo privilégio. Ninguém senão os sacerdotes podia usufruí-lo. E o que está estabelecido, com grande clareza, na "Lei da oferta de manjares", que passamos a reproduzir por completo. "E esta é a lei da oferta de manjares: um dos filhos de Arão a oferecerá perante o SENHOR diante do altar. E tomará o seu punho cheio da flor de farinha da oferta e do seu azeite e *todo o incenso* que estiver sobre a oferta de manjares; então, o queimar sobre o altar; cheiro suave é isso, por ser memorial ao SENHOR. E o restante, dela comerão Arão e seus filhos: *asmo* se comerá *no lugar santo*; no pátio da tenda da congregação o comerão. Levedado não se cozerá; sua porção é que lhes dei das minhas ofertas queimadas; coisa santíssima é, como a expiação do pecado e como a expiação da culpa. *Todo o varão* entre os filhos de Arão comerá dela estatuto perpétuo será para as vossas gerações das ofertas queimadas do SENHOR; *tudo o que tocar nelas será santo*" (Lv6:14-18).

Aqui, pois, é-nos dada uma bela figura da Igreja alimentando-se no "lugar santo", no poder da santidade prática, das perfeições do "Homem Cristo Jesus". Esta é a nossa porção por meio da graça de Deus; mas temos de lembrar que é para ser comida com pão "asmo". Não podemos alimentar-nos de Cristo se estamos condescendendo com o mal. "Tudo que tocar nela será santo". Além disso, deve comer-se "no lugar santo". A nossa posição, os nossos costumes, as nossas pessoas, as nossas relações, devem ser santos, antes de podermos alimentar-nos da oferta de manjares. Finalmente, lemos que "todo o varão entre os

filhos de Arão comerá dela". Quer dizer, é necessário verdadeira energia sacerdotal, segundo o pensamento divino a seu respeito, para se apreciar esta santa porção "Os *filhos* de Arão" realçam a idéia *de energia* na ação sacerdotal. As suas "*filhas*" representam *debilidade* nessa mesma ação (veja Nm 18:8-13). Havia algumas coisas que os filhos podiam comer e que as filhas não podiam. Os nossos corações deveriam desejar ardentemente a medida mais elevada de energia sacerdotal, a fim de podermos desempenhar as mais elevadas funções sacerdotais e participar da ordem mais elevada do alimento sacerdotal.

Em conclusão, devo acrescentar que, visto que somos feitos, mediante a graça, "participantes da natureza divina", podemos, se vivermos na energia dessa natureza, seguir as pisadas d Aquele que é prefigurado na oferta de manjares. Se nos despojarmos do ego, cada um dos nossos atos poderá emitir um cheiro suave para Deus. Os mais insignificantes assim como os mais importantes serviços podem, pelo poder do Espírito Santo, representar o bom perfume de Cristo.

Fazer uma visita, escrever uma carta, exercer o ministério público da Palavra, dar um copo de água fria a um discípulo do Senhor ou uma moeda a um pobre, sim, até os atos vulgares de comer e beber, podem todos exalar o perfume suave do nome e graça de Jesus.

Assim também se tão-somente a natureza for mantida no lugar da morte, poderá manifestar-se em nós o que não é corruptível, até a própria conversação temperada com o "sal" da permanente comunhão com Deus. Porém, falhamos e faltamos em todas estas coisas. Entristecemos o Espírito de Deus na nossa linha de conduta. Somos propensos a ser egoístas ou a procurar os louvores dos homens nos nossos melhores serviços, e assim deixamos de "temperar" a nossa conversação. Daí, a nossa deficiência em "azeite", "incenso" e o "sal"; enquanto que, ao mesmo tempo, existe a tendência para alterar o "fermento" e permitir que se manifeste "o mel" da natureza. Só houve uma "oferta de manjares" perfeita; e, bendito seja Deus, estamos aceites n'Ele. Somos *filhos* do verdadeiro Arão; o nosso lugar é no santuário, onde podemos alimentar-nos com a santa porção. Lugar ditoso! Ditosa porção! Possamos nós apreciá-la mais do que o temos feito! Que os nossos corações estejam mais desinteressados pelo mundo e aprofundados em Cristo. Que os nossos olhos estejam tão fixos n'Ele, que não haja lugar em nós para os atrativos da cena que nos rodeia nem tão-pouco para as mil e uma circunstâncias mesquinhas da nossa vida, que perturbam o coração e embaraçam a mente.

Regozijemo-nos em Cristo, tanto à luz brilhante do sol como

nas trevas; quando a brisa suave do verão se faz sentir à nossa volta, e quando rugem as tempestades do inverno ao longe; quando vagamos sobre a superfície de um tranqüilo lago, ou somos sacudidos sobre o mar encapelado. Graças a Deus! "Achamos aquele" que será para sempre a nossa porção abundante. Passaremos a eternidade contemplando as perfeições divinas do Senhor Jesus. Os nossos olhos nunca mais serão desviados d'Ele, uma vez que o tivermos visto tal qual Ele é.

Que o Espírito Santo possa operar poderosamente em nós para nos fortalecer "no homem interior". Que Ele nos habilite a alimentarmo-nos com a perfeita oferta de manjares, com cujo memorial o próprio Deus se tem alimentado! Este é o nosso santo e feliz privilégio. Que o possamos realizar ainda mais amplamente!

O SACRIFÍCIO PACÍFICO: A COMUNHÃO

Quanto mais atentamente consideramos as ofertas, mais amplamente vemos que nenhum sacrificio apresenta um tipo completo de Cristo. É só comparando-as em conjunto que se pode obter uma idéia algo tanto exata. Cada oferta, como era de esperar, tem as suas próprias características. O sacrificio pacífico difere do Holocausto em muitos pontos; e uma compreensão clara dos pontos em que qualquer figura difere das outras ajudar-nos-á a compreender o seu significado especial.

A Diferença entre o Holocausto e o Sacrificio de Pacífico

Assim, quando comparamos o sacrificio pacífico com o holocausto, descobrimos que o tríplice ato de "esfolar", "partir em pedaços" e "lavar a fressura e as pernas" é inteiramente omitido. Mas isto é natural. No holocausto, como temos notado, encontramos Cristo oferecendo-se a Si mesmo a Deus e sendo aceito. Por isso tinha de ser simbolizada não só a Sua inteira rendição como também o processo de perscrutação a que Ele se submeteu. Na oferta pacífica o pensamento principal é a comunhão do adorador. Não é Cristo como objeto exclusivamente deleitável para Deus, mas de gozo para o adorador, em comunhão com Deus. Por isso a ação é menos intensa, em toda a linha.

Nenhum coração, por muito elevado que seja o seu amor, pode, de modo algum, elevar-se à altura da dedicação de Cristo a Deus ou da aceitação de Cristo por Deus. Ninguém senão o próprio Deus podia anotar devidamente as pulsações do coração que batia no seio de Jesus; e, portanto, era necessário um símbolo para mostrar este aspecto da morte de Cristo, a saber, a Sua perfeita dedicação a Deus na morte. Este símbolo têm-lo no holocausto, a única oferta em que observamos a ação tríplice a que acima nos referimos.

Assim também em referência ao caráter do sacrificio. No holocausto, a vítima devia ser "macho sem mancha"; ao passo que no sacrificio pacífico podia ser "macho ou fêmea", contanto que não houvesse neles qualquer mancha. A natureza de Cristo, quer O consideremos como sendo apreciado exclusivamente por Deus ou pelo adorador em comunhão com Deus, deve ser sempre a mesma. Não pode haver alteração nela. A única razão por que era consentido oferecer uma fêmea no sacrificio pacífico era para se avaliar a capacidade do adorador quanto à apresentação do bendito Ser que, em Si mesmo, "é o mesmo ontem, hoje e para

sempre" (Hb 13).

Além disso, no holocausto lemos, "o sacerdote tudo queimará"; ao passo que no sacrifício pacífico só *uma parte* era queimada, isto é, "a gordura, os rins e o redenho". Isto torna o caso muito simples. A porção mais excelente do sacrifício era posto sobre o altar de Deus. As entranhas — as ternas sensibilidades do bendito Jesus eram dedicadas a Deus como o único que podia perfeitamente apreciá-las. Aarão e seus filhos alimentavam-se do "peito" e da "espádua direita" (¹) (Veja-se atentamente Lv 7:28-36). Todos os membros da família sacerdotal, em comunhão com o seu chefe, tinham a sua própria porção da oferta pacífica. E agora todos os verdadeiros crentes, constituídos pela graça sacerdotes para Deus, podem alimentar-se das *afeições* e da *força* da verdadeira oferta pacífica — podem sentir a feliz certeza de terem o seu coração amantíssimo e o Seu ombro poderoso para os confortar e sustentar continuamente (²).² Esta é a porção de Aarão e a porção de seus filhos, das ofertas queimadas do SENHOR, no dia em que os apresentou para administrar o sacerdócio ao SENHOR. O que o SENHOR ordenou que se lhes desse dentre os filhos de Israel no dia em que os ungiu estatuto perpétuo é pelas suas gerações" (Lv 7:35-36).

¹) "O peito" e "a espádua" são emblemáticos de amor e poder — força e afeição.

²) Há força e beleza no versículo 31: "... o peito será de Aarão e de seus filhos". É privilégio de todos os verdadeiros crentes alimentarem-se das afeições de Cristo — do amor imutável desse coração que bate com amor imortal e imutável por eles.

Uma Porção Comum entre Deus e os Sacerdotes

São importantes todos estes pontos de diferença entre o holocausto e o sacrifício pacífico; e quando considerados em conjunto, mostram com grande clareza as duas ofertas perante a mente. No sacrifício pacífico há mais alguma coisa do que a dedicação abstrata de Cristo à vontade de Deus. O adorador é apresentado, não simplesmente como espectador, mas como participante não apenas para observar mas para se alimentar. Isto dá um caráter notável a esta oferta. Quando observo o Senhor Jesus no holocausto, vejo-o como Aquele cujo coração foi consagrado ao objetivo de glorificar Deus e cumprir a Sua vontade. Mas quando O vejo no sacrifício pacífico, descubro Aquele que tem um lugar no Seu coração amantíssimo e sobre os Seus ombros poderosos para um pecador indigno e desamparado. No holocausto, o peito, as pernas e as entranhas, a cabeça e a gordura, tudo era queimado em cima do altar — tudo subia como

cheiro suave a Deus. Porém no sacrifício pacífico a própria porção que me convém é reservada para mim. E não tenho de alimentarme daquilo que satisfaz a minha própria necessidade na solidão. De modo nenhum. Alimento-me em comunhão com Deus e em comunhão com os meus companheiros no sacerdócio. Alimento-me com o perfeito e feliz conhecimento que o mesmíssimo sacrifício que nutre a minha alma tem já satisfeito o coração de Deus; e, além disso, de que a mesma porção que me alimenta também alimenta todos os meus companheiros em adoração. A ordem da comunhão encontra-se aqui — comunhão com Deus e comunhão com os santos. Não havia nada que se parecesse com isolamento na oferta pacífica. Deus tinha a Sua porção e a família sacerdotal tinha a sua.

Assim é com o Antítipo do sacrifício pacífico. O mesmo Jesus que é o objeto das delícias do céu é a fonte de gozo, de força e de conforto para todo o coração crente; e não só para cada coração, em particular, mas também para toda a Igreja de Deus, em comunhão. Deus, em Sua infinita graça tem dado ao Seu povo o mesmo objetivo que Ele tem. "A nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1:3). É verdade que os nossos pensamentos acerca de Jesus nunca poderão chegará altura dos pensamentos de Deus. A nossa apreciação de um tal objeto deve ficar sempre muito aquém da Sua; e, por isso, no símbolo, a casa de Arão não podia participar da gordura.

Mas, apesar de nunca podermos atingir o padrão de apreço divino da Pessoa de Cristo e do Seu sacrifício, estamos todavia ocupados com o mesmo objeto e portanto a casa de Arão tinha "o peito e a espádua direita". Tudo isto está repleto de conforto e alegria para o coração. O Senhor Jesus Cristo—Aquele que "foi morto, mas vive para todo o sempre", é agora o objeto exclusivo ante os olhos e pensamentos de Deus; e, em graça perfeita, Deus deu-nos uma parte nesta mesma bendita e gloriosa Pessoa. Cristo é também o nosso objetivo — o objetivo dos nossos corações e tema do nosso cântico. "Havendo feito a paz, pelo sangue da sua cruz", subiu ao céu e enviou o Espírito Santo, o "outro Consolador", por cujo ministério poderoso nos alimentamos do "peito e da espádua direita" do divino "Sacrifício Pacífico". Ele é, na verdade, a nossa paz; e temos o gozo inexcedível de saber que o agrado de Deus na obra da nossa paz é tal que o cheiro suave da nossa oferta pacífica deu alegria ao Seu coração. Este fato dá um encanto peculiar a este símbolo. Cristo, como holocausto, desperta a admiração dos nossos corações; Cristo, como sacrifício pacífico, estabelece a paz da consciência e satisfaz as múltiplas e profundas necessidades da alma. Os filhos de Arão podiam prostrar-se em redor do altar do holocausto: podiam observar

como a chama desse sacrificio subia para o Deus de Israel; podiam ver o sacrificio reduzido a cinzas; podiam, à vista de tudo isto, curvar as suas cabeças e adorar; mas ao retirarem-se nada levavam para si mesmos. Não sucedia o mesmo com o sacrificio pacífico. Neste eles viam não só o que podia emitir um cheiro suave para Deus, mas também render uma porção substancial para si mesmos, da qual podiam alimentar-se em feliz e santa comunhão.

O Gozo da Comunhão

E, certamente, é motivo de grande alegria para todo o verdadeiro sacerdote saber (para empregar a linguagem do nosso símbolo) que

Deus teve a Sua parte, antes de ele receber o peito e a espádua. Este pensamento dá força e fervor, engrandecimento e alegria ao culto e à comunhão. Revela a graça maravilhosa d'Aquele que nos deu o mesmo objetivo, o mesmo tema, e a mesma alegria que Ele tem. Nada inferior—nada menos do que isto podia satisfazê-Lo. O Pai quer que o pródigo se alimente do bezerro cevado, em comunhão consigo. Não lhe dá um lugar inferior à Sua própria mesa, nem qualquer outra porção senão aquela de que Ele Próprio se alimenta. A linguagem do sacrificio é esta: "era justo alegrarmo-nos e folgarmos" — "comamos e alegremo-nos". Tal é a preciosa graça de Deus! Sem dúvida, temos motivos para nos alegrarmos, pois participamos de uma tal graça. Porém, quando podemos ouvir o bendito Deus dizer "*comamos e alegremo-nos*", dos nossos corações devia brotar uma corrente contínua de louvores e ações de graças. O gozo de Deus na salvação de pecadores e o Seu gozo na comunhão dos santos podem muito bem despertar a admiração dos homens e dos anjos por toda a eternidade.

A Diferença entre a Oferta de Manjares e o Sacrificio Pacífico

Havendo assim comparado o sacrificio pacífico com o holocausto, podemos, agora, observar rapidamente a sua relação com a oferta de manjares. Aqui o ponto principal de diferença é este: no sacrificio pacífico havia derramamento de sangue; na oferta de manjares não. Ambos eram ofertas de "cheiro suave"; e, como aprendemos no capítulo 7:12, as duas ofertas estavam intimamente ligadas entre si. Ora, tanto a relação como o contraste são cheios de significado e instrução.

É só em comunhão com Deus que a alma pode deleitar-se na contemplação da humanidade perfeita do Senhor Jesus Cristo. Deus o Espírito Santo *deve dar* assim como *deve dirigir*, pela Palavra, a visão mediante a qual podemos contemplar o "Homem

Cristo Jesus". Ele podia ter sido revelado "em semelhança da carne do pecado"; podia ter vivido e laborado na terra; podia ter brilhado entre as trevas deste mundo, em todo o fulgor celestial e beleza inerente à Sua Pessoa; podia ter passado rapidamente, como astro brilhante, através do horizonte deste mundo; e durante todo o tempo ter permanecido fora do alcance da visão do pecador.

O homem não podia sentir o gozo profundo de comunhão com tudo isto, simplesmente porque não havia base para esta comunhão. No sacrifício pacífico, a base indispensável está inteira e claramente estabelecida. "E porá a sua mão sobre a sua cabeça, e a degolará diante da tenda da congregação: e os filhos de Aarão espargirão o sangue sobre o altar em redor" (versículo 2). Temos aqui o que a oferta de manjares não proporciona, quer dizer, um fundamento sólido para a comunhão do adorador com toda a plenitude, preciosidade e beleza de Cristo, tanto quanto ele, pela energia do Espírito Santo, é capaz de penetrar.

Para ter comunhão com Deus devemos estar "na luz". E como podemos estar nela? Só com base nesta preciosa declaração. "O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado" (1 Jo 1:7). Quanto mais permanecermos na luz, mais profunda será a nossa compreensão de tudo que seja contrário a essa luz, e mais profundo também será o sentimento do valor desse sangue que nos dá o direito de estarmos na luz. Quanto mais perto andarmos de Deus, mais conheceremos "as riquezas incontáveis de Cristo".

O Precioso Exemplo do Filho Pródigo (ou: Perdido)

É absolutamente necessário conhecer a verdade de que estamos na presença de Deus somente como participantes da vida divina e beneficiando da justiça divina. O Pai só podia ter o pródigo à sua mesa vestido com "o melhor vestido" e em toda a integridade daquele parentesco em que o via. Tivesse o pródigo conservado os seus andrajos ou sido admitido "como um dos servos da casa, e nós nunca teríamos ouvido essas gloriosas palavras, "comamos e alegremo-nos; porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado". Assim acontece com todos os verdadeiros crentes. A sua velha natureza não é reconhecida como existente diante de Deus. Ele considera-a morta, e assim eles a deviam considerar. Esta morta para Deus — morta para a fé. Deve ser mantida no lugar da morte. Não é melhorando a nossa velha natureza que chegamos à presença divina; mas como possuidores de uma nova natureza. Não foi remendando os trapos da sua condição anterior que o pródigo obteve um lugar à mesa do Pai, mas por ter sido vestido com um

vestido que nunca havia visto ou pensado. Não trouxe esse vestido da "terra longínqua", nem o obteve de caminho; mas o pai tinha-o para ele em casa. O pródigo não o fez nem ajudou a fazê-lo; mas o pai adquiriu-o para ele e alegrou-se por o ver vestido com ele. Foi assim que se assentaram à mesa para se alimentarem em feliz comunhão "do bezerro cevado".

A Lei do Sacrifício Pacífico

Prosseguirei agora citando na íntegra a lei do Sacrifício Pacífico, na qual encontramos alguns pontos adicionais de grande interesse — pontos que lhe são peculiares.

"E esta é a lei do sacrificio pacífico que se oferecerá ao SENHOR: Se o oferecer por oferta de louvores, com o sacrificio de louvores, oferecerá bolos asmos amassados com azeite e coscorões asmos amassados com azeite; e os bolos amassados com azeite serão fritos, de flor de farinha. Com os bolos oferecerá pão levedado como sua oferta, com o sacrificio de louvores da sua oferta pacífica. E de toda oferta oferecerá um deles por oferta alçada ao SENHOR, que será do sacerdote que espargir o sangue da oferta pacífica. Mas a carne do sacrificio de louvores da sua oferta pacífica se comerá no dia do seu oferecimento; nada se deixará dela até à amanhã. E, se o sacrificio da sua oferta for voto ou oferta voluntária, no dia em que oferecer o seu sacrificio se comerá; e o que dele ficar também se comerá no dia seguinte. E o que ainda ficar da carne do sacrificio ao terceiro dia será queimado no fogo. Porque, se da carne do seu sacrificio pacífico se comer ao terceiro dia, aquele que a ofereceu não será aceito, nem lhe será imputado; coisa abominável será, e a pessoa que comer dela levará a sua iniquidade. E a carne que tocar alguma coisa imunda não se comerá; com fogo será queimada; mas da outra camequalquerque estiver limpo comerá dela. Porém, se alguma pessoa comer a carne do sacrificio pacífico, que é do SENHOR, tendo ela sobre si a sua imundícia, aquela pessoa será extirpada dos seus povos.

E, se uma pessoa tocar alguma coisa imunda, como imundície de homem, ou gado imundo, ou qualquer abominação imunda, e comer da carne do sacrificio pacífico, que é do SENHOR, aquela pessoa será extirpada dos seus povos" (Lv 7:11-21).

Distinção entre "pecado na carne" e "pecado na consciência"

É da máxima importância fazer distinção entre pecado *na carne* e *pecado na consciência*. Se confundirmos os dois, as nossas almas serão necessariamente transtornadas e o nosso culto será manchado. Um exame atento de 1 Jo 1:8-10 lançará muita luz sobre este assunto, cuja compreensão é tão essencial para a

devida apreciação de toda a doutrina do sacrifício pacífico e principalmente do ponto nele a que chegamos agora. Ninguém terá uma noção tão exata do pecado no íntimo como o homem que anda na luz. "Se dissermos que *não temos pecado*, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós". No versículo precedente lemos que "... o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de *todo o pecado*". Aqui a distinção entre o pecado *em* nós e o pecado *sobre* nós está claramente estabelecida. Dizer que o crente tem pecado sobre si, na presença de Deus, é pôr em dúvida a eficácia purificadora do sangue de Jesus e negar a verdade divina a esse respeito. Se o sangue de Jesus pode purificar perfeitamente, então a consciência do crente está perfeitamente purificada. É assim que a Palavra de Deus põe a questão; e nós devemos sempre recordar que é de Deus mesmo que temos de aprender qual é, aos seus olhos, a verdadeira condição do crente.

Estamos mais dispostos a dizer a Deus o que somos em nós mesmos do que permitir que Deus nos diga o que somos em Cristo. Por outras palavras, estamos mais ocupados com a faculdade de perceber do que com a revelação que Deus nos dá de Si mesmo. Deus fala-nos baseado no que Ele é em Si mesmo e no que cumpriu em Cristo. Tal é a natureza e o caráter da Sua revelação, da qual a fé toma posse e assim enche a alma de perfeita paz. A revelação de Deus é uma coisa; a minha percepção é outra muito diferente.

Porém a mesma palavra que nos diz que não temos pecado *sobre* nós, diz-nos, com igual clareza e poder, que temos pecado *em* nós. "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós". Todo aquele que tem a "verdade" em si também saberá que *tem pecado* "em si"; pois a verdade revela todas as coisas como são. Que devemos, então, fazer? É nosso privilégio andar de tal maneira no poder da nova natureza, que o "*pecado*", que habita em nós, não possa manifestar-se na forma de "*pecados*". A posição do cristão é de vitória e liberdade. Ele é libertado não só da pena do pecado, mas também do pecado como princípio dominante na sua vida. "Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, afim de que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto, está justificado do pecado... não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe *obedecerdes* em suas concupiscências... porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça" (Rm 6:6-14). O pecado está ali em todo o seu aviltamento; porém o crente está "morto para ele". Como? Morreu em Cristo. Por natureza estava morto *em* pecado. Pela graça está *morto para* o pecado. Que direito pode

alguém ter sobre um morto? Nenhum. Cristo "morreu de uma vez para o pecado", e o crente morreu n'Ele. "Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos; sabendo que havendo, Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado, mas, quanto a viver, vive para Deus". Qual é o resultado disto, em relação aos crentes? "*Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor*" (Rm 6:8-11). Tal é a posição inalterável do crente diante de Deus! Por isso é seu alto privilégio gozar liberdade do domínio do pecado *sobre si*, embora o pecado *habite* em si.

A Confissão dos Pecados

Mas, "se alguém pecar", que deve fazer? O apóstolo inspirado dá uma resposta clara e bendita: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1:9). Confissão é a maneira de manter a consciência livre. O apóstolo não diz, "se orarmos por perdão, ele é benigno e misericordioso para nos perdoar" .Sem dúvida, é sempre um alívio para qualquer filho fazer chegar aos ouvidos do pai as suas necessidades — contar-lhe as suas fraquezas, confessar-lhe a sua loucura, defeitos e faltas. Tudo isto é muito verdade; e além disso é igualmente verdade que o nosso Pai é terno e misericordioso para atender os Seus filhos em todas as suas fraquezas e ignorância; porém, apesar de tudo isto ser verdade, o Espírito Santo declara, por intermédio do apóstolo, que, "*se confessarmos os nossos pecados*", Deus é *fiel e justo* para nos perdoar. Portanto, a confissão é o método divino. Um cristão que tenha errado em pensamento, palavras ou ação, pode orar, pedindo perdão, durante dias e meses e não ter a certeza, segundo 1 João 1:9, de ter sido perdoado; ao passo que no momento em que verdadeiramente confessar o seu pecado, diante de Deus, é simplesmente uma questão de fé saber que está perdoado e perfeitamente purificado.

A Diferença entre Pedir Perdão e Confessar os Pecados

Existe uma grande diferença moral entre orar pedindo perdão e confessar os nossos pecados, quer encaremos o problema em relação ao caráter de Deus, quer em relação ao sacrifício de Cristo ou ainda à condição da alma. É muito possível que a oração de uma pessoa envolva a confissão do pecado, qualquer que seja a sua natureza, e assim chegar ao mesmo resultado. Porém, é sempre bom não nos afastarmos da Escritura no que pensamos, dizemos e fazemos. É evidente que quando o Espírito Santo fala de

confissão, não quer dizer *oração*. E é também evidente que Ele sabe que existem elementos morais na confissão e que dela resultam efeitos práticos que não pertencem à oração. De fato, descobrimos amiúde que o hábito de importunar Deus com o pedido do perdão dos pecados revela ignorância a respeito da forma como Deus se revelou na Pessoa e obra de Cristo; acerca da relação em que o sacrifício de Cristo colocou o crente e quanto ao modo divino de alijar a consciência do fardo do pecado e de a purificar da mancha do pecado.

Deus ficou perfeitamente satisfeito, quanto aos pecados do crente, na cruz de Cristo. Na cruz foi feita completa expiação por todo o pecado na natureza do crente e na sua consciência. Por isso, Deus não necessita ainda de mais propiciação. Não precisa de qualquer coisa mais para despertar o Seu coração pelo crente. Não precisamos de Lhe suplicar que seja "fiel e justo", pois a Sua fidelidade e justiça foram gloriosamente patenteadas, justificadas e satisfeitas na morte de Cristo. Os nossos pecados nunca poderão vir à presença de Deus, visto que Cristo, que os levou todos e os tirou, está ali. Contudo, se pecamos, a consciência sente—deve senti-lo; sim, o Espírito Santo far-nos-á senti-lo. Não pode deixar passar um simples pensamento vão sem ser julgado. Então⁴ O nosso pecado abriu caminho para a presença de Deus? Terá encontrado lugar na luz pura do santuário? Deus nos livre! O "Advogado" está ali—"Jesus Cristo o Justo", para manter, em integridade inquebrantável, o parentesco em que nos encontramos. Todavia, embora o pecado não possa afetar os pensamentos de Deus a nosso respeito, pode afetar e afeta os nossos pensamentos em referência a Ele ('). Embora não tenha acesso à Sua presença, pode chegar à nossa, da maneira mais triste. Embora não possa ocultar o Advogado dos olhos de Deus, pode encobri-Lo dos nossos. Amontoa-se, como uma nuvem sombria e espessa, sobre o nosso horizonte espiritual, de sorte que as nossas almas não podem desfrutar a claridade bendita da face do Pai. Não pode afetar o nosso parentesco com Deus, mas pode afetar seriamente o dele. Que devemos, pois fazer? A Palavra de Deus responde: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça".

Por meio da confissão desembaraçamos a nossa consciência; o sentimento agradável da nossa posição de filhos é restaurado; a nuvem sombria dissipa-se; a influência desanimadora desaparece; os nossos pensamentos em relação a Deus são corrigidos. Tal é o método divino; e podemos dizer que, na realidade, o coração que sabe o que é ter estado no lugar da confissão sentirá o poder divino das palavras do apóstolo: "Meus filhinhos, estas coisas vos

escrevo PARA QUE NÃO PEQUEIS" (1 Jo 2:1).

(1) *O leitor deve lembrar-se que o assunto tratado no texto deixa inteiramente por considerar uma verdade muito importante e prática ensinada em João 14:21-28, a saber, o amor particular do Pai para com o filho obediente e a comunhão especial de tal filho com o Pai e o Filho. Que esta verdade seja gravada em nossos corações pela pena do Deus Espírito Santo.*

Em contrapartida, há um meio de orar pedindo perdão em que se perde de vista o fundamento perfeito do perdão, o qual foi lançado no sacrifício da cruz. Se Deus perdoa pecados, tem de ser "fiel e justo" ao perdoar. Mas é evidente que as nossas orações, por mais sinceras e fervorosas que sejam, nunca poderiam constituir a base da fidelidade e justiça de Deus para perdoar os nossos pecados. Nada, salvo a obra da cruz podia conseguir isto. Ali a fidelidade e a justiça de Deus foram plenamente estabelecidas, e isso também com relação imediata aos nossos pecados atuais e a sua raiz na nossa natureza. Deus já julgou os nossos pecados na Pessoa do nosso substituto "no madeiro"; e, no ato da confissão, nós julgamo-nos a nós próprios. Isto é essencial para se alcançar o perdão divino e restauração. O menor pecado por confessar e por julgar, na consciência, manchará inteiramente a nossa comunhão com Deus. O pecado em nós não requer este efeito; porém se permitirmos que o pecado permaneça *sobre* nós não podemos ter comunhão com Deus. Ele tirou os nossos pecados de tal maneira, que pode ter-nos na Sua presença; e enquanto estivermos na Sua presença o pecado não poderá perturbar-nos. Porém se saímos da Sua presença e cometemos pecado, ainda que seja só em pensamento, a nossa comunhão deve, por necessidade, ser suspensa, até que, pela confissão, nos libertemos do pecado. Tudo isto está fundado exclusivamente sobre o sacrifício perfeito e a justa advocacia do Senhor Jesus Cristo.

O Julgamento Pessoal

Finalmente, a diferença entre a oração e a confissão, pelo que diz respeito ao estado do coração perante Deus, e o seu sentimento moral de aversão ao pecado, não pode ser, de modo algum considerada demais.

É muito mais fácil pedir, de uma maneira geral, o perdão dos nossos pecados do que confessar esses pecados. A confissão implica *o julgamento pessoal*; pedir o perdão pode não envolver e, em si, não envolve esse juízo. Isto, só por si, seria o suficiente para salientara diferença. O juízo próprio é um dos mais valiosos e saudáveis exercícios da vida cristã. Portanto, tudo que tende a produzi-lo deve ser altamente apreciado por todo o cristão sincero.

A diferença entre pedir perdão e confessar o pecado é continuamente exemplificada no nosso tratamento com as crianças. Se uma criança tem feito alguma maldade, acha menos dificuldade em pedir ao pai que a perdoe do que em confessar abertamente e sem reservas a maldade. Ao pedir perdão, a criança pode ter em seu pensamento um determinado número de coisas que tendam a diminuir o sentimento do mal, pode pensar que, afinal, não havia muita razão para a censurarem, embora seja conveniente pedir perdão ao pai; enquanto que, ao confessar a maldade, faz o seu próprio julgamento.

Além disso, ao pedir perdão a criança pode ser influenciada principalmente pelo desejo de escapar às conseqüências da sua maldade; enquanto que um pai sensato procurará despertar no filho exatamente a convicção do mal, e essa convicção só pode conseguir-se em relação com franca confissão da falta relacionada com o julgamento de si próprio.

Assim é também na maneira de Deus proceder para com os Seus filhos, quando eles procedem mal. Tudo tem de ser exposto completamente e julgado pela pessoa. Ele quer fazer-nos reear não só as conseqüências do pecado — que são inexprimíveis — mas detestar também o próprio mal, por causa da sua hediondez aos Seus olhos. Se fosse possível, quando cometemos pecado, sermos perdoados simplesmente, porque pedimos perdão, a nossa compreensão do pecado e atitude perante ele não seriam tão intensas; e, como conseqüência, a nossa apreciação da comunhão com que somos abençoados não seria tão elevada. O efeito moral de tudo isto sobre o caráter da nossa constituição espiritual e a natureza da vida prática deve ser claro para todo o crente experimentado (¹).

¹) O caso de Simão, o mago, em Atos 8, pode apresentar uma dificuldade para o leitor. Mas basta dizer dele que uma pessoa que está "em fel de amargura e laço de iniquidade" nunca podia ser apresentada como modelo para os filhos de Deus. O seu caso não interfere, de modo algum, com a doutrina de 1 João 1:9. Ele não tinha o parentesco de filho e, conseqüentemente, não beneficiava da advocacia do nosso Advogado junto do Pai. Devo acrescentar ainda que o assunto da oração do Senhor não está de modo algum envolvido neste caso. Desejo limitar-me à passagem que se segue. Devemos evitar sempre a adoção de regras rígidas. Uma alma pode clamar a Deus em quaisquer circunstâncias e pedir o que carece. Ele está sempre pronto a ouvir e a responder.

O "Pecado" e os "Pecados"

Esta série de pensamentos está intimamente relacionada e plenamente confirmada por dois princípios estabelecidos na "Lei do sacrifício pacífico".

No versículo 13 do capítulo 7 de Levítico lemos: "Com os bolos *oferecerá pão levedado*". E ainda no versículo 20 lemos: "Porém, se alguma pessoa comer a carne do sacrifício pacífico, que é do SENHOR, tendo ela sobre si a sua imundícia, aquela pessoa será extirpada dos seus povos". Aqui temos as duas coisas claramente postas diante de nós, a saber; o pecado em nós e o pecado *sobre* nós. O "fermento" era permitido porque havia pecado na natureza do adorador. A "imundícia" não era permitida porque não devia haver pecado na consciência do adorador. Onde há pecado não pode haver comunhão. Deus tem provido expiação pelo sangue para o pecado que Ele sabe existir em nós. Por isso lemos acerca do pão levedado no sacrifício pacífico "E de toda oferta oferecerá um deles por oferta alçada ao SENHOR, que *será do sacerdote que espargir o sangue da oferta pacífica*" (versículo 14). Por outras palavras, o "fermento" ⁽²⁾ na natureza do adorador estava perfeitamente expiado pelo "sangue" do sacrifício. O sacerdote que recebe o pão levedado é quem deve espargir o sangue. Deus afastou da Sua vista o nosso pecado para sempre. Apesar do pecado estar em nós, não é objeto para fixar os Seus olhos. Ele vê só o sangue; e portanto pode andar conosco e consentir ininterrupta comunhão consigo. Porém, se permitirmos que "*o pecado*" que está em nós se desenvolva na forma de "*pecados*", então, tem de haver confissão, perdão e purificação, antes de podermos comer outra vez da carne da oferta pacífica. A exclusão do adorador, por causa de impureza mencionada no cerimonial, corresponde à suspensão de um crente da comunhão, por causa de pecado por confessar. Intentar ter comunhão com Deus em nossos pecados implicaria a blasfema insinuação de que Ele podia andar em companhia do pecado. "Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade" (1 Jo 1:6).

⁽²⁾ O leitor não deve esquecer que o fermento é sempre um símbolo do mal (N. do T.).

A luz da precedente linha de verdade, podemos finalmente ver quanto erramos, quando supomos ser um sinal de espiritualidade estarmos ocupados com os nossos pecados. Poderia o pecado ou os pecados jamais serem o fundamento ou alimentar a nossa comunhão com Deus? Não, certamente. Já vimos que, enquanto o pecado é o objetivo que temos perante nós, a comunhão tem de ser interrompida. A comunhão só pode ser "na luz"; é indubitável que não há pecado na luz. Na luz só se pode ver o sangue que tirou os nossos pecados e nos trouxe para perto, e o Advogado que nos mantém perto de Si. O pecado foi

esquecido para sempre naquele lugar onde Deus e o adorador se encontram em santa comunhão. O que é que constituiu o elemento de comunhão entre o Pai e o pródigo? Foram os trapos deste? Foram as bolotas da "terra longínqua"¹?- De modo nenhum. Não foi nada que o pródigo trouxe consigo. Foi a rica provisão do amor do Pai—"o bezerro cevado". Assim é com Deus e o verdadeiro adorador. Alimentam-se em conjunto e elevada comunhão d'Aquele cujo precioso sangue os associou para sempre nessa luz da qual nenhum pecado pode jamais acercar-se.

Nem por um instante precisamos de supor que a verdadeira humildade se mostre ou se promova recordando os nossos pecados ou lamentando-nos sobre eles. Uma tristeza impura e dolorosa pode assim ser aumentada; mas a verdadeira humildade salta sempre de uma origem totalmente diferente.

Quando é que o pródigo mais se humilhou? Quando "caiu em si", na terra longínqua, ou quando chegou a casa do Pai e se reclinou no seu seio? Não é evidente que a graça que nos eleva às mais elevadas alturas de comunhão com Deus, é a única que nos conduz às maiores profundidades de uma genuína humildade? Sem dúvida. A humildade que tem a sua origem na remoção dos nossos pecados deve ser sempre mais profunda do que aquela que resulta de os descobrirmos. A primeira liga-nos com Deus; a última relaciona-nos com o ego. O meio de se ser verdadeiramente humilde é andar com Deus no conhecimento e poder do parentesco em que Ele nos colocou. Ele fez-nos Seus filhos; e se andarmos como tais seremos humildes.

A Ceia do Senhor

Antes de deixarmos esta parte do assunto, quero fazer uma observação sobre a ceia do Senhor, que, sendo um ato proeminente da comunhão da Igreja, pode, com estrita propriedade, ser considerada em ligação com a doutrina do sacrifício pacífico. A celebração inteligente da ceia do Senhor deve depender sempre do reconhecimento do Seu caráter puramente eucarístico ou de ações de graças. É especialmente uma festa de ação de graças — ação de graças por uma redenção cumprida. "Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo?" (1 Co 10:16). Por isso, uma alma curvada sob o peso do fardo do pecado não pode comer a ceia do Senhor com inteligência espiritual, visto que essa festa é expressiva da completa remoção do pecado pela morte de Cristo: "... anunciais a morte do Senhor, até que venha" (1 Co 11:26). Na morte de Cristo, a fé vê o fim de tudo que pertencia ao nosso lugar na velha criação; e, visto que a ceia do Senhor

anuncia essa morte, deve ser considerada como a recordação do fato glorioso que o fardo do pecado do crente foi levado por Aquele que o tirou para sempre.

Declara que a cadeia dos nossos pecados, com que estávamos presos e amarrados, foi partida para sempre pela morte de Cristo e não pode j amais prender-nos ou amarrar-nos de novo. Nós reunimo-nos ao redor da mesa do Senhor com toda a alegria de vencedores. Volvemos os olhos para a cruz onde se travou e ganhou a batalha; e antevemos a glória em que entraremos nos resultados plenos e eternos da vitória.

Decerto, temos "fermento" *em* nós; mas não temos nenhuma "imundície" *sobre* nós. Não temos que fixar os olhos nos nossos pecados; mas, sim, n Aquele que os levou sobre a cruz e os tirou para sempre. Não temos de nos enganar a nós mesmos com a idéia presunçosa de que "não temos pecado" em nós; nem vamos negar a verdade da Palavra de Deus e a eficácia do sangue de Cristo recusando alegrarmo-nos com a verdade preciosa que não temos pecado sobre nós, porque "o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado". É verdadeiramente deplorável ver a nuvem carregada que se forma sobre a ceia do Senhor, com o parecer de tantos cristãos professos. Este fato contribui, tanto como tudo o mais, para revelar a enorme falta de compreensão a que se pode chegar com respeito às verdades mais elementares do evangelho. De fato, sabemos que quando a ceia do Senhor é tomada por uma razão qualquer que não seja o conhecimento da salvação — o gozo do perdão —, consciência da libertação, a alma é envolvida em maior obscuridade do que nunca.

Aquilo que é apenas um memorial de Cristo é usado para O deslocar. Aquilo que celebra uma redenção efetuada é empregado como um degrau para ela. É assim que se abusa das ordenações, as almas são submergidas nas trevas e cai-se na confusão e no erro.

O Valor do Sangue de Cristo

Quão diferente de tudo isto é a bela ordenação do sacrificio pacífico! Neste, considerado sob a sua importância simbólica, vemos que, logo que o sangue era derramado, Deus e o adorador podiam alimentar-se em feliz e pacífica comunhão. Nada mais era necessário. A paz estava estabelecida pelo sangue; e, sobre essa base, prosseguia a comunhão. Uma simples dúvida quanto ao estabelecimento da paz é fatalmente o golpe mortal na comunhão. Se estamos ocupados com esforços inúteis para conseguir a paz com Deus, então desconhecemos totalmente o que é a comunhão e o culto. Se o sangue do sacrificio pacífico não foi derramado, é impossível alimentarmo-nos com "o peito" ou a "espádua". Mas,

por outro lado, se o sangue foi derramado, então a paz já está feita. Deus mesmo fez a paz e isto é bastante para a fé; e, portanto, pela fé temos comunhão com Deus, no conhecimento e gozo da redenção efetuada. Provamos a frescura do próprio gozo de Deus naquilo que Ele fez. Alimentamo-nos de Cristo em toda a plenitude e bem-aventurança da presença de Deus.

O Culto

Este último ponto está relacionado e baseado sobre outra verdade fundamental da "lei do sacrifício pacífico". "Mas a carne do sacrifício de louvores da sua oferta pacífica se comerá no dia do seu oferecimento; nada se deixará dela até amanhã." Quer dizer, a comunhão do adorador nunca deve separar-se do sacrifício sobre o qual a comunhão está baseada. Desde que se tenha energia espiritual para manter a conexão, o culto e a comunhão subsistirão em frescura e aceitação, mas só assim. *Devemos estar perto do sacrifício*, no espírito do nosso entendimento, as afeições do nosso coração e a experiência das nossas almas. É isto que dará poder e duração ao nosso culto. Pode dar-se o caso de começarmos qualquer ato ou expressão de culto com os nossos corações ocupados imediatamente com Cristo; e, antes de chegarmos ao fim, estarmos ocupados com o que estamos fazendo ou dizendo ou com as pessoas que nos escutam; e, desta forma, caímos naquilo que pode chamar-se "iniqüidade nas nossas coisas santas". Isto é profundamente solene e deveria tornar-nos vigilantes. Começamos o culto no Espírito e acabamos na carne. Devemos ter sempre o cuidado de não nos afoitarmos a proceder, nem por um momento, para lá da energia do Espírito, porque o Espírito manter-nos-á sempre ocupados com Cristo. Se o Espírito Santo nos inspira "cinco palavras" de adoração ou de ações de graças, pronunciemos as cinco e calemo-nos. Se continuarmos a falar, estamos comendo a carne do nosso sacrifício depois do tempo fixado; e, longe de ser "aceitável", é, na realidade, "uma abominação". Lembremo-nos disto e vigiemos. Não há necessidade para alarme. Deus quer que sejamos guiados pelo Espírito e assim cheios de Cristo em todo o nosso culto. Ele só pode aceitar aquilo que é divino; e, portanto, não quer que seja apresentado senão o que é divino.

"E, se o sacrifício da sua oferta for voto ou oferta voluntária, no dia em que oferecer o seu sacrifício se comerá; e o que *dele ficar também se comerá no dia seguinte*" (Lv 7:16). Quando a alma se eleva a Deus em um ato voluntário de adoração, tal adoração provém de uma maior medida de energia espiritual do que quando procede simplesmente de alguma graça particular do próprio momento. Se se há recebido uma favor especial da mão do

Senhor, a alma eleva-se imediatamente em ação de graças. Neste caso, o culto é suscitado por e ligado com esta mercê de graça, qualquer que possa ser, e acaba aí. Porém quando o coração é levado pelo Espírito Santo a qualquer expressão voluntária ou deliberada de louvor, o culto terá um caráter mais duradouro. Todavia, o culto espiritual ligar-se-á sempre com o precioso sacrifício de Cristo.

"E o que ainda ficar da carne do sacrifício ao terceiro dia será queimado no fogo. Porque, se da carne do seu sacrifício pacífico se comer ao terceiro dia, aquele que a ofereceu não será aceito, nem lhe será imputado; coisa abominável será, e a pessoa que comer dela levará a sua iniquidade". Nada tem qualquer valor, segundo o juízo de Deus, senão aquilo que está intimamente ligado com Cristo. Pode existir muita aparência de culto, e ser, afinal, a mera excitação e expressão de sentimentos naturais. Pode haver uma grande aparente devoção, que é, simplesmente, devoção carnal.

A natureza pode excitar-se, no campo religioso, de diversas maneiras, tais como pompa, cerimônias, procissões, atitudes, ricas vestimentas, uma liturgia eloqüente e todos os atrativos de um esplêndido ritualismo; e, contudo, pode haver uma absoluta ausência de culto espiritual. Sim, acontece freqüentemente que os mesmos gostos e inclinações, que são excitados e satisfeitos por formas pomposas de um culto chamado religioso, encontrariam um alimento mais apropriado na ópera ou nos concertos.

Aqueles que sabem que "Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-Lo em espírito e em verdade" (João 4) e que desejam rememorar-Lo devem pôr-se em guarda contra tudo isto. A religião, assim chamada, reveste-se, em nossos dias, dos mais poderosos atrativos. Abandonando a grosseria da idade média, ela chama em seu auxílio todos os recursos de gosto requintado de um século iluminado e culto. A escultura, a música, e a pintura, vazam os seus ricos tesouros no seu seio, a fim de que ela possa, com isso, preparar um poderoso narcótico para embalar as multidões irrefletidas numa sonolência, que só será interrompida pelos indescritíveis horrores da morte, do juízo e do lago de fogo. Ela pode também dizer: "*Sacrifícios pacíficos* tenho comigo; hoje paguei os meus *votos*... Já cobri a minha cama com cobertas de tapeçaria, com obras lavradas com Unho fino do Egito; já perfumei o meu leito com mirra, aloés e canela" (Pv 7:14-17). Assim a religião corrompida seduz, por sua poderosa influência, aqueles que não querem escutar a voz celestial da sabedoria.

Guarde-se o leitor de tudo isto. Certifique-se de que o seu culto está inseparavelmente ligado com a obra da cruz. Veja se Cristo é o fundamento, Cristo o elemento e o Espírito Santo o

poder do seu culto. Guarde-se de que o ato exterior do seu culto não se alongue para lá deste poder íntimo. É necessária muita vigilância para se evitar este mal. Os seus manejos secretos são dos mais difíceis de detectar e impedir. Podemos começar um hino no verdadeiro espírito de culto, e, por falta de poder espiritual, podemos, antes de chegar ao fim, cair no mal que corresponde ao ato do cerimonial de comer a carne do sacrifício pacífico ao terceiro dia. A nossa única salvaguarda consiste em estarmos perto de Jesus. Se elevarmos os nossos corações em "ações de graças" por qualquer mercê especial, façamo-lo no poder do nome e do sacrifício de Cristo. Se as nossas almas se elevam em adoração "voluntária", que seja na energia do Espírito Santo. Deste modo o nosso culto terá aquela frescura, essa fragrância e profundidade de tom, essa elevação moral, que devem resultar do fato de se ter o Pai por objeto, o Filho por fundamento e o Espírito Santo com o poder do culto.

NOTA: É interessante observar que, embora o sacrifício pacífico seja o terceiro na ordem dos sacrifícios, contudo "a Lei" dele é dada depois de todos. Esta circunstância não deixa de ter a sua importância. Em nenhum dos sacrifícios a comunhão do adorador é tão claramente revelada como no sacrifício pacífico. No holocausto vemos Cristo oferecendo-se a Si mesmo a Deus. Na oferta de manjares, temos a perfeita humanidade de Cristo. Depois, passando ao sacrifício pelo pecado, aprendemos que o pecado em sua raiz é inteiramente expiado. No sacrifício pelo sacrilégio, há plena provisão para os pecados na vida presente. Mas em nenhum é revelada a comunhão do adorador. A comunhão pertence ao "sacrifício pacífico"; e, daí, creio, a posição que ocupa a "lei deste sacrifício". Aparece no fim de todas, ensinando-nos com isso que, quando se trata de uma questão de a alma se alimentar de Cristo, tem de ser um Cristo completo, considerado sob todas as fases possíveis da Sua vida — o Seu caráter, a Sua Pessoa, Sua Obra, e Seu cargo. E, além disso, que, quando tivermos acabado para sempre com o pecado e os pecados, deleitar-nos-emos em Cristo e nos alimentaremos d'Ele por todos os séculos eternos. Seria, creio, uma falta grave no nosso estudo dos sacrifícios se deixássemos de considerar uma circunstância tão digna de ser notada como a que acabamos de frisar. Se a "lei do sacrifício pacífico" fosse dada pela ordem em que ocorre o próprio sacrifício viria imediatamente depois da lei da oferta de manjares; porém em vez disso, são dadas "A lei da expiação do pecado" e "a lei da expiação da culpa" e, então, em conclusão, segue-se a "lei do sacrifício pacífico".

Que assim seja, ó Senhor, com todos os que te adoram, até nos encontrarmos em corpo, alma e espírito na segurança da tua presença eterna, fora do alcance de toda a influência perniciosa do falso culto e da religião corrompida, e também fora do alcance dos diferentes impedimentos que provêm destes corpos de pecado e morte que trazemos em nós!

OS SACRIFÍCIOS QUE NÃO SÃO DE CHEIRO SUAVE

Os Sacrifícios pelo Pecado

Tendo considerado as ofertas de "cheiro suave", chegamos agora aos "sacrifícios pelo pecado". Estes eram divididos em duas classes, a saber, sacrifícios pelo pecado e expiação do pecado. Na primeira havia três categorias; primeiro, o sacrifício pelo "sacerdote ungido" e por "toda a congregação". Estes dois tinham os mesmos ritos e cerimônias (compare-se os versículos 3 a 12 com os versículos 13a 23). Era o mesmo, quer tivesse sido o representante da assembléia ou a própria assembléia que tivesse pecado. Em qualquer dos casos três coisas estavam envolvidas: a habitação de Deus na assembléia, a adoração da assembléia e a consciência individual. Ora, visto que as três coisas dependiam do sangue, verificamos que, na primeira categoria do sacrifício pelo pecado, três coisas eram feitas com o sangue. Era aspergido "sete vezes perante o SENHOR, *diante do véu do santuário*". Isto assegurava as relações de Jeová com o povo e a Sua habitação no meio deles.

O Sangue da Vítima

Depois lemos: "Também porá o sacerdote daquele sangue sobre as pontas do altar do incenso aromático, perante o SENHOR, altar que está na tenda da congregação". Isto assegurava a adoração da assembléia. Pondo o sangue sobre "o altar de ouro", a verdadeira base de adoração era mantida; de forma que a chama do incenso e a sua fragrância podiam subir continuamente. Finalmente, "todo o resto do sangue do novilho derramará à base do altar do holocausto, que está à porta da tenda da congregação". Aqui temos o que satisfaz plenamente as exigência da consciência de cada indivíduo; pois o altar de cobre era o lugar de acesso individual. Era onde Deus encontrava o pecador.

Nas outras duas categorias, "um príncipe" ou "qualquer outra pessoa do povo da terra", era apenas uma questão de consciência individual; e portanto uma única coisa era feita com o sangue. Era todo derramado "à base do altar do holocausto" (compare-se verso 7 com os versos 25,30). Existe em tudo isto uma precisão divina que requer toda a atenção do leitor, se deseja compreender os pormenores maravilhosos deste símbolo (').

O efeito do pecado individual não podia prolongar-se para além dos limites da consciência do indivíduo. O pecado de "um príncipe" ou de "qualquer outra pessoa do povo", não podia, em sua influência, atingir "o altar do incenso" — o lugar da adoração sacerdotal. Não podia tão-pouco chegar ao "véu do santuário" — o limite sagrado da habitação de Deus no meio do Seu povo. É bom ponderar isto. Nunca devemos levantar uma questão de pecado pessoal ou falta no lugar de culto sacerdotal ou na assembléia. Deve ser tratada no lugar de aproximação pessoal. Muitos erram sobre este ponto. Vêm à assembléia ou lugar público de culto com a sua consciência manchada, e desta forma arrastam toda a assembléia e contaminam o seu culto. Deveria examinar-se rigorosamente este mal e haver cuidadosa vigilância contra ele. Precisamos de andar com maior vigilância para que a nossa consciência possa estar sempre na luz. E quando falhamos, como, infelizmente, acontece em tantas coisas, devemos tratar com Deus sobre a nossa falta em oculto, para que a nossa verdadeira adoração e a posição da assembléia possam ser mantidas sempre plenamente com clareza diante da alma.

(¹) Entre a oferta por "um príncipe" e a oferta por "qualquer outra pessoa" há esta diferença: na primeira era um "macho sem mancha"; na última "uma fêmea sem mancha". O pecado de um príncipe exercia necessariamente maior influência do que o de uma pessoa comum; e, portanto, era necessária uma aplicação mais poderosa do valor do sangue. Em capítulo 5:13 encontramos casos que requerem uma aplicação ainda mais inferior à da oferta de expiação pelo pecado — casos de juramento e de contato com formas de impureza, em que "a décima parte de um efa de flor de farinha" era admitido como oferta de expiação pelo pecado (Veja-se capítulo 5:11-13). Que contraste entre o aspecto de expiação apresentado por um bode de um príncipe e a mão-cheia de flor de farinha de um pobre homem! E, todavia, no último, tão certo como no primeiro, lemos, "e ser-lhe-á perdoado".

O leitor há de notar que o capítulo 5:1-13 forma uma parte do capítulo 4. Ambos estão compreendidos sob o mesmo título, e apresentam a doutrina da oferta de expiação do pecado, em todas as suas aplicações, desde um bode a uma mão-cheia de flor de farinha. Cada classe de oferta é anunciada pelas palavras. "Falou mais o SENHOR a Moisés". Assim, por exemplo, com as ofertas de "cheiro suave" (Capítulos 1-3) são introduzidas pelas palavras: "E chamou o SENHOR a Moisés". Estas palavras não são repetidas até ao capítulo 4:1, onde introduzem o sacrifício de expiação do pecado. Ocorrem outra vez no capítulo 5:14, onde é introduzida a Oferta de transgressão por pecados cometidos "nas coisas sagradas do SENHOR"; e outra vez em capítulo 6:1, onde introduzem a oferta de transgressão por pecados cometidos contra o Senhor no tocante ao seu próximo.

É uma classificação bela e simples, e pode auxiliar o leitor a compreender as diversas classes de ofertas. Quanto às diversas categorias em cada classe, "um bode", "um carneiro", "uma fêmea", "uma pomba", "uma mão-cheia de flor de farinha", parece serem outras tantas aplicações diversas da mesma grande verdade.

O Pecado por Erro (ou Ignorância)

Havendo assim dito o bastante quanto às três categorias de sacrifício pelo pecado, vamos proceder ao exame, pormenorizado dos princípios desenvolvidos na primeira classe. Fazendo-o, poderemos formar, até certo ponto, uma idéia exata dos princípios de todos. Desejo contudo, ao entrar na comparação imediata atrás referida, chamar a atenção do leitor para um ponto notável que é revelado no segundo verso deste capítulo. "Quando uma alma pecar por *erro*". Isto apresenta uma verdade de profunda bem-aventurança, em relação com a expiação do Senhor Jesus Cristo. Ao contemplarmos essa expiação, vemos infinitamente mais do que a simples satisfação das exigências da consciência, ainda que essa consciência tivesse atingido o ponto mais alto de polida sensibilidade. Temos o privilégio de ver nela o que satisfaz plenamente todas as exigências da santidade divina, a justiça divina e a majestade divina.

A santidade da habitação de Deus e o fundamento da Sua união com o Seu povo nunca poderiam ser regulamentadas pelo padrão da consciência do homem, por muito elevado que esse padrão pudesse ser. Há muitas coisas que a consciência do homem omitiria — muitas coisas que poderiam escapar à percepção do homem —, muitas coisas que o seu coração poderia considerar lícitas, mas que Deus não podia tolerar; e que, como conseqüência, haviam de interferir com a aproximação do homem de Deus e impedi-lo de render adoração e prejudicar as suas relações. Pelo que, se a expiação de Cristo fizesse apenas provisão para os pecados que estão ao alcance da compreensão do homem, nós estaríamos muito aquém do verdadeiro fundamento da paz. Precisamos de compreender que o pecado foi expiado segundo a avaliação que Deus fez dele — que as exigências do Seu trono foram perfeitamente cumpridas —, o pecado, tal qual é visto à luz da Sua inflexível santidade, foi divinamente julgado. É isto que dá paz segura à alma. Fez-se perfeita expiação tanto pelos pecados de ignorância do crente como pelos seus pecados conhecidos. O sacrifício de Cristo é o fundamento das suas relações e comunhão com Deus, segundo a apreciação divina das suas exigências.

Um conhecimento claro deste fato é de incalculável valor. A não ser que se lance mão deste aspecto da expiação, não pode haver paz firme, nem poderá haver compreensão moral da extensão e plenitude da obra de Cristo ou da verdadeira natureza do parentesco baseado nela. Deus sabia o que era necessário para que o homem pudesse estar na Sua presença sem o mais simples temor; e fez para isso ampla provisão na cruz. A comunhão entre Deus e o homem era inteiramente impossível se o pecado não tivesse sido liquidado segundo os pensamentos de Deus sobre ele;

porque, embora a consciência do homem estivesse satisfeita, a pergunta levantar-se-ia sempre, Deus ficou satisfeito? Se esta pergunta não pudesse ser respondida afirmativamente, a comunhão nunca poderia subsistir (¹). O pensamento de que nos pormenores da vida se manifestavam coisas que a santidade divina não podia tolerar intrometer-se-ia continuamente com o coração. Decerto, podíamos fazer essas coisas "por ignorância"; porém isto não podia alterar o assunto perante Deus, visto que tudo é do Seu conhecimento. Por isso, haveria constante receio, dúvida e temor. Todas estas coisas são divinamente atendidas pelo fato de que o pecado foi expiado, não segundo a nossa "ignorância", mas conforme o conhecimento de Deus. Esta certeza dá grande descanso ao coração e à consciência. Todas as exigências de Deus foram satisfeitas pela Sua própria obra. Ele Próprio fez a provisão; e, portanto, quanto mais requintada se torna a consciência do crente, sob a ação combinada da Palavra e do Espírito de Deus — quanto mais ele cresce no conhecimento divinamente adaptado a que tudo moralmente convém ao santuário —, tanto mais sensível ele se torna a tudo que é incompatível com a presença divina, e mais vigorosa, clara e profunda será a sua compreensão do valor infinito daquele sacrifício pelo pecado que não só ultrapassa os limites da consciência humana, mas satisfaz também, em perfeição absoluta, todas as exigências da santidade divina.

⁽¹⁾ *Desejo lembrar que o ponto saliente no texto é simplesmente expiação. O leitor cristão sabe muito bem, sem dúvida, que a posse da "natureza divina" é essencial à comunhão com Deus. Eu preciso não só de um direito para me acercar de Deus, mas de um natureza para gozar d'Ele. A alma que "crê no Filho unigênito de Deus" tem tanto um como outro (veja-se Jo 1:12-13; 3:36; 5:24; 20:31; 1 Jo 5:11-13).*

A Exigência da Santidade Divina ante a Ignorância do Crente

Nada pode demonstrar claramente a incapacidade do homem para tratar do pecado como o fato de existir aquilo que é descrito como "pecado de ignorância". Como poderia ele tratar daquilo que não conheceu? Como poderia ele dispor daquilo que nunca entrou nos limites da sua consciência? Era impossível. A ignorância em que o homem está acerca do pecado é prova da sua absoluta incapacidade para o tirar. Se não o conhece, que pode fazer acerca dele? Nada. É tão impotente como ignorante. Nem isto é tudo. O fato de haver "pecado de ignorância" demonstra claramente a incerteza que deve acompanhar toda a solução da questão do pecado, a qual não pode aplicar-se a noções mais elevadas do que aquelas que podem resultar da consciência

humana mais delicada. Nunca poderá haver paz duradoura sobre este fundamento. Existirá sempre a compreensão dolorosa de que há qualquer coisa que está mal.

Se o coração não é conduzido a um estado de repouso permanente pelo testemunho da Escritura de que os direitos inflexíveis da justiça divina foram satisfeitos, haverá, necessariamente, uma sensação de mal-estar, e uma tal sensação representa um obstáculo à nossa adoração, à nossa comunhão e ao nosso testemunho. Se eu me sentir inquieto a respeito da solução da questão do pecado, não posso adorar; não posso gozar de comunhão com Deus nem com o Seu povo; nem tão-pouco posso ser uma testemunha inteligente ou apta de Cristo. O coração tem de estar tranqüilo, perante Deus, quanto à perfeita remissão do pecado, antes de podermos "adorar em espírito e verdade". Se houver culpa sobre a consciência, deve haver terror no coração; e, seguramente, um coração cheio de terror não pode ser um coração feliz e adorador. É somente de um coração cheio desse doce e santo repouso que proporcionou o sangue de Cristo que pode subir adoração verdadeira e aceitável ao Pai.

O mesmo princípio é verdadeiro a respeito da nossa comunhão com o povo de Deus, e o nosso serviço e testemunho entre os homens. Tudo deve descansar sobre o fundamento de paz estabelecida; e esta paz descansa sobre o fundamento de uma consciência perfeitamente purificada; e esta consciência purificada descansa sobre o fundamento da perfeita remissão de todos os nossos pecados, quer sejam pecados do nosso conhecimento ou pecados de ignorância.

Comparação do Holocausto com o Sacrifício pelo Pecado

Vamos prosseguir agora com a comparação entre o sacrifício pelo pecado e o holocausto, em cujo confronto encontraremos dois aspectos de Cristo muito diferentes. Porém, embora os aspectos sejam diferentes, é um só e o mesmo Cristo; e, por isso, em ambos os casos, o sacrifício era "sem mancha". Isto é fácil de compreender. Não importa sob que aspecto contemplarmos o Senhor Jesus Cristo, Ele é sempre o mesmo Ser perfeito, imaculado e santo. É verdade que, em Sua abundante graça, teve de curvar-Se para tomar sobre Si o pecado do Seu povo; mas foi como um Cristo perfeito, puro, que o fez; e seria nada menos do que perversidade diabólica alguém valer-se da profundidade da Sua humilhação para manchar a glória pessoal d'Aquele que assim se humilhou. A excelência intrínseca, a pureza inalterável e a glória divina do nosso bendito

Senhor aparecem no sacrifício pelo pecado tão claramente como no holocausto. Seja em que relação for que Ele se apresente,

em qualquer ocupação ou obra que execute, ou posição que ocupe, a Sua glória pessoal brilha em todo o esplendor divino.

Esta verdade de um só e mesmo Cristo, quer seja no Holocausto ou no sacrifício pelo pecado vê-se não apenas no fato que, em ambos os casos, a oferta era "sem mancha", como também na "lei da expiação do pecado", na qual lemos: "Esta é a lei da expiação do pecado no lugar onde se degola o holocausto, se degolará a oferta pela expiação do pecado perante o SENHOR; coisa santíssima é" (Lv 6:25). Os dois tipos indicam um e mesmo grande Antítipo, embora o apresentem sob aspectos diferentes da Sua obra. No holocausto vemos Cristo correspondendo aos afetos divinos; na expiação do pecado vêmo-Lo satisfazendo as profundidades da necessidade humana. Aquele apresenta-O como Aquele que cumpre a vontade de Deus; este como Aquele que levou o pecado do homem. No primeiro aprendemos qual é o elevado preço do sacrifício; no último o que é a aversão do pecado. Isto basta quanto às duas ofertas, em geral. Um exame minucioso dos pormenores não fará mais que confirmar a mente na verdade desta asserção.

Quando consideramos, em primeiro lugar, o holocausto, notamos que era uma oferta voluntária. "... a oferecerá de sua própria vontade perante o SENHOR" ('). Ora, o vocábulo "própria" não é mencionado na expiação pelo pecado. E precisamente o que poderíamos esperar. A omissão está de perfeito acordo com o alvo específico do Espírito Santo no holocausto, que é apresentá-lo como uma oferta voluntária. Era a comida e bebida de Cristo fazer a vontade de Deus, qualquer que pudesse ser essa vontade. Nunca pensou em inquirir quais eram os ingredientes do cálice que Seu Pai ia pôr em Suas mãos. Bastava-Lhe saber que o Pai o havia preparado. Assim acontecia com o Senhor Jesus simbolizado no holocausto.

⁽¹⁾ Alguns podem encontrar dificuldade no fato de a palavra "própria" se referir ao adorador e não ao sacrifício; mas isto não pode de modo algum afetar a doutrina exposta no texto, que é fundada no fato de que uma palavra empregada no holocausto é omitida na oferta de expiação pelo pecado. O contraste subsiste, quer pensemos no ofertante ou na oferta.

Porém, na oferta de expiação do pecado temos uma linha de verdade completamente diferente. Este símbolo apresenta Cristo aos nossos pensamentos, não como Aquele que realiza *voluntariamente* a vontade de Deus, mas como Aquele que levou sobre Si essa coisa terrível chamada "pecado", e o Sofredor de todas as suas conseqüências aterradoras, das quais a mais aterradora, para Si, consistiu em que Deus ocultasse d'Ele o Seu rosto. Por isso, a palavra "própria" não estaria de acordo com o

objetivo do Espírito na oferta de expiação pelo pecado. Esta expressão estaria tão deslocada neste símbolo como está divinamente em seu lugar no holocausto. O seu emprego e a sua omissão são igualmente divinos; e mostram tanto uma como a outra a precisão perfeita e divina dos tipos de Levítico.

Ora, o ponto de contraste que temos estado a considerar explica, ou, antes, harmoniza duas expressões empregadas por nosso Senhor. Em uma ocasião diz: "... não beberei eu o cálice que o Pai me deu?" E, todavia, diz também: "Meu Pai, se é possível passe de mim este cálice."

A primeira destas expressões era o perfeito cumprimento das palavras com que havia começado a Sua carreira, a saber: "Eis aqui venho para fazer, ó Deus, a tua vontade"; e é, além disso, a elocução de Cristo como o holocausto. A última, por outro lado, é a exclamação de Cristo quando contemplava o lugar que estava prestar a ocupar como sacrificio pelo pecado. O que esse lugar era e o que estava envolvido n'ele, tomando-o, é o que veremos no prosseguimento do nosso estudo; é contudo interessante e instrutivo encontrar toda a doutrina dos dois sacrificios encerrada, com efeito, no fato de uma simples palavra ser introduzida num e omitida no outro. Se encontramos no holocausto a prontidão com que Cristo Se ofereceu a Si mesmo para o cumprimento da vontade de Deus, na expiação do pecado vemos com que profunda abnegação tomou todas as conseqüências do pecado do homem e como chegou à distância longínqua da posição do homem no que se referia a Deus. Deleitava-se em fazer a vontade de Deus; estremecia ante a idéia de perder, por um momento, a luz do Seu bendito rosto.

Nenhum sacrificio podia tê-lo simbolizado debaixo destes dois aspectos. Precisávamos de uma figura que no-Lo apresentasse como Aquele que se comprazia em fazer a vontade de Deus; e necessitávamos de uma figura que no-Lo mostrasse como Aquele cuja natureza santa retrocedia ante as conseqüências do pecado imputado. Bendito seja Deus, temos tanto uma como a outra. O holocausto mostra-nos uma, a oferta de expiação dá-nos a outra. Pelo que quanto mais aprofundamos o afeto do coração de Cristo a Deus, mais compreendemos o Seu horror ao pecado; e *vice-versa*. Cada um destes símbolos põe em relevo o outro; e o emprego da palavra "própria" em um e não no outro fixa a importância especial de cada um.

Mas, pode perguntar-se, não era da vontade de Deus que Cristo Se oferecesse em sacrificio de expiação pelo pecado? E, se assim é, como podia hesitar em cumprir essa vontade? Seguramente o conselho de Deus tinha determinado que Cristo sofresse. Além disso era o prazer de Cristo fazer a vontade de

Deus. Porém, como devemos compreender a expressão, "Se é possível passe de mim este cálice"? Não é a exclamação de Cristo¹² E não existe nela um símbolo especial d'Aquele que a proferiu? Certamente. Haveria uma lacuna grave entre os símbolos da economia Moisaica se não houvesse um para refletir o Senhor Jesus na atitude exata em que esta expressão O apresenta.

Contudo, o holocausto não O apresenta assim. Não há uma só circunstância em relação com essa oferta que corresponda a uma tal linguagem. Só a oferta de expiação do pecado oferece a figura apropriada ao Senhor Jesus como Aquele que exalou esses acentos de intensa agonia, porque só nela encontramos as circunstâncias que evocaram tais acentos das profundezas da Sua alma imaculada.

A sombra terrível da cruz, com a sua ignomínia, a sua maldição e a sua exclusão da luz da face de Deus, passava pelo Seu espírito e Ele não podia sequer contemplá-la sem exclamar: "Se é possível passe de mim este cálice". Porém, apenas havia pronunciado estas palavras, quando a Sua profunda submissão se mostra nestas palavras: "faça-se a tua vontade". Que "cálice" amargoso deve ter sido para arrancar de um coração perfeitamente submisso as palavras "passe de mim"! Que perfeita submissão deve ter havido para, em presença do cálice amargoso, o coração ter exclamado "faça-se a tua vontade"!

A Imposição das Mãos: Identificação com a Vítima

Vamos considerar agora o ato típico da imposição das mãos. Este ato era comum tanto ao holocausto como à oferta de expiação do pecado; porém, no caso do primeiro identificava o oferente com a oferta sem mancha; no caso do segundo implicava a transferência do pecado do ofertante para a cabeça da oferenda. Era assim no tipo; e, quando consideramos o Antítipo, aprendemos uma lição da natureza mais consoladora e edificante — uma verdade que, se fosse mais bem compreendida e plenamente realizada, proporcionaria uma paz muito mais constante do que aquela que geralmente se goza.

Qual é, pois, a doutrina exposta no ato da imposição das mãos? É esta: Cristo foi feito pecado por nós para que nós fôssemos feitos justiça de Deus (2 Co 5:21). Ele tomou a nossa posição com todas as suas conseqüências para que nós pudéssemos ter a Sua com todas as suas conseqüências. Foi tratado como pecado sobre a cruz para que nós pudéssemos ser tratados como justiça na presença da santidade infinita. Foi retirado da presença de Deus porque tinha pecado sobre Si, por imputação, para que nós pudéssemos ser recebidos na casa de Deus e em Seu seio, porque, por imputação, temos uma perfeita

justiça. Teve de suportar a invisibilidade do semblante de Deus para que nós pudéssemos gozar da luz desse semblante. Teve de passar três horas de trevas para que nós pudéssemos andar na luz eterna. Foi desamparado por Deus por um tempo, para que nós pudéssemos gozar a Sua presença para sempre. Tudo que nos era imposto, como pecadores arruinados, foi posto sobre Si para que tudo que Lhe era devido, como Realizador da redenção, pudesse ser nosso. Tudo foi contra Si quando foi pendurado no madeiro de maldição para que nada pudesse haver contra nós. Identificou-se conosco, na realidade da morte e do juízo, para que nós pudéssemos ser identificados consigo, na realidade da vida e justiça. Bebeu o cálice da ira — o cálice do terror— para que nós pudéssemos beber o cálice da salvação — o cálice do favor infinito. Foi tratado conforme os nossos méritos para que nós pudéssemos ser tratados segundo os Seus.

Tal é a maravilhosa verdade ilustrada pelo ato cerimonial da imposição das mãos. Depois de o adorador ter posto a sua mão sobre a cabeça do holocausto, já não se tratava da questão do que ele era ou do que merecia e tornava-se inteiramente uma questão do que a oferta era segundo o juízo do Senhor. Se a oferta era sem mancha, o oferente era-o também; se a oferta era aceite também o era o oferente. Estavam perfeitamente identificados. O ato de impor as mãos constituía-os em um aos olhos de Deus. Ele via o oferente por meio da oferta. Era assim no caso do holocausto.

Mas na oferta de expiação do pecado, quando o oferente tinha posto a sua mão sobre a cabeça da oferta, tornava-se uma questão de saber o que o oferente era e o que ele merecia. A oferta era tratada segundo os méritos do ofertante. Eram perfeitamente identificados. O ato de impor as mãos constituía-os em um, no parecer de Deus. O pecado do ofertante era tratado na oferta de expiação do pecado; a pessoa do oferente era aceite no holocausto. Isto fazia uma grande diferença. Por isso, embora o ato de impor as mãos fosse comum às duas figuras, e, além disso, fosse expressivo, em ambos os casos de identificação, todavia as conseqüências eram tão diferentes quanto o podiam ser. O justo tratado como injusto; o injusto aceito no justo."... Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus" (1 Pe 3:18). Esta é a doutrina.

Os nossos pecados levaram Cristo à cruz; mas Ele leva-nos a Deus. E se Ele nos leva a Deus é por Sua própria aceitabilidade como ressuscitado de entre os mortos, havendo tirado os nossos pecados, segundo a perfeição da Sua obra. Ele levou os nossos pecados para longe do santuário de Deus a fim de nos poder trazer perto, até mesmo ao lugar santíssimo, em inteira confiança de coração, tendo a consciência purificada de toda a mancha de

pecado pelo Seu precioso sangue.

Bem, quanto mais compararmos todos os pormenores do holocausto e da oferta de expiação do pecado, tanto mais claramente compreenderemos a verdade do que tem sido acentuado a respeito do ato de impor as mãos e dos seus resultados, em ambos os casos.

No capítulo primeiro deste volume notamos o fato que "os filhos de Arão" são introduzidos no holocausto, mas não na oferta de expiação do pecado. Como sacerdotes tinham o privilégio de permanecer em redor do altar e de contemplar a chama de um sacrificio aceitável subindo para o Senhor. Porém na oferta de expiação do pecado, em seu aspecto primário, tratava-se de uma questão de julgamento solene do pecado, e não de adoração ou admiração sacerdotal; e, portanto, os filhos de Arão não aparecem. É como pecadores convictos que temos de tratar em relação a Cristo como o Antítipo da oferta de expiação do pecado. É como sacerdotes em adoração, vestidos com as vestes da salvação, que contemplamos Cristo como o Antítipo do holocausto.

Demais, o leitor poderá notar que o holocausto era "esfolado", enquanto que a oferta de expiação do pecado não o era. O holocausto era "partido em pedaços", mas a oferta de expiação do pecado não o era. A "fressura e as pernas" no holocausto eram "lavadas com água", cujo ato era inteiramente omitido na oferta de expiação do pecado. Finalmente, o holocausto era queimado, em cima do altar; a oferta de expiação do pecado era queimada fora do arraial.

São pontos de grande diferença provenientes do caráter distinto das oferendas. Sabemos que não há nada na Palavra de Deus sem o seu significado específico; e todo o estudioso inteligente e atento das Escrituras notará estes pontos de diferença; e, notando-os, procurará, naturalmente, determinara sua verdadeira importância. Pode haver *ignorância* do seu valor; não deveria haver *indiferença*, a seu respeito. Em qualquer parte das páginas inspiradas, sobretudo uma tão rica como aquela que temos perante nós, omitir um simples ponto seria desonrar o Autor Divino e privar as nossas próprias almas de muito proveito. Deveríamos-nos debruçar sobre o mais simples pormenor, já para louvar a Deus pela sabedoria nelas revelada, por Ele, já para confessar a nossa própria ignorância deles. Desprezá-los, com espírito de indiferença, é supor que o Espírito Santo tomou o incômodo de escrever coisas que não julgamos dignas de intentar compreender. Nenhum cristão reto deveria supor tal coisa. Se o Espírito, escrevendo sobre a ordenação da oferta de expiação do pecado, omitiu os diversos ritos a que nos referimos — ritos que ocupam um lugar proeminente na ordenação do holocausto —

deve haver seguramente alguma razão para isso e qualquer propósito importante em o fazer. Devemos procurar compreender estes pontos; e, sem dúvida, eles resultam do propósito especial da mente divina em cada oferta. A oferta de expiação do pecado mostra aquele aspecto da obra de Cristo em que O vemos tomando judicialmente o lugar que nos pertencia moralmente. Por esta razão não podemos procurar essa expressão intensa daquilo que Ele era em todos os motivos secretos de ação, patenteados no ato simbólico de "esfolar" o holocausto. Tampouco podia existir essa ampla exibição do que Ele era, não apenas como um todo, mas nos mais minuciosos traços do Seu caráter, conforme se vê no ato de partir o holocausto "em pedaços". Nem, ainda, podia haver aquela manifestação do que Ele era pessoal, prática e intrinsecamente, como se mostra no ato significativo de *lavar* a fressura e as pernas do holocausto com água.

Todas estas coisas pertenciam à fase de nosso bendito Senhor no holocausto, e só a essa, porque nela vêmo-Lo oferecendo-Se à vista, ao coração, e ao altar de Jeová, sem imputação de pecado, de ira ou de juízo. Na oferta de expiação do pecado, pelo contrário, em vez da idéia proeminente daquilo que Cristo é, temos o que é o pecado. Em vez do alto apreço de Jesus, encontramos o ódio do pecado. No holocausto, visto que é Cristo oferecendo-se a Si mesmo a Deus e sendo aceito por Ele, vemos que se faz tudo para mostrar o que Ele era em todos os aspectos. Na oferta de expiação do pecado, visto tratar-se do pecado julgado por Deus, dá-se um caso precisamente oposto. Tudo isto é tão claro que não exige esforço da mente para o compreender. Deriva naturalmente do caráter distinto do símbolo.

A Gordura da Vítima:

Imagem da Excelência de Cristo em sua Morte pelo Pecado

Contudo, embora o objetivo principal na oferta de expiação do pecado seja mostrar o que Cristo se fez por nós, e não o que Ele era em Si mesmo, há um rito em relação a este símbolo que revela claramente a Sua aceitabilidade pessoal por Jeová. Este rito é estabelecido nas seguintes palavras: "E toda a gordura do novilho da expiação tirará dele: a gordura que cobre a fressura, e toda a gordura que está sobre a fressura, e os dois rins, e a gordura que está sobre eles, que está sobre as tripas, e o redenho de sobre o fígado, com os rins, tirará, como se tira do boi do sacrificio pacífico; e o sacerdote a queimará sobre o altar do holocausto" (versículos 8-10). Assim, a excelência intrínseca de Cristo não é omitida, nem mesmo na oferta de expiação do pecado. A gordura queimada sobre o altar é a expressão adequada da apreciação divina do valor da pessoa de Cristo, qualquer que fosse o lugar

que, em perfeita graça, tomasse, em nosso favor ou em nosso lugar; foi feito pecado por nós, e a oferta de expiação é a sombra que O apresenta sobre este aspecto. Porém, visto que era o Senhor Jesus Cristo, o eleito de Deus, o Santo, o Seu Filho puro, imaculado e eterno que foi feito pecado, a gordura da oferta de expiação era portanto queimada sobre o altar, como material próprio para o fogo que era a exibição da santidade divina.

Mas até mesmo neste ponto vemos o contraste entre a oferta de expiação e o holocausto. No caso do último, não era apenas a gordura, mas toda a oferta que era queimada sobre o altar, porque representava Cristo sem relação alguma com o pecado. No caso da primeira, não havia nada a queimar sobre o altar senão a gordura, porque se tratava de uma questão de levar o pecado, embora Cristo fosse o portador. A glória divina da pessoa de Cristo brilha até mesmo por entre as trevas espessas desse madeiro de maldição a que consentiu que O pregassem como maldição por nós. A aversão daquilo com que, no exercício do amor divino, Ele ligou a Sua bendita pessoa, na cruz, não podia evitar que o cheiro suave do Seu valor subisse até ao trono de Deus.

Vemos assim a revelação do profundo mistério da face de Deus se ter ocultado daquilo que Cristo se fez, e o modo como o coração de Deus se deleitou no que Cristo era. É isto que dá um encanto peculiar à oferta de expiação. Os raios brilhantes da glória pessoal de Cristo replandecendo por entre a terrível escuridão do Calvário, o Seu valor pessoal destacando-se nas próprias profundidades da Sua humilhação, o deleite de Deus n'Aquele de quem havia ocultado a Sua face, em justificação da Sua justiça inflexível, tudo isto é mostrado no fato de a gordura da oferta de expiação do pecado ser queimada sobre o altar.

O Corpo da Vítima é Queimado fora do Arraial

Havendo assim procurado indicar, em primeiro lugar, o que se fazia com "o sangue", e, em segundo lugar, o que se fazia da "gordura", temos agora de considerar o que se fazia da "carne". "Mas o couro do novilho e *toda a sua carne...*, *todo aquele novilho*, levará fora do arraial a um lugar limpo, onde se lança a cinza e o queimar-se-á com fogo sobre a lenha; onde se lança a cinza se queimar-se-á" (versículos 11,12). Neste fato temos a principal fase da oferta de expiação — aquela que a distingue tanto do holocausto como do sacrifício pacífico. A sua carne não era queimada sobre o altar, como no holocausto; nem tampouco era comida pelo sacerdote ou o adorador, como no sacrifício pacífico. Era queimada inteiramente fora do arraial ⁽¹⁾. "Porém nenhuma oferta pela expiação de pecado, cujo sangue se traz à tenda da congregação, para expiar no santuário, se comerá; no fogo será

queimada" (Lv 6:30). "E, por isso, também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta"(Hb13:12).

Uma Aplicação Prática para o Culto

Comparando o que se fazia do "sangue" com o que se fazia da "carne" ou do corpo do sacrifício, duas ordens de verdade se apresentam aos nossos olhos, isto é, o culto e o discipulado. O sangue que era levado ao santuário é o fundamento da primeira. O corpo queimado fora do arraial é a base da segunda. Antes que possamos adorar, em paz de consciência e tranqüilidade de coração, temos de saber, com base na autoridade da Palavra e pelo poder do Espírito, que a questão do pecado foi inteiramente resolvida para sempre pelo sangue da oferta divina de expiação que o Seu sangue foi espargido com perfeição perante o Senhor — que todas as exigências de Deus e todas as nossas necessidades, como pecadores culpados e arruinados, foram satisfeitas para sempre. Este conhecimento dá perfeita paz; e, no gozo desta paz, adoramos a Deus. Quando um Israelita da antigüidade havia oferecido a sua oferta de expiação, a sua consciência ficava em paz, tanto quanto esse sacrifício era capaz de dar paz. E verdade que era uma paz temporária, sendo o fruto de um sacrifício temporário. Porém, é claro que qualquer que fosse o gênero de paz que o sacrifício podia proporcionar, o oferente podia desfrutá-la.

¹⁾ O texto diz respeito unicamente à expiação de pecados em que o sangue era trazido para dentro do santuário. Havia ofertas pelo pecado das quais Arão e seus filhos participavam (veja-se Lv 6:26, 29; Nm 18:9-10).

Portanto, sendo o nosso sacrifício divino e eterno, a nossa paz é também divina e eterna. Assim como é o sacrifício tal é o descanso baseado nele. Um judeu nunca poderia ter uma consciência eternamente purificada, simplesmente porque não tinha um sacrifício eternamente eficaz. Podia, de certo modo, ter a sua consciência purificada por um dia, um mês ou um ano; mas não podia tê-la purificada para sempre. "Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção. Porque se o sangue dos touros e bodes e a cinza de uma novilha, esparzida sobre os imundos, os santificam, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?"(Hb9:11-14).

Temos aqui a exposição plena e explícita da doutrina. O sangue de bodes e bezerras proporcionava uma redenção temporária; o sangue de Cristo proporciona eterna redenção. A primeira purificava a carne exteriormente; a última purificava intimamente. Aquela purificava a carne por algum tempo; esta purificava a consciência para sempre. A questão anda toda à roda, não do caráter ou condição do ofertante, mas, do valor do sacrifício. A questão não é, de modo algum, se um cristão é melhor do que um judeu, mas se o sangue de Cristo é melhor do que o sangue de um novilho. Seguramente, é melhor. Melhor, até que ponto?? Infinitamente melhor. O Filho de Deus comunica toda a dignidade da Sua pessoa divina ao sacrifício que ofereceu; e, se o sangue de um novilho purificava a carne por um ano, "quanto mais o sangue" do Filho de Deus purificará a consciência para sempre"? Se aquele *tirava algum* pecado, quanto mais este *tirá* o pecado¹?

Bem, por que razão sentia a alma de um judeu descanso, por algum tempo, depois de haver oferecido o seu sacrifício? Como sabia ele que o pecado especial pelo qual havia trazido o seu sacrifício estava perdoado¹? Porque Deus havia dito "E ser-lhe-á perdoado". A sua paz de coração, a respeito desse pecado particular, repousava sobre o testemunho do Deus de Israel e o sangue da vítima. Assim agora a paz do crente a respeito de "TODO O PECADO" baseia-se sobre a autoridade da Palavra de Deus e "o precioso sangue de Cristo". Se um judeu havia pecado, e descuidava fazer a sua oferta de expiação tinha de ser "cortado de entre o seu povo"; porém quando tomava o seu lugar como pecador—quando punha as suas mãos sobre a cabeça da oferta de expiação, então a oferta era "cortada em pedaços" em vez dele, e ele era livre. A oferta era tratada como merecia o oferente; e, por isso, não saber que o seu pecado era perdoado, seria fazer de Deus mentiroso e tratar o sangue da oferta de expiação divinamente indicada como nula.

E se isto era verdadeiro quanto àquele que só podia descansar sobre o sangue de um bode, "quanto mais" se aplica àquele que tem o precioso sangue de Cristo para descansar. O crente vê em Cristo Aquele que foi julgado por todo o seu pecado—Aquele que, quando foi pendurado na cruz, suportou todo o fardo do seu pecado — Aquele que, havendo-Se tornado responsável por esse pecado, não podia estar onde agora está, se toda a questão do pecado não tivesse sido liquidada segundo todas as exigências da justiça divina. Cristo tomou de tal forma o lugar do crente na cruz — de tal maneira o crente se identificou com Ele — de tal forma Lhe foi imputado todo o pecado do crente, ali e então, que toda a questão da culpabilidade do crente — todo o pensamento

da sua culpa —, toda a idéia de exposição à ira ou ao juízo está eternamente posta de parte ('). Tudo foi resolvido na cruz entre a Justiça Divina e a Vítima Imaculada. E agora o crente está tão intimamente identificado com Cristo no trono, como Cristo Se identificou com ele na cruz.

A justiça não tem nenhuma acusação a fazer ao crente, porque não tem acusação alguma a fazer contra Cristo. A questão está assim liquidada, para sempre. Se pudesse apresentar-se uma acusação contra o crente, seria pôr em dúvida a realidade da identificação de Cristo com ele na cruz e a perfeição da obra de Cristo a seu favor. Se quando o adorador da antigüidade regressava a sua casa, depois de haver oferecido a sua expiação, alguém o tivesse acusado do mesmo pecado pelo qual havia sido derramado o sangue da vítima do seu sacrifício, qual teria sido a sua resposta? Só poderia ser esta:

Cristo: O Antítipo

O pecado foi removido pelo sangue da vítima, e Jeová disse estas palavras: "Ser-lhe-á perdoado". A vítima havia morrido em lugar dele; e ele vivia em lugar da vítima.

Tal era o tipo. E, quanto ao antítipo, quando o olhar da fé descansa sobre Cristo como o sacrifício de expiação, vê-O como Aquele que, havendo tomado uma perfeita vida humana, deu essa vida na cruz, porque o pecado foi ali e então ligado por imputação com ela. Mas vê-O também como Aquele que, tendo em Si mesmo o poder da vida divina e eterna, saiu por meio dele do sepulcro e agora comunica esta Sua vida de ressurreição—divina e eterna — a todos os que crêem no Seu nome. O pecado desapareceu, porque a vida a que foi ligado desapareceu. E agora em lugar da vida a que fora ligado o pecado, todos os verdadeiros crentes possuem a vida a que está unida a Justiça.

(¹) Temos um exemplo notavelmente belo na precisão divina das Escrituras em 2 Coríntios 5:21: "Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós para que nele fôssemos feitos justiça de Deus". O significado do vocábulo "fez" não é, como poderia supor-se, o mesmo em ambas as cláusulas desta passagem.

A questão do pecado nunca poderá ser levantada quanto à vida ressuscitada e vitoriosa de Cristo; mas é esta a vida que os crentes possuem. Não há outra vida. Tudo fora dela é morte, porque fora dela tudo está sob o poder do pecado. "Aquele que tem o Filho tem a vida"; e aquele que tem a vida tem a justiça também. As duas coisas são inseparáveis, porque Cristo é tanto uma como a outra. Se o juízo e morte de Cristo, na cruz, foram realidades,

então a vida e a justiça do crente são realidades. Se a imputação do pecado foi uma realidade para Cristo, a imputação da justiça ao crente é uma realidade. São tão reais uma como a outra, porque se não fosse assim Cristo teria morrido em vão. O verdadeiro e incontestável fundamento de paz é este: que as exigências da natureza de Deus, quanto ao pecado, foram perfeitamente satisfeitas. A morte de Jesus satisfê-las todas e satisfê-las para sempre. Qual é a prova disto para a consciência despertada"?- O grande fato da ressurreição. Um Cristo ressuscitado proclama plena libertação do crente —a sua perfeita absolvição de toda a demanda possível. "O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação" (Rm 4:25). Para um crente não saber que o seu pecado foi tirado, e tirado para sempre, é fazer pouco caso do sangue da sua divina oferta de expiação. É negar que se fez perfeita apresentação— a aspersão do sangue sete vezes perante o Senhor.

A nossa Posição é Resultado da Obra na Cruz

E agora, antes de deixar este ponto fundamental que nos tem ocupado, desejo fazer um apelo sincero e solene ao coração e à consciência do leitor. Permita que lhe pergunte, prezado amigo, haveis sido induzido a descansar sobre este santo e feliz fundamentou Sabeis que a questão do vosso pecado foi para sempre arrumada"? Haveis posto, mediante a fé, a vossa mão sobre a cabeça da vítima do sacrifício de expiação¹? Haveis visto o sangue expiatório de Jesus tirar toda a vossa culpa e arrojá-la às águas do esquecimento de Deus?

A justiça Divina tem ainda alguma coisa contra vós? Estais livre do pavor inexprimível de uma consciência culpada ? Não vos entregueis ao repouso, rogo-vos, antes de poderdes dar uma resposta feliz a estas interrogações. Ficai certo de que é privilégio ditoso até do mais fraco crente em Cristo regozijar-se na plena e eterna remissão dos seus pecados, com base numa expiação efetuada. Por isso, se alguém ensina outra coisa, rebaixa o sacrifício de Cristo ao nível de "bodes e bezerros". Se não podemos saber que os nossos pecados estão perdoados, então onde estão as boas novas do evangelho? Um cristão não está em melhores circunstâncias, quanto ao sacrifício de expiação, do que um judeu? Este tinha o privilégio de saber que os seus interesses estavam assegurados por um ano por meio do sangue de um sacrifício anual. Aquele não pode ter nenhuma certeza? Decerto que pode. Pois bem, se há alguma certeza tem de ser eterna, visto que descansa sobre um sacrifício eterno.

Isto e isto somente é o fundamento de adoração. A segurança perfeita do perdão do pecado produz não um espírito de

confiança própria, mas um espírito de louvor, gratidão e adoração. Produz, não um espírito de complacência própria, mas de gratidão pela complacência de Cristo, que, bendito seja Deus, é o espírito que há - de caracterizar os remidos por toda a eternidade. Não nos induz alguém a fazer pouco caso do pecado, mas a pensar na graça que o perdoou perfeitamente, do sangue que o cancelou inteiramente. É impossível que alguém possa contemplar a cruz — possa ver o lugar que Cristo tomou e meditar nos sofrimentos —, e ponderar sobre essas três horas terríveis de trevas e, ao mesmo tempo, olhar o pecado como coisa sem importância. Quando todas estas coisas são compreendidas, no poder do Espírito Santo, devem seguir-se dois resultados, a saber, horror do pecado, sob todas as suas formas, e amor verdadeiro por Cristo, o Seu povo e a Sua causa.

Saiamos a Ele fora do Arraial

Consideremos agora o que era feito da "carne" ou "corpo" do sacrifício, no qual, como já foi acentuado, encontramos o verdadeiro fundamento de discipulado. "Todo aquele novilho, levará *fora do arraial*, a um lugar limpo, onde se lança a cinza, e o queimar com fogo" (Lv 4:12). Este ato deve ser encarado sob um duplo aspecto: primeiro, como expressão do lugar que o Senhor Jesus tomou por nós, levando o pecado; depois, como expressão do lugar para onde foi lançado por um mundo que O havia rejeitado.

E para este último ponto que pretendo chamar a atenção do leitor.

O uso que o apóstolo faz em Hebreus 13:13 do fato de Cristo haver padecido "fora da porta" é profundamente prático. "Saiamos, pois, *a ele* fora do arraial, *levando o seu vitupério*". Se os sofrimentos de Cristo nos têm assegurado uma entrada no céu, o lugar onde Ele sofreu representa a nossa rejeição pela terra. A sua morte tem-nos proporcionado uma cidade nas alturas; o lugar onde Ele morreu priva-nos de uma cidade aqui (1). Ele "padeceu fora da porta", e, fazendo-o, pôs de lado Jerusalém como centro das operações divinas. Não existe aquilo que poderíamos chamar um lugar consagrado na Terra. Cristo tomou o Seu lugar, como o Sofredor, fora dos limites da religião deste mundo — da sua política e tudo que lhe pertence. O mundo aborreceu-O e lançou-O fora. Portanto, a Escritura diz "Saiamos". Este é o lema quanto a tudo que os homens levantem como "arraial" não obstante o que esse arraial possa ser. Se os homens levantarem uma "cidade santa" devemos procurar um Cristo rejeitado "fora da porta". Se os homens levantarem um arraial religioso, qualquer que seja o nome que se lhe queira dar, "saiamos" dele a fim de encontrarmos o

Cristo rejeitado. Não é que a cega superstição não possa escavar as ruínas de Jerusalém para nelas encontrar as relíquias de Cristo. Certamente que o fará e já o tem feito. Fingirá ter encontrado e honrado o sítio da Sua cruz e do Seu sepulcro. A cobiça da natureza, aproveitando-se da superstição da natureza, também tem levado a efeito durante séculos um tráfico lucrativo, com o astuto pretexto de prestar honra aos chamados lugares sagrados da antigüidade. Porém um simples raio de luz da lâmpada da Revelação celestial é suficiente para nos autorizar a dizer que é preciso *sair* de todas estas coisas a fim de encontrar e gozar comunhão com um Cristo rejeitado.

⁽¹⁾ *A Epístola aos Efésios apresenta um aspecto muito elevado da Igreja nas alturas, não meramente como uma prerrogativa, mas também quanto ao método. O direito é certamente o sangue; mas o método é assim estabelecido: "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo" (Ef 2:4-6).*

Todavia, o leitor precisa recordar que o convite impressionante de "sair" implica muito mais do que o alijamento dos absurdos crassos de uma superstição ignorante ou as intenções de uma astuta cobiça. Há muitos que podem falar poderosa e eloqüentemente em desabono destas coisas, e que estão muito longe, na verdade, de obedecer à notificação apostólica. Quando os homens levantam um "arraial" e se reúnem em redor de um pendão embelezado com qualquer dogma importante de verdade ou alguma instituição valiosa — quando podem recorrer a um credo ortodoxo, a um plano de doutrina avançado e iluminado ou a um esplêndido ritual capaz de satisfazer as mais ardentes aspirações da natureza devocional do homem — quando alguma ou todas estas coisas existem é necessária muita inteligência espiritual para se discernir a força real e própria aplicação da palavra "Saíamos" e muita energia espiritual e decisão para se atuar de conformidade com ela.

Contudo, deve atuar-se de conformidade com ela, porque é absolutamente certo que a atmosfera de um arraial, se ja qual for o seu fundamento ou padrão, é destrutivo da comunhão pessoal com Cristo rejeitado; e nenhuma vantagem da chamada religião poderá jamais substituir a perda dessa comunhão. É propensão dos nossos corações caírem em formas fixadas. Este tem sido sempre o caso com a igreja professa.

Estas formas podem ter sido produzidas por verdadeiro poder. Podem ter resultado de graça positiva do Espírito de Deus. Há a tentação de fixar formas logo que o espírito e poder deixam

de existir. Isto é, em princípio, estabelecer um arraial.

O sistema judeu podia vangloriar-se da sua origem divina. Um judeu podia apontar vitoriosamente para o templo, com o seu sistema esplêndido de culto, o seu sacerdócio, os seus sacrifícios, todo o seu equipamento, e mostrar que tudo havia sido dado pelo

Deus de Israel. Podia citar o capítulo e o verso, como nós diríamos, de tudo que se relacionava com o sistema com que ele estava ligado. Onde está o sistema, antigo, medieval ou moderno, que possa apresentar tão elevadas e poderosas pretensões ou descer até ao coração com tal peso de autoridade? E contudo a ordem era "SAIAMOS".

Este assunto é profundamente solene, e diz-nos respeito a todos, porque somos todos propensos e esquivarmo-nos da comunhão com Cristo para cairmos na rotina morta. Daí o poder prático das palavras, "saíamos", pois *a ele*.

Não é SAIR de um sistema para outro — de uma ordem de opiniões para outra ou de um grupo de pessoas para outro. Não! Mas sair de tudo que merece a designação de um arraial para *Aquele* que "padeceu fora do arraial".

O Senhor Jesus está tão fora da porta agora como quando padeceu ali há dezoito séculos. O que foi que o pôs fora da portai "O mundo religioso" desse tempo: e o mundo religioso desse tempo é, em espírito e princípio, o mundo religioso deste tempo. O mundo é ainda o mundo. "Não há nada novo debaixo do sol". Cristo e o mundo não são um. O mundo cobriu-se com a capa do cristianismo; porém fê-lo para que o seu ódio contra Cristo possa desenvolver-se em formas implacáveis. Não nos enganemos. Se andarmos com um Cristo rejeitado, teremos de ser um povo rejeitado. Se o nosso Mestre "padeceu *fora* do arraial", nós não podemos esperar reinar *dentro* do arraial. Se andarmos nas Suas pisadas, aonde nos conduzirão elas? Não, seguramente, às altas posições deste mundo sem Deus e sem Cristo.

Ele é um Cristo desprezado, um Cristo rejeitado, um Cristo fora do arraial. Oh, saíamos, pois, a Ele, levando o Seu vitupério. Não nos deixemos envolver com a luz do favor deste mundo, visto que crucificou e ainda aborrece com ódio implacável o Ente amado a quem devemos tudo quanto possuímos no presente e na eternidade, e que nos ama com um amor que as muitas águas não poderiam apagar. Não aceitemos, quer direta quer indiretamente, aquilo que se cobre com o Seu nome sagrado, mas que, na realidade, odeia os

Seus caminhos, odeia a Sua verdade e odeia a simples menção do Seu advento. Sejamos fiéis ao nosso Senhor ausente. Vivamos para *Aquele* que morreu por nós.

Enquanto as nossas consciências repousam sobre o Seu

sangue, que os afetos dos nossos corações se enlacem em redor da Sua pessoa; de sorte que a nossa separação "deste presente século mau" não seja meramente um coro de princípios frios, mas uma separação afetuosa porque o objeto das nossas afeições não se encontra aqui. Que o Senhor nos liberte da influência desse egoísmo consagrado e prudente, tão comum no tempo presente, que não pode estar sem religião, mas que é inimigo da cruz de Cristo. O que nós necessitamos, para podermos resistir com êxito a essa forma terrível de mal, não são formas de ver peculiares, ou princípios especiais ou teorias singulares ou uma fria exatidão intelectual. Necessitamos de uma profunda devoção pela pessoa do Filho de Deus; uma inteira consagração de nós próprios, de alma, corpo e espírito ao Seu serviço; e de um ardente desejo do Seu glorioso advento. Estas são, prezado leitor, as necessidades especiais dos tempos em que vivemos. Não quererá, portanto, unir-se, do profundo do seu coração, ao grito: Oh Senhor, vivifica a tua obra! Completa o número dos teus eleitos! Apressa o teu reino, "Vem, Senhor Jesus"!

OS SACRIFÍCIOS PELA CULPA

a) A Transgressão contra Deus por Ignorância

Estes versículos contêm a doutrina da Expição da Culpa, da qual havia duas classes distintas, isto é, transgressões contra *Deus* e transgressões contra o *homem*. "Quando alguma pessoa cometer uma transgressão e pecar *por ignorância* nas coisas sagradas do SENHOR, então trará ao SENHOR por expiação um carneiro sem mancha do rebanho, conforme à tua estimação em ciclos de prata, segundo o ciclo do santuário, para expiação da culpa". Temos aqui um caso em que foi cometida uma falta positiva nas coisas santas pertencentes ao Senhor; e, embora isto fosse feito "por ignorância", não podia contudo passar em silêncio. Deus pode perdoar toda a espécie de pecado, mas não pode deixar passar um simples jota ou til. A sua graça é perfeita, e pode perdoar *tudo*. A Sua santidade é perfeita e portanto não pode deixar passar *nada*. Não pode sancionar a iniquidade, mas pode apagá-la, e isso também segundo a perfeição da Sua graça e de acordo com as exigências justas da Sua santidade.

É um erro muito grave supor-se que contanto que um homem siga os ditames da sua consciência tem razão em tudo e está seguro. A paz que repousa sobre um tal fundamento será eternamente destruída quando a luz do tribunal de Cristo brilhar sobre a consciência. Deus nunca poderia baixar os Seus direitos a um tal nível. As balanças do santuário são afinadas por uma escala muito diferente daquela que pode proporcionar a consciência mais sensível. Já tivemos ocasião de insistir sobre este ponto, nos comentários sobre a expiação do pecado. Mas nunca é demais insistir sobre este ponto. Duas coisas principais se acham envolvidas nele. A primeira é uma justa percepção do que é realmente a santidade de Deus: a segunda é a compreensão clara do fundamento da paz do crente na presença divina.

Quer se trate do meu estado ou da minha conduta, da minha natureza ou dos meus atos, só Deus pode ser o Juiz daquilo que Lhe convém e daquilo que é próprio da Sua santa presença. A ignorância humana pode apresentar uma alegação quando se trata dos requisitos divinos¹?- Não permita Deus! Cometeu-se uma transgressão "nas coisas sagradas do SENHOR" sem que a consciência do homem haja tido conhecimento disso. E então"? Nada mais há a fazer"? Os requisitos de Deus podem ser

arrumados assim tão facilmente? Decerto que não. Isto seria subversivo de tudo que diz respeito ao parentesco divino.

Os justos são convidados a dar graças em memória da santidade de Deus (Sl 97:12). Como podem eles fazer isto? Porque a sua paz foi conseguida sobre o fundamento pleno da justificação e do estabelecimento perfeito dessa santidade. Por isso, quanto mais elevado for o seu sentimento do que é essa santidade, tanto mais profunda e segura deve ser a sua paz. Eis uma verdade das mais preciosas. O homem não regenerado nunca poderá regozijar-se com a santidade divina. O seu intento será sempre rebaixar essa santidade, se não poder ignorá-la completamente. Um tal homem consolar-se-á com o pensamento de que Deus é bom, que Deus é misericordioso e que Deus é clemente, mas nunca se regozijará com o pensamento de que Deus é santo.

Os seus pensamentos a respeito da bondade de Deus, da Sua graça e misericórdia são profanos. Faria de boa vontade desses atributos benditos uma desculpa para continuar no pecado.

Pelo contrário, o homem regenerado exulta com a santidade de Deus. Vê a sua plena expressão na cruz do Senhor Jesus Cristo. Essa santidade é a mesma que lançou o fundamento da sua paz; e, não somente isto, ele próprio foi feito seu participante e deleita-se nela, aborrecendo o pecado com verdadeiro ódio. Os instintos da natureza divina repugnam-no e aspira à santidade. Seria impossível gozar de verdadeira paz e liberdade de coração se não soubéssemos que todos os requisitos ligados com "as coisas sagradas do SENHOR" foram perfeitamente cumpridos pelo nosso divino Sacrifício da

Culpa do pecado. Levantar-se-ia sempre ao coração o sentimento penoso de que esses requisitos haviam sido desprezados devido às nossas múltiplas faltas e ofensas. O nosso melhor serviço, os nossos momentos mais santos, os nossos exercícios mais piedosos, podem muito bem representar alguma coisa parecida com transgressão "nas coisas sagradas do SENHOR"—"qualquer coisa que não deveria ter sido feita". Quantas vezes não são as nossas horas de serviço público e devoção particular perturbadas e manchadas por distração! Por isso necessitamos da certeza de que todas as nossas transgressões foram divinamente apagadas pelo precioso sangue de Cristo.

Desta forma encontramos no bendito Senhor Jesus Aquele que desceu até à medida das nossas necessidades como pecadores por natureza e transgressores por atos. Encontramos n'Ele a resposta perfeita a todos os anseios de uma consciência culpada e a todas as exigências da infinita santidade a respeito de *todos* os nossos pecados e *todas* as nossas transgressões; de modo que o

crente pode estar com uma consciência tranqüila e coração libertado na luz plena daquela santidade que é demasiado pura para contemplar a iniquidade ou ver o pecado.

"Assim, restituirá o que ele tirou das coisas sagradas, e ainda de mais acrescentará o seu quinto, e o dará ao sacerdote; assim o sacerdote, com o carneiro da expiação, fará expiação por ela e ser-lhe-á perdoado o pecado" (versículo 16).

No acréscimo de um quinto, como é estipulado aqui, temos um aspecto do verdadeiro sacrifício da culpa, que é para rezear seja pouco apreciada. Quando pensamos em todo o mal e todas as ofensas que temos cometido contra o Senhor, e, mais, quando recordamos quão prejudicado Deus tem sido nos Seus direitos neste mundo iníquo, com que interesse devemos contemplar a obra da cruz como aquilo em que Deus reaveu não só o que havia perdido como é por esse meio beneficiário. Ganhou mais pela redenção do que perdeu pela queda. Recolhe uma mais rica seara de glória, honra e louvor, nos campos da redenção do que jamais poderia ter recolhido com os campos da criação. "Os filhos de Deus" podem entoar um cântico de louvor muito mais magnífico em redor do sepulcro vazio de Jesus do que jamais puderam entoar em vista da obra do Criador. O mal não só foi expiado perfeitamente como se ganhou uma vantagem eterna por meio da obra da cruz. Esta é uma verdade admirável.

Deus tira proveito com a obra do Calvário. Quem poderia ter imaginado isto? Quando contemplamos o homem e a criação, da qual era senhor, jazendo em ruínas aos pés do inimigo, como poderíamos conceber que, do meio dessas ruínas, Deus pudesse recolher despojos mais ricos e nobres do que quaisquer que este mundo pudesse oferecer antes da queda! Bendito seja o nome de Jesus por tudo isto! É a Ele que tudo devemos. E por meio da Sua preciosa cruz que pode anunciar-se uma verdade divina tão assombrosa. Seguramente, essa cruz encerra sabedoria misteriosa. "A qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória" (1 Co 2:8). Não é de admirar portanto que em volta dessa cruz e ao redor d'Aquele que foi crucificado nela estivessem sempre entrelaçados os afetos de patriarcas, profetas, apóstolos, mártires e santos. Não é de admirar que o Espírito Santo haja pronunciado esse solene e justo decreto: "Se alguém não ama o Senhor Jesus Cristo, seja anátema; maranata" (1 Co 16:22). O céu e a terra farão eco com um grande e eterno amem a este anátema. Não é de admirar que fosse propósito estável e imutável da mente divina que "ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai" (Fp2:10-11).

b) A Transgressão Contra os Homens

A mesma lei referente a "um quinto" aplica-se ao caso de transgressão contra um homem, pois que lemos: "Quando alguma pessoa pecar e transgredir *contra* o SENHOR (1) e negar ao seu próximo o que se lhe deu em guarda, ou o que se depôs na sua mão, ou o roubo ou o que retém violentamente ao seu próximo; ou que achou o perdido, e o negar com falso juramento, ou fizer alguma outra coisa de todas em que o homem costuma pecar, será, pois, que, porquanto pecou e ficou culpada, restituirá o roubo que roubou, ou o retido que retém violentamente, ou o depósito que lhe foi dado em guarda, ou o perdido que achou, ou tudo aquilo sobre que jurou falsamente; e o restituirá no seu cabedal e ainda sobre isso *acrescentará o quinto*; àquele de quem é o dará no dia de sua expiação" (capítulo 6:2 a 5).

(1) Existe um princípio precioso ligado com a expressão "contra o Senhor". Embora o caso em questão fosse de dano causado a um próximo, o Senhor vê-o como uma transgressão contra Si. Tudo deve ser encarado em relação com o Senhor. Pouco importa a quem concerne diretamente, Jeová deve ter o primeiro lugar. Assim, quando a consciência de Davi foi traspassada pela frecha da convicção, a respeito do seu procedimento para com Urias, ele exclama, "Pequei contra o Senhor" (2 Sm 12:13). Este princípio não prejudica em nada os direitos do homem ofendido.

Assim como Deus, também o homem ganha com a cruz do Calvário. Contemplando essa cruz, o crente pode dizer: "Pouco importa o muito que tenho sido prejudicado, as faltas que têm sido cometidas contra mim, até que ponto tenho sido enganado e o mal que me tem sido feito, ganho muito mais com a cruz. Não só me foi restituído tudo que havia perdido, mas muito mais".

Assim, quer pensemos no ofendido ou no ofensor, em cada caso somos igualmente surpreendidos com os triunfos gloriosos da redenção e os resultados práticos e poderosos daquele evangelho que enche a alma com a ditosa certeza de que todas as transgressões "são perdoadas" e que a raiz de onde brotaram essas transgressões foi julgada. "O evangelho da glória de Deus bendito" é unicamente o que pode enviar um homem ao meio de uma cena que tem sido testemunha dos seus pecados, suas transgressões e de suas injustiças — pode fazê-lo voltar para junto daqueles que, de qualquer modo, têm sido as vítimas dos seus maus atos, investido da graça, não apenas para reparar o mal feito, mas, muito mais, para permitir que a onda prática de benevolência inunde todos os seus caminhos; sim, para amar os seus inimigos, fazer bem aos que o odeiam, e orar por aqueles que o maldizem e perseguem.

Tal é a graça preciosa de Deus, que atua em relação com o nosso grande Sacrifício da Expição da Culpa e tais são os seus ricos e preciosos frutos!

Que resposta vitoriosa a dar àquele realista que podia dizer "Permaneceremos no pecado para que a graça abundei" A graça não somente corta o pecado pela raiz, como transforma o pecador do estado de maldição numa bênção; de uma praga moral numa conduta de misericórdia divina; de um emissário de Satanás num mensageiro de Deus; de um filho das trevas num filho da luz; de um pesquisador de prazeres num ser que renuncia a si próprio e ama a Deus; de um escravo abjecto dos prazeres num servo consagrado de Deus; de um escravo da vil cobiça num servo dedicado de Cristo, de um avarento insensível num benéfico provedor das necessidades dos seus semelhantes.

Desprezemos, pois, as expressões jucosas freqüentemente repetidas: "Não temos nada que fazer? É uma maneira maravilhosamente fácil de se ser salvo". Que todos os que empregam uma tal linguagem considerem aquele que furtava transformado num liberal da dor e fiquem para sempre silenciosos (veja-se Ef4:28). Não sabem o que quer dizer o vocábulo graça. Nunca sentiram as suas influências elevadas e santificadoras. Esquecem que, ao passo que o sangue do sacrifício da culpa do pecado purifica a consciência, a lei desse sacrificio manda o culpado àquele a quem tem prejudicado com o principal e o quinto em suas mãos. Nobre testemunho este, tanto para a graça como para a justiça do Deus de Israel! Bela manifestação dos resultados desse maravilhoso plano de redenção pelo qual o prejudicado se torna beneficiário! Se a consciência ficou tranqüila pelo sangue da cruz, quanto aos direitos de Deus, a conduta deve também estar de acordo com a santidade da cruz quanto aos direitos da justiça prática. Estas coisas nunca devem ser separadas. Deus juntou-as, e o homem não deve separá-las. Esta santa união nunca será dissolvida por qualquer coração governado pela pura moral evangélica. Infelizmente, é fácil fazer profissão dos princípios da graça, enquanto que a sua prática e o seu poder são completamente renegados. É fácil falar do descanso do sangue do Sacrifício da Culpa do pecado enquanto que "o principal" e "o quinto" são retidos. Mas isto é vão, e pior do que vão. "Qualquer que não pratica a justiça... não é de Deus" (1 Jo3:10).

Nada pode desonrar tanto a pura graça do evangelho como a suposição que um homem pode pertencer a Deus enquanto que a sua conduta e caráter não mostram os traços formosos da santidade prática. Todas as suas obras são conhecidas de Deus (At 15:18), sem dúvida, porém deu-nos na Sua Santa Palavra as provas pelas quais podemos discernir aqueles que Lhe pertencem.

"O fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade" (2 Tm 2:19). Não temos o direito de imaginar que um malfeitor pertence a Deus. Os santos instintos da natureza divina revoltam-se ante tal suposição. As pessoas têm, por vezes, grande dificuldade em explicar certas obras más por parte daqueles que não podem deixar de considerar como cristãos. A Palavra de Deus resolve o assunto de uma forma tão clara e com tal autoridade que não deixa lugar para tais dificuldades.

"Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo. Qualquer que não pratica a justiça e não ama a seu irmão não é de Deus" (1 Jo 3:10). É bom recordar isto nestes dias de relaxamento e condescendência. Existe muita profissão superficial e sem influência contra a qual o cristão verdadeiro é convidado a resistir a dar testemunho severo — um testemunho resultante da contínua exibição dos "frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus" (Fp 1:11). É deplorável ver como tantos seguem o caminho trilhado— o caminho largo da profissão religiosa sem contudo manifestarem sinais de amor ou de santidade na sua conduta. Leitor crente, sejamos fiéis. Censuremos, por meio de uma vida de renúncia e genuína benevolência, o egoísmo e inatividade culpável de uma profissão evangélica e contudo mundana. Que o Senhor conceda a todo o Seu verdadeiro povo graça abundante para estas coisas!

As Duas Classes de Sacrificios pela Culpa

Prossigamos agora à comparação das duas classes de sacrificios de expiação, a saber, o sacrificio da culpa "nas coisas sagradas ao SENHOR" e aquele que dizia respeito à transgressão cometida nas relações e transações normais da vida humana. Fazendo-o, depararemos com um ou dois pontos que requerem a nossa reflexão cuidadosa.

Primeiro, notemos que a expressão "Quando alguma pessoa pecar por ignorância" mencionada no primeiro é omitida no último. A razão é óbvia. Os direitos que estão ligados com as coisas sagradas do Senhor devem ultrapassar infinitamente o alcance da mais refinada sensibilidade humana.

Pode haver intervenção contínua nestes direitos — transgressão continuamente sem o transgressor se aperceber do fato. A percepção íntima do homem nunca poderá ser o regulador no santuário de Deus. Isto é uma graça inefável. Somente a santidade de Deus pode determinar o padrão quando os direitos de Deus estão em causa.

Por outro lado, a consciência humana pode compreender

facilmente todo o valor de um direito humano e pode tomar conhecimento de qualquer interferência nesse direito. Quantas vezes não teremos nós lesado a Deus nas coisas sagradas sem o havermos notado em nossa consciência — sim, sem ter capacidade para nos apercebermos do fato! (veja-se Ml 3:8). Contudo, isso não acontece quando estão em causa os direitos do homem. A consciência humana pode tomar conhecimento do agravo que o olho humano pode ver e o coração sentir. Um homem, por "ignorância" das leis que regiam o santuário da antigüidade, podia cometer uma transgressão dessas leis sem se aperceber disso até que uma maior luz brilhasse sobre a sua consciência. Porém, um homem não podia "por ignorância" dizer uma mentira, jurar falsamente, cometer um ato de violência, enganar o seu próximo, ou achar um objeto perdido e negá-lo. Todos estes atos eram evidentes e palpáveis e estavam ao alcance da mais apática sensibilidade. É por isso que a expressão "por ignorância" é introduzida a respeito "das coisas sagradas do SENHOR" e é omitida quanto aos interesses comuns dos homens. Quão bem-aventurada coisa é saber que o precioso sangue de Cristo resolveu todas as questões, quer seja em relação a Deus, quer seja a respeito do homem — os nossos pecados por ignorância, e os nossos pecados conhecidos! Eis aqui o fundamento profundo e seguro da paz do crente. A cruz respondeu divinamente a TUDO.

Demais quando se tratava de uma transgressão "nas coisas sagradas ao SENHOR" o "sacrifício sem mancha" aparece em primeiro lugar e depois o principal e o seu quinto. Esta ordem inverte-se quando é questão de interesses normais da vida (compare-se Lv 5:15-16 com Lv 6:4-7). A razão neste caso é igualmente clara. Quando os direitos divinos eram infringidos o sangue de expiação tornava-se o ponto principal. Ao passo que quando havia interferência nos direitos humanos a restituição ocupava naturalmente o lugar proeminente no espírito. Porém, como este último caso implicava tanto como o primeiro as relações da alma com Deus, o sacrifício é apresentado, embora em último lugar. Se eu ofender o meu semelhante, essa ofensa interpôr-se-á incontestavelmente com a minha comunhão com Deus; e essa comunhão só poderá ser restabelecida sobre o fundamento da expiação. A restituição só não bastaria. Podia satisfazer o ofendido, mas não podia constituir a base do restabelecimento da comunhão com Deus. Eu podia restituir "o principal" e acrescentar-lhe "o quinto" dez mil vezes sem contudo me livrar do meu pecado, porque "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9:22). Contudo, se for uma questão de ofensa feita ao meu próximo, então deve haver primeiramente restituição.

"Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem, e apresenta a tua oferta" (Mt 5:23- 24) (').

A ordem divina dada para o Sacrifício da Expição da Culpa tem muito mais importância do que parece à primeira vista. Os deveres que resultam das nossas relações humanas não devem ser descurados. Devem ter o seu próprio lugar no coração. Isto é o que nos ensina claramente o sacrifício da expiação da culpa. Quando um israelita impedia por qualquer ato de transgressão as suas relações com o Senhor, a ordem que devia observar-se era sacrifício e restituição. Quando por um ato de transgressão perturbava as suas relações com o seu próximo, a ordem era restituição e sacrifício.

⁽¹⁾ *Da comparação de Mateus 5:23-24 com Mateus 18:21-22, aprendemos um princípio admirável acerca do modo de resolver agravos e ofensas entre dois irmãos.*

O ofensor é obrigado a retroceder do altar para ir arrumar o assunto com aquele a quem ofendeu; pois não pode haver comunhão com o Pai enquanto um irmão tem "alguma coisa contra mim". Mas, então, note-se a bela maneira em que o ofendido é ensinado para receber o ofensor. "Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim e eu lhe perdoarei?- Até sete?- Jesus lhe disse: Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete". Tal é o método divino de arrumar todas as questões entre irmãos. "Suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos, uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também" (Cl 3:13).

Quem ousará dizer que isto é uma distinção sem importância? A inversão da lei não dá a sua própria lição, que por ser divina, é essencial? Sem dúvida. Cada ponto é abundante em significado, se permitirmos que o Espírito Santo o transmita aos nossos corações e não pretendermos tirar o sentido por meio do auxílio da nossa pobre e vã fantasia. Cada sacrifício apresenta o seu próprio aspecto característico do Senhor Jesus e da Sua obra; e cada um destes aspectos é apresentado por sua própria ordem característica; e podemos dizer afoitamente que é ao mesmo tempo dever e satisfação de um crente espiritual compreender tanto um como outro destes característicos. O próprio caráter da mente que se desinteressasse pela ordem peculiar de cada sacrifício punha de lado também a idéia de uma fase peculiar de Cristo em cada um. Negaria deste modo a existência de qualquer diferença entre o holocausto e a oferta de expiação do pecado; e entre a expiação do pecado e a expiação da culpa; e entre qualquer destes e a oferta pacífica ou a oferta de manjares.

Demais, concluir-se-ia que os sete primeiros capítulos do

Livro de Levítico não eram mais que uma vã repetição, repetindo cada capítulo sucessivamente a mesma coisa. Quem poderia ceder a qualquer coisa tão monstruosa como isto? Qual o espírito cristão que poderia aceitar um tal insulto às páginas sagradas? Um racionalista ou um neólogo podem expor idéias tão frívolas e detestáveis; mas aqueles que têm sido divinamente ensinados que "toda a Escritura é divinamente inspirada" serão levados a considerar os diversos símbolos na sua ordem específica como outros tantos cofres nos quais o Espírito Santo tem entesourado "as riquezas incompreensíveis de Cristo" para o povo de Deus. Não existe nenhuma repetição fastidiosa nem nenhuma redundância. Tudo é de uma variedade divina, rica e celestial e tudo quanto precisamos é de estar pessoalmente familiarizados com o grande Antítipo para compreendermos as belezas e nos apoderarmos dos toques delicados de cada figura. Desde o momento que o coração pode compreender que é Cristo que temos em cada figura, pode deter-se com interesse espiritual sobre os pormenores mais minuciosos. Vê significado e beleza em tudo — encontra Cristo em todas. Assim como no reino da natureza, o telescópio e o microscópio apresentam à vista as suas próprias maravilhas, do mesmo modo acontece com a Palavra de Deus. Quer a consideremos como um todo, ou examinemos cada cláusula, encontramos aquilo que provoca o louvor e ação de graças dos nossos corações.

Prezado leitor, que o nome do Senhor Jesus seja sempre mais precioso dos nossos corações! Então daremos valor a tudo que fala d'Ele — tudo que O representa — tudo o que lança nova claridade sobre a sua excelência singular e incomparável beleza!

NOTA: Os versículos finais do capítulo VI juntamente com todo o capítulo VII tratam da lei dos vários sacrifícios a que já nos referimos. Existem, todavia, alguns pontos na lei da Expição do Pecado e da Expição da Culpa que merecem a nossa atenção antes de deixarmos esta importante parte do nosso livro.

A santidade pessoal de Cristo não é apresentada em nenhum dos sacrifícios de um modo tão notável como na Expição do Pecado. "Fala a Arão e a seus filhos, dizendo: Esta é a lei da expiação do pecado: no lugar onde se degola o holocausto se degolará a expiação do pecado perante o SENHOR; coisa santíssima é... Tudo o que tocar a sua carne será santo... Todo varão entre os sacerdotes a comerá; coisa santíssima é" (Lv 6:25-29). Assim também falando na oferta de manjares, coisa santíssima é, como santos são a oferta da expiação da culpa e a expiação do pecado. Isto é notável e surpreendente. O Espírito Santo não tinha necessidade de guardar com tanto zelo a santidade de Cristo no holocausto; mas a fim de que a alma não perdesse de vista esta santidade, ao contemplar o lugar que o bendito Senhor tomou na oferta da expiação do pecado, somos repetidas vezes alertados do fato pelas palavras "coisa santíssima é". E verdadeiramente edificante e consolador ver a santidade

essencial e divina da pessoa de Cristo brilhar com intensa claridade no meio da escuridão terrível do Calvário. A mesma idéia é observável na "lei da expiação da culpa" (veja-se Lv 7:1-6). Nunca a expressão "o Santo de Deus", a respeito do Senhor, foi tão clara como quando Ele "foi feito pecado" na cruz de maldição. A vileza e negrura daquilo com que Ele se identificou na cruz serviu apenas para ressaltar claramente que Ele era "santíssimo". Embora tivesse tomado sobre Si o pecado. Ele era isento de pecado. Embora sofrendo a ira de Deus, era as delícias do Pai. Embora privado da luz do semblante de Deus. Ele habitava no seio do Pai. Que precioso mistério! Quem poderá sondar a sua profundidade? Como é maravilhoso encontrarmos o seu símbolo de um modo notável na "lei da expiação do pecado".

Demais, o leitor deveria procurar compreender o significado da expressão "Todo o varão entre os sacerdotes a comerá". O ato cerimonial de comer a oferta da expiação do pecado ou da expiação da culpa era expressivo de completa identificação. Porém, para comer a expiação do pecado — fazer dos pecados de outrem os seus próprios — requeria um maior grau de energia sacerdotal, como é expresso nos varões "entre os sacerdotes". "Disse mais o SENHOR a Arão: E eu, eis que tenho dado a guarda das minhas ofertas alçadas, com todas as coisas santas dos filhos de Israel; por causa da unção as tenho dado a ti e a teus filhos por estatuto perpétuo. Isto terás das coisas santíssimas do fogo: todas as suas ofertas, com todas as suas ofertas de manjares e com todas as suas expiações do pecado, e com todas as suas expiações da culpa, que me restituírem, serão coisas santíssimas para ti e para teus filhos. No lugar santíssimo o comerás; todo o varão o comerá; santidade será para ti. Também isto será teu: a oferta alçada dos seus dons com todas as ofertas movidas dos filhos de Israel; a ti, a teus filhos, e a tuas filhas contigo, as tenho dado por estatuto perpétuo; todo o que estiver limpo na tua casa as comerá" (Nm 18:8-11).

Era necessária uma maior energia sacerdotal, para se comer da oferta da expiação do pecado ou da expiação da culpa do que para participar simplesmente das ofertas movidas e da oferta alçada com seus dons. As "filhas" de Arão podiam comer das últimas. Ninguém senão os filhos de Arão podia comer das primeiras. Em geral, a frase "o varão" exprime alguma coisa em relação com a idéia divina: a palavra "fêmea" com o desenvolvimento humano. A primeira frase apresenta alguma coisa em força, a segunda mostra a sua imperfeição. Como são tão poucos entre nós os que têm energia sacerdotal suficiente para os tornar capazes de fazerem seus os pecados e culpas de outrem! O bendito Senhor Jesus fez isto perfeitamente. Aproximou-Se dos pecados do Seu povo e sofreu a pena deles na cruz. Identificou-Se inteiramente conosco de forma que podemos saber, com plena e ditosa certeza, que toda a questão de pecado e culpa foi divinamente resolvida. Se a identificação de Cristo foi perfeita, então a liquidação foi igualmente perfeita; e que foi perfeita declara-o a cena passada no Calvário. Tudo está cumprido. O pecado, as transgressões, as exigências de Deus; as exigências do homem, tudo foi eternamente liquidado; e, agora, paz perfeita é a parte de todos aqueles que aceitam, pela graça, como verdadeiro o testemunho de Deus. Isto é tão simples quanto Deus o pode fazer, e a alma que o crê é feliz. A paz e felicidade do crente dependem inteiramente da perfeição do sacrifício de Cristo. Não é uma questão do seu modo de o receber ou dos seus pensamentos ou sentimentos a respeito dele. É simplesmente uma questão de dar crédito, pela fé, ao testemunho de Deus quanto ao valor do sacrifício. O Senhor seja louvado pelo Seu próprio meio simples e perfeito de paz! Que muitas almas atribuladas sejam induzidas pelo Espírito Santo a compreendê-lo!

Terminaremos aqui as nossas considerações sobre uma das mais ricas

passagens de todo o cânone de inspiração. É muito pouco o que temos podido coligir dela. Temos apenas penetrado abaixo da superfície de uma mina inesgotável. Se temos contudo conseguido que o leitor se sentisse inclinado, pela primeira vez, a considerar as ofertas como outras tantas representações variadas do grande Sacrifício, e se ele se sentiu impulsionado a rojar-se aos pés do grande Mestre para aprender mais das profundidades vivas destas coisas, não posso deixar de pensar que foi alcançado um fim pelo qual, devo sentir-me profundamente grato.

O SACERDÓCIO

Considerações Gerais

Havendo considerado a doutrina do sacrifício, tal qual se desenrola nos primeiros sete capítulos deste livro, chegamos agora ao assunto *do* sacerdócio. Os dois assuntos estão intimamente ligados. O pecador necessita de um *sacrifício*, o crente necessita de um *sacerdote*. Nós temos tanto um como outro em Cristo, que, havendo-se oferecido a Si mesmo a Deus sem mácula, entrou na esfera do Seu ministério sacerdotal, no santuário celeste. Não precisamos de outro sacrifício nem de nenhum outro sacerdote, Jesus é divinamente suficiente. Comunica o valor e a dignidade da Sua própria pessoa a todos os cargos que desempenha e a todas as obras que realiza. Quando o vemos como sacrifício, sabemos que temos n'Ele tudo que um sacrifício perfeito podia ser; e, quando o vemos como sacerdote, sabemos que todas as funções do sacerdócio são perfeitamente cumpridas por Ele. Como sacrifício, Ele põe o Seu povo em permanente relação com Deus; e, como sacerdote, mantém-nos nela, segundo a perfeição do que Ele é. O sacerdócio é destinado àqueles que estão já em certo parentesco com Deus; como pecadores por natureza e na prática, já pelo sangue de Cristo chegamos perto de Deus (Ef 2:13). Somos postos em parentesco permanente com Ele: estamos perante Ele como o fruto da Sua obra. Ele tirou os nossos pecados de uma maneira digna de Si para que pudéssemos estar na Sua presença para louvor do Seu nome, como demonstração daquilo que Ele pode realizar pelo poder da morte e ressurreição.

Mas, embora libertos de tudo que podia ser contra nós, apesar de estarmos perfeitamente aceitos no Amado, não obstante sermos perfeitos em Cristo, ainda que soberanamente exaltados, somos, ainda assim, em nós próprios, enquanto aqui andamos, pobres e fracas criaturas, sempre prontos a extraviarem-se, prestes a tropeçar, expostos a múltiplas tentações, provas e ardis. Como tais, nós necessitamos do ministério incessante do nosso "Sumo Sacerdote", cuja presença no santuário das alturas nos mantém na plena integridade desse parentesco em que, pela graça, estamos colocados. "Vive sempre para interceder por eles" (Hb. 7:25). Não seria possível mantermo-nos aqui, nem por um momento, se Ele não vivesse por nós nas alturas. "...Porque eu

vivo, e vós vivereis" (Jo 14:19). "Porque, se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rm. 5:10). A "vida" e a "morte" estão inseparavelmente ligadas na economia da graça. Porém, note-se que a vida vem depois da morte. É a vida de Cristo ressuscitado de entre os mortos, e não a Sua vida aqui na terra, que o apóstolo se refere na última passagem reproduzida. Esta distinção é eminentemente digna da atenção do leitor. A vida do nosso bendito Senhor Jesus, enquanto aqui andou, era, desnecessário é dizer, infinitamente preciosa; porém não entrou na esfera do Seu serviço sacerdotal antes de haver realizado a obra de redenção. Nem podia ter feito isso, "visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá, e, concernente a essa tribo, nunca Moisés falou de sacerdócio" (Hb 7:14). "Porque todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios; pelo que era necessário que este também tivesse alguma coisa que oferecer. Ora, se ele estivesse na terra, nem tampouco sacerdote seria, havendo ainda sacerdotes que oferecem dons segundo a lei" (Hb 8:3 - 4).

"Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção[...]. Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós, perante a face de Deus" (Hb 9:11-12e24).

O céu, e não a terra, é a esfera do ministério sacerdotal de Cristo;

e nessa esfera Ele entrou quando se ofereceu a Si mesmo sem mácula a Deus. Nunca entrou no templo terrestre como sacerdote. Subia freqüentemente ao templo para ensinar, mas nunca para sacrificar ou queimar incenso. Ninguém jamais foi ordenado de Deus para desempenhar as funções do ministério sacerdotal na terra, salvo Aarão e seus filhos. "Se ele estivesse na terra nem tão-pouco sacerdote seria." É um ponto de grande interesse e valor, em relação com a doutrina do sacerdócio. O céu é a esfera do sacerdócio de Cristo e a redenção efetuada a sua base. Excluindo o sentido em que todos os crentes são sacerdotes (1 Pe 2:5), não existe tal coisa como sacerdote na terra. A não ser que um homem possa provar a sua descendência de Aarão, a menos que possa provar a sua genealogia até essa origem antiga, não tem direito de exercer o ministério sacerdotal. A própria sucessão apostólica, admitindo que pudesse ser provada, não teria valor algum neste caso, tanto mais que os próprios apóstolos não

eram sacerdotes, salvo no sentido acima referido.

O membro mais fraco da família da fé é tanto sacerdote como o próprio apóstolo Pedro. É um sacerdote espiritual; adora num templo espiritual; serve a um altar espiritual; oferece um sacrifício espiritual; está vestido com vestes espirituais. "Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo" (1 Pe2:5). "Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome. E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada" (Hb 13:15-16).

Se um dos descendentes diretos da casa de Arão se convertesse a Cristo entraria num gênero inteiramente novo de serviço sacerdotal. E note-se que a passagem que acabamos de reproduzir apresenta as duas grandes classes de sacrifício espiritual que o sacerdote espiritual temo privilégio de oferecer. Existe o sacrifício de louvor a Deus e o sacrifício de benevolência aos homens. Uma corrente de grato louvor que sobe até ao trono de Deus e uma corrente de benevolência ativa correndo para um mundo necessitado. O sacerdote espiritual mantém-se com uma mão levantada para Deus, apresentando o incenso de grato louvor e a outra para ministrar, em verdadeira benevolência, todas as formas de necessidade humana. Se estas coisas fossem mais bem compreendidas, que santa elevação, e que graça moral, não comunicariam ao caráter cristão! Elevação, visto que o coração estaria sempre levantado para a Origem infinita de tudo que pode elevar-se, graça moral, uma vez que o coração estaria sempre aberto a tudo aquilo que necessitasse da sua simpatia. As duas coisas são inseparáveis. A ocupação imediata do coração com Deus deve, necessariamente, elevá-lo e alargá-lo. Por outro lado, se se anda à distância de Deus, o coração se comprimirá e aviltará. Intimidade de comunhão com Deus—realização habitual da nossa dignidade sacerdotal —, é o único remédio eficaz para as tendências de decadência e egoístas da velha natureza.

A Consagração de Arão na Presença da Congregação

Depois destas considerações gerais sobre o sacerdócio, quanto aos seus dois aspectos primário e secundário, vamos prosseguir com o exame do conteúdo dos capítulos oito e nove do Livro de Levítico.

"Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Toma a Arão, e a seus filhos com ele, e as vestes e o azeite da unção, como também o novilho da expiação do pecado, e os dois carneiros, e o cesto dos pães asmos e ajunta toda a congregação à porta da tenda da

congregação. Fez, pois, Moisés como o SENHOR lhe ordenara, e a congregação ajuntou-se à porta da tenda da congregação." Uma graça especial revela-se aqui. Toda a assembléia se reunia à porta da tenda da congregação, a fim de que todos pudessem ter o privilégio de ver aquele que estava prestes a ser investido do cargo dos seus interesses mais importantes. Em 28 e 29 de Êxodo ensina-se a mesma verdade com respeito às vestes e sacrifícios relacionados com o cargo sacerdotal; porém, em Levítico, a congregação é introduzida e autorizada a seguir com seus próprios olhos todos os movimentos do serviço solene e imponente da consagração. Até o membro mais humilde da assembléia tinha o seu próprio lugar. Desde o mais humilde ao mais eminente, todos podiam admirar a pessoa do sumo sacerdote, o sacrifício que oferecia e as vestes que envergava. Cada um tinha as suas necessidades peculiares e o Deus de Israel queria que todos vissem e soubessem como as suas necessidades estavam plenamente previstas por meio dos diversos qualificativos do sumo sacerdote que estava diante deles. As vestes sacerdotais eram a própria expressão apropriada destes qualificativos. Cada parte do vestuário era destinada e apropriada a mostrar alguma qualidade especial em que a assembléia como um todo e cada membro individualmente estaria interessado. A túnica, o cinto, o manto, o éfode, o peitoral, o urim e o Tumim, a mitra, a coroa santa — tudo fala das diferentes virtudes, qualificativos e funções daquele que devia representar a congregação e os seus interesses na presença divina.

Cristo, o nosso Sumo Sacerdote

É assim que o crente pode, com o olhar da fé, contemplar o seu grande Sumo Sacerdote, nos céus, e ver n'Ele as realidades divinas das quais as vestes de Aarão eram apenas sombras. O Senhor Jesus Cristo é o Santo, o ungido, Aquele que leva a mitra e está cingido. Ele é tudo isto, não em virtude de vestuário exterior que se pode envergar ou despojar, mas devido às graças eternas e divinas da Sua pessoa, à eficácia imutável da Sua obra e à virtude imperecível das Suas sagradas funções. É isto que torna precioso o estudo das figuras da dispensação mosaica. A alma iluminada vê Cristo em tudo: o sangue do sacrifício e a túnica do sumo sacerdote indicam-No — foram ambos destinados por Deus para O revelar. Se surge uma questão de consciência, o sangue do sacrifício responde segundo as justas exigências do santuário. A graça satisfaz as exigências de santidade. E se for uma questão de necessidade em relação com a sua vida na terra, pode vê-las todas divinamente supridas nas vestes oficiais do sumo sacerdote.

E, deixai-me dizer, existem duas maneiras de encarar a

posição do crente — duas maneiras nas quais essa posição é apresentada na Palavra de Deus e que devem ser tomadas em conta antes de que a verdadeira idéia do sacerdócio possa ser percebida. O crente é apresentado como fazendo parte de um corpo do qual Cristo é a

Cabeça. Este corpo, com Cristo, sua Cabeça, é mencionado como formando um homem completo, em todo o sentido. O crente foi vivificado com Cristo, ressuscitado com Cristo e assentado com Cristo nos céus. É um com Ele, perfeito n'Ele, aceite n'Ele, possui a Sua vida e está em Seu favor diante de Deus. Todas as suas ofensas foram apagadas. Não resta sequer uma mancha. Tudo nele é formoso e amável à vista de Deus (veja-se 1 Co 12:12-13; Ef 2:5-10; Q2:6-15; 1 Jo 4:17).

Por outro lado, o crente é contemplado como estando no lugar de necessidade, fraqueza, e dependência no mundo. Está sempre exposto à tentação, é inclinado a extraviar-se, e está sujeito a tropeçar e cair. Como tal, tem necessidade constante de perfeita simpatia e do poderoso ministério do Sumo Sacerdote, que comparece sempre na presença de Deus ao pleno valor da Sua pessoa, e que representa o crente e defende a sua causa diante do trono.

E conveniente ponderar estes dois aspectos do crente, para poder ver-se não apenas o lugar sumamente elevado que o crente ocupa com Cristo nas alturas, mas também a abundante provisão que existe para si quanto a todas as suas necessidades e fraquezas aqui na terra. Esta distinção podia ser também formulada da seguinte maneira: O crente está representado como sendo *da Igreja* e estando *no reino*. Quanto ao primeiro estado, o céu é o seu lugar, o seu lar, a sua parte, o centro dos seus afetos. Quanto ao último, ele está na terra, no lugar de prova, responsabilidade e conflito. Por isso, o sacerdócio é um recurso divino para aqueles que, sendo da Igreja e pertencendo ao céu, estão, todavia, no reino e andam sobre a terra. Esta distinção é muito simples, e, quando compreendida, explica muitas passagens da Escritura em que muitos encontram dificuldades consideráveis ⁽¹⁾.

Examinando estes capítulos podemos notar três coisas que se destacam de modo proeminente, a saber: a autoridade da Palavra, o valor do sangue, o poder do Espírito. São assuntos importantes — assuntos de uma importância inefável —, cada um dos quais deve ser considerados por todo o cristão de vital interesse.

⁽¹⁾ Uma comparação da epístola aos Efésios com a primeira epístola de Pedro dará ao leitor instrução proveitosa a respeito do aspecto duplo da posição

do crente.

A primeira apresenta-o assentado no céu; a última como peregrino e sofredor na terra.

"Isto é o que SENHOR Ordenou que se Fizesse"

Quanto à autoridade da Palavra, é do maior interesse ver que, na consagração dos sacerdotes bem como em toda a série de sacrifícios, dependemos diretamente da autoridade da Palavra de Deus. "Então, disse Moisés à congregação: Isto *i o que o SENHOR ordenou que se fizesse*" (Lv 8:5). "E disse Moisés: *Esta coisa que o SENHOR ordenou fareis: e a glória do SENHOR vos aparecerá* " (Lv 9:6). Prestemos ouvidos a estas palavras. Ponderemo-las atentamente e com oração. São palavras inestimáveis. "Isto é o que o Senhor ordenou". Moisés não disse, "Isto é o que é agradável, conveniente". Tampouco disse, "isto é o que foi ordenado pela voz de nossos pais, por decreto dos anciãos ou a opinião dos doutores". Moisés nada sabia de tais fontes de autoridades. Para ele havia só uma origem de autoridade santa, elevada e soberana, e essa era a Palavra de Jeová, e ele queria que cada membro de assembléia estivesse em contato direto com essa origem bendita. Isto dava segurança ao coração e estabilidade a todos os pensamentos. Não havia nenhum lugar para a tradição, com o seu som incerto, ou para o homem, com as suas disputas duvidosas. Tudo era claro, concludente e peremptório. O Senhor havia falado, e tudo que era preciso era ouvir o que Ele havia dito e obedecer. Nem a tradição nem a conveniência têm lugar no coração que tem aprendido a apreciar, a reverenciar e obedecer à Palavra de Deus.

E qual devia ser o resultado desta rigorosa adesão à Palavra de Deus"?- Um resultado verdadeiramente bendito. "A glória do SENHOR vos aparecerá." Houvesse a Palavra sido negligenciada e a glória não teria aparecido. As duas coisas estavam intimamente ligadas. O mais ligeiro desvio da expressão "assim diz o SENHOR" teria impedido os raios da glória divina de aparecerem à congregação de Israel. Tivesse sido acrescentado um só rito ou cerimônia não ordenados pela Palavra, ou tivesse havido omissão de alguma coisa que a

Palavra ordenava, e o Senhor não teria manifestado a Sua glória. Não podia sancionar por meio da glória da Sua presença o descuido ou a rejeição da Sua Palavra. Pode suportar a ignorância ou a fraqueza, mas não pode sancionar a negligência ou a desobediência.

Óh, se tudo isto fosse mais seriamente considerado neste século de tradições e conveniências! Gostaria com todo o afeto e vivo sentimento de responsabilidade pelo leitor de o exortar a prestar sincera atenção à importância de uma estrita — diria mesmo severa — adesão e sujeição reverente à Palavra de Deus.

Que prove todas as coisas por esta regra e rejeite tudo que não se ajusta com ela; que pese tudo com esta balança e ponha de parte tudo que não tem o seu peso; que meça tudo por essa regra e recuse todos os desvios. Se pudéssemos ao menos ser o meio de despertar uma alma ao próprio sentido do lugar que pertence à Palavra de Deus, não teríamos escrito o nosso livro em vão.

Que o leitor se detenha por um momento na presença d'Aquele que esquadrinha os corações e faça a si próprio esta pergunta simples: "Estou eu sancionando com a minha presença ou adotando na minha conduta algum desvio ou negligência da Palavra de Deus?" Fazei deste assunto um caso pessoal perante o Senhor. Estai seguros que é um assunto da atualidade e da maior importância. Se achais que tendes estado, de qualquer maneira, ligados ou envolvidos em qualquer coisa que não tem o selo distinto da sanção divina, rejeitai-a de uma vez para sempre. Sim, rejeitai-a, ainda que ela se apresente adornada com as vestes imponentes da antigüidade, acreditada pela voz da tradição e apresentando a alegação quase irresistível de expediente. Se não podeis dizer de tudo aquilo com que estais ligados "isto é o que o SENHOR ordenou", então renunciái-o sem hesitação, para sempre. Recordai estas palavras: "*Como se fez neste dia, assim o SENHOR ordenou se fizesse*" (Lv 8:34). Sim, recordai as palavras "como" e "assim"; vede se estão ligadas nos vossos caminhos e ligações e não permitais que elas jamais se separem.

O Oitavo Dia

"E Arão e seus filhos fizeram *todas as coisas que o SENHOR ordenou* pela mão de Moisés" (Lv8:36). "Então, entraram Moisés e Arão na tenda da congregação; depois; saíram e abençoaram o povo; e a glória do SENHOR apareceu a todo o povo. Porque o fogo saiu de diante do SENHOR e consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar; o que vendo todo o povo, jubilou e caiu sobre as suas faces" (Lv 9:23,24). Temos aqui uma cena do "oitavo dia" uma cena da glória da ressurreição. Arão, havendo oferecido o sacrifício, levantou as suas mãos em atitude de bênção sacerdotal sobre o povo; e então Moisés e Arão retiraram-se para dentro do tabernáculo, e desapareceram, enquanto que toda a assembléia esperava da parte de fora. Finalmente, Moisés e Arão, representando Cristo no Seu caráter duplo de Sacerdote e Rei, saem e abençoam o povo; a glória aparece em todo o seu esplendor, o fogo consome o sacrifício e toda a congregação se prostra em adoração na presença do Senhor de toda a terra.

Ora, tudo isto era literalmente feito na consagração de Aarão e seus filhos. E, além disso, tudo isto era o resultado de estrita adesão à Palavra do Senhor. Porém, antes de deixar esta parte do

assunto, quero recordar ao leitor que todos estes capítulos são apenas "uma sombra dos bens vindouros". Isto, na verdade, pode dizer-se a respeito de toda a economia Moisaica (Hb 10:1). Arão e seus filhos conjuntamente representam Cristo e a Sua casa sacerdotal. Arão só representa a Cristo nas Suas funções vicárias e intercessórias.

Moisés e Arão juntos representam Cristo como Rei e Sacerdote. "O oitavo dia" representa o dia da glória da ressurreição, em que a congregação de Israel verá o Messias assentado no Seu trono como Sacerdote Real, e em que a glória do Senhor há de encher toda a terra como as águas cobrem o mar. Estas verdades sublimes são largamente desenroladas na Palavra de Deus e brilham como pedras preciosas de esplendor celestial através das páginas inspiradas: mas, não seja o caso de terem para o leitor o aspecto de novidade suspeita, envio-o às seguintes provas escriturais: Números 14:21; Isaías 9:6-7; 11; 25:6 a 12:32:1; 2; 35; 37:31,32; 40:1 a5; 54,59:16a21;60a66; Jeremias 23:5a8; 30:10a24; 33:6a22; Ezequiel48:35; Daniel7:13,14; Oséas 14:4 a 9; Sofonias 3:14 a 20; Zacarias 3:8 a 10; 6:12,13; 14.

O Sangue da Vítima

Consideremos agora o segundo ponto desta parte do Livro, a saber, a eficácia do sangue. É um ponto amplamente desenrolado e que ocupa um lugar proeminente. Quer contemplemos a doutrina do sacrifício ou a doutrina do sacerdócio, vemos que o derramamento do sangue ocupa o mesmo lugar importante. "Então, fez chegar o novilho da expiação do pecado: e Arão e seus filhos puseram as suas mãos sobre a cabeça do novilho da expiação do pecado: e o degolou; e Moisés tomou o sangue, e pôs dele com o seu dedo sobre as pontas do altar em redor, e expiou o altar depois; derramou o resto do sangue à base do altar, e o santificou, para fazer expiação por ele" (8:14-15).

"Depois, fez chegar o carneiro do holocausto; e Arão e seus filhos puseram as mãos sobre a cabeça do carneiro; e o degolou; e Moisés espargiu o sangue sobre o altar, em redor" (versículos 18 e 19). "Depois, fez chegar o outro carneiro, o carneiro da consagração; e Arão com seus filhos puseram as suas mãos sobre a cabeça do carneiro; e o degolou; e Moisés tomou do seu sangue e o pôs sobre a ponta da orelha direita de Arão, e sobre o polegar da sua mão direita e sobre o polegar do seu pé direito. Também fez chegar os filhos de Arão; e Moisés pôs daquele sangue sobre a ponta da orelha direita deles, e sobre o polegar da sua mão direita, e sobre o polegar do seu pé direito; e Moisés espargiu o resto do sangue sobre o altar, em redor" (versículos 22 a 24).

O significado dos vários sacrifícios já foi explicado, até certo

ponto, nos primeiros capítulos deste volume; porém das passagens que acabamos de citar ressalta o lugar importante que o sangue ocupava na consagração dos sacerdotes. Era preciso um *ouvido* manchado de sangue para escutar as comunicações divinas; *a mão* espargida com sangue era necessária para executar os serviços do santuário; e era preciso *que o pé* estivesse manchado com sangue para trilhar os átrios da casa do Senhor. Tudo isto é perfeito em sua própria ordem. O derramamento de sangue era o fundamento de todo o sacrifício pelo pecado, e estava ligado com todos os vasos do ministério e com todas as funções do sacerdócio. Em todo o conjunto do serviço Levítico notamos o valor, a eficácia, o poder e a ampla aplicação do sangue. "E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue" (Hb 9:22). Cristo entrou, por Seu próprio sangue, no mesmo céu.

Aparece no trono da majestade nos céus em virtude de tudo que cumpriu na cruz. A sua presença no trono atesta o valor e a aceitação do Seu sangue expiatório. Está ali *por nós*. Bendita segurança! Vive sempre. Nunca muda; e nós estamos n'Ele e como Ele é, Ele apresenta-nos ao Pai em Sua própria perfeição eterna, e o Pai acha prazer em nós, assim apresentados, do mesmo modo que Se compraz n'Aquele que nos apresenta. Esta identificação é tipicamente representada em "Arão e seus filhos" pondo as suas mãos sobre a cabeça dos sacrifícios. Estavam todos diante de Deus no valor do mesmo sacrifício. Quer fosse "o novilho da expiação", "o carneiro do holocausto" ou "o carneiro da consagração", eles punham conjuntamente as suas mãos sobre todos. E verdade que só Arão fora ungido antes de o sangue haver sido derramado. Estava vestido com as vestes do seu ofício e ungido com o azeite da santa unção antes que seus filhos fossem vestidos ou ungidos. A razão é óbvia, Arão simboliza Cristo em Sua excelência incomparável e dignidade própria; e, como sabemos, Cristo apareceu em todo o Seu valor pessoal e foi ungido pelo Espírito Santo antes da realização da Sua obra expiatória. Em todas as coisas Ele tem a preeminência (Cl 1).

Contudo, existe a mais completa identificação, depois, entre Aarão e seus filhos; como há a mais completa identificação entre Cristo e o Seu povo. "O que santifica, como os que são santificados, são todos de um" (Hb 2:11). A distinção pessoal realça o valor da unidade mística.

O Poder do Espírito

Esta verdade de distinção e unidade da Cabeça e dos membros conduz-nos naturalmente ao nosso terceiro e último ponto, isto é, o poder do Espírito. Podemos notar tudo que se verifica entre a unção de Aarão e de seus filhos com ele. O sangue

é derramado, a gordura é queimada sobre o altar, e o peito era movido por oferta de movimento perante o Senhor. Por outras palavras, o sacrifício é consumado, o seu cheiro suave sobe até Deus e Aquele que o ofereceu sobe no poder da ressurreição e toma o Seu lugar nas alturas. Tudo isto se realiza entre a unção da Cabeça e a unção dos membros. Lemos e comparemos as passagens. Primeiramente, quanto a Aarão só, lemos: "E lhe vestiu a túnica, e cingiu-o como cinto, e pôs sobre ele o manto; também pôs sobre ele o éfode cingiu-o com o cinto lavrado do éfode o apertou com ele. Depois, de pôs-lhe o peitoral, pondo no peitoral o Urim e o Tumim; e pôs a mitra sobre a sua cabeça, e na mitra, diante do seu rosto, pôs a lâmina de ouro, a coroa da santidade, como o SENHOR ordenara a Moisés. Então, Moisés tomou o azeite da unção, e ungiu o tabernáculo e tudo o que havia nele, e o santificou; e dele espargiu sete vezes sobre o altar e ungiu o altar e todos os seus vasos, como também a pia e a sua base, para santificá-los. Depois, derramou do azeite da unção sobre a cabeça de Aarão e ungiu-o, para santificá-lo" (versículos 7 a 12).

Aqui só Aarão é apresentado. O azeite da unção é derramado sobre a sua cabeça, e isso, também, em ligação imediata com a unção de todos os vasos do tabernáculo. Toda a assembléia era autorizada a presenciar como o sumo sacerdote punha as suas vestes oficiais, a mitra, e depois recebia a unção; e não somente isto, mas como, à medida que se lhe punha cada peça do vestuário, que se realizava cada ato, que se celebrava cada cerimônia, podia ver-se como tudo estava baseado sobre a autoridade da Palavra. Não havia em tudo nada vago, nada arbitrário, nada imaginativo. Tudo era divinamente estável. As necessidades da congregação eram inteiramente providas e providas de tal maneira que podia dizer-se, "...assim o SENHOR ordenou se fizesse".

Na unção só de Aarão, antes do derramamento de sangue, temos uma figura de Cristo, que, antes de se oferecer a Si mesmo sobre a cruz, estava inteiramente só. Não podia haver união entre Ele e o Seu povo, salvo sobre o fundamento da morte e ressurreição. Esta verdade tão importante já foi mencionada e tratada, até certo ponto, em conexão com o assunto do sacrifício; porém aumenta o seu poder e interesse vê-la tão intimamente ligada com a questão do sacerdócio. Sem derramamento de sangue não há remissão — o sacrifício não estava completo. Assim, também, sem derramamento de sangue Aarão e seus filhos não podiam ser unguídos juntos. Que o leitor tome nota deste fato. Certifique-se dele, porque é digno da sua mais profunda atenção.

Guardemo-nos sempre de passar ligeiramente qualquer circunstância na economia Levítica. Cada coisa tem a sua voz especí-

fica e próprio significado; e Aquele que delineou e desenvolveu esta ordem pode explicar ao coração e entendimento o que essa ordem significa.

"Tomou Moisés também do *azeite* da unção e do *sangue* que estava sobre o altar e o espargiu sobre Arão e sobre as suas vestes, sobre os seus filhos e sobre as vestes de seus filhos *com ele*. E santificou a Arão e as suas vestes e seus filhos, e as vestes de seus filhos com ele" (Lv8:30).

Porque não foram os filhos de Arão ungidos com ele na ocasião citada no versículo 12? Simplesmente porque o sangue não havia sido derramado. Quando "o sangue" e "o azeite" puderam ser ligados, então Arão e seus filhos puderam ser "ungidos" e "santificados" juntos; mas não antes. "E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade" (Jo 17:19). O leitor que pudesse passar ao de leve uma circunstância tão notável, ou dizer que ela nada significa, tem ainda que aprender a avaliar devidamente as figuras do Velho Testamento — "as sombras dos bens futuros". E, por outro lado, aquele que admite que significa alguma coisa, mas que, não obstante, recusa inquirir e compreender o que é esse alguma coisa, está causando sério prejuízo à sua própria alma e manifestando pouco interesse pelos preciosos oráculos de Deus.

"E Moisés disse a Arão e a seus filhos: Cozei a carne diante da porta da tenda da congregação e ali a comei com o pão que está no cesto da consagração, como tenho ordenado, dizendo: Arão e seus filhos a comerão. Mas o que sobejar da carne e do pão queimareis com fogo. Também da porta da tenda da congregação não saireis por sete dias, até ao dia em que se cumprirem os dias da vossa consagração; porquanto por sete dias o SENHOR vos consagrará. Como se fez neste dia, assim o SENHOR ordenou se fizesse, para fazer expiação por vós. Ficareis, pois, à porta da tenda da congregação dia e noite, por sete dias, e fareis a guarda do SENHOR, para que não morrais: porque assim me foi ordenado" (versículos 31 a 35). Estes versículos oferecem um belo símbolo de Cristo e o Seu povo alimentando-se juntos dos resultados da expiação efetuada. Arão e seus filhos, havendo sido ungidos em conjunto, em virtude do derramamento de sangue, são apresentados aqui à nossa vista fechados no recinto do tabernáculo por "sete dias". Uma figura notável da atual posição de Cristo e Seus membros durante esta dispensação, encerrados com Deus e aguardando a manifestação da glória. Bem-aventurada posição! Bem-aventurada parte! Bem-aventurada esperança! Estar-se associado com Cristo, encerrado com Deus, esperando o dia da glória, e, esperando a glória, nutrir-se das riquezas da graça divina no poder da santidade, são bênçãos da

mais preciosa natureza, privilégios da mais elevada ordem. Oh, se fôssemos capazes de os compreender bem, se tivéssemos corações para os gozar e possuíssemos um sentimento profundo da sua magnitude! Que os nossos corações estejam separados de tudo que pertence a este presente século mau, de forma a podermos alimentar-nos do conteúdo do "cesto das consagrações", que é nosso próprio alimento como sacerdotes no santuário de Deus.

A Glória do Reino Milenar

"E aconteceu, ao dia *oitavo* que Moisés chamou Arão, e a seus filhos, e aos *anciãos de Israel* e disse a Arão: Toma um bezerro, para expiação do pecado, e um carneiro; para holocausto, sem mancha, e traze-os perante o SENHOR. Depois, falarás aos *filhos de Israel*, dizendo: Tomai um bode para expiação do pecado, e um bezerro e um cordeiro de um ano, sem mancha, para holocausto também um boi e um carneiro, para sacrificio pacífico, por sacrificar perante o SENHOR, e oferta de manjares, amassada com azeite; porquanto HOJE O SENHOR VOS APARECERÁ" (Lv 9:1 -4).

Havendo terminado os "sete dias" durante os quais Arão e seus filhos estavam retidos no recinto do tabernáculo, toda a congregação é introduzida e a glória de Jeová manifesta-se. Isto completa toda a cena. As sombras dos bens vindouros passam aqui diante de nós por sua ordem divina. O "oitavo dia" é uma figura dessa manhã milenar que está, prestes a raiar sobre a terra, quando a congregação de Israel verá sair o Verdadeiro Sacerdote do santuário, onde está agora, oculto para os olhos dos homens, acompanhado de um grupo de sacerdotes, companheiros da Sua reclusão, e participantes felizes da Sua glória manifestada. Numa palavra, como sombra ou figura, nada podia ser mais completo. Em primeiro lugar Arão e seus filhos lavados com água — uma figura de Cristo e o Seu povo, considerados no decreto eterno de Deus, santificados juntamente em propósito (Lv8:6). Depois, temos o modo e a ordem em que este propósito deveria proceder. Arão, em solidão é vestido e ungido — uma figura de Cristo santificado e enviado ao mundo e ungido pelo Espírito Santo (versículos 7 a 12; compare-se Lc 3:2-22; com Jo 10:36; 12:24). Em seguida temos a apresentação e aceitação do sacrificio, em virtude do qual Arão e seus filhos eram ungidos e santificados em conjunto (versículos 14 a 29), uma figura da cruz em sua aplicação àqueles que agora constituem a casa sacerdotal de Cristo, que estão unidos com Ele, ungidos com Ele, escondidos com Ele e esperando por Ele" ao oitavo dia", quando Ele Se manifestar com eles em todo o resplendor daquela glória que Lhe pertence no propósito eterno de Deus (Jo 14:19; At 2:33; 19:1 - 7;

C13:1 -4). Finalmente, temos Israel conduzido ao pleno gozo dos resultados da expiação efetuada. São reunidos perante o Senhor. "Depois Arão levantou as mãos ao povo e o abençoou; e desceu, havendo feito a expiação do pecado, e o holocausto, e a oferta pacífica" (veja-se Lv 9:1 a 22).

Agora, pode perguntar-se, que resta ainda fazer? Simplesmente que a pedra do topo seja posta com aclamações de vitória e hinos de louvor. "Então, entraram Moisés e Arão na tenda da congregação; depois, saíram e abençoaram o povo; e a glória do SENHOR apareceu a todo o povo. Porque o fogo saiu de diante do SENHOR e consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar; o que vendo todo o povo; JUBILOU e CAIU SOBRE AS SUAS FACES" (versículos 23 e 24).

Este era o grito de vitória — a atitude de adoração. Tudo era completo. O sacrifício, o sacerdote *com* suas vestes e mitra, a família sacerdotal associada com o seu Chefe, a bênção sacerdotal, o aparecimento do Rei e Sacerdote — em suma, nada faltava e portanto a glória divina apareceu e toda a congregação se prostrou em adoração.

E, em tudo, uma cena magnífica — uma sombra maravilhosa e bela dos bens que hão-de vir. E, recorde-se, tudo que aqui é simbolizado será, dentro de pouco tempo, plenamente realizado. O nosso grande Sumo Sacerdote penetrou nos céus no pleno valor e poder da expiação realizada. Está ali oculto, agora, e, com Ele, todos os membros da Sua família sacerdotal; mas quando tiverem passado os "sete dias" e os raios do "oitavo dia" brilharam sobre a terra, então todo o remanescente de Israel — um povo arrependido e expectante —aclamará com um grito de vitória a presença visível do Sacerdote Real; e, em íntima associação com Ele, será vista uma multidão de adoradores ocupando a mais elevada posição. Estas são "as boas coisas que hão - de vir" — coisas por que, certamente, vale a pena esperar— coisas dignas de Deus, coisas em que há - de ser eternamente glorificado e o Seu povo eternamente abençoado.

O HOMEM CORROMPE AS INSTITUIÇÕES DIVINAS

As páginas da história humana têm estado sempre deploravelmente manchadas. São, do princípio ao fim, uma história de fracasso. No meio das delícias do Éden, o homem prestou atenção às mentiras do tentador (Gn 3). Preservado do julgamento, pela mão do amor de eleição, e introduzido na terra restaurada, tornou-se culpado do pecado de intemperança (Gn 9). Depois de conduzido, pelo braço estendido de Jeová, ao país de Canaan, "deixaram ao SENHOR: e serviram a Baal e a Astarote" (Jz 2:13). Colocado sobre o pináculo do poder e glória terrestre, com riquezas incontáveis a seus pés e todos os recursos da natureza à sua disposição, deu seu coração a mulheres estranhas incircuncisas (1 Rs 11). Apenas foram promulgadas as bênçãos do evangelho logo se tornou necessária a profecia do Espírito Santo quanto aos "lobos cruéis", "apostasia" e toda a sorte de fracasso (At 20:29; 1 Tm 4:1-3; 2 Tm 3:1 -5; 2 Pe 2; 2 Jd 4). E como corolário de tudo, temos o testemunho profético da apostasia humana em pleno esplendor da glória do milênio (Ap 20:7-10).

É assim que o homem perverte tudo. Elevai-o a uma posição de mais alta dignidade, e ele se aviltará. Dotado dos mais amplos privilégios, ele abusará deles. No meio de uma profusão de riquezas, ele mostrar-se-á ingrato. Colocado no meio das instituições mais imponentes, ele corrompê-las-á. Tal é o homem! Tal é a natureza, nas suas mais belas formas e sob as circunstâncias mais favoráveis!

Nadabe e Abiú

Estamos, pois, preparados, de certo modo, para ouvir as palavras com que abre o nosso capítulo. "E os filhos de Arão, Nadabe e Abiú, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e puseram incenso sobre ele, e trouxeram fogo estranho perante a face do SENHOR, o que lhes não ordenara". Que contraste com a cena da última parte do nosso estudo! Ali tudo foi feito *"como o SENHOR ordenou"*, e o resultado foi a manifestação da glória. Aqui é feita qualquer coisa que o Senhor *não ordenam*, e o resultado é o juízo. Apenas cessou o eco do grito de vitória e já os elementos de um culto corrompido estavam preparados. Apenas a

posição divina lhes havia sido atribuída e já era deliberadamente abandonada por negligência do mandamento divino. Apenas estes sacerdotes acabavam de ser instalados quando falham gravemente no cumprimento das suas funções sacerdotais.

E em que consistiu a sua falta? Eram falsos sacerdotes? Eram apenas pretendentes a este ofício? De modo nenhum. Eram filhos legítimos de Arão — verdadeiros membros da família sacerdotal—, sacerdotes devidamente ordenados. Os vasos do seu ministério e as suas vestes sacerdotais também estavam em ordem. Em que consistiu, pois, o seu pecado? Mancharam as cortinas do tabernáculo com sangue humano, ou profanaram o recinto sagrado com algum crime que ofendesse a moral? Não existem provas de que tivessem feito tais coisas. Este foi o seu pecado: "...trouxeram fogo estranho perante a face do SENHOR, o que lhes não ordenara". Aqui estava o seu pecado. Afastaram-se na sua adoração da Palavra de Jeová que os havia claramente instruído acerca do modo do seu culto.

Já aqui aludimos à plenitude divina e suficiência da Palavra do Senhor quanto a todos os pormenores do serviço sacerdotal. Não havia sido deixada nenhuma lacuna para o homem introduzir aquilo que lhe parecesse conveniente ou desejável. "Isto é o que o SENHOR ordenou" era suficiente. Esta ordem tornava tudo muito simples e claro. Nada se exigia do homem senão um espírito de implícita obediência à ordem divina. Mas falhou nisto.

O homem tem mostrado sempre má disposição em seguir o caminho de estrita adesão à Palavra de Deus. Os atalhos parece terem sempre apresentado encantos irresistíveis para o pobre coração humano. "As águas roubadas são doces, e o pão comido a ocultas é suave" (Pv 9:17). É a linguagem do inimigo; porém o coração humilde e obediente sabe muito bem que o caminho da submissão à Palavra de Deus é o único que conduz a "águas" que são realmente "doces" ou o "pão" que pode verdadeiramente ser chamado "suave". Nadabe e Abiú podiam pensar que uma espécie de "fogo" era tão boa como a outra; porém não era da sua competência decidir nesse sentido. Deveriam ter atuado segundo a Palavra do Senhor; mas, em lugar disso, agiram segundo a sua própria vontade, e colheram os seus terríveis frutos. "Mas não sabe que ali estão os mortos; que os seus convidados estão nas profundezas do inferno" (Pv 9:18).

O Juízo de Deus sobre a Sua Casa

"Então, saiu fogo de diante do SENHOR, e os consumiu; e morreram perante o SENHOR". Como isto é profundamente solene! Jeová habitava no meio do Seu povo, para governar, julgar e atuar, segundo os direitos da Sua natureza, nos versículos finais

do capítulo 9 lemos: "...o fogo saiu de diante do Senhor e consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar". O SENHOR mostrava assim que aceitava um sacrificio verdadeiro. Porém em capítulo 10 vemos o Seu juízo sobre os sacerdotes desviados. É uma dupla ação do mesmo fogo. O holocausto subia como cheiro suave! Ao passo que o "fogo estranho" foi rejeitado como uma abominação. O Senhor foi glorificado no primeiro; mas teria sido uma desonra aceitar o segundo. A graça divina aceitava e deleitava-se naquilo que era uma figura do precioso sacrificio de cristo; a santidade divina rejeitava que era fruto da vontade corrompida do homem-vontade que nunca é mais horrenda e abominável como quando se imiscui nas coisas de Deus.

"E disse Moisés a Arão: Isto é o que o SENHOR falou, dizendo: Serei santificado naqueles que se chegarem a mim, e serei glorificado diante de todo o povo". A dignidade e glória de toda a economia dependiam da estrita manutenção dos justos direitos de Jeová. Se estes direitos fossem menosprezados, estaria tudo perdido. Se fosse permitido ao homem profanar o santuário da presença divina por meio do "fogo estranho", era o fim de tudo. Não se podia permitir que subisse do incensário do sacerdote alguma coisa que não fosse fogo puro, ateadado do altar de Deus, e alimentado com "o incenso puro moído". Bela ilustração da verdadeira e santa adoração, da qual o Pai é o objetivo, Cristo o assunto e o Espírito Santo o poder.

Não se pode permitir que o homem introduza as suas idéias ou invenções no culto a Deus. Todos os seus esforços só podem ter como resultado a apresentação de "fogo estranho" — incenso impuro — ou seja um culto falso. As suas melhores tentativas não passam de uma abominação aos olhos de Deus.

Não me refiro aqui aos esforços honestos de espíritos sinceros que buscam paz com Deus — esforços sinceros de consciências retas, ainda que não iluminadas, para chegarem ao conhecimento do perdão dos pecados, pelas obras da lei ou pelas ordenações de um sistema religioso. Sem dúvida, tais pessoas acabarão, em virtude da infinita bondade de Deus, por entrar na luz clara do gozo e conhecimento da salvação. Esses esforços provam claramente que se busca diligentemente a paz; embora, ao mesmo tempo, provem claramente que a paz ainda não foi alcançada.

Nunca ninguém seguiu sinceramente a luz tênue que houvesse incidido sobre a sua consciência sem haver recebido, a seu tempo, mais. "Ao que tem ser-lhe-á dado". A vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais, até ser dia perfeito" (Pv 4:18).

Tudo isto é tão claro como é animador; mas não deixa

inteiramente de parte a questão da vontade humana e as invenções ímpias em relação com o serviço e culto de Deus. Tais invenções provocarão, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, o juízo solene de um Deus santo e justo que não pode permitir que se escarneça dos Seus direitos. "Serei santificado naqueles que se chegarem a mim, e serei glorificado diante de todo o povo."

Os homens serão tratados segundo a sua profissão. Se buscam com sinceridade, certamente, encontrarão; porém quando se aproximam como adoradores já não são considerados como aqueles que buscam, mas, sim, como aqueles que professam ter achado o que procuravam; e, então, se o seu incensário sacerdotal fumeja com fogo impuro, se oferecem a Deus os elementos de um culto corrompido, se professam trilhar os Seus átrios sem haverem sido lavados, nem santificados nem humilhados, se põem sobre o Seu altar as invenções da sua própria vontade corrompida, qual será o resultado? O julgamento! Sim, cedo ou tarde, o juízo virá. Pode demorar; mas certamente virá. Não poderia ser de outro modo.

E não só o julgamento há - de vir, por fim, como se verifica, em cada caso, a rejeição, por parte do céu, de todo o culto que não tem o Pai por seu objetivo. Cristo por seu assunto e o Espírito Santo como poder.

A santidade de Deus está tão pronta a rejeitar todo o "fogo estranho" como a Sua graça está pronta a aceitar os mais fracos suspiros de um coração sincero. Deus tem de derramar o Seu justo juízo sobre todo o culto falso, não obstante, "não esmagará a cana quebrada, e não apagará o morrão que fumeja" (Mt 12:20). Este pensamento é muito solene quando recordamos os milhares de incensários deitando fumo com fogo estranho nos vastos domínios da cristandade. Que o Senhor, em Sua rica graça, aumente o número dos verdadeiros adoradores, que adoram o Pai em espírito e em verdade (João 4). É infinitamente melhor pensar na verdadeira adoração ascendendo de corações honestos até ao trono de Deus, do que contemplar, ainda que por um momento, o culto corrompido sobre o qual o juízo divino será dentro em pouco derramado.

Todo aquele que conhece, por graça, o perdão dos seus pecados pelo sangue expiator de Jesus pode adorar o Pai em espírito e em verdade; pois conhece o justo fundamento, o próprio objetivo, o verdadeiro assunto e o poder real do culto. Estas coisas só podem ser conhecidas de um modo divino. Não pertencem à natureza ou à terra. São espirituais e celestiais. Uma grande parte do que entre os homens passa por ser culto a Deus é, afinal, apenas "fogo estranho".

Não há fogo puro nem incenso puro, e, portanto, o Céu não o

aceita; e, embora não se veja cair o julgamento divino sobre aqueles que oferecem tal culto, como caiu sobre Nadabe e Abiú, é somente porque "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados" (2 Co 5:19). Não é porque o culto seja aceitável a Deus, mas porque Deus é misericordioso.

Contudo, aproxima-se rapidamente o tempo em que o fogo estranho será apagado para sempre, quando o trono de Deus não será mais insultado pelas nuvens do incenso impuro ascendendo de adoradores impuros; quando tudo que é adulterado será abolido e todo o universo será como um vasto e magnífico templo, no qual o verdadeiro Deus, Pai, Filho, e Espírito Santo, será adorado pelos séculos dos séculos.

É isto o que os remidos esperam; e, bendito seja Deus, dentro de pouco tempo os seus ardentes desejos serão plenamente satisfeitos, e satisfeitos para sempre — sim, satisfeitos de tal maneira que cada um deles confessará comovedoramente como a rainha de Sabá: "Eis que me não disseram metade" (1 Rs 10:7). Que o Senhor apresse esse tempo feliz!

Voltemos agora ao nosso solene capítulo, e, demorando-nos um pouco mais com ele, procuremos reunir e levar conosco algumas das suas salutares instruções, porque são verdadeiramente benéficas numa época como esta, em que há tanto "fogo estranho".

"Porém Arão Calou-se"

Existe qualquer coisa extraordinariamente admirável e tocante na maneira como Aarão recebeu o duro golpe da justiça divina. *"Aarão calou-se"*. Era uma cena solene. Os seus dois filhos mortos a seu lado— mortos pelo fogo do juízo divino ('). Acabava de os ver revestidos com as suas vestes de glória e beleza — lavados, paramentados e ungidos. Tinham estado com ele perante o Senhor, para serem consagrados ao ministério sacerdotal. Tinham oferecido, em companhia dele, os sacrifícios determinados. Tinham visto os raios da glória divina irradiando da coluna de nuvem (— sinal da presença de Deus —); tinham visto cair o fogo do Senhor sobre o sacrifício e consumi-lo. Tinham ouvido irromper da assembléia prostrada em adoração as exclamações de júbilo. Tudo isto acabava de passar ante seus olhos; mas agora, enfim, os seus dois filhos jaziam a seu lado nas garras da morte. O fogo do Senhor, que pouco antes fora alimentado por um sacrifício aceitável, tinha, agora, caído em juízo sobre eles, e que podia ele dizer? "Arão calou-se".

(¹) Para que o leitor se não sinta perturbado com a dificuldade a respeito das almas de Nadabe e Abiú, devo dizer que uma tal questão nunca deve ser levantada. Em casos como o de Nadabe e Abiú, em Levítico 10; Core e a sua companhia, em Números 16; toda a congregação, exceto Josué e Calebe, cujas ossadas ficaram no deserto, segundo Números 14 e Hebreus 3; Acã e sua família, Josué 7; Ananias e Safira, em Atos 5; os que foram julgados por abusos à mesa do Senhor, I Coríntios 11, a questão da salvação da alma nunca é levantada. Devemos ver neles simplesmente os atos solenes da administração de Deus no meio do Seu povo. Este conhecimento alivia a alma de todas as dúvidas.

O Senhor habitava entre os Querubins para julgar o Seu povo em todas as coisas; e Deus Espírito Santo habita na Igreja para ordenar e governar, segundo a perfeição da Sua presença. A Sua presença era tão real e pessoal que Ananias e Safira puderam mentir-Lhe e Ele pôde executar o juízo sobre eles. Foi uma exibição tão real e imediata dos Seus atos administrativos como temos no caso de Nadabe e Abiú ou Acã ou qualquer outro.

É uma grande verdade de que se deve tomar nota. Deus não só é a favor do Seu povo como está com ele e neles. Deve contar-se com Ele em todas as coisas, quer grandes, quer pequenas. Ele está sempre presente para dar consolação e auxílio. Está ali para castigar e julgar. Está presente para as necessidades de cada momento. Ele é suficiente. Que a fê espere n'Ele. "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18:20). E, certamente, onde Ele está nada mais precisamos.

"Emudeci; não abro a minha boca, porquanto tu o fizeste" (S139:9). Era a mão de Deus; e ainda que pudesse parecer muito pesada, no juízo da carne e do sangue, ele só tinha que curvar a cabeça, em temor silencioso e reverente aquiescência. "Emudeci... tu o fizeste" Era a atitude mais adequada em presença do juízo divino. Aarão, sem dúvida, sentiu que as próprias colunas da sua casa eram sacudidas pelo trovão do juízo divino; e portanto só podia permanecer em silencioso assombro diante daquela cena aterradora. Para um pai privado dos seus dois filhos, daquela maneira e em tais circunstâncias, não era um acontecimento vulgar.

Isto constituiu um comentário profundamente solene às palavras do Salmista: "Deus deve ser um extremo tremendo na assembléia dos santos, e grandemente reverenciado por todos os que o cercam" (SI 89:7). "Quem te não temerá, ó SENHOR, quem não glorificará o teu nome?" Possamos nós aprender a andar suavemente na presença divina e a pisar os átrios do Senhor com os pés descalços e espírito reverente. Que o nosso incensário de sacerdotes contenha sempre como único combustível o incenso batido das múltiplas perfeições de Cristo e que a santa chama seja sempre ateadada pelo poder do Espírito. Tudo o mais não é somente inútil como vil. Tudo o que proceda da energia da natureza, tudo que é resultado da ação da vontade humana, o mais fragrante incenso da imaginação do homem, o mais intenso ardor da devoção natural, tudo isso redundará em "fogo estranho" e atrairá

o juízo solene do Deus Todo-Poderoso. Oh, quem nos dera um coração inteiramente fiel e um espírito de adoração continuamente na presença de nosso Deus e Pai!

Mas não desanime nem se assuste qualquer coração sincero, embora tímido. Sucede com freqüência que aqueles que deveriam alarmar-se manifestam indiferença; enquanto que outros, para quem o Espírito de graça só destina palavras de conforto e estímulo, aplicam a si próprios, erradamente, as advertências assustadoras das Sagradas Escrituras. Sem dúvida, o coração humilde e contrito, que treme perante a Palavra do Senhor, está em bom estado; porém devemos recordar que um pai adverte o filho, não porque deixa de o considerar seu filho, mas porque é seu filho; e uma das melhores provas deste parentesco é a disposição de receber a advertência e aproveitá-la. A voz paterna, ainda mesmo que o seu tom seja de grave admoestação, penetrará no coração do filho, mas nunca para despertar dúvidas quanto ao seu parentesco com aquele que fala. Se um filho duvidasse da sua filiação todas as vezes que fosse repreendido pelo pai, seria digno de lástima. O julgamento que acabara de cair sobre a casa de Aarão não o fez duvidar que fosse realmente sacerdote. Teve apenas o efeito de ensinar-lhe como devia conduzir-se nessa elevada e santa posição.

Nem o Juízo de Deus Deve Abalar a Atividade Sacerdotal

"E Moisés disse a Aarão e a seus filhos Eleazar e Itamar: Não descobrireis as vossas cabeças, nem rasgareis os vossos vestes, para que não morrais, nem venha grande indignação sobre toda a congregação; mas os vossos irmãos, toda a casa de Israel, lamentem este incêndio que o SENHOR acendeu. Nem saireis da porta da tenda da congregação, para que não morrais; porque está sobre vós o azeite da unção do SENHOR. E fizeram conforme à palavra de Moisés" (Lv 10:6 - 7).

Aarão, Eleazar e Itamar deviam permanecer impassíveis na sua elevada posição — na sua santa dignidade — na sua posição de santidade sacerdotal. Nem a falta, nem o seu conseqüente julgamento deviam interferir com os que usavam as vestes sacerdotais e eram ungidos com "o azeite da unção do SENHOR". Esse azeite havia-os colocado num sagrado recinto onde as influências do pecado, da morte e do juízo não podiam atingi-los. Os que estavam fora, que estavam a uma distância do santuário, que não estavam na posição de sacerdotes, podiam "lamentar o incêndio"; mas quanto a Aarão e seus filhos deviam continuar no desempenho das suas santas funções, como se nada tivesse acontecido. Sacerdotes no santuário não deviam lamentar-se, mas adorar. Não deviam chorar, como na presença da morte, mas

curvar as cabeças unguidas na presença da visitação divina. "O fogo do SENHOR" podia agir, e fazer a sua obra de juízo; mas, a um verdadeiro sacerdote, não interessava o que esse "fogo" tinha vindo fazer, se vinha para expressar aprovação divina consumindo o sacrifício, ou o desagrado divino consumindo os que ofereciam "fogo estranho", ele só tinha que adorar. Aquele "fogo" era uma manifestação bem conhecida da presença divina em Israel, e que atuasse em "misericórdia ou julgamento" a obrigação de todo o verdadeiro sacerdote era adorar. "Cantarei a misericórdia e o juízo: a ti, SENHOR, cantarei."

Há em tudo isto uma profunda e santa lição para a alma. Os que são conduzidos para perto de Deus no poder do sangue e pela unção do Espírito Santo devem mover-se numa esfera fora do alcance das influências naturais. A proximidade de Deus dá à alma um tal conhecimento dos Seus caminhos, uma tal compreensão da justiça de todas as Suas dispensações que nos habilita a adorar na Sua presença, ainda mesmo que o golpe da Sua mão nos tenha tirado o objeto das maiores afeições. Pode perguntar-se, teremos de ser estóicos? E eu pergunto, Arão e seus filhos eram estóicos? Não; eles eram sacerdotes. Não sentiam como os outros homens¹? Sim, mas adoravam como sacerdotes. Isto é profundo, e abre-nos um horizonte de pensamentos, de sentimentos e de experiências, no qual a natureza humana nunca poderá mover-se — uma região da qual nada conhece, apesar de toda a sua orgulhosa cultura e sentimentalismo. Devemos andar no santuário de Deus na verdadeira energia sacerdotal, a fim de podermos compreender a profundidade, o significado e o poder de tais santos mistérios.

O profeta Ezequiel foi chamado, nos seus dias, para aprender esta lição: "veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, eis que tirarei de ti o desejo dos teus olhos de um golpe, mas não lamentarás, nem chorarás, nem te correrão as lágrimas. Refreia o teu gemido; não tomaras luto por mortos; ata o teu turbante, e coloca nos pés os teus sapatos; e não te rebuçarás e o pão dos *homens* não comerás... e fiz pela manhã como se me deu ordem" (Ez 24:15-18). Dir-se-á que tudo isto era um "sinal" para Israel. É verdade, mas prova que tanto o testemunho profético como o culto sacerdotal devem elevar-nos acima de todas as exigências e influências da natureza e da terra. Os filhos de Arão e a mulher de Ezequiel foram justificados de um só golpe; e contudo, nem o sacerdote nem o profeta deviam descobrir a sua cabeça nem verter uma lágrima.

Oh, prezado leitor, que progresso tem feito cada um de nós nesta profunda lição? Não há dúvida que tanto o leitor como o autor têm de fazer a mesma confissão humilhante. Muitas vezes

andamos como "homens do mundo" e "comemos o pão dos homens". Outras vezes somos privados dos nossos altos privilégios sacerdotais pelos manejos da natureza e as influências da terra. Devemos vigiar contra estas coisas. Nada pode preservar o coração do poder do mal ou manter a sua espiritualidade senão a consciência da proximidade de Deus como sacerdotes. Todos os crentes são sacerdotes e nada pode privá-los dessa posição. Mas ainda que não possam perder a sua posição, podem cometer faltas graves no cumprimento das suas funções. Estas duas coisas não se distinguem muito bem. Há alguns que, ocupados com a preciosa verdade da segurança do crente, esquecem a possibilidade de falharem nas suas funções sacerdotais. Outros, pelo contrário, absortos com as falhas, ousam pôr em dúvida a segurança.

Desejamos que o leitor se guarde destes erros. É preciso estar-se bem fundado na doutrina divina da eterna segurança de todos os membros da verdadeira casa sacerdotal; mas deve recordar-se também que existe a possibilidade de falha, daí a necessidade constante de oração, para não cairmos.

Oxalá que todos aqueles que têm sido levados ao conhecimento da elevada posição de sacerdotes de Deus sejam preservados, por Sua graça celestial, de toda a sorte de faltas, seja contaminação pessoal, seja a apresentação de qualquer das muitas formas de "fogo estranho" que tanto abundam na igreja professa.

A Abstinência de tudo que Ativa a Ação da Carne

"E falou o SENHOR a Arão, dizendo: Vinho *ou* bebida forte tu e teus filhos contigo não bebereis, quando entrardes na tenda da congregação, para que não morrais; estatuto perpétuo será isso, entre as vossas gerações, para fazer diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo e para ensinar aos filhos de Israel todos os estatutos que o SENHOR lhes tem falado pela mão de Moisés" (versículos 8all).

O efeito do vinho é excitar a natureza humana, e todo o sentimento natural prejudica aquela condição tranqüila e equilibrada da alma que é essencial ao desempenho das funções sacerdotais. Em vez de utilizar meios para excitar a natureza, devemos tratá-la como uma coisa que não tem existência. Só assim estaremos em condição moral para servir no santuário e para formar um juízo imparcial entre o que é imundo e o que é puro, e para explicar e transmitir o pensamento de Deus. Compete a cada um julgar, por si mesmo, o que, no seu caso particular, atuaria como "vinho ou bebida forte" (¹).

⁽¹⁾ *Alguns têm pensado que, devido ao lugar especial que esta recomendação a respeito do vinho ocupa, Nadabe e Abiú teriam estado debaixo da influência de bebida forte, quando ofereceram o "fogo estranho". Mas, seja como for, devemos estar agradecidos por este princípio tão valioso referente à nossa conduta, como sacerdotes espirituais. Temos de evitar tudo que produz os mesmos efeitos sobre o homem espiritual que a bebida forte produz sobre o homem físico.*

Desnecessário é dizer que o crente deve ser propriamente zeloso quanto ao uso do vinho ou bebida forte. Timóteo, como sabemos, precisou de uma recomendação apostólica para se convencer até mesmo a tocar-lhe, por amor da sua saúde (1 Tm 5). Uma agradável prova da abstinência habitual de Timóteo e do amor solícito do Espírito por intermédio do apóstolo. Devo dizer que o nosso sentido moral sente--se ofendido por ver crentes fazendo uso de bebida forte em casos que, seguramente, não necessitam dela como remédio. Trememos ao ver um crente tornar-se um simples escravo de um hábito, seja o que for esse hábito. É uma prova de que não mantém o seu corpo em sujeição e corre o perigo de ser "reprovado" (1 Co 9:27).

As coisas que excitam a natureza humana são na verdade múltiplas — a riqueza, a ambição, a política e uma diversidade de coisas de competição de que estamos rodeados. Todas estas coisas atuam como poderosos excitantes sobre a natureza humana, e tornam-nos inteiramente incapazes de todo o serviço sacerdotal. Se o coração está cheio do sentimento de orgulho, de cobiça ou de rivalidade, é absolutamente impossível gozar o ar puro do santuário ou cumprir as sagradas funções do ministério sacerdotal. Os homens falam da versatilidade do gênio humano, ou da facilidade com que se passa rapidamente de uma coisa a outra. Mas por muito versátil que seja o gênio do homem não consegue fazê-lo passar de um círculo profano de assuntos literários, comerciais ou políticos, para o santo retiro do santuário da presença divina; nem esse gênio poderá jamais habilitar os olhos ofuscados pelas influências de tais cenas a discernir, com precisão sacerdotal, a diferença entre o que é "santo" e "profano", e entre o "imundo" e o "puro". Não, prezado leitor; os sacerdotes de Deus têm de manter-se separados do "vinho e bebida forte". O seu caminho é um caminho de santa separação e abstração. Têm de elevar-se muito acima das influências dos gozos terreaux assim como das dores do mundo. Se alguma coisa têm a fazer com "bebida forte" é oferecê-la no santuário como libação ao Senhor (Nm 28:7). Por outras palavras, a alegria dos sacerdotes de Deus não é a alegria da terra, mas a do céu, a do santuário. "A alegria do SENHOR é a vossa força."

Oh, se ponderássemos profundamente estas santas instruções! Sem dúvida necessitamos muito de o fazer. Se menosprezarmos as nossas responsabilidades sacerdotais, tudo estará em desordem. Quando contemplamos o acampamento de

Israel, podemos observar três círculos, e a forma como o círculo mais interior tinha o seu centro no santuário. Havia primeiro o círculo dos guerreiros (Nm 10:2). A seguir o círculo dos levitas em volta do tabernáculo (Nm 3 e 4). E, finalmente, o círculo mais interior dos sacerdotes que ministravam no lugar santo. Ora, lembremo-nos de que o crente é chamado para se mover em todos estes círculos. Entra na luta como guerreiro (Ef 6:11-17; 1 Tm 1:18; 6:12; 2 Tm 4-7). Serve como um levita no meio dos seus irmãos, segundo a sua capacidade e esfera (Mt 25:14-15; Lc 19:12-13). Finalmente, sacrifica e adora, como sacerdote, no lugar santo (Hb 13:15-16; 1 Pd 2:5-9). Este último ofício durará para sempre. E, além disso, é segundo a maneira acertada como nos movemos nesse santo círculo que todas as outras relações e responsabilidades são retamente desempenhadas.

Por isso, tudo que nos incapacita para as nossas funções sacerdotais — tudo que nos afasta do centro desse círculo mais interior em que é nosso privilégio mover-nos — tudo, em suma, que tende a desorganizar a nossa condição de sacerdotes ou a obscurecer a nossa visão sacerdotal deve forçosamente contribuir para nos tornar inaptos para o serviço que somos chamados a prestar e para a guerra que somos chamados a sustentar.

São de peso estas considerações. Fixemo-nos nelas. O coração tem de ser reto, a consciência pura, o olhar simples, e a visão espiritual límpida. Os interesses da alma no lugar santo devem ser fiel e diligentemente servidos, de outro modo tudo irá mal. A comunhão particular com Deus deve ser mantida, de contrário seremos inúteis, como servos, e como guerreiros, seremos vencidos. É inútil apresarmo-nos e correr cá e lá, naquilo que chamamos serviço ou entregarmo-nos a palavras ocas sobre a armadura e a luta do cristão.

Se não conservamos as nossas vestes sacerdotais e se não nos guardamos de tudo quanto possa excitar a nossa natureza certamente cairemos. O *sacerdote* deve guardar cuidadosamente o seu coração, de contrário como *levita* falhará, e como *guerreiro* será derrotado.

Ê, repito, dever de cada um dar-se conta do que, para ele, constitui o "vinho e a bebida forte", o que é que o excita, e o que afeta a sua percepção espiritual ou ofusca a sua visão sacerdotal. Pode ser um leilão, uma feira de gado, um periódico, ou uma ninharia. Não importa o que seja, se contribui para nos excitar, seremos desclassificados para o ministério sacerdotal; e se somos desclassificados como sacerdotes, somos inúteis para tudo. Porque o nosso êxito, por todos os lados em todos os pormenores do ministério, depende da medida em que cultivarmos um espírito de adoração.

Portanto, exercitemo-nos num espírito de autocrítica, e redobremos de vigilância sobre os nossos hábitos, a nossa conduta e a escolha das nossas companhias; e quando, pela graça, descobrimos qualquer coisa que, de algum modo, contribui para nos tornar inaptos para os santos exercícios do santuário, deixemo-la, custe o que custar. Não nos deixemos escravizar por qualquer hábito. A comunhão com Deus deve ser mais querida dos nossos corações do que qualquer coisa mais; e na medida em que apreciarmos essa comunhão vigiaremos e oraremos e estaremos em guarda contra tudo que pode privar-nos dela — tudo quanto possa excitar, turbar ou prejudicar ⁽¹⁾.

Como Permanecer na Presença Divina quando a Carne Acabou se Manifestando?

"E disse Moisés a Arão, e a Eleazar, e a Itamar, seus filhos, que lhe ficaram: Tomai a oferta de manjares, restante das ofertas queimadas ao SENHOR, e comei-a sem levedura junto ao altar, porquanto uma coisa santíssima é. Portanto, o comereis no lugar santo; porque isto é a tua porção e a porção de teus filhos, das ofertas queimadas do Senhor: porque assim me foi ordenado" (versículos 12 e 13).

Poucas coisas há em que somos tão propensos a cair como no cumprimento do padrão divino, quando a fraqueza humana prevalece. Somos como Davi, quando o Senhor feriu a Uza, por causa do seu pecado estendendo a mão sobre a arca. "E naquele dia temeu Davi ao SENHOR, dizendo: Como trarei a mim a arca de Deus?"

⁽¹⁾ *Alguns poderão pensar talvez que a linguagem de Levítico 10:9 lhes proporciona ocasional condescendência nas coisas que contribuem para excitar a mente, visto que se diz "vinho nem bebida forte... bebereis, quando entrardes na tenda da congregação". A isto podemos retorquir que o santuário não é um lugar para o crente visitar ocasionalmente, mas sim, um lugar em que ele habitualmente vai servir e adorar. É a esfera em que ele deve viver e mover-se, e existir. Quanto mais perto de Deus vivemos, menos podemos passar sem a Sua presença; e ninguém que conheça o gozo profundo de ali estar poderá condescender a qualquer coisa que o prive desse lugar. Não existe dentro dos limites da terra coisa alguma que possa constituir um substituto para a mente espiritual, para uma hora de comunhão com Deus.*

(1 Cr 13:12). E imensamente difícil alguém curvar-se ante o juízo divino, e, ao mesmo tempo, manter-se bem sobre o fundamento divino. A tentação está em baixar o padrão do seu alto nível para se tomar o terreno humano. Devemos precaver-nos cuidadosamente contra este mal, tanto mais perigoso quanto é certo que se reveste de uma aparência de modéstia, desconfiança

e humildade.

Aarão e seus filhos, apesar de tudo que tinha acontecido, deviam comer a oferta de manjares no lugar santo. Deviam comê-la, não porque tudo tinha corrido bem, mas porque "é a tua porção", e "assim me foi ordenado". Ainda que tivesse havido pecado, contudo, o lugar deles era no tabernáculo; e os que ali permaneciam tinham certos "deveres" baseados sobre o mandamento divino. Ainda que o homem tivesse falhado dez mil vezes, a Palavra do Senhor não podia falhar; e essa Palavra assegurava certos privilégios para todos os verdadeiros *sacerdotes*, que eles podiam usufruir. Os sacerdotes de Deus não deviam ter nada de comer, nenhum alimento sacerdotal, porque se havia cometido uma falta Devia consentir-se que os que haviam ficado morressem de fome porque Nadabe e Abiú tinham oferecido "fogo estranho"? Não, de modo nenhum, Deus é fiel, e nunca poderá consentir que alguém esteja faminto na sua bendita presença. O filho pródigo pode vaguear, dissipar toda a sua fazenda e chegará indigência; mas a verdade permanece que "na casa de meu Pai há abundância de pão".

"Também o peito da oferta do movimento e a espádua da oferta alçada comereis em lugar limpo, t u, e teus filhos, e tuas filhas contigo; porque foram dados por tua porção, e por porção de teus filhos, *dos sacrificios pacíficos dos filhos de Israel... o que será por estatuto perpétuo... como o SENHOR tem ordenado*" (versículos 14 e 15). Que força e que estabilidade temos aqui! Todos os membros da família sacerdotal, "filhos" e "filhas", todos, qualquer que fosse a medida da sua energia ou capacidade, deviam alimentar-se do "peito" e da "espádua", figuras do afeto e poder d 'Aquele que é a verdadeira oferta de manjares, ressuscitado de entre os mortos e apresentado diante de Deus. Este precioso privilégio pertencia-lhes *"por estatuto perpétuo, como o Senhor tinha ordenado"*. Isto torna tudo "seguro e firme", haja o que houver. Muitos podem faltar e pecar; podem chegar a oferecer fogo estranho, porém a família sacerdotal de Deus não pode ser privada da rica e graciosa porção que o amor divino instituiu e a fidelidade divina lhe assegura "por estatuto perpétuo".

Contudo, devemos distinguir entre os privilégios que pertenciam a todos os membros da família de Aarão, tanto a "filhos" como a "filhas", e aqueles que só podiam ser desfrutados pelos varões dessa família. Já fizemos alusão a isto no estudo sobre as ofertas. Há certas bênçãos que são comuns a todos os crentes, simplesmente por serem crentes; mas há outras que requerem uma maior medida de conhecimento espiritual e energia sacerdotal para serem aprendidas e gozadas. Ora, é pior do que

presunção, sim, é irreverente, pretender gozar esta mais alta medida de bênção, quando, na realidade, não a possuímos. Uma coisa é reter com firmeza os privilégios que nos são "dados" por Deus, e nunca nos podem ser tirados, e outra assumir uma capacidade espiritual que nunca chegamos a obter. Sem dúvida, devíamos desejar ardentemente a mais alta medida de comunhão sacerdotal, a mais elevada ordem de privilégios sacerdotais, mas desejar uma coisa não é o mesmo que permitir tê-la.

Uma Omissão no Serviço

Este pensamento lança luz sobre o último parágrafo do nosso capítulo. "E Moisés diligentemente buscou o bode da expiação, e eis que já era queimado; portanto, indignou-se grandemente contra Eleazar e contra Itamar, os filhos que de Arão ficaram, dizendo: Por que não comestes a oferta pela expiação do pecado no lugar santo? Pois uma coisa santíssima é e o SENHOR a deu a vós, para que levásseis a iniquidade da congregação, para fazer expiação por eles diante do SENHOR. Eis que não se trouxe o seu sangue para dentro do santuário; certamente havíeis de comê-la no santuário, como eu tinha ordenado. Então, disse Arão a Moisés: Eis que hoje meus filhos ofereceram a sua oferta pela expiação de pecado e o seu holocausto perante o SENHOR, e tais coisas me sucederam; se eu hoje tivesse comido a oferta pela expiação do pecado, seria, pois, aceito aos olhos do SENHOR. E Moisés ouvindo isto, Arão foi aceito aos seus olhos".

Às filhas de Arão não era permitido comer da "oferta pelo pecado". Este alto privilégio pertencia só aos "filhos" e era uma figura da forma mais elevada de serviço sacerdotal. Comer da oferta pelo pecado era expressão de plena identificação como o ofertante, e isto requeria capacidade espiritual e energia de que "os filhos de Arão" eram figuras. Nesta ocasião, porém, é evidente que Arão e seus filhos não estavam na condição espiritual de se elevarem a tão alto e santo princípio. Deviam estar nessa posição, mas não estavam. "Tais coisas me sucederam", disse Arão. Era sem dúvida uma falta deplorável; mas, ainda assim, "Moisés, ouvindo isto, Arão foi aceito aos seus olhos". Vale muito mais sermos sinceros na confissão das nossas faltas e negligência do que pretendermos ter uma força espiritual que de fato não possuímos.

Assim, pois, o capítulo décimo do Livro de Levítico começa com um pecado positivo e termina com um pecado de omissão. Nadabe e Abiú ofereceram "fogo estranho" e Eleazar e Itamar mostraram-se incapazes de comer da "oferta da expiação". Para o pecado dos primeiros houve o juízo divino; para a omissão dos últimos houve indulgência divina. Não podia haver tolerância para

o "fogo estranho". Equivalia a menosprezar abertamente o mandamento expresso de Deus. Evidentemente, há uma grande diferença entre a transgressão deliberada de um mandamento positivo e a simples incapacidade de se elevar à altura de um privilégio divino. O primeiro caso é afrontar abertamente a Deus; o último caso é a perda de uma bênção que está ao seu dispor. Não deveria ter ocorrido nem uma falta nem a outra, mas a diferença entre uma e a outra é fácil de compreender.

Que o Senhor, em Sua graça infinita, nos guarde para que sempre possamos habitar no retiro da Sua santa presença, permanecendo em Seu amor e alimentando-nos da Sua verdade. Assim seremos preservados do "fogo estranho" e da "bebida forte", quer dizer, de um culto falso, seja de que espécie for, e da excitação carnal sob todas as suas formas. Assim também seremos capazes de nos conduzir dignamente em todo o sentido na administração sacerdotal e de gozar todos os privilégios da nossa posição de sacerdotes. A comunhão de um crente é como uma planta mimosa; a qual é facilmente magoada pelas bruscas influências de um mundo mau. Desenvolver-se-á sob a ação propícia do ar do céu; mas contrai-se ao primeiro sopro glacial. Recordemos estas coisas e procuremos estar sempre no recinto sagrado da presença divina. Ali tudo é puro, seguro e feliz.

ANIMAIS PUROS E ANIMAIS IMPUROS

Introdução

O Livro de Levítico pode ser considerado "o guia do sacerdote", porque é esta a sua característica. Está cheio de princípios para orientação dos que desejam gozar de intimidade com Deus no serviço sacerdotal. Tivesse Israel continuado a andar com o Senhor segundo a graça pela qual Ele os havia acabado de tirar da terra do Egito, e eles teriam sido, para Si, "um reino sacerdotal e povo santo" (Ex 19:6). Foi isto porém que deixaram de fazer. Afastaram-se, colocaram-se debaixo da lei e não puderam cumpri-la. Por isso, o Senhor teve de eleger determinada tribo, e dessa tribo uma certa família, e dessa família determinado homem, e a esse homem e seus filhos foi dado o elevado privilégio de se aproximarem de Deus como sacerdotes.

Ora os privilégios de uma tal posição eram imensos; mas ela tinha também as suas grandes responsabilidades. Requeria o exercício constante de um espírito de discernimento. "Os lábios do sacerdote guardarão a ciência, e da sua boca buscarão a lei, porque ele é o anjo do SENHOR dos Exércitos" (Mq 2:7). O sacerdote não só devia levar o juízo da congregação perante o Senhor, como também expor as ordenações do Senhor à congregação. Devia ser o instrumento sempre pronto de comunicação entre o Senhor e a assembléia. Não só devia conhecer, pessoalmente, os pensamentos de Deus, como interpretá-los para o povo.

Tudo isto requeria naturalmente uma vigilância contínua, uma atenção permanente e um estudo constante das páginas inspiradas, a fim de assimilar, até ao íntimo da sua alma, todos os preceitos, juízos, estatutos, leis, mandamentos e ordenações do Senhor Deus de Israel, de forma a poder instruir a congregação nas "coisas que deviam ser feitas".

Não havia lugar para caprichos ou invenções, nem para as interferências plausíveis do homem ou invenções astutas de conveniência humana. Tudo fora prescrito com precisão divina e a peremptória autoridade da expressão "assim diz o SENHOR". Minuciosos como eram os pormenores dos sacrifícios, ritos e cerimônias, não foi deixado lugar para a imaginação do homem. Nem sequer lhe era permitido decidir qual a espécie de sacrifício que se devia oferecer em qualquer ocasião, nem de que maneira

devia apresentar-se esse sacrifício. O Senhor havia previsto tudo. Nem o sacerdote nem a congregação tinham qualquer autoridade para decretar, estabelecer ou sugerir tanto como um simples pormenor na larga série das ordenações da dispensação mosaica. *Tudo era ordenado pela Palavra do Senhor; o homem só tinha de obedecer.*

Para o coração obediente isto constituía uma misericórdia indizível. É absolutamente impossível dar o valor devido ao privilégio de podermos recorrer à Palavra de Deus e encontrar nela, dia a dia, instruções completas sobre todos os pormenores respeitantes à fé e ao nosso serviço.

Tudo que necessitamos é uma vontade submissa, um espírito humilde, e um coração sincero. O livro que Deus deu para nos guiarmos é tão completo como podíamos desejar. Nada mais precisamos. Imaginar, ainda que seja por momentos, que alguma coisa pode ser acrescentada pela sabedoria humana constitui um insulto feito ao cânone sagrado. Ninguém pode ler o Livro de Levítico sem admirar o extremo cuidado do Deus de Israel em proporcionar ao Seu povo instruções tão pormenorizadas quanto a tudo que se refere ao Seu serviço e culto. O leitor mais superficial poderá, ao menos, aprender esta interessante e proveitosa lição.

Atualmente, mais do que em qualquer outra época, é necessário fazer chegar esta lição aos ouvidos da Igreja aprofundada. De toda a parte surgem dúvidas sobre a suficiência divina das Sagradas Escrituras. Nalguns casos estas dúvidas são expressas abertamente e com

propósito deliberado; noutros, com menos freqüência, são insinuadas encobertamente por meio de alusões ou inferências. Dizem ao navegante cristão, direta ou indiretamente, que a carta divina não basta para os múltiplos e complicados pormenores da viagem—que tem havido tantas alterações no oceano da vida, desde que essa carta foi feita, que, em muitos casos, é inteiramente deficiente para os propósitos da moderna navegação.

Dizem-lhes que as correntes, marés, costas, canais e praias desse oceano são totalmente diferentes agora do que eram há alguns séculos, e que, por conseguinte, temos de recorrer ao auxílio, que a moderna navegação dispensa, a fim de suprir as deficiências da velha carta, a qual, admitem, de fato, ter sido perfeita para a época em que foi escrita.

O nosso veemente desejo é que o leitor cristão possa, com clareza e decisão, opôr-se a este grave insulto feito ao Livro inspirado, do qual cada linha procede do coração do Pai, e foi escrita por homens inspirados por Deus Espírito Santo. Desejamos que possa contestar esse insulto, quer ele se apresente sob a forma de uma audaz blasfêmia ou sob uma astuciosa e

plausível inferência. Seja qual for o disfarce com que se apresente, deve a sua origem ao inimigo de Cristo, que é o inimigo da Bíblia e inimigo da alma.

Se, na verdade, a Palavra de Deus não fosse suficiente, então, em que situação ficaríamos? Para onde nos voltaríamos? A quem nos dirigíamos pedindo socorro se o Livro do nosso Pai fosse, de algum modo, defeituoso? Deus diz que o Seu livro "pode instruir-nos *perfeitamente para toda* boa obra" (2 Tm 3:17). O homem diz: não; há muitas coisas sobre as quais a Bíblia não se pronuncia, e que, todavia, precisamos de saber. Em quem devemos crer? Em Deus ou nos homens? A nossa resposta aos que põem em dúvida a divina suficiência da Escritura é simplesmente esta: Ou não és homem de Deus, ou aquilo para que buscas encontrar aprovação não é "uma boa obra". Isto é bem claro e ninguém poderá vê-lo de outro modo se considerar cuidadosamente a passagem de 2 Timóteo 3:17.

Oh, se tivéssemos um sentimento mais profundo da plenitude, da majestade e da autoridade da Palavra de Deus! Temos absoluta necessidade de ser fortificados neste ponto. Precisamos de um sentimento profundo, vigoroso e constante da autoridade suprema do cânone sagrado e da sua completa suficiência para todos os tempos, climas e posições, para todos os estados pessoais, sociais, e eclesiais, de modo a podermos resistir a todos os esforços que o inimigo faz para depreciar este inestimável tesouro. Que os nossos corações compreendam mais do espírito destas palavras do Salmista: "A tua palavra é a verdade *desde o princípio*, e cada um dos teus juízos *dura para sempre*" (SI 119:160).

Esta série de pensamentos foi-nos sugerida no decorrer da análise ao capítulo onze do Livro de Levítico. Nele vemos como o Senhor faz uma descrição admirável em pormenores dos animais, aves, peixes e répteis, dando ao Seu povo os sinais para poderem conhecer os que eram limpos e os que eram imundos. A súpula de todo este notável capítulo encontra-se nos últimos dois versículos: "Esta é a lei dos animais, e das aves, e de toda alma vivente que se move nas águas, e de toda alma que se arrasta sobre a terra, *para fazer diferença* entre o imundo e o limpo, e entre os animais que se podem comer e os animais que não se devem comer."

Animais que Remoem e Têm Unhas Fendidas

No que dizia respeito aos animais, duas coisas eram essenciais para se poderem considerar limpos, era preciso que remoessem e tivessem as unhas fendidas. "Tudo o que tem unhas fendidas, e a fenda das unhas se divide em duas, e remói, entre os

animais, aquilo comereis." Um só destes sinais seria insuficiente para determinar a pureza segundo a lei cerimonial. Exigia-se a existência dos dois. Ora se estes dois sinais bastavam para o israelita se orientar quanto à pureza ou impureza dos animais, sem qualquer explicação acerca dos motivos ou significado das características, o cristão, contudo, tem liberdade de inquirir sobre as verdades espirituais contidas nessas leis cerimoniais.

Que nos ensinam, portanto, os dois sinais num animal limpou A ação de ruminar exprime o processo natural de "digerir interiormente" os alimentos que se comem; enquanto que a unha fendida representa o caráter da nossa conduta. Existe, como sabemos, uma íntima relação entre estas duas coisas na vida cristã. O que se alimenta dos verdes pastos da Palavra de Deus, e assimila no íntimo o que tomou — o que é capaz de combinar a meditação calma com o estudo acompanhado de oração, manifestará, sem dúvida, na sua conduta um caráter capaz de glorificar Aquele que graciosamente nos deu a Sua Palavra para formar os nossos hábitos e dirigir os nossos caminhos.

Digerir a Palavra

É de reear que muitos dos que *lêem a Bíblia* não *assimilem* a Palavra. Estas duas coisas são completamente diferentes. Uma pessoa pode ler capítulo após capítulo, livro após livro, e não assimilar uma só linha. Podemos lera Bíblia como se cumpríssemos uma rotina monótona; porém, por falta de faculdades assimiladoras — de órgãos digestivos — não tiramos nenhum proveito com a leitura. Devemos ter isto bem presente em nosso pensamento. O gado que pasta na erva verde pode ensinar-nos uma salutar lição. Primeiro, alimenta-se diligentemente do refrescante pasto, depois repousa tranqüilo a remoêlo. Belo e admirável quadro do cristão alimentando-se do conteúdo precioso do volume inspirado, para depois o digerer intimamente. Que esta experiência se generalize mais e mais entre nós! Se estivéssemos mais habituados a fazer da Palavra de Deus o alimento necessário às nossas almas, o nosso estado seria certamente mais vigoroso e salutar. Guardemo-nos de fazer da leitura da Bíblia uma forma morta, um dever frio, um trabalho de rotina religiosa.

O mesmo cuidado é necessário quanto à exposição pública da Palavra de Deus. Que os que expõem as Escrituras aos seus semelhantes se alimentem previamente delas e as digiram por si mesmos. Que leiam e assimilem, em particular, não apenas para os outros, mas para si mesmos. É triste ver um homem ocupado continuamente em procurar alimento para outros, enquanto que ele próprio morre de fome. Por outro lado os que assistem ao ministério público da Palavra não devem fazê-lo maquinalmente e

por força de hábito religioso, mas, sim, com o sincero desejo de "ler", tomar nota, aprender e assimilar intimamente o que ouvem. Assim os que ensinam e os que são ensinados gozarão de uma vida espiritual sã e bem provida e manifestar-se-á o caráter próprio da vida cristã.

A Vida Interior e a Conduta Exterior Vão Juntas

Mas é preciso recordar que, além de remoar, o animal deveria ter as unhas fendidas. Quem não conhecesse bem o guia do sacerdote e não tivesse experiência do cerimonial divino, poderia declarar limpo qualquer animal só porque o via a remoar. Isto teria sido um erro sério. Uma mais cuidadosa atenção ao guia divino mostraria imediatamente que devia observar também o *andar* do animal— devia observar as marcas deixadas por cada movimento —, devia olhar para o resultado de ter as unhas fendidas. "Destes, porém, não comereis: dos que remoem ou dos que têm unhas fendidas: o camelo, que remói, mas não tem unhas fendidas; este vos será imundo" (versículo 4).

Igualmente, as unhas fendidas não eram característica suficiente se não fossem acompanhadas pela faculdade de remoar. "O porco, porque tem unhas fendidas, e a fenda das unhas divide em duas, mas não remói; este vos será imundo" (versículo 7). Em suma, as duas coisas eram inseparáveis no caso de cada animal limpo; quanto à aplicação espiritual é da máxima importância sob o ponto de vista prático. A vida íntima e a conduta devem harmonizar-se. Um homem pode professar amar a Palavra de Deus — alimentar-se dos verdes pastos da alma — de a estudar e assimilar; mas se as suas pisadas na senda da vida não correspondem ao ensino da Palavra de Deus esse homem não está limpo.

E, por outro lado, poderá andar aparentemente com rigor farisaico; mas se o seu caminhar não é o resultado da vida íntima nada vale. É preciso que haja no íntimo o princípio divino que toma e digere o rico pasto da Palavra de Deus; de outro modo a marca dos seus passos de nada servirá. O valor de cada característica depende da sua inseparável relação com a outra.

Isto traz-nos forçosamente à memória uma solene passagem da Primeira Epístola de João, na qual o apóstolo nos apresenta as duas características pelas quais podemos conhecer os que são de Deus: "Nisto são manifestos os filhos de Deus, e os filhos do diabo: qualquer que *não pratica a justiça e não ama a seu irmão* não é de Deus" (1 Jo 3:10). Aqui temos as duas grandes características da vida eterna e que todos os verdadeiros crentes possuem, a saber, "justiça" e "amor". O sinal exterior e o interior. Ambos devem coexistir.

Alguns cristãos professos argumentam só com o amor, assim chamado; outros com a justiça. Segundo Deus, não pode existir um sem o outro. Se aquilo a que chamam amor existe sem a justiça prática, não será, na realidade, mais que uma disposição de espírito débil e condescendente, que tolera toda a espécie de erro e de mal. E se o que chamam justiça sem o amor, isso pode, quando muito, revelar a disposição de uma alma severa, orgulhosa, farisaica e egoísta, assente na miserável base de reputação pessoal. Porém, sempre que a vida divina está em vigor haverá caridade interior aliada a uma sincera justiça prática. Estes dois elementos são essenciais para a formação do verdadeiro caráter cristão. E preciso que haja o amor que se manifesta pelas mais insignificantes coisas de Deus, e, ao mesmo tempo, a santidade que retrocede com horror ante tudo que é de Satanás.

Animais Aquáticos

Vejam agora o que o cerimonial levítico nos ensina acerca de "tudo o que há nas águas". Aqui também encontramos a dupla marca. "Isto comereis de tudo o que há nas águas: tudo o que tem barbatanas e escamas nas águas, nos mares e nos rios; aquilo comereis. Mas tudo o que não tem barbatanas nem escamas, nos mares e nos rios, todo réptil das águas, e toda alma vivente que há nas águas, estes serão para vós abominação" (versículos 9 e 10). Duas coisas eram necessárias para que um peixe fosse considerado limpo, no sentido cerimonial, "barbatanas e escamas", que, evidentemente, representavam certa aptidão para o elemento e o meio em que deviam mover-se.

Porém, havia mais do que isso. Creio que temos o privilégio de poder discernir nas propriedades naturais com que Deus dotou as criaturas que vivem nas águas certas qualidades espirituais que pertencem à vida cristã. Se o peixe precisa de "barbatanas" para se mover na água e de "escamas" para resistir à ação desse elemento, também o crente precisa de força espiritual para poder avançar através da cena que o rodeia e, ao mesmo tempo, resistir à sua influência, impedindo que ela penetre em si, mantendo-a no exterior. Estas qualidades são preciosas. As barbatanas e as escamas têm muita significação e oferecem muita instrução para o crente. Sob o aspecto cerimonial, elas falam-nos de duas coisas que nos são particularmente necessárias, a saber: energia espiritual para avançarmos através do elemento que nos rodeia e força para nos preservar da sua ação. De nada nos servirá uma sem a outra. É inútil possuir a força necessária para avançar através do mundo, se não podemos resistir à influência do mundo; e ainda que pareça sermos capazes de resistir à influência mundana, contudo, se nos falta a força somos defeituosos. As

"barbatanas" sem as "escamas" não serviriam, nem tampouco as "escamas", sem as "barbatanas". Ambas eram requeridas para se considerar o peixe limpo, segundo o cerimonial; e nós, para sermos adequadamente equipados, precisamos de estar protegidos contra a influência penetrante de um mundo que jaz no maligno, e, ao mesmo tempo, dispor de capacidade para prosseguir rapidamente.

A conduta de um cristão deve mostrar que ele é estrangeiro e peregrino na terra. A sua divisa deve ser "*avançar*"; sempre e unicamente avançar. Sejam quais forem as suas circunstâncias, ele deve ter os seus olhos postos no lar que está para além deste mundo passageiro. Está dotado, pela graça, de capacidade espiritual para ir avante — para vencer energeticamente todos os obstáculos e realizar as ardentes aspirações do seu espírito nascido do céu. E, enquanto prossegue assim vigorosamente, "forçando a sua passagem para os céus", ele tem de guardar e proteger o seu homem interior contra todas as influências exteriores.

Oh, se fôssemos mais inclinados a avançar! Se tivéssemos mais apego às coisas que são de cima e mais desprendimento às coisas deste mundo! Se, devido a estas considerações sobre as sombras cerimoniais do Livro de Levítico, chegarmos a desejar mais ardentemente esses dons, que, embora tão obscuramente representados, nos são, contudo, tão necessários, teremos motivos para bendizer ao Senhor.

As Aves

Nos versículos 13 a 24 do nosso capítulo temos a lei respeitante às aves. Todas as que eram da espécie carnívora, isto é, todas as que se alimentavam de carne, eram imundas. As onívoras, ou as que comiam de tudo, eram imundas. Todas as que, embora dotadas da faculdade de se elevarem aos céus, se arrastavam na terra, eram imundas. Quanto a esta última classe havia exceções (versículos 21 e 22); mas a regra geral, o princípio determinado, a ordenação em vigor, eram tão distintos quanto possível: "todo réptil que voa, que anda sobre quatro pés, será para vós uma abominação" (versículo 20). Tudo isto é muito simples como meio de instrução para nós. As aves que se alimentavam de carne; as que ingeriam tudo; e todos os répteis que voavam, deviam ser considerados imundos para o Israel de Deus, pois assim o determinara o Deus de Israel.

O homem espiritual não terá dificuldade em reconhecer a conveniência de semelhante ordenação. Nos hábitos das três classes de aves citadas aqui podemos ver não só o motivo lógico por que eram declaradas imundas, mas também a admirável

representação daquilo que existe na natureza humana, e de que todo o verdadeiro cristão deve guardar-se. Deve recusar tudo quanto seja de natureza carnal. Além disso não deve alimentar-se indistintamente de tudo que lhe é apresentado. Deve provar se "as coisas em que se discorda" são puras. Deve ter cautela com tudo que ouve. Deve exercer juízo espiritual sobre todas as coisas, discernindo-as segundo o discernimento divino. Finalmente, deve usar, por assim dizer, as suas asas — deve elevar-se por meio das asas da fé ao seu lugar na esfera celeste a que pertence. Em resumo, não deve haver nada vil, nada confuso, nada imundo na vida do cristão.

Os Répteis

Quanto aos répteis a regra era a seguinte: "Todo réptil que se arrasta sobre a terra será abominação; não se comerá" (versículo 41).

Quão admirável é a graça condescendente do Senhor! Pode curvar-Se para dar instruções acerca de um réptil! Não queria deixar o Seu povo embaraçado acerca das coisas mais vulgares. O guia do sacerdote continha as mais pormenorizadas instruções sobre todas as coisas. Deus não queria que o Seu povo fosse contaminado por causa do contato com o que era imundo, nem que provasse o que era imundo. Eles não pertenciam a si próprios, e, portanto, não deviam proceder como bem lhes parecesse. Pertenciam ao Senhor, invocavam o Seu nome; estavam identificados com Ele.

A Sua Palavra devia ser a sua regra de conduta em todas as coisas. Por ela deviam aprender o *estatuto* cerimonial relativo aos animais, às aves, aos peixes e répteis. Não deviam apoiar-se nos seus próprios pensamentos, seguir o seu raciocínio ou deixarem-se guiar pelas suas próprias imaginações, em assuntos desta natureza. *A Palavra de Deus devia ser o seu único guia.* As outras nações podiam comer o que entendessem; mas Israel gozava o grande privilégio de só comer o que era do agrado do Senhor.

A Santidade de Deus e a Santidade do Crente

O povo de Deus devia não só guardar-se ciosamente de *comer* o que era imundo, como até o simples *contato* estava proibido (veja-se os versículos 8,24,26 a 28,31 a 41). Era impossível que qualquer membro do Israel de Deus tocasse no que era imundo sem se tornar impuro. Este princípio é amplamente desenvolvido tanto na lei como nos profetas. "Assim diz o SENHOR dos exércitos: Pergunta, agora, aos sacerdotes, acerca da lei, dizendo: Se alguém leva carne, santa na aba da sua veste, e com a aba tocar no pão, ou no guisado, ou no vinho, ou no azeite, ou em

qualquer outro mantimento, ficará este santificado? E os sacerdotes, respondendo, diziam: Não. E disse Ageu: Se alguém, que se tinha tornado impuro pelo contato com um corpo morto, tocar nalguma destas coisas, ficará isso imundo? E os sacerdotes, respondendo, diziam: Ficarão imundas." (Ag 2:11 -13). O Senhor queria que o Seu povo fosse santo em todas as coisas. Não deviam comer nem tocar em qualquer coisa que fosse imunda. "Não façais as vossas almas abomináveis por nenhum réptil que se arrasta, nem neles vos contamineis, para não serdes imundos por eles". Depois vem a razão poderosa desta separação. "*Porque eu sou o SENHOR VOSSO Deus; portanto, vós vos santificareis, sereis e santos, porque eu sou santo; e não contaminareis a vossa alma por nenhum réptil que se arrasta sobre a terra. Porque eu sou o SENHOR, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja VOSSO Deus, e para que sejais santos porque eu sou santo*"; (versículos 43-45). É conveniente notar que a santidade pessoal do povo de Deus— a sua inteira separação de toda a espécie de imundície, provém das suas relações com Ele. Não se baseia sobre o princípio de "Afasta-te de mim, porque sou mais santo do que tu"; mas simplesmente sobre isto: "Deus é santo", e portanto todos os que estão em relação com Ele devem ser santos também. A dignidade de Deus requer, em todo o sentido, que o Seu povo seja santo. "Mui fiéis são os teus testemunhos: a santidade convém à tua casa, Senhor, para sempre". Que poderia convir à casa de Jeová senão a santidade? Se se perguntasse a um israelita: "Porque recuas assim desse réptil que rasteja pelo caminho" Ele responderia: Jeová é santo e eu pertencço-Lhe. Ele disse: "Não lhe tocarás". Assim também agora se alguém pergunta a um cristão porque é que ele se mantém separado de mil e uma coisas em que os homens do mundo tomam parte, a sua resposta deve ser simplesmente esta: "O meu Pai é santo." Este é o verdadeiro fundamento da santidade pessoal. Quanto mais contemplarmos o caráter divino e compreendermos a importância das nossas relações com Deus, em Cristo, pela energia do Espírito Santo, tanto mais santos seremos na prática. Não pode haver progresso no estado de santidade em que o crente é introduzido; mas há, e deveria haver, progresso na apreciação, experiência e manifestação prática desta santidade. Estas coisas nunca devem confundir-se. Todos os crentes estão na mesma condição de santidade ou de santificação; mas a sua medida prática pode variar até ao infinito. Isto é fácil de compreender. A condição resulta de *havermos sido* trazidos perto de Deus pelo sangue da cruz; a medida prática depende de nos *mantermos* perto pelo poder do Espírito. Não é que alguém possa arrogar-se de possuir alguma coisa superior — um grau de santidade mais elevado do

que geralmente se possui — para de algum modo ser melhor do que o seu próximo. Tais pretensões são inteiramente condenáveis aos olhos de qualquer pessoa inteligente.

Mas se Deus, em Sua graça infinita, desce até o estado baixo em que nos encontramos para nos elevar à altura da Sua bendita presença, identificados com Cristo, não terá então o direito de determinar qual deve ser o nosso caráter, visto havermos sido trazidos perto? Quem ousaria pôr em dúvida uma verdade tão evidente? Ainda mais, não devemos nós procurar manter este caráter que Ele nos atribuiu Devemos ser acusados de presunção se o fizermos? Era presunção para um israelita recusar tocar um réptil? Não, mas seria atrevida e perigosa presunção fazê-lo. É possível que não conseguisse fazer com que um estrangeiro incircunciso compreendesse ou apreciasse o motivo da sua conduta, mas isso não era da sua competência. Se o Senhor havia dito "Não lhe toques" não era porque um israelita, em si mesmo, fosse mais santo que um estrangeiro, mas porque o Senhor é santo, e Israel pertencia-Lhe. O discípulo circuncidado da lei de Deus tinha de aplicar os olhos e o coração para discernir o que era limpo e o que não era. Um estrangeiro não via diferença. Assim deve ser sempre. Só os filhos da Sabedoria podem justificá-la e aprovar os seus celestiais ensinamentos.

A Experiência de Pedro em Atos 10

Antes de deixar o capítulo décimo primeiro de Levítico, o leitor pode, com muito proveito espiritual, compará-lo com o capítulo décimo de Atos dos Apóstolos versículos 11 a 16. Quão estranho devia ter parecido àquele que havia sido educado desde a infância nos princípios do ritual Moisaico, ver descer do céu um vaso "no qual havia de *todos* os animais, quadrúpedes e *répteis* da terra e aves do céu"; e não só ver um tal vaso, tão repleto, como ouvir uma voz que dizia: "Levanta-te, Pedro, mata e come".

Coisa maravilhosa! Não examinar as unhas dos animais ou verificar os seus hábitos! Não havia necessidade disso. O vaso e o seu conteúdo tinham descido do céu. Isto bastava. O Judeu podia entrincheirar-se atrás das estreitas barreiras do ritual Judaico e exclamar: "De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum ou imunda"; mas a maré da graça divina elevava-se majestosamente por cima dessas barreiras a fim de abranger no seu vasto contorno "toda a sorte de objetos", e de elevá-los na direção do céu, no poder e na autoridade daquelas preciosas palavras: "Não faças tu comum ao que Deus purificou." Pouco importava o que havia no vaso se Deus o havia purificado. O Autor do Livro de Levítico ia elevar os pensamentos do Seu servo por cima das barreiras que esse livro tinha erigido a toda a

magnificência da graça celestial. Queria ensinar-lhe que a verdadeira pureza — a pureza que o céu exigia — já não consistia no fato de um animal remoer, ter as unhas fendidas, ou de qualquer marca cerimonial semelhante, mas, sim, em se ter sido lavado no sangue do Cordeiro, que purifica de todo o pecado e torna o crente bastante limpo para trilhar o pavimento de safira dos átrios celestiais.

Era uma notável lição para um judeu aprender. Era uma lição divina à luz da qual deviam desvanecer-se as sombras da antiga economia. A mão da graça soberana abriu de par em par a porta do reino, mas não para admitir qualquer coisa que seja imunda. Isto nunca poderia ser. No céu não pode entrar coisa alguma impura. Portanto, o critério já não podia ser feito por uma unha fendida, mas sim por aquilo "que Deus purificou".

Quando Deus purifica um homem é indubitável que está limpo. Pedro ia ser enviado para abrir o reino aos Gentios, assim como já o tinha aberto aos Judeus; e era preciso que o seu coração judaico se dilatasse. Precisava de se elevar acima das escuras sombras de uma época que passara à luz esplendorosa que irradiava de um céu aberto em virtude de um sacrificio consumado. Precisava de sair da corrente estreita dos preconceitos judaicos e de se deixar levar por essa poderosa maré de graça que ia espriar-se sobre todo o mundo perdido. Tinha também de aprender que o padrão que devia determinar a verdadeira pureza já não era carnal, cerimonial e terrestre, mas, sim, espiritual, moral, e celestial.

Seguramente, podemos dizer que estas lições, que o apóstolo aprendeu no terraço da casa de Simão, o curtidor, eram preciosas. Eram as mais próprias para dulcificar, dilatar e elevar um espírito que havia sido formado no meio de deprimentes influências do sistema judaico. Demos graças ao Senhor por estas preciosas lições. Louvemo-Lo pela rica posição em que nos colocou pelo sangue da cruz. Demos-Lhe graças por já não estarmos sujeitos às restrições "Não toques nisto", "não comas isso", "não toques naquilo" porque a Palavra de Deus declara que "toda a criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças, porque pela Palavra de Deus e pela oração é santificada" (1 Tm 4:4 - 5).

A PURIFICAÇÃO DA MULHER QUE DÁ À LUZ

O Homem Concebido e Nascido em Pecado

Esta pequena parte do Livro de Levítico dá-nos, segundo a sua forma peculiar, a dupla lição de "A ruína do homem e o remédio de Deus". Mas ainda que a forma seja peculiar, a lição é distinta e impressionante — é, ao mesmo tempo, humilhante e consoladora. O efeito de toda a Escritura, quando diretamente explicada à nossa alma pelo poder do Espírito Santo, é produzir em nós o abandono próprio do ego para nos entregarmos a Cristo. Onde quer que observamos a nossa velha natureza — seja qual for a fase da sua história em que a contemplarmos, quer na sua concepção quer no seu nascimento, ou em qualquer ponto ao longo da sua carreira, desde o berço ao túmulo — descobrimos o duplo selo da debilidade e contaminação. E isto que muitas vezes se esquece no meio da ostentação e pompa, das riquezas e esplendores da vida humana.

A imaginação do homem é fértil em expedientes para encobrir a sua humilhação. Procura de diversas maneiras adornara sua nudez e revestir-se da aparência de força e glória. Mas é tudo inútil. Basta pensar na sua entrada neste mundo, pobre e débil criatura: ou quando sai dele para tomar o seu lugar entre a leiva do vale a fim de terá convincente prova de que nada valem o seu orgulho e a vaidade de toda a sua glória. Aqueles cuja passagem por este mundo tem sido iluminada por aquilo a que o homem chama glória entraram nele na nudez e debilidade e retiram-se dele pela enfermidade e morte.

Mas isto não é tudo. Não é só a fraqueza própria do homem que o distingue ao entrar nesta vida. Existe também o pecado. "Eis que", diz o Salmista, "em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe" (SI 51:5). "Como seria puro aquele que nasce da mulher"?" (Jó 25:4). No capítulo que estamos analisando vemos que a concepção e o nascimento de um "varão" implicava "sete dias" de contaminação cerimonial para a mãe, com trinta e três dias de separação do santuário, e que estes períodos eram duplicados no caso do nascimento de uma fêmea. Não haverá nisto nenhum ensinamento? Podemos ler isto sem aprender uma lição humilhante? Não nos ensina, em linguagem compreensível,

que o homem é "impuro" e para ser purificado carece do sangue da expiação?

O homem pode persuadir-se que tem capacidade para efetuar a sua própria justiça. Pode alardear inutilmente a dignidade da natureza humana. Pode dar-se ares de altivez e assumir arrogância à medida que passa pelo palco da vida; mas se quiser meditar sobre o curto capítulo que nos ocupa, o seu orgulho, a sua vaidade, dignidade e própria justiça se desvanecerão prontamente; e, em seu lugar, poderá encontrar a base sólida de toda a verdadeira dignidade, assim como o fundamento da justiça divina, na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

A Mancha Perfeitamente Lavada

A sombra da cruz passa por nós neste capítulo sob um duplo aspecto. Primeiro, na circuncisão do "menino", pela qual ele se tornava membro do Israel de Deus; segundo, no Holocausto e na Oferta de Expição do pecado, pelos quais a mãe era restabelecida de todas as influências de contaminação, e ficava apta outra vez para se aproximar do santuário e ter contato com as coisas santas. "E, quando forem cumpridos os dias da sua purificação por filho ou por filha, trará um cordeiro de um ano por holocausto e um pombinho ou uma rola para expiação do pecado, diante da porta da tenda da congregação, ao sacerdote; o qual o oferecerá perante o SENHOR, e por ela fará propiciação; e será limpa do fluxo do seu sangue; esta é a lei da que der à luz varão ou fêmea" (versículos 6-7). A morte de Cristo, nos seus dois aspectos, surge aqui diante dos nossos pensamentos, como a única coisa que podia satisfazer a necessidade de remover perfeitamente a mancha relacionada com o nascimento natural do homem. O Holocausto representa a morte de Cristo segundo a apreciação divina; e a Oferta de Expição do pecado, por outro lado, representa a morte de Cristo em relação com as necessidades do pecador.

O Sangue Expiatório de Cristo está à Disposição do Mais Humilde

"Mas, se a sua mão não alcançar assaz para um cordeiro, então, tomará duas rolas ou dois pombinhos, um para o holocausto e outro para a expiação do pecado; assim, o sacerdote por ela fará propiciação, e será limpa."

Só o derramamento do sangue podia dar a purificação. A cruz é o único remédio para a enfermidade e impureza do homem. Onde quer que essa obra gloriosa é compreendida, pela fé, há perfeita purificação. Esta percepção pode ser débil — a fé pode ser vacilante —, as experiências podem ser superficiais, mas o leitor

deve lembrar-se, para gozo e conforto da sua alma, que não é a grandeza das suas experiências, e estabilidade da sua fé, ou o poder da sua compreensão que podem purificar, mas o valor divino, a eficácia imutável do sangue de Jesus. Isto proporciona muito descanso ao coração. O sacrifício da cruz é o mesmo para cada membro do Israel de Deus, qualquer que seja a sua categoria na Assembléia. As ternas considerações do Deus de misericórdia vêm-se no fato que o sangue de uma rola era tão eficaz para o pobre como o sangue de um novilho para o rico. O pleno valor da obra expiatória era igualmente demonstrado e mantido nas duas ofertas. Se não fosse assim um israelita pobre, encontrando-se em qualquer dos casos em que a lei cerimonial o considerava imundo, e contemplando os grande rebanhos de algum vizinho rico, poderia exclamar: "Ai de mim! Que fareis Como poderei purificar-me? Como poderei reocupar o meu lugar e readquirir os meus privilégios na Assembléia? Não tenho rebanhos nem manadas. Sou pobre e necessitado." Porém, bendito seja Deus, este caso fora previsto. Um pombinho ou uma rola eram suficientes. A mesma graça perfeita e admirável mostra-se com esplendor no caso do leproso, no capítulo 14 do nosso livro:

"Porém, *se for pobre, e a sua mão não alcançar tanto, tomará... uma das rolas ou um dos pombinhos, conforme alcançar a sua mão. Do que alcançara sua mão...* Esta é a lei daquele em quem estiver a praga da lepra, *cuja mão não pode alcançar o preciso para a sua purificação*" (versículos 21 e 30-32).

A graça vai ao encontro do necessitado onde quer que ele esteja e na condição em que o encontre. O sangue expiatório está ao alcance do mais humilde, pobre e débil. Todos os que precisam da graça podem tê-la. "Porém, se for pobre" — que há - de fazer? Será posto de lado? Oh, não! O Deus de Israel nunca trataria assim com os pobres e indigentes. Há ampla provisão para estes nas bondosas expressões: "Conforme alcançar a sua mão. Do que alcançar a sua mão". Graça admirável! "Aos pobres é anunciado o evangelho". Ninguém pode dizer, o sangue de Cristo não está ao meu alcance.

A todos se pode perguntar: Querias que estivesse ainda mais ao teu alcancei "Faço *chegar* a minha justiça", diz o Senhor (Is 46:13). Até que ponto a faz chegar? Tão perto que é para "aquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio" (Rm 4:5). "A palavra *está junto* de ti". A que distância? Tão perto que "se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo" (Rm 10:9). O mesmo se verifica neste tocante e belo convite: "O vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, *tos que não tendes dinheiro*" (Is 55:1).

Que graça incomparável brilha nestas expressões: "O que não atua" e "os que não têm dinheiro"! São tão conformes à natureza de Deus como opostos à do homem. A salvação é tão livre como o ar que respiramos. Fomos nós que criamos o ar? - Fomos nós quem combinou os elementos que o compõem? Não; mas desfrutamo-lo e, usando-o, podemos viver e atuar para Aquele que o criou. O mesmo sucede no caso da salvação. Recebemo-la sem nada termos feito. Dispomos das riquezas de outrem; descansamos na obra consumada por outrem; e, além disso, é desta maneira que podemos trabalhar para Aquele cujas riquezas gozamos e em cuja obra descansamos. E um paradoxo do Evangelho inexplicável para o legalismo, mas admiravelmente claro para a fé. A graça divina deleita-se em prover as necessidades dos que não têm meios para as suprir.

José e Maria eram Pobres

Porém, encontramos ainda outra preciosa lição neste décimo segundo capítulo de Levítico. Aqui, não só lemos da graça de Deus para com os pobres, mas, comparando os últimos versículos com Lucas 2:24, descobrimos a assombrosa profundidade a que Deus baixou a fim de manifestar essa graça. Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus manifestado em carne, o puro e imaculado Cordeiro, o Santo, que não conheceu pecado, foi "nascido de mulher", e essa mulher—mistério admirável! —tendo conduzido em seu ventre e dado à luz esse corpo puro, perfeito, santo e imaculado, teve de sujeitar-se ao cerimonial e cumprir os dias da sua purificação, segundo a lei de Moisés. E não só vemos a graça divina no fato de ela ter assim de purificar-se, mas também a maneira em que isto se cumpriu: "E para darem a oferta segundo o disposto na lei do Senhor: *um par de rolas ou dois pombinhos.*" Esta simples circunstância ensina-nos que os supostos pais de nosso Senhor Jesus eram tão pobres que foram forçados a usar a vantagem de graciosa provisão para os que não podiam dispor de "um cordeiro para o holocausto".

Que maravilha! O Senhor da glória, o Deus Altíssimo, Possuidor do céu e da terra. Aquele a quem pertencem "as alimárias sobre milhares de montanhas" (Sl 50:10 — sim, a riqueza do universo — surgiu no mundo, que as Suas mãos haviam criado, nas limitadas circunstâncias de uma vida humilde. Na economia Levítica havia provisão para os pobres e a mãe do Senhor Jesus aproveitou dela. Na realidade, há nisto uma profunda lição para o coração humano. O Senhor Jesus não entrou neste mundo no meio dos grandes ou nobres. Foi essencialmente um homem pobre. Tomou o Seu lugar no meio dos pobres. "Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo,

que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que, pela sua pobreza, enriquecêsseis" (2 Co 8:9).

Que o nosso gozo seja sempre alimentarmo-nos desta preciosa graça de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual temos sido enriquecidos para o tempo presente e a eternidade. Ele Se despojou de tudo que o amor pode dar para que nós fôssemos cheios. Desnudou-Se para que nós fôssemos vestidos. Morreu para que nós pudéssemos viver. Na grandeza da Sua graça desceu do alto da riqueza divina até à profundidade da pobreza humana a fim de que pudéssemos ser elevados da baixeza da nossa arruinada natureza para ocuparmos o nosso lugar entre os príncipes do Seu povo, para sempre. Oh, que o sentimento desta graça, operando em nossos corações pelo poder do Espírito Santo, possa constranger-nos a uma rendição incondicional mais efetiva Aquele a quem devemos a nossa presente e eterna felicidade, a vida, os nossos bens e tudo!

A LEI DO LEPROSO

Introdução

Entre todas as funções que, segundo o ritual moisaico, eram desempenhadas pelo sacerdote, nenhuma requeria atenção mais paciente ou adesão mais rigorosa às instruções divinas contidas no guia do sacerdote, do que o discernimento da lepra e seu tratamento conveniente. Este fato deve ser evidente a todos os que estudam com alguma atenção a parte importante e muito extensa do Levítico a que acabamos de chegar.

Duas coisas requeriam a solicitude e vigilância do sacerdote, a saber: a pureza da congregação e a graça que não podia admitir a exclusão de qualquer membro, salvo por motivos claramente determinados. A santidade não podia permitir que continuasse dentro da assembléia qualquer pessoa que devesse ser excluída; e, por outra parte, a graça não podia permitir que estivesse fora quem devia estar dentro dela. Por isso, o sacerdote tinha a mais instante necessidade de ser vigilante, calmo, sensato, paciente, terno e muito experiente. Certos sintomas podiam parecer de pouca importância, quando, na realidade, eram muito graves; outros podiam parecer lepra, sem o ser. Eram precisos a maior atenção e sangue-frio. Um juízo precipitado ou uma conclusão demasiado apressada podiam conduzir a sérias conseqüências, quer para a congregação quer para qualquer dos seus membros.

Isto explica a repetição freqüente de frases como estas: "O sacerdote examinará" — "O sacerdote encerrará o que tem a praga por *sete dias*" — "O sacerdote ao sétimo dia o examinará" — "O sacerdote o encerrará segunda vez por sete dias" — "O sacerdote «o sétimo dia, o examinará outra vez»" — "E o sacerdote o examinará" —

"Então o sacerdote o declarará por limpo". Nenhum caso devia ser julgado ou decidido precipitadamente. Não se devia formar uma opinião por ouvir dizer. O exame pessoal, discernimento sacerdotal, tranqüila reflexão, estrita adesão à Palavra escrita—o guia santo e infalível —, todas estas coisas eram formalmente requeridas do sacerdote, se queria fazer um juízo reto de cada caso. Em todas as coisas ele não devia deixar-se guiar pelos seus próprios pensamentos, sentimentos ou sabedoria. A Palavra de Deus continha instruções minuciosas, estabelecidas

para se submeter a elas. Cada pormenor, cada característica, cada movimento, cada variação, cada sombra e caráter, cada sintoma particular e cada afeição — tudo estava ampla e divinamente previsto; de sorte que bastava que o sacerdote conhecesse bem a Palavra de Deus e se conformasse com ela em todas as coisas para evitar erros.

Já dissemos o bastante quanto ao sacerdote e suas santas responsabilidades.

A Lepra

Consideremos agora a praga da lepra e o seu desenvolvimento numa pessoa, no vestuário ou na habitação.

Considerando esta doença sob o ponto de vista físico, nada pode ser mais asqueroso; e, sendo inteiramente incurável, oferece-nos um quadro vivo e aterrador do pecado — o pecado na natureza humana —, o pecado nas nossas circunstâncias, o pecado na assembléia.

Que lição para a alma no fato que uma enfermidade tão horrorosa e humilhante seja empregada como figura do mal moral, quer seja num membro da assembléia de Deus, quer nas circunstâncias de qualquer membro ou na própria assembléia.

1. A Lepra num Homem

Primeiramente, quanto à lepra num indivíduo; ou, por outras palavras, quanto à ação do mal moral ou do que poderia parecer mal em qualquer membro da assembléia. Isto é um assunto grave e de séria importância — um assunto que requer a máxima vigilância e solicitude por parte dos que desejam o bem das almas e a glória de Deus, relacionada com o bem-estar e a pureza da Assembléia como corpo e de cada membro em particular.

Convém observar que, embora os princípios gerais da lepra e a sua purificação se apliquem, em sentido secundário, a todo o pecador; todavia, nas passagens da Escritura, que estamos analisando, o assunto é apresentado em relação com aqueles que eram reconhecidos como povo de Deus. A pessoa que aqui vemos sujeitar-se ao exame do sacerdote é um membro da assembléia de Deus. E conveniente compreender isto. A assembléia de Deus deve manter-se pura porque é Sua habitação. Nenhum leproso podia ser autorizado a permanecer no recinto sagrado de habitação do Senhor.

A Responsabilidade do Sacerdote

Mas observe-se o cuidado, a vigilância, a perfeita paciência recomendados ao sacerdote para evitar que se considerasse como

lepra o que não o era ou que aquilo que na realidade era lepra pudesse escapar à sua atenção. Muitas afecções podiam aparecer "na pele" — o lugar para manifestações da lepra — "semelhantes à praga da lepra", as quais, depois de uma paciente investigação do sacerdote, se verificava serem apenas superficiais. Isto requeria muita atenção. Qualquer mancha podia aparecer na superfície da pele, a qual, ainda que requeresse ser examinada por aquele que atuava por Deus, não era, na realidade, mancha. E contudo, o que parecia ser apenas uma mancha superficial podia ser alguma coisa mais profunda do que a pele, alguma coisa interna, que afetasse os elementos ocultos do organismo. Tudo isto requeria a maior atenção por parte do sacerdote (veja-se os versículos 2-11). Uma simples negligência, um ligeiro descuido, podiam ter graves conseqüências. Podiam ocasionar a contaminação da assembléia devia à presença da pessoa declarada leprosa ou a expulsão, por qualquer mancha apenas superficial, de um verdadeiro membro do Israel de Deus.

Ora, em tudo isto há um fundamento precioso de instrução para o povo de Deus. Existe uma diferença entre a enfermidade pessoal e a energia positiva do mal — entre meros defeitos e imperfeições da consulta e a atividade do pecado nos membros. Sem dúvida, importa velar sobre as nossas fraquezas; pois se não vigiarmos, se não as julgarmos e não nos guardarmos delas podem tornar-se na fonte de um mal positivo (veja-se versículos 14 a 28). Tudo que procede da nossa natureza deve ser julgado e mortificado. Não devemos ser indulgentes para com as fraquezas pessoais *em nós* próprios, ainda que devamos ser indulgentes para com as dos nossos *semelhantes*. Tomemos por exemplo o caso de um temperamento irascível. É um caso que devemos condenar em nós próprios, embora devamos tolerá-lo *nos* nossos *semelhantes*. A semelhança da "inchação do apostema", no caso de um israelita (versículos 19-20), pode chegar a ser causa de verdadeiro contágio — motivo para exclusão da assembléia. Toda a forma de fraqueza deve ser vigiada, não seja o caso de se tornar ocasião de pecado. Uma "cabeça calva" não era lepra, mas era onde a lepra podia declarar-se, e, pois isso, tinha de ser vigiada. Há mil e uma coisas que, em si mesmas, não são pecaminosas, mas que podem chegar a ser ocasião de pecado se não se exercer sobre elas vigilância. E não se trata somente do que, no nosso parecer, pode ser designado por defeitos ou fraquezas pessoais, mas até de coisas em que os nossos corações estão dispostos a gloriar-se. A agudez do gênio, o bom humor e a vivacidade de espírito, podem chegar a ser fonte e centro de contaminação.

Cada pessoa tem uma ou outra tendência de que deve guardar-se — alguma coisa que o obriga a estar sempre em

guarda. Quão ditosos somos nós, pois temos um Pai carinhoso a quem podemos expor todas estas coisas! Confiados no amor indulgente e infatigável, temos o precioso privilégio de poder entrar sempre na Sua presença para Lhe contar tudo que pesa sobre o coração e obter graça para sermos ajudados em todas as nossas necessidades e obter vitória sobre todo o mal.

Não há motivos para desanimar enquanto vemos sobre a porta da tesouraria de nosso Pai esta inscrição: "Ele dá maior graça". Preciosa inscrição! O seu valor não tem limites: é incalculável, é infinito.

A Praga da Lepra

Vejam agora como se procedia em cada caso em que a praga da lepra era indiscutível e claramente determinada. O Deus de Israel podia tolerar as enfermidades e os defeitos, mas a partir do momento em que a enfermidade se tornava um caso de corrupção, ou fosse na cabeça, na barba, na testa ou em qualquer outra parte do corpo, não podia ser tolerada na santa congregação. "Também as vestes do leproso, em quem está a praga, serão rasgados, e a sua cabeça será descoberta, e cobrirá o beijo superior e clamará: Imundo, imundo! Todos os dias em que a praga estiver nele, será imundo; imundo está, habitará só; a sua habitação será fora do arraial" (versículos 45 - 46). Descreve-se aqui a condição, ocupação e o lugar do leproso. Os vestidos rasgados, a cabeça descoberta, o lábio superior coberto e gritando: Imundo, imundo! E tendo de morar fora do arraial na solidão do deserto vasto e terrível! Que podia haver de mais humilhante e deprimente do que isto? "Habitará só" Era impróprio estar em comunhão ou ter a companhia do seu povo. Era excluído do único lugar, em todo o mundo, onde se conhecia e gozava a presença do Senhor.

Prezado leitor, contempla neste pobre e solitário leproso o tipo expressivo da pessoa em quem o pecado opera. E este realmente o seu significado. Não é, como veremos imediatamente, um pecador perdido, arruinado, culpado e convicto, cuja culpa e miséria são manifestos, e, portanto, objetivo próprio para o amor de Deus e o sangue de Cristo. Não; no leproso excluído vemos uma pessoa em que o pecado está atuando — uma pessoa em quem está a energia do mal. E isto que mancha, exclui e priva do gozo da presença divina e da comunhão dos santos. Enquanto o pecado operar não pode haver comunhão com Deus ou com o Seu povo. "Habitará só; a sua habitação será fora do arraial". Até quando? "Todos os dias em que a praga estiver nele". Há aqui uma grande verdade prática. A atividade do mal é o golpe de morte da comunhão. Pode haver aparências exteriores, puro formalismo,

fria profissão, mas não pode haver nenhuma comunhão enquanto o mal continuar a atuar. Não importa qual seja o caráter do mal ou a sua importância, ainda que seja insignificante ou apenas um mau pensamento, enquanto continuar a atuar impedirá ou causará a suspensão da comunhão. E quando se forma a empola, quando surge à superfície, quando se descobre inteiramente, que pode combater-se e tirá-lo pela graça de Deus e pelo sangue do Cordeiro.

Completamente Coberto de Lepra

Isto leva-nos a um ponto muito interessante em relação com o leproso — um ponto que parecerá um paradoxo para todos os que não compreendem a maneira como Deus opera para com os pecadores. "E, se a lepra florescer de todo na pele e a lepra cobrir toda a pele do que tem a praga, desde a sua cabeça até aos seus pés, quanto podem ver os olhos do sacerdote, então, o sacerdote examinará, e eis que, se a lepra tem coberto toda a sua carne, então, declarará limpo o que tem a mancha: todo se tornou branco; limpo está" (capítulo 13:12 - 13). Desde o momento em que o pecador ocupa o seu verdadeiro lugar perante Deus, todo o problema do seu pecado é resolvido. Desde que manifeste o seu verdadeiro caráter, desaparecem todas as dificuldades. Talvez tenha de passar por experiências difíceis antes de chegar a este ponto — experiências resultantes de se recusar a ocupar o seu verdadeiro lugar, ou seja, confessar "toda a verdade" sobre a sua pessoa. Porém desde o momento em que ele se decide a dizer, de todo o seu coração, "*tal como sou*" a graça de Deus se derrama sobre ele. "Enquanto eu me calei, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequidão de estio"(Sl 32:3-4).

Quanto tempo durou esta penosa experiência? Até que toda a verdade se descobriu. "Confessei-te o meu pecado e a minha maldade não encobri; dizia eu: Confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a maldade do meu pecado" (versículo 5). É interessantíssimo reparar na maneira como Deus trata progressivamente com o leproso, desde o momento em que os primeiros sintomas fazem surgir a suspeita de enfermidade até que esta se estende a todo o corpo, "desde o alto da cabeça à planta do pé". Não havia pressa nem indiferença. Deus entra sempre no lugar do julgamento com passo lento e bem calculado; mas depois de haver entrado tem de agir segundo os direitos da Sua natureza. Pode examinar com paciência; pode esperar "sete dias"; e se há a mínima mudança nos sintomas pode esperar outros "sete dias"; mas desde o momento em que se verifica

positivamente a ação da lepra, não pode haver mais tolerância. "Fora do arraial será a sua habitação". Até quando? Até que a enfermidade se haja manifestado inteiramente à superfície. "Se a lepra tem coberto *toda* a sua carne, então será declarado limpo". É um ponto precioso e muito interessante. A mais pequena mancha de lepra era intolerável aos olhos de Deus; e contudo quando o homem estava completamente atacado por ela, desde a cabeça aos pés, então, era declarado limpo — quer dizer, era assunto apropriado para a graça de Deus e o sangue da expiação.

Cristo Consumou Tudo

Assim sucede, em todos os casos, com o pecador. "Deus é tão puro de olhos, que não pode ver o mal, e a vexação não pode contemplar" (He 1:13); e contudo, desde o momento em que um pecador toma o seu verdadeiro lugar, como aquele que está completamente perdido, culpado e arruinado—não tendo um único ponto em que o olhar da Santidade Divina possa fixar-se com complacência — como um ser tão mau que não pode possivelmente ser pior, toda a questão é pronta e divinamente solucionada.

A graça de Deus é para os pecadores; se eu reconheço que sou pecador, sei que sou um daqueles que Cristo veio salvar. Quanto mais claramente alguém me demonstra que sou um pecador, mais claramente me prova o meu direito ao amor de Deus e à obra de Cristo. "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus" (1 Pe 3:18). Logo, se eu sou "injusto", sou um daqueles por quem Cristo morreu e tenho direito a todos os benefícios resultantes da Sua morte. "Na verdade não há homem justo sobre a terra", e, visto que eu estou "sobre a terra" é evidente que sou "injusto"; é também evidente que Cristo morreu por mim — que sofreu pelos meus pecados. Portanto, visto que Cristo morreu por mim, possuo o feliz privilégio de entrar no gozo imediato dos frutos do Seu sacrifício.

Isto é tão claro quanto o pode ser. Não requer esforço algum para ser compreendido. Não se me exige que seja senão o que sou. Não sou chamado para sentir, experimentar ou realizar qualquer coisa por mim mesmo. A Palavra de Deus assegura-me que Cristo morreu por mim tal como sou, e se Ele morreu por mim eu estou tão seguro como Ele Próprio está. Não existe nada contra mim. Cristo satisfez toda a justiça divina. Não só sofreu por causa dos meus "*pecados*", mas para tirar o *pecado*. Aboliu todo o sistema em que, na qualidade de filho de Adão, eu me encontrava, e colocou-me numa nova posição, associado com Ele Próprio, e ali estou, diante de Deus, livre de toda a imputação de culpa e do

temor do juízo divino.

Como posso saber que o Seu sangue foi derramado por mim? Pelas Escrituras. Fonte bendita, segura e eterna de conhecimento! Cristo sofreu por causa dos pecados. Eu tenho pecados. Cristo morreu, "o justo pelos injustos". Eu sou injusto. Portanto, a morte de Cristo diz-me respeito tão clara e completamente como seu eu fosse o único pecador da terra. Não é uma questão de eu me apropriar da morte de Cristo ou da minha experiência. Muitas almas atormentam-se com estas idéias. Quantas vezes ouvimos expressões como estas: "Oh! eu creio que Cristo morreu pelos pecadores, mas não *situo* que os meus pecados estão perdoados. Não posso aplicar o perdão a mim próprio, não posso apropriar-me dele nem experimentar os benefícios da morte de Cristo".

Tudo isto vem do ego e não de Cristo. E sentimento e não conhecimento da Escritura. Se examinarmos o santo volume do princípio ao fim não encontraremos uma só palavra que nos fale em sermos salvos por compreensão, experiência ou apropriação. O evangelho adapta-se por si a todos os que reconhecem estar perdidos. Cristo morreu pelos pecadores. Isto é precisamente o que eu sou. Portanto, Ele morreu por mim. Como sei isso? Será porque o sinto? De modo nenhum. De que modo, pois? Pela Palavra de Deus. "Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras... foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras"

(1 Co 15:3 - 4). Assim tudo se cumpre "segundo as Escrituras". Se fosse segundo os nossos sentimentos, seríamos muito infelizes, porque os nossos sentimentos não duram um dia; mas as Escrituras são sempre as mesmas. "Para sempre, ó Senhor, a tua palavra permanece no céu." "Engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome."

Sem dúvida, a experiência, o sentimento e o poder de compreensão são coisas muito agradáveis, mas se as colocarmos no lugar de Cristo, não as teremos, nem Cristo, que no-las dá. Se estou ocupado com Cristo, verei resultados; mas se ponho esses resultados em lugar de Cristo não aproveitarei com os resultados e não terei a aprovação de Cristo. Esta é a triste condição de milhares de pessoas. Em vez de descansarem sobre a autoridade imutável das "Escrituras", contemplam-se a si próprios, e, por isso, andam sempre indecisos e por conseqüência são infelizes. Um estado de dúvida é um estado de tortura.

Mas como poderei libertar-me de dúvidas? Credo simplesmente na autoridade divina das "Escrituras". De quem dão testemunho as Escrituras? De Cristo (Jo 5). Declaram que Cristo morreu por nossos pecados, e que ressuscitou para nossa

justificação (Rm. 4). Isto resolve tudo. A mesmíssima autoridade que me diz que sou injusto, também me diz que Cristo morreu por mim. Não há nada mais claro do que isto. Se eu não fosse injusto a morte de Cristo de nada me aproveitaria, mas visto que sou injusto é divinamente apropriada e destinada à minha alma. Se eu estiver ocupado comigo próprio ou com alguma coisa a meu respeito é evidente que não tenho feito inteira aplicação espiritual de Levítico 13:12 -13. É porque não tenho recorrido ao Cordeiro de Deus *tal como sou*. Quando a lepra cobria o leproso desde a cabeça aos pés, então, e só então, ele estava em verdadeira posição para a graça. "Então o sacerdote examinará, e eis que, se a lepra tem coberto toda a sua carne, então declarará limpo o que tem a mancha: todo se tornou branco: limpo está". Preciosa verdade! "Onde o pecado abundou, superabundou a graça". Enquanto nos parecer que há em nós alguma coisa que não está afetada pela terrível enfermidade, não deixamos de nos atribuir algum mérito. É só quando a nossa verdadeira condição se nos torna evidente que realmente compreendemos o que significa salvação pela graça.

Compreenderemos melhor a força de tudo isto quando chegarmos a considerar as ordenações relativas à purificação do leproso, em capítulo 14 do nosso livro. Diremos agora algumas palavras sobre a lepra nos vestidos, conforme vem mencionado em capítulo 13:47-59.

2. A Lepra em Alguma Veste

O vestuário ou a pele sugerem a idéia das circunstâncias do homem ou dos seus hábitos. Este ponto é muito importante para a vida prática. Devemos vigiar contra a operação do mal em nossos caminhos com o mesmo zelo com que nos devemos precaver contra o mal em nós mesmos. Nota-se o mesmo exame cuidadoso do vestuário que se observa no caso de uma pessoa. Não há precipitação nem indiferença. "E o sacerdote examinará a praga e encerrará a coisa que tem a praga por sete dias". Não deve haver apatia nem negligência.

O mal pode introduzir-se de inúmeras maneiras nos nossos hábitos e circunstâncias; portanto, no momento em que percebemos algo de suspeito, devemos submetê-lo a um processo de investigação sacerdotal, calma e paciente. É preciso que esteja "encerrado durante sete dias", a fim de dar tempo a que se manifeste completamente.

"Então, examinará a praga ao sétimo dia; se a praga se houver estendido na veste, ou no fio urdido, ou no fio tecido, ou na pele, para qualquer obra que for feita da pele, lepra roedora é; imunda está. Pelo que se queimará aquela veste". Os mais hábitos

devem ser abandonados, logo que são descobertos. Se nos encontramos numa posição inteiramente má, devemos abandoná-la. A ação de queimar o vestido expressa o juízo sobre o mal, seja nos hábitos ou nas circunstâncias do homem. Não se deve gracejar com o mal.

Em certos casos o vestido devia ser "lavado", o que expressa a ação da Palavra de Deus sobre os hábitos do homem. "Então, o sacerdote ordenará que se lave aquilo no qual havia a praga, e o encerrará, *segunda vez, por sete dias.*" E indispensável uma paciente atenção para nos assegurarmos dos efeitos da Palavra. "E o sacerdote, examinando a praga, depois que for lavada, e eis que se a praga não mudou... o queimarás". Quando há qualquer coisa absoluta e irremediavelmente má a posição ou nos hábitos de uma pessoa, importa abandoná-la. "Mas se o sacerdote vir que a praga se tem recolhido, depois que for lavada, então rasgará o vestido". A Palavra pode produzir bastante efeito para que um homem abandone o que há de mau na sua conduta ou na sua posição, fazendo que o mal desapareça; porém, se, apesar de tudo, o mal continua, deve ser condenado juntamente com tudo o que com ele se relaciona.

Existe em tudo isto uma fonte preciosa de conhecimento. Devemos atentar bem para a posição que ocupamos, as circunstância em que nos encontramos, os hábitos que adotamos e o caráter que assumimos. Há uma necessidade especial de vigilância. Todo o sintoma suspeito deve ser cuidadosamente vigiado, para que se não converta em "lepra roedora" ou "erutiva", pela qual não só nós mas muitos outros seriam contaminados.

Podemos estar numa posição à qual estejam ligadas algumas coisas más que podem ser abandonadas em renunciarmos inteiramente à posição: e, em contrapartida, é possível encontrarmo-nos numa situação em que seja impossível ser "fiel a Deus". Sempre que há sinceridade, o caminho a seguir torna-se claro. Sempre que o desejo do coração for desfrutar a presença divina, descobrir-se-á facilmente quais são as coisas que tendem a privar-nos desta graça inefável.

Que os nossos corações sejam sempre ternos e sensíveis. Procuremos cultivar uma mais íntima comunhão com Deus, e guardemo-nos cuidadosamente de toda a forma de contaminação, quer em nossas pessoas, quer em nossos hábitos ou nas nossas relações!

A PURIFICAÇÃO DO LEPROSO

O Ofício do Sacerdote

Vamos proceder agora ao exame atento das belas e

significativas ordenações relativas à purificação do leproso, nas quais encontraremos algumas das mais preciosas verdades do evangelho.

"Depois, falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Esta será a lei do leproso no dia da sua purificação: será levado ao sacerdote; e o sacerdote sairá fora do arraial" (capítulo 14:1-3). Já vimos qual era o lugar que o leproso ocupava: estava fora do arraial, num lugar moralmente distante de Deus, do Seu santuário e da Sua congregação. Demais, morava em triste solidão e numa condição de impureza. Estava fora do alcance de socorros humanos; e, ele próprio, nada podia fazer senão contaminar as pessoas e as coisas em que tocasse. Era, pois, claramente impossível que pudesse fazer qualquer coisa para se purificar. Se, realmente, só podia poluir com o seu próprio contato, como poderia ele purificar-se a si mesmo? Como poderia ele contribuir para a sua purificação ou cooperar nesse sentido? Era impossível. Como leproso imundo, nada podia fazer por si mesmo; *tudo* tinha de ser feito *para* ele. Não podia abrir caminho para Deus, mas Deus podia abrir caminho até ele. Estava separado de Deus. Não havia para ele auxílio, quer em si quer nos seus semelhantes. É evidente que um leproso não podia purificar outro; e é igualmente claro que se um leproso tocasse numa pessoa limpa, esta ficava imunda. O seu *único* recurso estava em Deus. Tinha de ficar a dever tudo à graça de Deus.

Por isso lemos: "O sacerdote sairá fora do arraial". Não se diz: "O leproso ira ao arraial". Isto estava inteiramente fora de discussão. Era inútil falar ao leproso em ir a qualquer lugar ou fazer qualquer coisa. Estava condenado à triste solidão; para onde poderia ele ir? Coberto de manchas incuráveis, que podia ele fazer? Podia suspirar por convívio com alguém e desejar ser limpo, mas os seus suspiros eram os de um leproso solitário e desvalido. Podia fazer esforços para se purificar, mas os seus esforços só podiam provar que ele estava imundo e contribuir para propagar o mal. Antes que pudesse ser declarado "limpo" era necessário que se realizasse uma obra a seu favor—obra que ele não podia fazer nem ajudar a fazer —, obra que tinha de ser totalmente efetuada por outrem. O leproso devia manter-se "tranqüilo" e ver o sacerdote fazer uma obra em virtude da qual a lepra podia ser perfeitamente curada. O sacerdote fazia *tudo*. O leproso *nada* fazia.

O Sacerdote Perfeito

"Então, o sacerdote ordenará que, por aquele que se houver de purificar, se tomem duas aves vivas e limpas, e pau de cedro, e carmesim, e hissopo. Mandará também o sacerdote que se degole

uma ave num vaso de barro sobre águas vivas". Na saída do sacerdote fora do arraial — a sua saída do lugar onde Deus habitava—vemos o bendito Senhor Jesus descendo do seio do Pai, Sua morada eterna, para vir a este nosso mundo corrompido, onde nos via afundados na lepra corruptora do pecado. A semelhança do bom Samaritano chegou ao pé de nós. Não se limitou a vir até meio caminho, ou até perto do fim — percorreu todo o caminho. Isto era indispensável. Segundo as santas exigências do trono de Deus, não teria podido purificar-nos da nossa lepra se tivesse permanecido no seio do Pai. Podia chamar mundos à existência pela palavra da Sua boca; mas para purificar os homens da lepra do pecado era preciso alguma coisa mais. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito". Quando se tratou de criar o mundo, Deus só teve que falar. Quando se tratou de salvar pecadores, teve de dar o Seu Filho. "Nisto se manifesta o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos. Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados" (1 Jo4:9-10 – ECRF da SBTB).

Mas a vinda e a missão do Filho estavam longe de realizar tudo que fazia falta. Pouco aproveitaria ao leproso, na realidade, se o sacerdote se limitasse a sair fora do arraial para observar a sua desesperada situação. O derramamento de sangue era absolutamente necessário antes que a lepra pudesse ser tirada. Era necessária a morte de uma vítima sem mancha. "Sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9:22). E note-se que o derramamento de sangue era a verdadeira base da purificação do leproso. Isto não era apenas uma circunstância que, em ligação com outras, contribuía para a purificação do leproso. De nenhum modo. O sacrifício da vida era o fato principal e de maior importância. Isto feito, o caminho estava aberto e todas as barreiras eram removidas: Deus podia tratar em graça perfeita com o leproso. Devemos fixar bem este ponto, se queremos compreender plenamente a gloriosa doutrina do sangue.

A Ave degolada: Cristo em sua Morte

"Mandarã também o sacerdote que se degole uma ave num vaso de barro sobre águas vivas". Aqui deparamos com um reconhecido tipo da morte de Cristo, "que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus". Ele "foi crucificado por fraqueza" (Hb 9:2 Col 3). A maior obra, a mais importante, a mais gloriosa que jamais se efetuou no vasto universo de Deus, foi realizada "por fraqueza". Oh, prezado leitor, que coisa terrível deve ser o pecado, segundo o juízo de Deus, para que o Seu Filho

amado tivesse que descer do céu e ser pregado no madeiro de maldição, feito espetáculo para os homens, anjos e demônios, para que nós pudéssemos ser salvos! E que figura do pecado temos na lepra! Quem poderia pensar que aquela pequena "mancha clara" que aparecia na pessoa de qualquer membro da congregação tivesse tão graves conseqüências? Mas, ah! Essa pequena "mancha branca" não era nada menos que o gérmen do mal, no lugar onde se manifestava. Era o indício da terrível atividade do pecado na natureza; e antes que essa pessoa pudesse estar apta para ocupar um lugar na assembléia ou gozar comunhão com Deus, o Filho de Deus teve de deixar os céus e descer às partes mais baixas da terra, a fim de fazer completa expiação por aquilo que não se mostrava senão como uma pequena "mancha branca".

Lembremos isto: o pecado é uma coisa terrível, segundo o parecer de Deus. Ele não pode tolerar um simples pensamento pecaminoso. Antes que um tal pensamento pudesse ser perdoado, Cristo teve que morrer na cruz. O mais insignificante pecado, se algum pecado pode chamar-se insignificante, requeria nada menos do que a morte do Filho eterno de Deus. Mas, graças sejam dadas a Deus para todo o sempre, o que o pecado requeria, o amor redentor deu livremente; e, agora, Deus é infinitamente mais glorificado no perdão dos pecados do que teria sido se Adão tivesse conservado a sua inocência original. Deus é mais glorificado na salvação, no perdão, na justificação, preservação e glorificação final do pecador do que poderia ser por uma humanidade inocente no gozo das bênçãos da criação. Tal é o mistério da redenção. Que os nossos corações, pelo poder do Espírito Santo, compreendam o alcance deste maravilhoso mistério!

A Ave Viva Molhada no Sangue: Cristo Ressuscitado no Céu

"E tomará a ave viva, e o pau de cedro, e o carmesim, e o hissopo e os molhará com a ave viva no sangue da ave que foi degolada sobre as águas vivas. E sobre aquele que há - de purificar-se da lepra espargirá sete vezes; então, o declarará por limpo e soltará a ave viva sobre a face do campo". Logo que o sangue é derramado, o sacerdote pode entregar-se inteiramente à sua obra. Até aqui, lemos que "O sacerdote ordenará"; porém, agora, ele próprio atua prontamente. A morte de Cristo é a base do Seu ministério sacerdotal. Havendo entrado por Seu próprio sangue no santuário, atua como o nosso grande Sumo Sacerdote, aplicando às nossas almas os preciosos resultados da Sua obra expiatória, e mantendo-nos na plena e divina integridade da posição em que o Seu sacrificio nos introduziu. "Porque todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrificios; pelo que

era necessário que este também tivesse alguma coisa que oferecer. Ora, se ele estivesse na terra, nem tampouco sacerdote seria" (Hb 8:3 - 4).

Não poderíamos encontrar uma figura mais perfeita da ressurreição de Cristo do que aquela que nos oferece a "ave viva" solta sobre a face do campo. Só era solta depois da morte da sua companheira, porque as duas aves representam um só Cristo em duas fases da Sua bendita obra, a saber: a morte e a ressurreição. Dez mil aves soltas de nada aproveitariam ao leproso. Essa ave viva, elevando-se ao céu, levava nas suas asas o sinal que representava a expiação consumada — era isso que proclamava o grande fato de que a obra estava feita e o fundamento posto. O mesmo sucede em relação ao bendito Senhor Jesus Cristo. A Sua ressurreição declara o glorioso triunfo da redenção. "Ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras". "Ressuscitou para nossa justificação". É isto que põe o coração oprimido em liberdade e alivia a consciência atormentada. As Escrituras asseguram-nos que Jesus foi cravado na cruz sob o peso dos nossos pecados; porém as mesmas Escrituras garantem que ressuscitou de entre os mortos sem ter já nenhum desses pecados sobre Si. E isto não é tudo: as mesmas Escrituras asseguram que todos os que põem a sua confiança em Jesus estão tão isentos de culpa como Ele próprio, e tão livres da ira ou da condenação como Ele está; que são um com Ele, estão unidos a Ele e aceitos n'Ele, vivificados, ressuscitados e assentados com Ele. Tal é o testemunho confortante da Palavra da verdade—testemunho de Deus, que não pode mentir (veja-se Rm6:6-11;8:1-4;2Co5:21;Ef 2:5-6; C12:10-15;lJo4:17).

Uma Libertação Completa

Porém, outra verdade das mais importantes se nos apresenta no versículo 6 deste capítulo. Não só vemos a nossa completa libertação da culpa e da condenação, admiravelmente representada pela ave viva e solta, como vemos também a nossa completa libertação de todos os atrativos da terra e de todas as influências da natureza. "O carmesim" é a expressão adequada daqueles atrativos, enquanto que "o pau de cedro e o hissopo" representam bem as influências. A cruz é o fim de toda a glória deste mundo. Deus apresenta-a como tale como tal a reconhece o crente. "Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo" (Gl 6:14).

Quanto ao "pau de cedro e o hissopo", oferecem-nos, por assim dizer, os dois extremos do vasto domínio da natureza. Salomão "falou das árvores, desde o cedro que está no Líbano até

ao hissopo que nasce na parede" (1 Rs 4:33). Desde o cedro majestoso que coroa as colinas do Líbano até ao humilde hissopo — os dois extremos e tudo que está entre eles — a natureza em toda a sua variedade, tudo se coloca debaixo da cruz; de sorte que o crente vê na morte de Cristo o fim da sua culpa, o fim de toda a glória terrestre e o fim de todo o sistema da natureza — o fim da velha criação. E de que deve ocupar-se?. De Aquele que é o Antítipo dessa ave viva, com as penas manchadas de sangue, elevando-se aos céus.

Precioso e glorioso assunto que satisfaz todas as aspirações da alma! Um Cristo ressuscitado, que, triunfante e glorioso, subiu ao céu, levando na Sua sagrada Pessoa os sinais da expiação consumada. É com Ele que devemos tratar. Estamos aparte com Ele. Ele é o objeto exclusivo de Deus, o centro da alegria do céu e o tema do cântico dos anjos. Não temos necessidade de nenhuma das glórias da terra nem de nenhuma das atrações da natureza. Podemos vê-las postas de lado para sempre, com o nosso pecado e a nossa culpa, pela morte de Cristo. Podemos passar bem sem a terra e a natureza, porquanto nos foram dadas em vez delas "as riquezas incompreensíveis de Cristo".

O Sangue Espargido

"E sobre aquele que há - de purificar-se da lepra espargirá sete vezes; então, o declarará por limpo e soltará a ave viva sobre a face do campo". Quanto mais refletimos sobre o capítulo 13 tanto mais claramente vemos como era absolutamente impossível o leproso fazer qualquer coisa para sua própria purificação. Tudo que ele podia fazer era "cobrir o beijo superior"; e tudo que podia dizer era: "Imundo, imundo!" Competia a Deus, e a Deus somente, buscar o meio e realizar a obra pela qual o leproso pudesse ser perfeitamente purificado; e, demais, pertencia a Deus, e só a Ele, declarar "limpo" o leproso. Por isso está escrito, "o sacerdote espargirá" e "ele o declarará limpo". Não é dito "o leproso espargirá e declarar-se-á ou considerar-se-á limpo". Isto de nada serviria. Deus era o Juiz—Deus era o único que podia curar; Deus, e só Deus podia purificar. Só Ele sabia o que era a lepra, como podia ser removida e quando se devia declarar limpo o leproso.

O leproso podia continuar toda a sua vida coberto de lepra e todavia ignorar por completo qual era o seu mal. Era a Palavra de Deus — A Palavra da Verdade —, o testemunho divino, que declarava toda a verdade quanto à lepra; e nada menos que essa mesmíssima autoridade podia declarar o leproso limpo, e isto somente sobre o fundamento sólido e indiscutível da morte e ressurreição. Existe uma conexão preciosa entre os três pontos mencionados no versículo 7: o sangue é espargido, o leproso

declarando limpo e a ave viva solta. Não há uma simples palavra sobre o que o leproso devia fazer, dizer, pensar ou sentir. Bastava saber que era leproso: um leproso declarado, julgado, coberto de lepra da cabeça aos pés. Para ele isto era bastante; tudo o mais pertencia a Deus.

A Morte e a Ressurreição de Cristo são Suficientes

E da máxima importância, para quem busca ansiosamente a paz, compreender a verdade revelada nesta parte do nosso assunto. Quantas almas se inquietam imaginando que se trata de *sentir, realizar e apropriar*, em vez de verem, como no caso do leproso, em que a aspersão do sangue era tão independente dele e tão divina como o seu derramamento. Não se diz que o leproso tinha de aplicar, realizar ou apropriar e então seria purificado. De modo algum. O plano de libertação era divino; a provisão do sacrifício era divina; o derramamento do sangue era divino; a aspersão do sangue era divina; o veredito quanto ao resultado era divino; numa palavra: tudo era divino.

Isto não quer dizer que devemos desprezar a compreensão, ou para falar mais corretamente, a comunhão, por intermédio do Espírito Santo, com todos os preciosos resultados da obra de Cristo por nós. Pelo contrário, veremos mais adiante o lugar que lhe está destinado na economia divina. Porém, assim como o leproso não era limpo pela compreensão do valor do sangue, tampouco nós somos salvos por ela. O evangelho, mediante o qual nós somos salvos, é "que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras". Nada se diz aqui sobre realização por nossa parte. Sem dúvida é bom termos essa compreensão. Aquele que esteve a ponto de se afogar deve estar muito feliz por sentir que se encontra num barco salva-vidas; mas, evidentemente, está salvo pelo barco e não pelo que sente. Assim é com o pecador que crê no Senhor Jesus Cristo. É salvo pela morte e ressurreição. E porque ele o experimentai E "*segundo as Escrituras*". Cristo morreu e ressuscitou; e sobre este fundamento Deus declara-o limpo.

É isto que proporciona imensa paz à alma. Temos de confiar no pleno testemunho de Deus, que nada pode mover. Este testemunho refere-se à própria obra de Deus. Ele Próprio fez tudo que era necessário a fim de que fôssemos declarados limpos a Seus olhos. O nosso perdão não depende da nossa compreensão, nem de nenhuma obra "de justiça que houvésemos feito"; porque as nossas obras de justiça não valem mais do que os nossos delitos. Em suma, depende, exclusivamente, da morte e ressurreição de Cristo. Como sabemos isto"?- Deus no-lo diz: "É

segundo as Escrituras".

Poucas coisas poderão revelar o apego dos nossos corações à legalidade tão flagrantemente como esta estafada idéia de necessidade da nossa experiência para podermos alcançar a salvação. *Queremos* ter alguma coisa do ego neste assunto, e assim perturbamos, deploravelmente, a nossa paz e liberdade em Cristo. E por esta razão que eu me detenho mais demoradamente sobre a formosa ordenação da purificação do leproso e de um modo especial sobre a verdade revelada em capítulo 14:7. Era o sacerdote quem espargia o sangue; e era o sacerdote quem declarava o leproso limpo. O mesmo ocorre no caso do pecador: no instante em que ele se coloca no seu verdadeiro lugar, o sangue de Cristo e a Palavra de Deus são aplicados sem qualquer obstáculo ou dificuldade. Mas logo que este estafado assunto de realização é ventilado, a paz é perturbada, o coração sente-se deprimido e o espírito confuso. Quanto mais completo é o abandono do ego e a ocupação com Cristo, tal como n'0-lo apresentam "as Escrituras", tanto maior será a nossa paz. Se o leproso tivesse olhado para si próprio, depois de o sacerdote o ter declarado limpo, teria encontrado algum motivo para essa declaração¹?- Seguramente que não. A aspersion do sangue era a base do testemunho divino, e nada do que havia no leproso ou relacionado com ele. Não se perguntava ao leproso como se sentia ou o que pensava. Não era interrogado acerca do sentimento profundo que pudesse ter da fealdade da sua doença. Era manifestamente leproso, e isto bastava. Aquele sangue havia sido derramado por ele, e esse sangue tornava-o o limpo. Como sabia isso? - Era porque o sentia*? Não; mas porque o sacerdote assim o declarava, da parte de Deus e com a Sua autoridade. O leproso era declarado limpo sob o mesmíssimo princípio com que a ave era solta. O mesmo sangue que manchava as penas da ave era espargido sobre o leproso.

Desta forma a questão era perfeitamente solucionada, sem intervenção do leproso, dos sentimentos do leproso, pensamentos e experiências. Tal é o tipo. E quando passamos do tipo ao Antítipo vemos que o bendito Senhor Jesus Cristo entrou no céu e pôs sobre o trono de Deus a eterna memória de uma obra consumada, em virtude da qual o crente entra também ali. É uma verdade gloriosa, divinamente calculada para dissipar todas as dúvidas dos corações inquietos, todo o temor, todos os pensamentos angustiosos e incertezas que neles possam levantar-se. Cristo ressuscitado é objetivo exclusivo de Deus, e n'Ele Deus vê todo o crente. Que toda a alma despertada possa encontrar descanso permanente nesta verdade libertadora.

A Lavagem Por Meio da Palavra

"E aquele que tem de purificar-se lavará as suas vestes, e rapará todo o seu pêlo, e se lavará com água; assim, será limpo; e, depois, entrará no arraial, porém ficará fora da sua tenda por sete dias" (versículo 8). Havendo sido declarado limpo, o leproso pode começar a fazer o que antes não podia sequer intentar, quer dizer, lavar-se, lavar os seus vestidos e rapar todo o seu pêlo; e, havendo feito isto, ele tem o privilégio de ocupar o seu lugar no arraial — o lugar publicamente reconhecido para comunhão com o Deus de Israel, cuja presença no arraial tornara necessária a expulsão do leproso. Uma vez que havia sido aplicado o sangue na sua virtude expiatória, impunha-se a lavagem da água, que expressa a ação da Palavra sobre o caráter, os hábitos e a conduta, para tornar o indivíduo moral e praticamente limpo, não só aos olhos de Deus como também perante a congregação, para assim ocupar o seu lugar na Assembléia.

Mas é preciso notar que o homem, espargido com sangue e lavado com água, tendo assim direito a um lugar na assembléia, não era autorizado a entrar na sua própria tenda. Não podia entrar no pleno gozo dos privilégios particulares e pessoais que pertenciam à sua posição peculiar no arraial. Por outras palavras, embora conhecendo a redenção pelo derramamento do sangue, e sabendo que a Palavra de Deus era a regra segundo a qual tanto a sua pessoa como os seus hábitos deviam ser limpos e regulados, tinha ainda de chegar, no poder do Espírito Santo, a um conhecimento pleno do seu lugar especial, da sua parte e privilégios em Cristo.

Falamos segundo a doutrina dos símbolos, e sentimos quão importante é compreender a verdade que ela encerra. É freqüente descurá-la. Há muitas almas que reconhecem o sangue de Cristo como a única base de perdão e a Palavra de Deus como o único meio de purificar e regular as suas relações e hábitos, e que, não obstante, estão longe de conhecer, pelo poder do Espírito Santo, o valor e a excelência de Aquele cujo sangue tirou os seus pecados e cuja Palavra deve purificar a sua vida prática. Estão no lugar em que as suas relações são visíveis e notórias; mas não no poder de comunhão pessoal. É absolutamente certo que todos os crentes estão em Cristo, e, como tais, têm direito a participar das mais excelentes verdades. Além disso têm o Espírito Santo como o poder de comunhão. Tudo isto é divinamente verdadeiro; mas não existe aquela renúncia completa de tudo que pertence à natureza e que é realmente essencial ao poder de comunhão com Cristo, sob todos os aspectos do Seu caráter e da Sua obra. De fato, esta comunhão não será plenamente gozada até que venha o "oitavo dia" — o dia glorioso da ressurreição, em que conheceremos assim

como somos conhecidos. Então, na verdade, cada um por si e todos em conjunto entrarão no pleno gozo irresistível da comunhão com Cristo, em todos os preciosos aspectos da Sua Pessoa e as perfeições do Seu caráter, conforme são revelados nos versículos 10 a 20 do nosso capítulo. Tal é a esperança posta diante de nós; mas, presentemente, na medida em que realizamos, pela fé, a poderosa energia do Espírito, que habita em nós, a mortificação da carne e de tudo que a atrai, podemos-nos alimentar de Cristo e regozijarmo-nos n'Ele como a parte das nossas almas na comunhão individual.

O Fim do Velho Homem

"E será que, ao sétimo dia, reparará todo o seu pêlo, e a cabeça e a barba, e as sobrancelhas dos seus olhos; e reparará todo o outro pêlo, e lavará as suas vestes, e lavará a sua carne com água, e será limpo" (versículo 9). Agora torna-se evidente que, à vista de Deus, o leproso estava tão limpo, no primeiro dia, quando o sangue foi espargido sobre ele, na sua séptula ou perfeita eficiência, como no sétimo dia. Em que consistia, pois, a diferença? Não estava na sua atual condição e posição, mas na sua compreensão pessoal e comunhão. No sétimo dia, ele era convidado a aprofundar a completa abolição de tudo quanto pertencia à natureza. Era chamado para aprender que era necessário tirar a lepra da natureza e remover também os adornos da natureza — sim, tudo que pertencia à sua velha condição.

Uma coisa é saber que Deus vê a minha natureza como morta e outra muito diferente é eu "considerar-me" como morto — despojar-me, praticamente, do velho homem e dos seus feitos — mortificar os meus membros que estão sobre a terra. Isto é o que, provavelmente, entendem muitas pessoas piedosas quando falam de santificação progressiva. A idéia é boa em si, mas não a apresentam exatamente como as Escrituras.

O leproso era declarado limpo no momento em que o sangue era espargido sobre ele; e não obstante ele tinha de se lavar. Como se explica isto? No primeiro caso, ele estava limpo segundo o juízo divino; no segundo, ele tinha de estar limpo segundo o seu conceito pessoal e no seu caráter público. O mesmo acontece com o crente. É "um com Cristo"; está "lavado, santificado e justificado" — "aceito" — "perfeito" (1 Co 6:11; Ef 1:6; C12:10). Tal é o seu estado inalterável e a sua condição invariável perante Deus. Está tão perfeitamente santificado como justificado, pois Cristo é a medida tanto da santificação como da justificação, segundo o juízo de Deus sobre o caso.

Porém a compreensão que o crente tem de tudo isto, em sua alma, e a maneira como o demonstra nos seus hábitos e conduta,

abrem outro horizonte diante deste pensamento. Por isso se lê: "Ora Amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus" (2 Co 7:1). E devido a Cristo nos ter purificado pelo Seu precioso sangue que somos chamados a "purificarmo-nos" pela aplicação da Palavra de Deus, por meio do Espírito. "Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue. E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade. Porque três são os que testificam: o Espírito, a água, e o sangue; e estes três concordam num" (1 Jo 5:6-8). Aqui temos a expiação pelo sangue, a purificação pela Palavra de Deus e poder pelo Espírito com base na morte de Cristo e distintamente prefigurados nas ordenações relacionadas com a purificação do leproso.

O Oitavo Dia

a) O Sacrifício pela Culpa

"E, ao oitavo dia, tomará dois cordeiros sem mancha, uma cordeira sem mancha, de um ano, e três dízimas de flor de farinha para oferta de manjares amassada com azeite, e um Io, de azeite. E o sacerdote que faz a purificação apresentará o homem que houver de purificar-se com aquelas coisas perante o SENHOR, à porta da tenda da congregação. E o sacerdote tomará um dos cordeiros e o oferecerá por expiação da culpa e o loque de azeite; e os moverá por oferta movida perante o SENHOR" (versículos 10-12).

Aqui é introduzida toda a série de oferendas; mas é a Expição da Culpa que se oferece primeiro, visto que o leproso é considerado como um verdadeiro transgressor. Isto é verdadeiro em todos os casos. Como aqueles que pecaram contra Deus, temos todos necessidade de Cristo, pois foi Ele quem fez expiação pelos nossos pecados na cruz. "Ele mesmo levou, em seu corpo, os nossos pecados sobre o madeiro". O primeiro aspecto em que Cristo se apresenta ao pecador é o do antítipo da Expição da Culpa.

O Sangue sobre a Orelha Direita, a Mão Direita e o Pé Direito

"E o sacerdote tomará do sangue da oferta pela expiação da culpa e o sacerdote o porá sobre a ponta da orelha direita daquele que tem de purificar-se, e sobre o dedo polegar da sua mão direita, e no dedo polegar do seu pé direito".

A "orelha" — esse membro culpado, que tão freqüentemente tinha servido de meio de comunicação para a vaidade, as loucuras e até a impureza — devia ser purificada pelo sangue da Expição da Culpa. Assim toda a culpa que tenhamos contraído por meio desse órgão é perdoada segundo o valor que Deus dá ao sangue de

Cristo.

A "*mão direita*", que tão freqüentemente se havia estendido na execução de atos de vaidade, tolices e até de impureza, devia ser purificada pelo sangue da Expição da Culpa. Assim, toda a culpa, que contraímos por intermédio desse membro, é perdoada, segundo o valor em que Deus tem o sangue de Cristo.

O "*pé*", que tantas vezes havia corrido no caminho da vaidade, das loucuras e até da impureza, devia ser purificado pelo sangue da Expição da Culpa. Da mesma forma, toda a culpa que temos contraído por meio desse membro é perdoada, segundo o valor que Deus dá ao sangue de Cristo. Sim, *tudo, tudo, tudo* é perdoado — tudo é anulado, tudo é esquecido, tudo afundado como chumbo nas profundezas das águas do eterno esquecimento. Quem o fará surgir de novo? Os anjos, os homens ou os demônios poderão mergulhar nessas profundezas insondáveis e impenetráveis para trazer à superfície as transgressões do "*pé*", da "*mão*" ou da "*orelha*" que o amor redentor ali lançou? Oh, não! Louvado seja Deus, as nossas culpas foram removidas para sempre. Estamos em melhores circunstâncias do que estaríamos se Adão nunca tivesse pecado. Preciosa verdade! Ser lavado no sangue de Cristo é muito melhor do que estar revestido de inocência.

O Logue de Azeite

Contudo, Deus não se limita a apagar os nossos pecados pelo sangue expiador de Jesus. Isto, em si, é uma grande obra; mas há alguma coisa ainda mais importante: "Também o sacerdote tomará do logue de azeite e o derramará na palma da sua própria mão esquerda. Então, o sacerdote molhará o seu dedo direito no azeite que está na sua mão esquerda e daquele azeite, com o seu dedo, espargirá sete vezes perante o SENHOR; e o restante do azeite, que está na sua mão, o sacerdote porá sobre a ponta da orelha direita daquele que tem de purificar-se, e sobre o dedo polegar da sua mão direita, e sobre o dedo polegar do seu pé direito, em cima do sangue da oferta pela expiação da culpa; e o restante do azeite que está na mão do sacerdote, o porá sobre a cabeça daquele que tem de purificar-se; assim, o sacerdote fará expiação por ele perante o SENHOR" (versículos 15 a 18).

Assim, os nossos membros não só são purificados pelo sangue de Cristo, mas também consagrados a Deus no poder do Espírito. A obra de Deus não é somente negativa mas também positiva. O ouvido já não deve ser o meio de comunicar o que é imundo, antes deve estar pronto a escutar "a voz do Bom Pastor". A mão já não deve usar-se como instrumento de injustiça, mas deve estender-se para atos de justiça, graça e verdadeira

santidade. O pé não deve pisar mais os caminhos da tolice, mas percorrer o caminho dos santos mandamentos de Deus. E, finalmente, o homem deve consagrar-se a Deus na energia do Espírito Santo.

É interessantíssimo observar que o "azeite" era posto sobre "o sangue" da "expição da culpa". O sangue de Cristo é a base divina das atividades do Espírito Santo. O sangue e o azeite vão juntos. Como pecadores nada poderíamos saber do azeite salvo sobre o fundamento do sangue. O azeite não podia ser posto sobre o leproso enquanto não lhe tivesse sido aplicado o sangue da expiação da culpa. "Em quem também, depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa". A exatidão divina do símbolo desperta a admiração da mente regenerada. Quanto mais atentamente a examinamos — quanto mais nos concentramos nela à luz das Escrituras — mais percebemos e apreciamos a sua beleza, força e precisão. Tudo está, como podia justamente esperar-se, em perfeita harmonia com as analogias da Palavra de Deus. Não é necessário nenhum esforço para compreender isto. Tomemos Cristo como a chave que abre o rico tesouro das figuras; exploremos o precioso conteúdo à luz da lâmpada de inspiração divina; deixemos que o Espírito Santo seja o intérprete; e assim seremos infalivelmente edificados, iluminados e abençoados.

b) O Sacrifício pelo Pecado

"Também o sacerdote fará a oferta pela expiação do pecado e fará expiação por aquele que tem de purificar-se da sua imundícia". Temos aqui uma figura de Cristo, não somente como Aquele que levou os nossos pecados, mas também como O que aniquilou o *pecado*, tanto na sua raiz como nos seus ramos; Aquele que destruiu todo o sistema do pecado — "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo". "A propiciação por todo o mundo". Como expiação da culpa, Cristo removeu todas as nossas ofensas. Como expiação do pecado destruiu a grande raiz donde procediam essas ofensas. Tudo satisfaz; mas é como Expição da Culpa que começamos por conhecê-Lo, porque é como tal que primeiramente necessitamos d'Ele. É a *convicção dos nossos pecados* que primeiramente nos perturba; perturbação esta que é desfeita divinamente pela preciosa oferta da expiação da culpa. Depois, à medida que prosseguimos, descobrimos que todos estes pecados tinham uma raiz ou tronco, e que essa mesma raiz ou tronco existe em cada um. Mas também isto é divinamente remediado pela nossa preciosa expiação do pecado. A ordem, como nos é apresentada no caso do leproso, é perfeita. É precisamente a mesma ordem que voltamos a encontrar na experiência de todas as almas salvas. A expiação da culpa vem

primeiro, e em seguida a expiação do pecado.

c) O Holocausto

"E depois degolará o holocausto". Esta oferta apresenta-nos o aspecto mais elevado da morte de Cristo. É Cristo oferecendo-Se a Deus sem mancha, sem qualquer relação quer com a culpa, quer com o pecado. É Cristo caminhando para a cruz, numa consagração voluntária, e oferecendo-se ali em sacrifício de cheiro suave a Deus.

d) A Oferta de Manjares

"E o sacerdote oferecerá o holocausto e a oferta de manjares sobre o altar; assim, o sacerdote fará expiação por ele, e será limpo (versículo 20). A oferta de manjares simboliza "o homem Cristo Jesus" na Sua perfeita vida humana. Está intimamente ligada, no caso do leproso, com o holocausto; e o mesmo sucede na experiência diária de cada pecador salvo. Quando sabemos que as nossas *transgressões* estão perdoadas e que a raiz ou princípio do *pecado* está julgado, então podemos, pelo poder do Espírito Santo e segundo a nossa capacidade, gozar comunhão com Deus em relação Aquele Ser bendito que viveu uma vida humana perfeita, aqui, na terra, e que Se ofereceu sem mancha a Deus, na cruz. Assim, as quatro classes de oferendas se nos apresentam por sua ordem divina, na purificação do leproso — a saber, a expiação da culpa, a expiação do pecado, o holocausto e a oferta de manjares, mostrando cada uma um aspecto particular de nosso bendito Senhor Jesus Cristo.

Da Perdição à Glória

Aqui termina o relato das disposições do Senhor sobre o leproso; e oh, que maravilhoso relato! Que exposição da hediondez do pecado, da graça e santidade de Deus, da preciosidade da Pessoa de Cristo e a eficácia da Sua obra! Nada pode ser mais interessante do que observar os rasgos da graça divina saindo do recinto sagrado do santuário para ir ao lugar imundo, onde, de cabeça descoberta, embuçado e com as vestes rasgadas, se encontrava o leproso. Deus procurava o leproso onde ele estava; mas não o deixava ali. Manifestava-se pronto a cumprir uma obra em virtude da qual podia conduzir o leproso a um lugar mais elevado e a uma comunhão mais íntima do que ele jamais havia conhecido. Em virtude desta obra, o leproso era conduzido do seu lugar de imundície e solidão para a própria porta do tabernáculo da congregação, o lugar dos sacerdotes, para ali gozar dos privilégios sacerdotais (compare-se Êxodo 29:20, 21, 32). Como poderia elevar-se a tal posição? Por si mesmo era impossível. Por

muito que pudesse fazer, teria definhado e morrido na sua lepra, se a graça soberana do Deus de Israel não tivesse descido sobre ele para o elevar do lugar imundo até o colocar entre os príncipes do Seu povo.

Se alguma vez existiu um caso em que a questão dos esforços humanos, dos méritos humanos e da justiça humana, pôde ser plenamente provada e arrumada para sempre, é incontestavelmente o caso do leproso. Seria uma lamentável perda de tempo discutir tal questão em presença de um caso semelhante. Deve ser evidente, até mesmo para o leitor mais superficial, que nada senão a graça divina, reinando pela justiça, podia ir ao encontro das condições e necessidades do leproso. E de que maneira gloriosa e triunfante opera a graça de Deus! Desce às maiores profundidades a fim de elevar o leproso às maiores alturas. Vede o que o leproso perdeu e o que ganhou! Perdeu tudo o que pertencia à natureza e ganhou o sangue da expiação e a graça do Espírito—simbolicamente falando. Em boa verdade, os seus ganhos eram incalculáveis. Se nunca tivesse sido posto fora do arraial, nunca teria alcançado tão infinita riqueza. Tal é a graça de Deus! Tal é o poder e o valor, a virtude e a eficácia do sangue do Senhor Jesus!

Como tudo isto nos recorda forçosamente o filho pródigo, em Lucas 15! Nele a lepra havia também alastrado e surgido à superfície. Havia estado longe num lugar imundo, onde os seus próprios pecados e o intenso egoísmo dos habitantes da terra longínqua tinham criado uma situação de solidão em redor de si. Mas, bendito seja para sempre o profundo e terno amor do Pai, sabemos como tudo acabou: o pródigo encontrou uma nova posição mais elevada e entrou numa comunhão mais íntima do que antes conhecera. Nunca antes se tinha morto um "bezerro cevado" para ele. Nunca se lhe havia vestido "o melhor vestido". E a que devia tal distinção? Seria devido aos méritos do pródigo? Oh, não; era simplesmente devido ao amor do Pai.

Prezado leitor, permita que lhe faça esta pergunta: pode debruçar-se sobre o relato do procedimento de Deus para com o leproso, em Levítico 14, ou da conduta do Pai para com o pródigo, em Lucas 15, sem sentir intensamente o amor que existe em Deus? Esse amor que se manifesta na Pessoa e obra de Cristo, que é relatado nas Escrituras Sagradas e derramado sobre o coração do crente pelo Espírito Santo? Que o Senhor nos dê uma comunhão mais íntima e constante consigo mesmo!

Diante de Deus Todos São Iguais

Entre os versículos 21 e 32 temos "a lei daquele em quem estiver a praga da lepra, cuja mão não pode alcançar o preciso

para sua purificação". Esta lei refere-se aos sacrifícios do "oitavo dia", e não às "duas aves vivas e limpas". Estas últimas não se podiam dispensar em nenhum caso, porque representam a morte e ressurreição de Cristo como a única base sobre a qual Deus pode receber o pecador que torna para Si. Por outro lado, os sacrifícios do "oitavo dia", estando relacionados com a comunhão da alma, devem ser influenciados, até certo ponto, pela medida de apreensão da alma. Mas, seja qual for essa medida, a graça de Deus pode satisfazê-la com estas palavras particularmente tocantes: *"Conforme alcançar a sua mão"*. E, além disso, "as duas rolas" conferiam ao "pobre" os mesmos privilégios que os dois cordeiros conferiam ao "rico", posto que tanto as rolas como os cordeiros representassem "o precioso sangue de Cristo", que é de uma infinita, imutável e eterna eficácia aos olhos de Deus.

Todos estão diante de Deus sobre a base da morte e ressurreição. Todos são trazidos igualmente perto, mas nem todos gozam da mesma medida de comunhão — nem todos alcançam o mesmo grau de compreensão da preciosidade de Cristo em todos os aspectos da Sua obra. Poderiam, se quisessem, mais deixam-se embarçar de uma maneira ou de outra. O mundo e a carne com as suas respectivas influências atuam duma maneira prejudicial. O Espírito é entristecido e Cristo não é usufruído como podia ser. É absolutamente inútil supor que nos podemos alimentar, espiritualmente, de Cristo se vivemos segundo os nossos desejos carnis. Não; se queremos nutrir-nos de Cristo é preciso que renunciemos a nós mesmos, que nos despojemos do ego, que nos julgemos a nós próprios. Não é uma questão de salvação. Não se trata da introdução do leproso no arraial — o lugar destinado às relações entre Deus e o Seu povo. De modo nenhum. Trata-se somente da comunhão da alma, do seu gozo em Cristo.

A este respeito, a plenitude desse gozo está ao nosso alcance. Podemos ter participação nas verdade mais elevadas; porém se a nossa medida for pequena, a graça abundante do coração de nosso Pai sussurra estas doces palavras: *"Conforme alcançara tua mão."* Todos temos os mesmos direitos, contudo a nossa capacidade pode variar; e, bendito seja Deus, quando entramos na Sua presença, todos os desejos da nova natureza, na sua maior intensidade, são satisfeitos; e todos os poderes da nova natureza, em pleno curso, estão ocupados. Que seja esta a experiência das nossas almas, dia a dia. Encerraremos esta parte com uma breve referência ao assunto da lepra numa casa.

3. A Lepra numa Casa

O leitor observará que os casos de lepra numa pessoa ou no vestuário podiam ocorrer no deserto; porém, no caso de uma casa,

era forçoso que aparecesse em Cana. "Quando tiverdes entrado na terra de Cana, que vos hei - de dar por possessão, e eu enviar a praga da lepra a alguma casa da terra da vossa possessão... então, o sacerdote ordenará que despejem a casa, antes que venha o sacerdote para examinar a praga, para que tudo o que está na casa não seja contaminado; e, depois, virá o sacerdote, para examinar a casa; e, vendo a praga, e eis que, se a praga nas paredes da casa tem covinhas verdes ou vermelhas, e parecem mais fundas do que a parede, então o sacerdote sairá daquela casa para fora da porta da casa e cerrará a casa por sete dias."

Considerando a casa como figura de uma assembléia, encontramos nesta passagem alguns princípios importantes do método divino de tratar o mal moral, ou os sintomas de mal, numa congregação. Observamos a mesma santa calma e perfeita paciência a respeito da casa que já tínhamos observado em referência à pessoa ou ao vestuário. Não havia pressa nem indiferença, quer se tratasse de uma casa, de um vestido ou de um indivíduo. Quem observasse algo de anormal na sua casa não devia ficar indiferente a qualquer sintoma suspeito que aparecesse nas paredes; nem devia ele próprio pronunciar-se sobre esses sintomas. Examinar e julgar era trabalho do sacerdote. A partir do momento em que qualquer coisa de suspeito aparecesse, o sacerdote assumia uma atitude judicial a respeito dessa casa. A casa ficava submetida a juízo, ainda que não condenada. Antes de se poder chegar a uma decisão, tinha de decorrer o período legal. Podia ocorrer que os sintomas fossem meramente superficiais, e nesse caso nenhuma ação seria tomada.

"Depois, tornará o sacerdote ao sétimo dia e examinará; e, se vir que a praga nas paredes da casa se tem estendido, então, o sacerdote ordenará que arranquem as pedras em que estiver a praga e que as lancem fora da cidade num lugar imundo". Antes de se condenar toda a casa, devia fazer-se a prova arrancando somente as pedras que tinham lepra.

"Porém, se a praga tornar e brotar na casa, depois de se arrancarem as pedras, e depois da casa ser raspada, e depois de ser rebocada, então, o sacerdote entrará, e, examinando, eis que, se a praga na casa se tem estendido, lepra roedora há na casa; imunda está. Portanto, se derribará a casa, as suas pedras e a sua madeira, como também todo o barro da casa; e se levará tudo para fora da cidade, a um lugar imundo". O caso era irremediável, o mal incurável: todo o edifício tinha de ser demolido.

"E o que entrar naquela casa, em qualquer dia em que estiver fechada, será imundo até à tarde. Também o que se deitar a dormir em tal casa lavarás as suas vestes; e o que comer em tal casa lavarás as suas vestes". É uma verdade muito solene. O

contato polui! Recordemos isto. Era um princípio amplamente recomendado na economia Levítica; e, seguramente, não é menos aplicável nos dias de hoje.

"Porém, tornando o sacerdote a entrar, e, examinando, eis que, se a praga na casa se não tem estendido, depois que a casa foi rebocada, o sacerdote declarará a casa por limpa, porque a praga está curada". A remoção das pedras manchadas, etc, tinha sustado o desenvolvimento do mal e tornado desnecessário qualquer juízo ulterior. A casa deixava de estar sob ação judicial; e, sendo purificada pela aplicação do sangue, estava de novo em condições de ser habitada.

O Juízo do Mal numa Assembléia

E, agora, quanto à moral de tudo isto: é, ao mesmo tempo, interessante, solene e prática. Consideremos, por exemplo, a igreja em Corinto. Era uma casa espiritual composta de pedras espirituais; mas o olhar perspicaz do apóstolo descobriu nas suas paredes certos sintomas de natureza muito duvidosa. Ficou ele indiferente? Não, por certo. Ele estava tão possuído do espírito do Dono da casa que não podia admitir, nem por um momento, tal coisa. Mas se não ficou indiferente também não se mostrou precipitado. Mandou tirar a pedra leprosa e deu à casa uma raspagem completa. Havendo atuado assim, esperou pacientemente o resultado. E qual foi esse resultado? Aquele que o coração mais podia desejar. "Mas Deus, que consola os abatidos, nos consolou com a vinda de Tito; e não somente com a sua vinda, mas também pela consolação com que foi consolado de vós, contando-nos as vossas saudades, o vosso choro, o vosso zelo por mim, de maneira que muito me regozizei... *em tudo mostrastes estar furos neste negócio*" (compare-se 1 Co 5 com 2 Co 7:6-11-11). É um agradável exemplo. O cuidado e zelo do apóstolo foram amplamente recompensados; a praga foi retida e a assembléia liberta da influência corruptora do mal moral que não havia sido julgado.

Tomemos outro exemplo. "E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz aquele que tem a espada aguda de dois fios: Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás; e reténs o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. Mas umas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel para que comessem dos sacrifícios da idolatria e se prostituíssem. Assim, tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas; o que eu aborreço. Arrepende-te, pois; quando não, em breve virei a

ti e contra eles batalharei com a espada da minha boca" (Ap 2:12-16). O sacerdote divino mantém aqui uma atitude judicial em relação à sua casa em Pérgamo. Não podia ficar indiferente à vista de sintomas tão alarmantes; mas graciosa e pacientemente dá tempo a que se arrependam. Se as advertências, as repreensões e a disciplina não produzirem efeito, então, o juízo deverá seguir o seu curso.

Estas coisas estão repletas de ensino prático no que respeita à doutrina da Assembléia. As sete igrejas da Ásia oferecem-nos diversas e admiráveis ilustrações da casa submetida a juízo sacerdotal. Deveríamos estudá-las cuidadosamente e com oração, pois são de imenso valor. Não devemos olhar para as nossas conveniências, quando algo de natureza suspeita surge na assembléia. Podemos ser tentados a desculparmo-nos, dizendo: Isto não me diz respeito; porém é dever de todos os que amam ao Senhor da casa cuidar com zelo da pureza dessa casa; e se hesitarmos ante o cumprimento deste dever não será para nossa honra nem proveito no dia do Senhor.

Não prosseguiremos com este assunto, mas, antes de encerrar esta parte, desejamos declarar que cremos firmemente que todo este assunto da lepra tem lições de grande alcance, não só em relação à casa de Israel, mas também aplicáveis à igreja professa.

A IMPUREZA INERENTE À NATUREZA HUMANA

Este capítulo trata de um certo número de coisas de impureza cerimonial menos graves que a lepra. Esta apresenta-se como a expressão da firme energia do mal na natureza humana; enquanto que o capítulo 15 relata um número de coisas que são apenas fraquezas inevitáveis, mas que, como provinham, até certo ponto, da natureza, contaminavam e precisavam do remédio da graça divina. A presença de Deus na assembléia reporta um alto grau de santidade e pureza moral. Os movimentos da natureza tinham de ser neutralizados. Até mesmo coisas que ao homem podiam parecer fraquezas inevitáveis tinham uma influência contagiosa e precisavam de ser purificadas, porque o Senhor estava no arraial. Nada nocivo, nada inconveniente ou desagradável podia ser permitido dentro dos precintos puros e sagrados da presença do Deus de Israel. As nações incircuncisas em redor nada tinham compreendido de tão santas ordenações: mas o Senhor queria que Israel fosse santo, porque Ele era o Deus de Israel. Se eles eram privilegiados e distinguidos ao ponto de gozarem da presença de um Deus santo, era necessário que fossem um povo santo.

Nada pode causar tanta admiração à alma como o cuidado zeloso do Senhor quanto aos hábitos e práticas do Seu povo. Na tenda ou fora dela, adormecidos ou acordados, Ele guardava-os. Tratava do seu alimento, cuidava do seu vestuário e ocupava-se dos menores interesses.

Se aparecia alguma mancha insignificante numa pessoa, era necessário examiná-la instantânea e cuidadosamente. Numa palavra: nada que pudesse, de qualquer modo, afetar o bem-estar ou a pureza daqueles com quem o Senhor se havia ligado e em meio dos quais habitava fora olvidado. Ele interessava-se pelos assuntos mais vulgares; tratava cuidadosamente de tudo que lhes dizia respeito na vida pública, social ou particular.

Para uma pessoa incircuncidada, isto seria um fardo insuportável. Ter um Deus de infinita santidade no seu caminho, durante o dia, e junto do seu leito, de noite, seria para uma tal pessoa um constrangimento intolerável; mas para aquele que

amava verdadeiramente a santidade — que amava a Deus — nada podia ser mais agradável. Uma tal pessoa regozija-se com a doce certeza de que Deus está sempre perto, e deleita-se na santidade que é, ao mesmo tempo, requerida e garantida pela presença de Deus.

Acontece assim com o leitora Ama a presença divina e a santidade que essa presença requero Condescende com qualquer coisa que seja incompatível com a santidade da presença de Deus? Os seus pensamentos habituais, sentimentos e ações estão de harmonia com a pureza e elevação do santuário?

Lendo este capítulo quinze de Levítico, recordemos que foi escrito para nosso ensino. Devemos lê-lo no Espírito, porque tem uma aplicação espiritual para nós. Lê-lo de qualquer outra maneira é torcer o sentido para própria destruição ou, para usar frase cerimonial: "cozer um cabrito no leite de sua mãe".

"Toda Escritura... é Proveitosa" (2 Tm 3:16)

Talvez o leitor pergunte: — Que posso eu aprender com esta parte da Escritura? Que aplicação tem ela para mim? Em primeiro lugar, deixai-me perguntar, não admite que foi escrita para seu ensino? Quanto a isto, suponho que não discordará, visto que o apóstolo inspirado declara expressamente que "*tudo* que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito" (Rm 15:4). Muitos parece que esquecem esta importante declaração, pelo menos no que se refere ao Livro de Levítico. Não podem compreender que seja possível aprender alguma coisa com os ritos e cerimônias de séculos passados e especialmente de ritos e cerimônias como aqueles de que fala o capítulo quinze de Levítico.

Porém, quando nos lembramos que foi o Espírito Santo quem mandou escrever este capítulo, que cada parágrafo, cada versículo e cada linha "é divinamente inspirado e útil", não se deve hesitar em buscar qual é o seu sentido. Sem dúvida, aquele que é filho de Deus deve ler o que seu Pai escreveu. É certo que necessita de poder espiritual para saber *como* e sabedoria para saber *quando* deve ler um capítulo como este; mas o mesmo pode dizer-se também de qualquer capítulo. Uma coisa é certa: se fôssemos suficientemente espirituais e mais celestiais, separados da natureza e vivêssemos acima das coisas da terra, não deduziríamos nada mais senão princípios e idéias puramente espirituais deste capítulo e outros semelhantes. Se um anjo do céu tivesse de ler estas porções das Sagradas Escrituras, como as consideraria ele? Somente à luz espiritual e celeste — contendo a mais pura e elevada moralidade. E porque não havemos nós de fazer o mesmo? Creio que não fazemos idéia do desprezo que mostramos pelo Sagrado Volume consentindo que uma parte dele

seja tão grosseiramente negligenciada como o tem sido o Livro de Levítico. Se este livro não devia ser lido, não devia, evidentemente, ter sido escrito. Se não é um livro "útil", não devia ter certamente um lugar próprio no cânone de inspiração divina; mas, visto que aprouve ao "único Deus sábio" ditar este livro, os Seus filhos deveriam certamente sentir prazer em lê-lo.

Sem dúvida é necessária sabedoria espiritual, um santo discernimento e apurado sentido moral que só a comunhão com Deus pode dar a fim de se poder julgar quando deve ler-se um tal capítulo. Nós teríamos fatalmente de pôr em dúvida o bom critério e gosto apurado do homem que se levantasse para ler o capítulo quinze de Levítico numa reunião ordinária da congregação. Mas, porquê? É porque este capítulo não é "divinamente inspirado", e, como tal, "útil" ? De modo nenhum; mas porque em geral as pessoas não são suficientemente espirituais para compreender as suas puras e santas lições.

Que devemos, então, aprender neste capítulo? Em primeiro lugar, ele ensina-nos a vigiar, com santo zelo, sobre tudo que provém da natureza humana. Todo o impulso e tudo que emana da natureza mancha. A natureza humana caída é uma fonte impura, e as suas correntes são impuras. Dela nada pode brotar que seja puro, santo ou bom. É uma lição freqüentemente repetida no Livro de Levítico e particularmente ensinada neste capítulo.

A Água e o Sangue

Porém, bendita seja a graça que proveu um tão eficaz remédio para a contaminação da carne! Esta provisão é apresentada sob duas formas distintas em todo o Livro de Deus e particularmente na parte que estamos examinando, a saber: "água" e "sangue". Estão ambas baseadas sobre a morte de Cristo. O sangue que expia e a água que limpa saíram do lado ferido de Cristo crucificado (compare-se Jo 19:34 com 1 Jo 5:6). "O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo 1:7). E a Palavra de Deus limpa os nossos hábitos e a nossa conduta (SI 119:9; Ef 5:26). Assim, somos mantidos em estado próprio à comunhão e ao culto, embora passando por uma cena onde tudo está poluído e trazendo conosco uma natureza cujos impulsos deixam uma mancha.

Já foi notado que este capítulo trata de uma classe de impurezas menos graves do que a lepra. Isto explica o fato de a expiação não ser aqui prefigurada por um bezerro ou um cordeiro, mas, sim, pela menor ordem dos sacrifícios, a saber: "duas rolas". Mas, por outro lado, a virtude purificadora da Palavra é recordada constantemente nos atos cerimoniais de "lavar", "banhar", e "enxugar". "Como *purificará* o jovem o seu

caminhou Observando-o conforme a tua *palavra*" (SI 119:9). "Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a *santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra.*" (Ef 5:25-26). A água ocupava um lugar muito importante no sistema levítico de purificação, e, como uma figura da Palavra, nada pode ser mais interessante ou instrutivo.

Desta forma, podemos resumir os pontos mais importantes deste capítulo quinze de Levítico. Aprendemos de uma maneira admirável a intensidade da santidade da presença divina. Nem uma mancha, nem uma nódoa pode tolerar-se um só instante nessa região santa. "Assim, separareis os filhos de Israel das suas imundícias, para que não morram nas suas imundícias, contaminando o meu tabernáculo, que está no meio deles" (versículo 31).

Aprendemos outra vez que a natureza humana é uma fonte permanente de impureza. Está irremediavelmente corrompida, e não só está corrompida como é contagiosa. Acordada ou a dormir, ereta ou deitada, a nossa natureza está corrompida e contamina. O seu próprio contato transmite corrupção. É uma lição profundamente humilhante para a orgulhosa humanidade; mas assim é. O Livro de Levítico põe um espelho fiel diante da nossa natureza. Não deixa à "carne" nada em que possa gloriar-se. Os homens podem orgulhar-se da sua civilização, do seu sentido moral e da sua dignidade. Que estudem o terceiro Livro de Moisés, e nele verão o que tudo isto vale realmente aos olhos de Deus.

Finalmente, temos outra vez o ensino do valor expiatório do sangue de Cristo e a virtude purificadora e santificadora da preciosa Palavra de Deus. Quando pensamos na pureza irrepreensível do santuário e refletimos sobre a impureza irremediável da nossa natureza, temos que perguntar: "Como poderemos entrar e *permanecer ali*"? A resposta encontra-se no "sangue e água" que saíram do lado de Cristo crucificado — Cristo que entregou a Sua vida à morte por nós, para que pudéssemos viver por Ele. "Três são os que testificam na terra: o Espírito e a água e o sangue; e", bendito seja Deus, "estes três concordam num". O Espírito não nos dá uma mensagem diferente daquela que encontramos na Palavra, e a Palavra e o Espírito em conjunto declaram-nos a preciosidade e eficácia do sangue.

Não podemos dizer, portanto, que o capítulo quinze de Levítico foi escrito "para nosso ensino"? Não ocupa um lugar definido no cânone divino? Certamente. Haveria uma lacuna se fosse omitido. Ensina-nos, o que não podíamos aprender da mesma maneira em nenhuma outra passagem da Escritura. É certo que todas as Escrituras nos ensinam a santidade de Deus, o

aviltamento da natureza, a eficácia do sangue e o valor da Palavra; porém o capítulo que acabamos de estudar apresenta-nos essas grandes verdades e grava-as sobre o nosso coração de um modo especial.

Que *cada parte* do Volume de nosso Pai seja mais preciosa para os nossos corações. Que *cada um* dos Seus testemunhos seja mais doce do que o mel e que *cada um* dos Seus "justos juízos" ocupe o seu devido lugar em nossas almas.

O GRANDE DIA DA EXPIAÇÃO

Introdução

Este capítulo apresenta alguns dos princípios mais importantes que, de algum modo, merecem a atenção da alma regenerada. Apresenta a doutrina da expiação com um poder e uma plenitude pouco vulgares. Em suma, devemos incluir o capítulo décimo sexto de Levítico entre as porções mais importantes e preciosas da Inspiração; se é que podemos fazer comparações onde tudo é divino.

Considerando este capítulo sob o ponto de vista histórico, vemos como ele nos dá um relato das cerimônias do grande dia da expiação em Israel, mediante a qual eram estabelecidas e mantidas as relações do Senhor com a assembléia e eram expiados os pecados, faltas e fraquezas do povo, de forma que o Senhor Deus pudesse habitar no meio deles. O sangue que era derramado neste solene dia formava a base do trono do Senhor no meio da congregação. Em virtude deste sangue, o Deus santo podia fazer a Sua habitação no meio do povo, apesar de todas as suas impurezas. *O dia dez do sétimo mês* era um dia único em Israel. Não havia outro dia semelhante em todo o ano. Os sacrifícios deste dia formavam o fundamento dos caminhos de Deus em graça, misericórdia, paciência e longanimidade.

Além disso, aprendemos nesta parte da história inspirada que "o caminho do santuário não estava ainda aberto". Deus estava oculto atrás do véu e o homem tinha de manter-se à distância. "E falou o SENHOR a Moisés, depois que morreram os dois filhos de Arão, quando se chegaram diante do SENHOR e morreram. Disse, pois, o SENHOR a Moisés: Dize a Arão, teu irmão, que não entre no santuário em todo o tempo, para dentro do véu, diante do propiciatório que está sobre a arca, para que não morra; porque eu apareço na nuvem sobre o propiciatório".

O caminho não estava aberto para que o homem pudesse aproximar-se em todo o tempo da presença divina, nem existia nenhum meio, em todo o cerimonial moisaico, que lhe permitisse ficar ali continuamente. Deus estava encerrado dentro, longe do homem; e o homem estava fora, separado de Deus, e o "sangue de bodes e bezerras" não podia abrir o caminho para um lugar de

encontro permanente. Era necessário "o sacrifício de um nome mais nobre e sangue mais precioso".

"Porque, tendo a lei a sombra dos bens futuros e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam. De outra maneira, teriam deixado de se oferecer, porque, purificados uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado. Nesses sacrifícios, porém, cada ano se faz comemoração dos pecados, porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados" (Hb. 10:1-4). Nem o sacerdócio levítico nem os sacrifícios levíticos podiam conduzir à perfeição. A insuficiência está gravado nos último, a debilidade sobre o primeiro e a imperfeição sobre um e outros. Um homem imperfeito não podia ser um sacerdote perfeito e um sacrifício imperfeito não podia dar uma boa consciência. Arão não era competente para se sentar dentro do véu e os sacrifícios que ele oferecia não podiam rasgar esse véu.

Dissemos o bastante sob o ponto de vista histórico do capítulo. Consideremo-lo agora sob o ponto de vista típico.

Arão - Tipo de Cristo

"Com isto Arão entrará no santuário: com um novilho para expiação do *pecado* e um carneiro para *holocausto*" (versículo 3). Aqui temos de novo os dois grandes aspectos da obra expiatória de Cristo, por meio da qual é mantida perfeitamente a glória divina e são supridas as maiores necessidades do homem. Não se menciona em todos os serviços deste dia único e solene nem a oferta de *manjares* nem o sacrifício pacífico.

A vida humana perfeita de nosso bendito Senhor não se encontra aqui simbolizada nem a comunhão da alma com Deus, em consequência da Sua obra consumada, é desenrolada. Numa palavra, o grande e único objetivo deste capítulo é a "expiação", e esta sob um duplo aspecto, a saber: primeiro, satisfazendo todos os direitos de Deus — os direitos da Sua natureza, do Seu caráter e do Seu trono —; e, segundo, expiando perfeitamente a culpa do homem e respondendo a todas as suas necessidades.

Devemos ter estes dois pontos em vista, se quisermos ter uma idéia clara da verdade apresentada neste capítulo ou da doutrina do grande dia da expiação. "Com isto Arão entrará no santuário" — com a expiação que correspondia à glória de Deus, sob todos os conceitos seja a respeito dos Seus planos de amor redentor para com a igreja, para com Israel e para com toda a criação, seja quanto aos direitos do Seu governo moral; e com a expiação que correspondia inteiramente à culpa do homem e sua condição de necessitado. Estes dois aspectos da expiação

apresentam-se constantemente perante nós à medida que refletimos sobre o precioso conteúdo deste espírito. De modo que por muita importância que lhe dermos nunca será demasiada.

"Vestirá ele a túnica santa de linho, e terá ceroulas de linho sobre a sua carne, e cingir-se-á com um cinto de linho, e se cobrirá com uma mitra de linho: estas são vestes santas; por isso banhará a sua carne na água, e as vestirá" (versículo 4). A pessoa de Arão lavada em água pura, e revestido dos vestidos brancos de linho, oferece-nos um tipo formoso e tocante de Cristo empreendendo a obra de expiação, sendo *essort* e *caracteristicamente* puro e imaculado. "E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade" (Jo 17:19). É um privilégio precioso podermos, por assim dizer, contemplar fixamente a pessoa do nosso divino Sacerdote em toda a Sua santidade essencial. O Espírito Santo compraz-se em tudo que apresenta Cristo aos olhos do Seu povo; e sob qualquer aspecto que o contemplarmos vemo-Lo o mesmo imaculado, perfeito, glorioso, precioso e incomparável Jesus, "cândido entre dez mil" e "totalmente desejável". Ele não necessitou *fazer* ou *usar* coisa alguma a fim de ser puro e imaculado; não precisou de água pura ou de Unho fino. Era intrínseca e praticamente "o Santo de Deus". O que *Arão fazia* e o que *usava* — a lavagem da água e a investidura dos seus hábitos — são apenas fracas sombras do que Cristo é. A lei tinha apenas uma "sombra" e "não a imagem exata das coisas". Bendito seja Deus, nós não temos apenas a sombra mas também a realidade divina e eterna — Cristo mesmo.

Arão e Sua Casa - Imagem da Igreja

"E da congregação dos filhos de Israel tomará dois bodes para expiação do pecado e um carneiro para holocausto. Depois, Arão oferecerá o novilho da expiação, que será para ele; e fará expiação por si e pela sua casa" (versículos 5-6). Arão e a sua casa representam a Igreja, não como "um corpo", mas como casa sacerdotal. Não é a Igreja como a vemos representada em Efésios e Colossenses, mas antes como a encontramos representada na I^a Epístola de Pedro, na passagem bem conhecida de capítulo 2:5: "Vós também, como pedras vivas, sois edificados *casa espiritual* e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo". E também em Hebreus 3:6: "Mas Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa; *a qual casa somos nós*, se tão-somente conservarmos firme a confiança e a glória da esperança até ao fim". Devemos recordar sempre que não existe revelação do mistério da Igreja no Velho Testamento. Há tipos e figuras, mas não revelação. Este maravilhoso mistério de

"um só corpo", formado de judeus e gentios, "um novo homem", unido a Cristo glorificado no céu, não podia, como é óbvio, ser revelado até que Cristo tivesse tomado o Seu lugar nas alturas. Paulo foi feito por excelência despenseiro e ministro deste mistério, como ele próprio nos diz em Efésios 3:1 -12, uma passagem que recomendamos à atenção e oração do leitor crente.

Os dois Bodes

"Também tomará ambos os bodes e os porá perante o SENHOR, à porta da tenda da congregação. E Arão lançará sortes sobre os dois bodes: uma sorte pelo Senhor e a outra sorte pelo bode emissário. Então, Arão fará chegar o bode sobre o qual cair a sorte pelo SENHOR e o oferecerá para expiação do pecado. Mas o bode sobre que cair a sorte para ser bode emissário apresentar-se-á vivo perante o Senhor, para fazer expiação com ele, para enviá-lo ao deserto como bode emissário" (versículos 7 a 20). Nestes dois bodes temos os dois aspectos da expiação já referidos. "A sorte pelo SENHOR" caía sobre um, e a sorte pelo povo caía sobre o outro. No caso do primeiro não se tratava das pessoas ou dos pecados que deviam ser perdoados, nem dos desígnios de Deus de graça para com os Seus eleitos. Estas coisas, desnecessário é dizer, são de uma importância infinita; mas não estão compreendidas no caso do "bode sobre o qual caía a sorte pelo SENHOR". Este bode simbolizava a morte de Cristo, mediante a qual Deus foi perfeitamente glorificado, com respeito ao pecado em geral. Esta grande verdade está plenamente exposta na expressão notável "Uma sorte pelo SENHOR". Deus tem uma parte especial na morte de Cristo — uma parte distinta —, uma parte que não deixaria de ser eterna ainda que nenhum pecador fosse salvo. A fim de se compreender a força desta asserção é preciso recordar como Deus tem sido desonrado neste mundo. A Sua verdade tem sido desprezada; a Sua autoridade tem sido desdenhada; a Sua majestade tem sido desconsiderada; a Sua lei tem sido desobedecida; os Seus direitos têm sido esquecidos; o Seu nome tem sido blasfemado e o Seu caráter difamado.

O Bode sobre o qual Recai a Sorte pelo SENHOR

Ora a morte de Cristo vindicou todos estes direitos. Glorificou perfeitamente Deus no próprio lugar onde todas estas coisas foram feitas. Vindicou perfeitamente a majestade, a verdade, a santidade e o caráter de Deus; satisfez divinamente as exigências do Seu trono; expiou o *pecado*; administrou o remédio divino para todo o mal que o pecado introduziu no universo; é a base sobre a qual o bendito Deus pode agir em graça, misericórdia e paciência para com todos; dá a ordem para a eterna expulsão e

perdição do príncipe deste mundo; forma o fundamento imperecível do governo moral de

Deus. Em virtude da cruz, Deus pode atuar segundo a Sua própria soberania. Pode expor as glórias incomparáveis do Seu caráter e os adoráveis atributos da Sua natureza. No exercício da Sua inflexível justiça podia ter destinado a família humana ao lago de fogo juntamente com o diabo e seus anjos. Mas, nesse caso, onde estariam o Seu amor, a Sua graça, a Sua misericórdia, Sua benevolência, longanimidade, compaixão, paciência e perfeita bondade?

E, por outro lado, tivessem estes preciosos atributos sido exercidos sem que se efetuasse a expiação, onde estariam a justiça, a verdade, a majestade, a santidade, os direitos de governo, ou, numa palavra, toda a glória moral de Deus? Como poderiam encontrar-se "a graça e a verdade"? Ou "a paz e a justiça" beijarem-se? Como poderia a "verdade brotar da terra"? Ou "a justiça olhar desde os céus"? Tudo isto era impossível. Nada senão a expiação efetuada por nosso Senhor Jesus Cristo podia ter glorificado plenamente Deus; mas na cruz Ele foi glorificado. A cruz refletiu toda a glória do caráter divino como nunca poderia ter sido refletida por entre os esplendores de uma criação inocente. Na perspectiva e recordação deste sacrifício, Deus tem sido paciente com este mundo cerca de seis mil anos. Em virtude deste sacrifício, os mais ímpios, atrevidos e blasfemos dos filhos dos homens "vivem, movem-se e existem", comem, bebem e dormem. O próprio bocado que o infiel blasfemo leva à boca deve-o ao sacrifício que não conhece, mas que impiamente ridiculariza. O sol e as chuvas que fecundam os campos do ateu chegam até si em virtude do sacrifício de Cristo. Sim, o próprio fôlego que o infiel e o ateu gastam a blasfemar da revelação de Deus ou a negar a Sua existência devem-no ao sacrifício de Cristo. Se não fosse essa preciosa expiação, em vez de blasfemarem sobre a terra, estariam a chafurdar no inferno.

Devo advertir que não falo aqui do perdão ou salvação de pessoas. Isto é outra coisa muito diferente, e relaciona-se, como todo o verdadeiro cristão sabe, com a confissão do nome de Jesus e a firme crença que Deus o ressuscitou dos mortos (Rm 10). Isto é evidente e plenamente compreensível; mas não tem nenhuma relação com o aspecto da expiação que estamos considerando, e que é tão admiravelmente prefigurado pelo bode sobre o qual caía "a sorte pelo SENHOR". Estas duas coisas são distintas: o perdão e a salvação que Deus dá ao pecador, por um lado, e, por outro, a paciência que tem com ele e as bênçãos temporais que lhe outorga. As duas coisas são outorgadas em virtude da cruz, porém cada uma sob um aspecto diferente em sua aplicação.

As Conseqüências da Expição para toda a Humanidade

Esta diferença não é, de modo nenhum, insignificante. Pelo contrário, é tão importante que quando é vista com indiferença é impossível compreender bem a doutrina completa da expiação. Mas isto não é tudo. A compreensão clara dos métodos do governo de Deus, quer no passado, no presente ou no futuro está incluída neste ponto profundamente interessante. E, finalmente, nela está a chave de passagens em que muitos cristãos encontram dificuldades consideráveis. Quero apresentar duas ou três destas passagens como exemplos.

"Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1:29), à qual podemos ligar uma passagem análoga na primeira Epístola de João (capítulo 2:2) em que se fala do Senhor Jesus Cristo como "a propiciação pelos pecados de todo o mundo". Nestas duas passagens o Senhor Jesus é apresentado como Aquele que glorificou Deus perfeitamente em relação ao "*pecado*" e "*o mundo*", na acepção mais ampla destas palavras. É visto aqui como o grande Antítipo do "bode em que caía a sorte pelo SENHOR". Isto revela-nos um aspecto dos mais preciosos da expiação consumada por Cristo, que é descurado e mal compreendido. Sempre que se levanta a questão *de pessoas* e o perdão dos *pecados* em relação com estas passagens da Escritura e outras análogas é certo o espírito envolver-se em insuperáveis dificuldades.

O mesmo ocorre também com todas as passagens nas quais a graça de Deus para com o mundo em geral é apresentada. Estão fundadas sobre aquele aspecto da expiação com que estamos em geral mais diretamente ocupados. "Ide por *todo o mundo*, pregai o evangelho *a toda a criatura*" (Mc 16). "Deus amou *o mundo* de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse *o mundo*, mas para que o mundo fosse salvo por ele" (Jo 3:16 -17). "Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graças por *todos os homens*; pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade. Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, que quer que *todos os homens* se salvem e venham ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, o qual se deu a si mesmo *em preço de redenção por todos*, para servir de testemunho a seu tempo" (1 Tm 2:1-6). "Porque a *graça de Deus* se há manifestado, trazendo salvação a *todos os homens*" (Tt 2:11). "Vemos, porém, coroados de

glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela *graça de Deus*, provasse a morte *por todos*" (Hb2:9). "O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que *alguns* se percam, senão que *todos* venham a arrepender-se" (2 Pe3:9).

Deus é Glorificado e Pode Outorgar Graça

Não há nenhuma necessidade de procurar evitar o pleno sentido destas passagens e outras semelhantes. Dão testemunho claro e inequívoco da graça divina para com todos, sem a menor alusão à responsabilidade do homem, por um lado, ou, por outro, aos desígnios eternos de Deus.

Estas coisas são clara, plena e inequivocamente ensinadas na Palavra de Deus. O homem é responsável, e Deus é soberano. Todos os que se submetem às Escrituras admitem estas coisas. Porém, ao mesmo tempo, é da maior importância reconhecer toda a extensão da graça de Deus e da cruz de Cristo. Isto glorifica a Deus e deixa o homem *sem nenhuma* desculpa.

Os homens argumentam com os decretos de Deus e a impossibilidade em que está o homem de crer sem a influência divina. Os seus argumentos provam que não querem Deus; porque se tão-somente quisessem conhecer Deus, Ele está bastante perto para ser encontrado dos que o buscam. A graça de Deus e a expiação são tão compreensivas quanto se pode desejar, "alguém", "todo", "aquele que" e "todos" são as próprias palavras de Deus; e eu gostaria de conhecer quem é que está excluído delas. Se Deus manda uma mensagem de salvação ao homem é porque seguramente lhe a destina; e o que poderá haver mais perverso e ímpio do que rejeitar a graça de Deus, fazer d'Ele mentiroso, e então apresentar os Seus misteriosos desígnios como razão para esse procedimento? Seria, em certo sentido, honesto dizer abertamente: "O fato é que não creio na Palavra de Deus e não quero a Sua graça nem a Sua salvação". Isto podia compreender-se; mas encobrir o seu ódio a Deus e a verdade com a roupagem de uma teologia falsa por ser de duas caras é o grau mais elevado de perversidade. Chega ao ponto de nos fazer sentir que o diabo nunca é mais diabólico do que quando aparece com a Bíblia na mão.

Se é verdade que os homens são impedidos pelos secretos desígnios e propósitos de Deus de receber o evangelho que Ele nos mandou pregar, então sob que princípio de justiça "padecerão" eles "eterna perdição" por não obedecerem ao evangelho? (2 Ts 1:6-10). Haverá uma só alma em todas as regiões tristes dos perdidos que possa atribuir aos desígnios de Deus a sua estada ali? Não,

nem uma.

Oh, não! Deus provou um tão amplo remédio no sacrifício de Cristo, não só para salvação dos que crêem como também para a apresentação da Sua graça àqueles que rejeitam o evangelho, que não há desculpa. Não é porque o homem *não pode*, mas sim porque não *quer* crer que "por castigo padecerá eterna perdição". Não há erro mais funesto do que aquele que comete o homem quando, sob o pretexto dos decretos de Deus, recusa deliberadamente a graça de Deus; e é tanto mais arriscado quanto é certo que se apóia sobre dogmas de uma teologia unilateral. A graça de Deus é livre para todos; e se perguntamos "Como pode ser isto" ? A resposta é esta: "a sorte pelo SENHOR" caiu sobre a verdadeira vítima, a fim de que Ele pudesse ser perfeitamente glorificado quanto ao pecado no seu aspecto mais amplo e ser livre de atuar em graça para com todos e de fazer anunciar o evangelho "a toda a criatura". A graça e a pregação devem ter uma base sólida, e essa base encontra-se na expiação; e ainda que o homem a rejeite, Deus é glorificado no exercício da graça e na oferta de salvação, devido à base em que repousam tanto a graça como a salvação. Deus é glorificado e *será* glorificado por toda a eternidade. "Agora, a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora. Pai, glorifica o teu nome. Então, veio uma voz do céu que dizia: Já o tenho glorificado e outra vez o glorificarei... Agora, é o juízo deste mundo; agora, será expulso o príncipe deste mundo. E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim" (Jo 12:27-32).

Até aqui temos estado ocupados somente com um ponto especial, a saber: "o bode sobre o qual caía a sorte pelo SENHOR", e um leitor apressado poderia supor que o ponto a seguir seria o bode-expiatório, que nos mostra o outro grande aspecto da morte de Cristo ou a sua aplicação aos pecados do povo. Porém, antes de passarmos a esse assunto encontramos a confirmação plena dessa preciosa verdade de que nos acabamos de ocupar no fato de que o sangue do bode morto, juntamente com o sangue do novilho, era espargido sobre e em frente do trono do Senhor, a fim de mostrar que todas as exigências deste trono haviam sido satisfeitas pelo sangue da expiação e que esta respondia a todas as exigências da administração moral de Deus.

O Sangue da Expiação é Levado para dentro do Véu

"E Arão fará chegar o novilho da oferta pela expiação, que será para ele, e fará expiação por si e pela sua casa; e degolará o novilho expiação, que é para ele. Tomará também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do SENHOR, e os seus punhos cheios de incenso aromático moído e o meterá dentro do

véu. E porá o incenso sobre o fogo perante o SENHOR, e a nuvem do incenso cobrirá o propiciatório, que está sobre o Testemunho, para que não morra".

Na verdade, aqui temos uma exibição admirável. O sangue da expiação é levado para dentro do véu, ao lugar santíssimo, e espargido sobre o trono do Deus de Israel. A nuvem da presença divina estava ali; e a fim de que Aarão pudesse comparecer na presença imediata da glória e não morrer "a nuvem do incenso" elevava-se e cobria o propiciatório, sobre o qual o sangue da expiação devia ser espargido "sete vezes". O "incenso *aromático moído*" representa o bom odor da Pessoa de Cristo — o odor suave do Seu precioso sacrifício.

"E tomará do sangue do novilho, e, com o seu dedo, espargirá sobre a face do propiciatório, para a banda do oriente; e perante o propiciatório espargirá sete vezes do sangue com o seu dedo. Depois degolará o bode da oferta pela expiação, que será para o povo, e trará o seu sangue para dentro do véu; e fará com o seu sangue como fez com o sangue do novilho, e o espargirá sobre o propiciatório e perante a face do propiciatório" (versículos 14 e 15). "Sete" é o número perfeito, e a aspensão de sangue sete vezes diante do propiciatório ensina-nos que qualquer que seja a aplicação do sangue de Cristo, seja a coisas, a lugares ou a pessoas, é perfeitamente apreciada na presença divina.

O sangue que assegura a salvação da Igreja — a "casa" do verdadeiro Arão —; o sangue que assegura a salvação da "congregação" de Israel; o sangue que garante a restauração final e a bem-aventurança de toda a criação foi oferecido perante Deus, espargido e aceito segundo toda a perfeição, fragrância e preciosidade de Cristo. No poder desse sangue Deus pode cumprir todos os designios eternos de graça: Pode salvar a Igreja e elevá-la às alturas de glória e dignidade, a despeito de todo o poder do pecado e de Satanás; pode restaurar as tribos dispersas de Israel — pode unir Judá e Efraim —; pode cumprir todas as promessas feitas a Abraão, a Isaac e a Jacó; pode salvar e abençoar incontáveis milhões de Gentios; pode restaurar e abençoar a vasta criação; pode permitir que os raios da Sua glória iluminem o universo para sempre; pode mostrar, à vista dos anjos, dos homens e dos demônios, a Sua glória eterna — a glória do Seu caráter, a glória da Sua natureza, a glória das Suas obras, a glória do Seu governo. Tudo isto Ele pode fazer, e fará; mas o único pedestal em que assenta para sempre este admirável edificio de glória é o sangue da cruz — esse sangue precioso, prezado leitor, que fala de paz, paz divina e eterna, à consciência e ao coração, na presença da Santidade Infinitiva. O sangue que é espargido sobre a consciência do crente foi espargido "sete vezes" perante o trono

de Deus.

Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais valor e importância descobrimos *no* sangue de Jesus. Se olhamos para o altar de bronze, encontramos ali o sangue; se olhamos para a pia de cobre, ali encontramos sangue; se olhamos para o altar de ouro, lá encontramos o sangue; se olhamos para o véu do tabernáculo, encontramos o sangue ali; mas em nenhum outro sítio encontramos tão preciosas lições sobre o sangue como dentro do véu, perante o trono do Senhor, na imediata presença da glória divina.

"Assim, fará expiação pelo santuário por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e, assim, fará para a tenda da congregação, que mora com eles no meio das suas imundícias".

Encontramos sempre a mesma verdade. E preciso atender aos direitos do santuário. E preciso que os átrios de *Jeová*, bem como o Seu trono, dêem testemunho do valor do sangue. O tabernáculo, no meio das imundícias de Israel, tem de estar protegido por todos os lados pelos recursos divinos da expiação. Em todas as coisas o Senhor cuidada Sua própria glória. Os sacerdotes e o seu serviço, o lugar de culto e tudo que nele havia, subsistem pelo poder do sangue. O Santo de Israel não podia ficar nem por um momento no meio da congregação se não fosse o poder do sangue. Era isto que Lhe permitia habitar, atuar e reinar no meio de um povo que sempre errava.

"E nenhum homem estará na tenda da congregação, quando ele entrar a fazer propiciação no santuário, até que ele saia; assim, fará expiação por si mesmo, e pela sua casa, e por toda a *congregação* de Israel" (versículo 17).

Arão tinha de oferecer um sacrifício por seus próprios pecados, bem como pelos pecados do povo. Só podia entrar no santuário no poder do sangue. No versículo 17 temos um símbolo da expiação de Cristo em sua aplicação à Igreja e à Congregação de Israel. A Igreja entra agora "no santuário pelo sangue de Jesus" (Hb 10.19). Quanto a Israel, o véu está ainda posto sobre os seus corações (2 Co. 3). Eles estão ainda à distância, ainda que mediante a cruz podem obter o perdão e ser restabelecidos quando se voltarem para o Senhor. Propriamente falando, todo o período atual é para eles o dia da expiação. O verdadeiro Arão entrou no céu com seu próprio sangue, para agora comparecer na presença de Deus por nós. Dentro em pouco sairá dali para fazer com que a congregação de Israel entre no pleno gozo dos resultados da Sua obra consumada. Entretanto, a Sua casa, quer dizer, todos os verdadeiros crentes, estão ligados consigo, tendo ousadia para entrar no santuário, havendo sido trazidos para perto pelo sangue

de Jesus.

"Então, sairá *ao* altar, que está perante o SENHOR, e fará expiação por ele; e tomará do sangue do novilho e do sangue do bode e o porá sobre as pontas do altar *ao* redor. E daquele sangue espargirá sobre ele com o seu dedo sete vezes, e o purificará das imundícias dos filhos de Israel, e o santificará" (versículos 18 -19). Assim o sangue da expiação era espargido por toda a parte, desde o trono de Deus, dentro do véu, até ao altar que estava no átrio da congregação.

O Caminho ao Lugar Santíssimo está aberto por meio do Sangue de Cristo

"De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios melhores do que estes. Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus; nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santuário com sangue alheio. Doutra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. E, como aos homens está ordenando morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação" (Hb 9:23-28).

Só há um caminho para o lugar santíssimo, e é um caminho espargido com sangue. E inútil tentar entrar por qualquer outro. Os homens podem esforçar-se por entrar nele, por meio da oração ou por direito de aquisição — entrar por atalho de ordenações ou por uma vereda formada em parte por ordenações e em parte por Cristo; mas é inútil. Deus fala de *um* caminho, e um só, e esse caminho foi aberto de par em par pelo véu rasgado do corpo do Salvador. Por esse caminho têm passado os milhões de salvos de século para século. Patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, santos em todos os séculos, desde Abel, têm trilhado esse bendito caminho e encontrado por ele acesso seguro e indisputável.

O *único* sacrifício da cruz é divinamente suficiente para todos. Deus não pede mais nem aceita menos. Acrescentar-lhe algo é lançar desonra sobre aquilo em que Deus declara achar agrado, sim, em que Ele é infinitamente glorificado. Reduzi-lo seja no que for é negar a culpa e ruína do homem e ultrajar a justiça e majestade da eterna Trindade.

O Bode "Azazel"

"Havendo, pois, acabado de expiar o santuário, e a tenda da congregação, e o altar, então, fará chegar o bode vivo. E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre ele confessará *todas* as iniquidades dos filhos de Israel e *todas* as suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim, aquele bode levará sobre si *todas* as iniquidades deles à terra solitária; e o homem enviará o bode ao deserto".

Aqui temos, pois, a segunda idéia ligada com a morte de Cristo, a saber: o perdão completo e final do povo. Se a morte de Cristo constitui o fundamento da glória de Deus, constitui também a base do perfeito perdão dos pecados dos que põem nela a sua confiança. Este segundo objetivo é, bendito seja Deus, apenas uma aplicação secundária é, e inferior de expiação, embora os nossos corações néscios sejam propensos a considerá-la como o aspecto mais elevado da cruz. Isto é um erro. A glória de Deus está em primeiro lugar; a nossa salvação em segundo. Manter a glória de Deus era o objetivo principal e querido do coração de Cristo. Ele seguiu este objetivo desde o princípio ao fim com propósito definido e resoluta fidelidade. "Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la" (Jo 10:17). "Agora, é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado nele. Se Deus é glorificado nele, também Deus o glorificará em si mesmo, e logo o há de glorificar" (Jo 13:31 - 32), "Ouvi-me, ilhas, e escutai, vós, povos de longe! O SENHOR me chamou desde o ventre, desde as entranhas de minha mãe, fez menção do meu nome. E fez a minha boca como uma espada aguda, e, com a sombra da sua mão, me cobriu, e me pôs como uma flecha limpa, e me escondeu na sua aljava. E me disse: Tu és meu servo, e Israel, aquele por quem *hei de ser glorificado*" (Is49:1-3).

A glória de Deus era, pois, o objetivo supremo do Senhor Jesus Cristo na vida e na morte. Viveu e morreu para glorificar o nome de Seu Pai. A Igreja perde alguma coisa com isto? De modo nenhum. E Israel? Tampouco. Mas, e os gentios? Também não. A sua salvação e bem-aventurança não podiam estar melhor asseguradas do que sendo parte da glória de Deus. Escutai a resposta divina dada a Cristo, o verdadeiro Israel, na passagem sublime que acabamos de citar. "Pouco é que sejas o meu servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tomares a trazer os guardados de Israel; também te dei para luz dos gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra".

E não é preciso sabermos que Deus é glorificado pela abolição dos nossos pecados? Podemos perguntar, onde estão os

nossos pecados? Foram tirados. Como? Pelo sacrifício de Cristo na cruz, pelo qual Deus foi glorificado para toda a eternidade. Assim é. Os dois bodes, do dia da expiação, dão-nos o duplo aspecto de um único ato. Num vemos como é mantida a glória de Deus; no outro, como são tirados os pecados. Um é tão perfeito como o outro. Pela morte de Cristo nós somos inteiramente perdoados e Deus é perfeitamente glorificado.

Existe um só ponto pelo qual Deus não haja sido glorificado na cruz? Nem sequer um. Tampouco há um ponto sequer em que não estamos perfeitamente perdoados. Digo "nós", porque ainda que a congregação de Israel seja o objetivo primário contemplado na formosa e admirável ordenação do bode expiatório, todavia pode dizer-se sem reserva que toda a alma que crê no Senhor Jesus Cristo está tão perfeitamente perdoada como Deus é perfeitamente glorificado pelo sacrifício da cruz. Quantos pecados de Israel levava o bode expiatório? "*Todos*". Palavra preciosa! Não ficava nenhum. E para onde os levava ele? "A uma terra solitária"—uma terra onde nunca se poderiam encontrar, porque não havia ninguém para os procurar. Seria possível que um sacrifício fosse mais perfeito? Seria possível obter um quadro mais real do sacrifício consumado de Cristo sob o seu primário e secundário aspecto? Era impossível. Podemos contemplar um tal quadro com intensa admiração, e, contemplando-o, exclamar: "Em verdade, aqui andou o pincel do Mestre!"

Todos os nossos Pecados estão Perdoados

O leitor sabe que *todos* os seus pecados estão perdoados segundo a perfeição do sacrifício de Cristo? Se simplesmente *crê* no Seu nome estão perdoados. Estão tirados para sempre. Não diga, como dizem tantas almas ansiosas: "Temo não *experimentar* o perdão"! Em todo o evangelho não existe uma palavra como "experimentar". Não somos salvos por nossas experiências, mas por Cristo; e para ter a Cristo em toda a Sua plenitude e preciosidade é preciso crer—*crer somente!* E qual será o resultado? "... purificados uma vez os ministrantes nunca mais teriam consciência de pecado" (Hb 10:2). Note-se esta expressão: "Nunca mais teriam consciência de pecados". Este deve ser o resultado, visto que o sacrifício de Cristo é perfeito — tão perfeito que Deus é glorificado nele.

É, pois, evidente que a obra de Cristo não necessita que se lhe acrescente a experiência para ser perfeita. Podíamos da mesma maneira dizer que a obra da criação não era completa antes de Adão a ter realizado no jardim do Éden. É verdade que ele a realizou; mas o que foi que ele realizou? Uma obra perfeita. Desejamos que esta seja desde agora a experiência do leitor, se é

que não o foi antes. Que possa agora e sempre descansar com toda a simplicidade n'Aquele que com um só sacrifício "aperfeiçoou para sempre os que são santificados!" E como são eles santificados? É por realização? De modo nenhum. Então? É pela obra perfeita de Cristo.

A Consumação disto com Respeito a Israel

Havendo diligenciado—infelizmente com tanta fraqueza! — desenrolar a doutrina exposta neste maravilhoso capítulo, até onde

Deus me tem dado luz para o fazer, quero apenas chamar a atenção do leitor para mais um ponto, antes de concluir. Encontra-se na seguinte passagem: "E isto vos será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, aos dez do mês, afligireis a vossa alma e nenhuma obra fareis, nem o natural nem o estrangeiro que peregrina entre vós. Porque, naquele dia, se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de *todos* os vossos pecados, *perante o SENHOR*. E um *sábado de descanso* para vós, e *afligireis a vossa alma*; isto é estatuto perpétuo" (versículos 29a31).

Isto terá o seu pleno cumprimento dentro em pouco no remanescente salvo de Israel, como foi predito pelo profeta Zacarias: "E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspassaram; e o prantearão como quem pranteia por um unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. *Naquele dia, será grande o pranto* em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimon no vale de Megido... *Naquele dia haverá uma fonte aberta* para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, contra o pecado, e contra a impureza... e acontecerá *naquele dia*, que não haverá preciosa luz" (num lugar) "nem espessa escuridão" (noutro). "Mas será um dia" (o sábado verdadeiro e ansiosamente esperado) "conhecido do SENHOR; nem dia nem noite será; e acontecerá que, no tempo da tarde, haverá luz. *Naquele dia*, também acontecerá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e metade delas até o mar ocidental; no estio e no inverno, sucederá isto. E O SENHOR SERÁ REI SOBRE TODA A TERRA; *naquele dia, um será o SENHOR, e um será o seu nome... naquele dia*, se gravará sobre as compainhas dos cavalos: SANTIDADE AO SENHOR... "e não haverá mais cananeu na casa do SENHOR dos exércitos" (Zc 12 a 14).

Que dia aquele será! Não admira que se mencione com tanta freqüência na passagem acima citada. Será um brilhante *sábado de repouso*, quando o remanescente em pranto se reunir, no espírito de verdadeira penitência, em redor da fonte aberta e

entrar no gozo dos resultados finais do grande dia da expiação. Eles "afligirão as suas almas", sem dúvida; porque como poderão proceder de outro modo, quando fixarem o olhar contrito "naquele a quem traspassaram?" Mas, oh, que sábado eles terão! Jerusalém terá uma época trasbordante de salvação, depois da sua longa e triste noite de dor. As suas desolações serão esquecidas e seus filhos, restabelecidos nas suas antigas moradas, tirarão as suas harpas dos salgueiros e cantarão outra vez os suaves salmos de Sião à sombra aprazível das suas vinhas e figueiras.

Bendito seja Deus, o tempo está próximo. Cada pôr do sol nos aproxima mais desse feliz sábado. A palavra é: "Eis que presto venho"; e em redor de nós tudo parece dizer-nos "chegaram os dias e a palavra de toda a visão" (Ez 12:23). Sejam vigilantes, vigiem e orem! Conservemo-nos puros da contaminação do mundo; e assim o espírito do nosso entendimento, os afetos dos nossos corações e a experiência das nossas almas estarão prontos para receber o Noivo celestial! O nosso lugar no tempo presente é fora do arraial. Graças a Deus por ser assim. Seria uma perda indizível estar dentro dele. A mesma cruz que nos trouxe para dentro do véu lançou-nos fora do arraial. Cristo também foi lançado dele, e nós temos a mesma posição; porém Ele foi recebido acima no céu, e nós estamos ali com Ele. Não será uma bênção estarmos fora de tudo que rejeitou o nosso bendito Senhor e Mestre? Certamente que é; e quanto mais conhecermos este presente século mau tanto mais agradecidos seremos por termos o nosso lugar fora do mundo *com Jesus*.

A VIDA PERTENCE AO SENHOR

Neste capítulo o leitor encontrará dois pontos especiais, a saber: primeiro, que a vida pertence ao Senhor, e, segundo, que o poder de expiação está no sangue. O Senhor dava uma importância especial a estas duas coisas. Queria que fossem gravadas em cada membro da congregação.

"Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala a Arão, e aos seus filhos, e a todos os filhos de Israel e dize-lhes: Esta é a palavra que o SENHOR ordenou, dizendo: Qualquer homem da casa de Israel que degolar boi, ou cordeiro, ou cabra, no arraial ou quem os degolar fora do arraial, e os não trouxer à porta da tenda da congregação, para oferecer oferta ao SENHOR diante do tabernáculo do SENHOR, a tal homem será imputando o sangue; derramou sangue; pelo que tal homem será extirpado do seu povo".

Isto era um assunto solene; e nós podemos perguntar, que importância tinha oferecer um sacrificio de uma maneira diferente daquela que é aqui descrita? Era nada menos que privar o Senhor dos Seus direitos e oferecer a Satanás o que se devia a Deus. Alguém podia dizer: Não se pode oferecer o sacrificio num lugar ou noutro¹? A resposta é: A vida pertence a Deus, e os Seus direitos sobre ela devem ser reconhecidos no lugar que Ele designou — diante do tabernáculo do Senhor. Este era o único lugar de encontro entre Deus e o homem. Oferecer o sacrificio em qualquer outra parte demonstrava que o coração não queria Deus.

A moral de tudo isto é clara. Há um lugar onde Deus tem destinado encontrar o pecador, e este é a cruz—antítipo do altar de bronze. Ali e somente ali foram devidamente reconhecidos os direitos de Deus. Rejeitar este lugar de encontro é atrair o juízo de

Deus sobre si mesmo. É espezinhar os direitos de Deus e arrogar-se o direito de vida, que todos perderam. Isto é o que importa conhecer. "E o sacerdote espargirá o sangue sobre o altar do Senhor, à porta da tenda da congregação, e queimará a gordura por cheiro suave ao Senhor". O sangue e a gordura pertenciam ao Senhor. O bendito Senhor Jesus reconheceu isto plenamente. Entregou a Sua vida a Deus, a quem todas as Suas forças ocultas estavam igualmente consagradas. Dirigiu-se voluntariamente ao altar e ali deu a Sua preciosa vida; e o cheiro

suave da Sua excelência intrínseca subiu ao trono de Deus. Bendito Jesus! Como é agradável recordarmo-nos de Ti a cada passo do nosso caminho!

É o Sangue que Faz Expição pela Alma

O segundo ponto a que nos referimos está claramente indicado no versículo 11: "Porque a alma da carne está no sangue pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma: PORQUANTO É O SANGUE QUE FARÁ EXPIAÇÃO PELA ALMA". A relação entre estes dois pontos é das mais interessantes. Quando o homem ocupa o seu lugar como aquele que não tem nenhum direito à vida—quando reconhece plenamente os direitos divinos sobre si —, então o relato divino é: "Tenho-vos dado a vida para fazer expiação pelas vossas almas". Sim, a expiação é dom de Deus ao homem; e note-se que esta expiação está no sangue e só no sangue, "*to sangue* que fará expiação pela alma". Não é o sangue e alguma coisa mais. A palavra não pode ser mais explícita. Atribui a expiação exclusivamente *ao sangue*. "Sem derramamento de *sangue* não há remissão" (Hb 9:22). Foi *a morte* de Cristo que rasgou o véu. É "*feito sangue* de Jesus" que temos "ousadia para entrar no santuário". "Em quem temos a redenção pelo seu *sangue*, a remissão das ofensas" (Ef 1:7; Cl 1:14):".. .vós, que dantes estáveis longe, já *pelo sangue* de Cristo chegastes perto" (Ef 2:13). "...o *sangue* de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado" (1 Jo 1:7). "Estes... lavaram os seus vestidos e os branquearam *no sangue* do Cordeiro" (Ap 7). "E eles o venceram *pelo sangue* do Cordeiro" (Ap 12:11).

Quero chamar a atenção do leitor para a doutrina preciosa e essencial do sangue. Esperamos que lhe conceda a atenção que ela merece. O sangue de Cristo é a base de tudo. É a base em que Deus justifica o pecador ímpio que crê no nome do Filho de Deus; e é a base em que descansa a confiança do pecador para se aproximar do Deus Santo, cujos olhos são tão puros que não podem contemplar o mal. Deus seria justo se condenasse o pecador; porém, pela morte de Cristo, pode ser justo e justificar aquele que crê — Deus justo e ao mesmo tempo Salvador. A justiça de Deus está em conformidade Consigo Próprio — a Sua atuação de harmonia com o Seu caráter revelado. De sorte que se não tivesse havido a cruz este Seu atributo teria necessariamente exigido a morte e juízo do pecador; porém, na cruz esta morte e juízo foram suportados pelo Substituto do pecador, e portanto mantém-se o atributo perfeitamente enquanto Deus, santo e justo, justifica o pecador pela fé. *E tudo pelo sangue de Jesus*, nada

mais, nada menos. "É o sangue que fará expiação pela alma". Isto é conclusivo. É o plano simples de Deus para justificação. O plano do homem é muito mais complicado e vago. E não somente é complicado como atribui a justificação a alguma coisa diferente do que encontramos na Palavra de Deus. Se procurarmos desde o capítulo três de Gênesis ao fim do Apocalipse, encontramos o sangue de Cristo como o único fundamento da justificação. Pelo sangue, e só pelo sangue, obtemos o perdão, a paz, vida e justiça. Todo o Livro de Levítico e particularmente o capítulo que temos estado a considerar é um comentário sobre a doutrina do sangue. Parece estranho ter que insistir sobre um fato tão evidente para todo o leitor imparcial das Sagradas Escrituras. E contudo assim é. Os nossos corações são inclinados a extraviarem-se do simples testemunhos da Palavra de Deus. Estamos sempre prontos a adotar opiniões sem as investigarmos com calma à luz dos testemunhos divinos. Desta forma caímos em confusão, nas trevas e no erro.

Aprendamos a dar o sangue de Cristo o seu devido valor! É tão precioso à vista de Deus que Ele não permitirá que se lhe acrescente ou junte alguma coisa mais. "A alma da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; *porquanto é o sangue que fará expiação pela alma*".

UM POVO SANTO, COMO O SENHOR É SANTO

Esta parte do Livro de Levítico apresenta-nos, de um modo notável, a santidade pessoal, a pureza moral que o Senhor requeria daqueles que havia graciosamente posto em relação Consigo mesmo e, ao mesmo tempo, apresenta-nos um quadro dos mais humilhantes das iniquidades de que a natureza humana é capaz.

"Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: *Eu sou o Senhor vosso Deus*". Aqui temos a base de todo o edifício de conduta moral que estes capítulos apresentam. Os atos dos israelitas deviam tomar o seu caráter do fato que o Senhor era *o seu Deus*. Eram chamados para se comportarem de uma maneira digna de uma posição tão elevada e santa. Era uma das prerrogativas de Deus estabelecer o caráter especial e a linha de conduta que convinham a um povo com o qual se havia dignado relacionar o Seu nome. Daí a freqüência da expressão: "Eu sou o SENHOR"; "EU SOU O SENHOR VOSSO, Deus"; "Eu, o SENHOR VOSSO Deus, sou Santo". O Senhor era o seu Deus, e Ele era santo; portanto, eles eram chamados para serem santos. O seu nome estava relacionado com o seu caráter e a sua conduta.

O que Deve Distinguir Israel dos Egípcios e Cananeus

Este é o verdadeiro princípio de santidade para o povo de Deus em todos os tempos. Devem reger-se e caracterizar-se pela revelação que o Senhor fez de Si Próprio. A sua conduta deve basear-se no que Ele é, e não no que eles são por si mesmos. Isto anula inteiramente o princípio expresso por estas palavras: "Levanta-te, eu sou mais santo do que tu". Princípio justamente repudiado por todo o espírito sensível. Não se trata de uma comparação de um indivíduo com outro; mas de uma simples linha de conduta que Deus espera daqueles que Lhe pertencem.

"Não fareis segundo as obras da terra do Egito, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Cana, para a qual eu vos levo, nem andareis nos seus estatutos". Os egípcios e os cananeus estavam todos submersos no mal. Como podiam os

israelitas saber isto? Quem lhes disse? Que aconteceu para que eles estivessem bem e todos os outros mal? Estas interrogações são interessantes e as respostas tão simples quanto as perguntas são interessantes.

A Palavra do Senhor era a regra pela qual deviam resolver-se todas as questões do bem e do mal, no parecer de todo o membro do Israel de Deus. Não era, de modo nenhum, o juízo de um israelita em oposição ao juízo de um egípcio ou de um cananeu; mas era, acima de tudo, o *juízo* de Deus. O Egito podia ter as suas práticas e as suas opiniões, assim como Canãa podia ter as suas, mas Israel tinha de ter as opiniões e práticas estabelecidas na Palavra de Deus. "Fareis conforme os meus juízos e os meus estatutos guardareis para andardes neles. Eu sou o SENHOR, VOSSO Deus".

Será proveitoso para o leitor se tiver um conceito claro, profundo e prático desta verdade. A Palavra de Deus deve decidir toda a questão e governar as consciências. As suas decisões solenes devem ser recebidas sem apelo. Quando Deus fala, todo o coração se deve submeter. Os homens podem formar e sustentar opiniões, podem adotar e defender as suas práticas; mas um dos traços mais formosos do caráter do "Israel de Deus" é um profundo respeito e implícita sujeição a "toda a palavra que sai da boca do Senhor". A manifestação deste rasgo precioso pode expô-los talvez à acusação de dogmatismo, presunção e vaidade por parte daqueles que nunca ponderaram seriamente este assunto; mas, em boa verdade, nada se pode parecer menos como dogmatismo do que a simples sujeição à verdade clara de Deus; nada se parece menos com a presunção como o respeito pelo relato de inspiração; nada se parece menos com a vaidade que a submissão à autoridade divina das Sagradas Escrituras.

É verdade que sempre haverá a necessidade de ter cuidado quanto à maneira como manifestamos a base das nossas convicções e da nossa conduta. Devemos mostrar que somos dirigidos, tanto quanto puder ser, não pelas nossas próprias opiniões, mas, sim, pela Palavra de Deus. Existe o perigo de darmos importância a uma opinião meramente porque a temos adotado. Devemos ter o cuidado de evitar isso. O *ego* pode intrometer-se e mostrar a sua deformidade na defesa das nossas opiniões da mesma forma com que o faz em qualquer outra coisa; porém devemos reprová-lo em todos os seus feitos e formas e reger-nos, em todas as coisas, pela expressão "Assim diz o SENHOR".

Por outra parte não podemos esperar que todos estejam prontos a admitir a plena autoridade dos estatutos e juízos divinos. É na medida em que uma pessoa anda na integridade e energia da natureza divina que reconhece, aprecia e reverencia a

Palavra de Deus. Um egípcio ou um cananeu não teria sido capaz de compreender o sentido ou de apreciar o valor dos estatutos e juízos que deviam reger a conduta do povo circuncidado de Deus; porém isto não afetava, de modo algum, a questão da obediência de Israel. Tinham um parentesco legal com o Senhor, e esse parentesco tinha os seus privilégios característicos e responsabilidades distintas. "Eu sou o SENHOR, VOSSO Deus". Esta devia ser a base da sua conduta. Deviam agir de uma maneira digna d'Aquele que se tinha tornado *o seu* Deus e feito deles o *Seu* povo. Não quer isto dizer que fossem em nada melhores que os outros povos. De modo nenhum. Os egípcios ou os cananeus podiam ter pensado que os israelitas se consideravam superiores recusando adotar os costumes de uma ou de outra nação. Mas, não; a razão da sua conduta peculiar e o tom da sua moralidade estavam nestas palavras: "Eu sou o SENHOR, VOSSO Deus".

Neste grande e praticamente importante fato, o Senhor punha diante do Seu povo uma base sólida de conduta e um padrão de moralidade que era elevado e duradouro como o próprio trono eterno. Desde o momento em que entrava em relações com um povo, era preciso que a ética deste assumisse um caráter digno d'Ele. Já não se tratava de uma questão do que eles eram, quer fosse em si próprios quer em relação com outros; mas do que Deus era em comparação com todos. Isto estabelece uma diferença essencial. Fazer do *ego* o princípio de ação ou padrão de ética é não só uma louca presunção como optar por uma escada descendente de ação. Se o ego for o meu objetivo, tenho fatalmente de descer mais e mais cada dia; mas, por outra parte, se eu puser o Senhor ante a minha vista, elevai-me-ei mais e mais, à medida que, pelo poder do Espírito Santo, crescer em conformidade com esse modelo perfeito que é apresentado aos olhos da fê nas páginas sagradas de inspiração. Terei então, indubitavelmente, de me prostrar no pó sob o sentimento de quão longe estou do modelo que me é apresentado; mas, então, nunca deverei contentar-me com um padrão menos elevado, nem tão-pouco estarei jamais satisfeito até que me torne conforme em todas as coisas Aquele que foi o meu Substituto na cruz e é o meu Modelo na glória.

O que o Homem é Capaz de Praticar

Tendo dito o bastante sobre o princípio essencial do capítulo que temos perante nós — um princípio de importância indizível para os cristãos sob o ponto de vista prático —, sinto que é desnecessário entrar em qualquer coisa que se parece com uma exposição em pormenor dos estatutos que falam por si mesmos e em termos muito claros. Quero apenas fazer notar que esses

estatutos se colocam debaixo de dois pontos distintos, isto é: primeiro, aqueles que demonstram as iniquidades vergonhosas que o coração humano é capaz de maquinar; e, segundo, aqueles que mostram a ternura delicada e o cuidado indulgente do Deus de Israel.

Quanto ao primeiro ponto é evidente que o Espírito de Deus nunca poderia decretar leis com o propósito de evitar males que não tivessem existência. Não se constrói uma represa onde não há inundação a temer ou combater. O espírito não se ocupa de idéias abstratas, mas, sim, com realidades positivas. O homem é, com efeito, capaz de perpetrar cada um e todos os crimes vergonhosos referidos nesta parte fidelíssima do Livro de Levítico. Se não fosse, porque havia de dizer-lhe que não o fizesse"?- Um tal código seria inteiramente impróprio para os anjos, visto eles serem incapazes de cometer os pecados referidos; mas convém ao homem, porque ele tem em sua natureza o gérmen desses pecados. Isto é profundamente humilhante. É uma nova declaração da verdade que o homem está em completa ruína. Desde o alto da cabeça à planta dos seus pés não existe tanto como um átomo de sanidade moral, quando é visto à luz da presença divina. O ente para quem o Senhor julgou necessário escrever os capítulos 18 a 20 de Levítico deve ser um pecador vil; porém esse ente é *o homem* — o autor e o leitor destas linhas. Como é evidente, portanto, "que os que estão na carne *não* podem agradar a Deus" (Rm 8:8). Graças a Deus, o crente "não está na carne, mas no Espírito". Foi separado inteiramente da sua posição na velha criação e introduzido na nova, na qual os pecados morais de que se fala nestes capítulos não podem existir. É verdade que tem a velha natureza, mas é seu privilégio "considerá-la" como uma coisa morta, e andar no poder permanente da nova natureza, em que "todas as coisas são de Deus". Isto é liberdade cristã — até mesmo liberdade de andar, em todos os sentidos, nesta bela criação onde não se pode encontrar nenhum traço de mal: sagrada liberdade para andar em santidade e pureza perante Deus e os homens; liberdade para pisar os elevados caminhos de santidade pessoal sobre os quais os raios de luz da face divina se refletem em brilho vivo. Prezado leitor, isto é liberdade cristã. É liberdade, não para cometer pecado, mas para se apreciarem as doçuras celestiais de uma vida de verdadeira santidade e elevação moral. Apreciemos mais do que jamais o fizemos esta preciosa graça do céu — liberdade cristã!

A Consideração para com o Pobre e o Estrangeiro

E agora uma palavra quanto à segunda classe de estatutos contidos nesta parte, a saber: aqueles que testificam de um modo tão comovente a ternura e solicitude de Deus. Pensemos nesta

passagem: "Quando também segardes a sega da vossa terra, o canto do teu campo não segarás totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua sega. Semelhantemente não rabiscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; *deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro*. Eu sou o SENHOR vosso Deus" (Lv 19:9-10). Encontramos outra vez esta ordenação em capítulo 23, porém ali vemo-la sob o ponto de vista da dispensação. Aqui contemplamo-la no seu aspecto moral, manifestando a graça preciosa do Deus de Israel, que pensa no "pobre e o estrangeiro" e, quer que o Seu povo pense deles do mesmo modo. Quando eram ceifadas as espigas douradas e os cachos maduros colhidos, devia pensar-se no "pobre e no estrangeiro" por ordem do Deus de Israel, porque o Senhor era o Deus de Israel. O segador e o vindimador não deviam deixar-se dominar por um espírito de avarizia, que teria varrido os cantos do campo e limpado as varas da videira, mas antes por um espírito de generosidade e verdadeira benevolência, que deixaria uma espiga e um cacho de uvas para "o pobre e o estrangeiro", para que eles pudessem também regozijar-se na bondade ilimitada d'Aquele Cujos passos deixam fartura e em Cuja mão aberta todos os filhos da necessidade podem confiadamente esperar.

O Livro de Rute oferece-nos um excelente exemplo de alguém que atuava inteiramente sobre este benevolente estatuto. "E... disse-lhe Boaz: Achega-te aqui, e come do pão, e molha o teu bocado no vinagre. E ela (Rute) se assentou ao lado dos segadores, e ele lhe deu do trigo tostado, e comeu e se fartou, e ainda lhe sobejou. E, levantando-se ela a colher, Boaz deu ordem aos seus moços, dizendo: Até entre as gavelas deixai-a colher, e não lho embarceis. ? *deixai cair alguns punhados e deixai-os ficar, para que os colha, e não a repreendais*" (Rt 2:14-16).

Graça tocante e admirável! Bom é, na verdade, para os nossos corações egoístas estarem em contato com tais princípios e tais práticas. Nada pode exceder a excelente cortesia das palavras: "deixai cair alguns punhados e deixai-os ficar, para que os colha". Evidentemente, era desejo deste nobre israelita que "a estrangeira" pudesse ter abundância e a tivesse também como fruto do seu trabalho de sega e não como ato de sua benevolência. Isto era gentileza. Era pô-la em relação imediata como Deus de Israel e fazê-la depender de Aquele que havia reconhecido inteiramente e provido as necessidades do "rebuscador". Boaz cumpria simplesmente essa graciosa ordenação da qual Ruth colhia os frutos. A mesma graça que havia dado a Boaz o campo dava a Ruth o resto das espigas.

Eram ambos devedores à graça de Deus. Ela era o feliz objeto da bondade do Senhor. Ele o honrado administrador das

graciosas instituições do Senhor. Tudo estava na ordem moral mais admirável. A criatura era abençoada e Deus glorificado. Quem não reconhecerá que é bom podermos respirar uma tal atmosfera?

O Justo Salário do Obreiro

Prestemos agora atenção a outra ordenação desta parte do Livro de Levítico.

"Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás; a paga do jornaleiro não ficará contigo até à manhã" (Lv 19:13).

Que terna solicitude! O Altíssimo e Todo-Poderoso, que habita na eternidade, pode tomar conhecimento dos pensamentos e sentimentos que se levantam no coração de um pobre trabalhador! Conhece e tem em conta as suas expectativas quanto ao fruto do seu labor diário. Naturalmente, um obreiro espera o seu salário; conta com ele; o alimento da família depende dele. Oh, não o retenhais! Não mandeis o obreiro para sua casa com o coração oprimido para entristecer também o coração de sua mulher e família. Sem dúvida, deveis dar-lhe aquilo por que ele trabalhou, a que tem direito e em que está posto o seu coração. É marido, pai; e suportou o fardo e o calor do dia para que a mulher e os filhos não tenham que ir para a cama com fome. Não o deixeis desapontado. Dai-lhe o que se lhe deve. Assim o nosso Deus toma nota dos próprios suspiros do trabalhador, e prove as suas expectativas.

Graça preciosa! Deferência terna, cuidadosa, tocante! A simples meditação de tais leis basta para nos lançar numa corrente de atenções. Poderia alguém ler estas passagens sem se sentir comovido? Poderia alguém lê-las e descuidadamente despedir um pobre trabalhador sem saber se ele e sua família tinham com que satisfazer os desejos da fome?

Nada pode ser mais doloroso para um coração terno do que a falta de consideração afetuosa pelos pobres, tão vulgar entre os ricos. Estes podem sentar-se para tomar as refeições opíparas depois de terem despedido da sua porta algum pobre jornaleiro que havia ido pedir a justa recompensa do seu honesto trabalho. Não pensam na tristeza com que aquele homem regressa ao seio da família para lhe contar o seu desapontamento. Isto é terrível. É injurioso para Deus e todos aqueles que, de algum modo, participam do Seu caráter. Se quisermos saber o que Deus pensa de uma tal conduta, não temos mais que prestar ouvidos a estes acentos de santa indignação: "Eis que o jornal dos trabalhadores, que ceifaram as vossas terras e que por vós foi diminuído clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos Exércitos" (Tg5:4). "O Senhor dos exércitos" ouve o clamor do

jornaleiro afligido e desapontado. O Seu terno amor manifesta-se nas instituições do Seu governo moral; e ainda que o coração humano se não comova com a graça destas instituições, a conduta deve, ao menos, ser orientada pela sua justiça. Deus não consentirá que os direitos dos pobres sejam desumanamente postos de lado por aqueles que, endurecidos pela influência das riquezas e estando livres da preocupação de necessidades pessoais, são insensíveis aos apelos de compaixão e incapazes de simpatizar com aqueles que têm de passar os dias em trabalho exaustivo ou tormentos de pobreza. Os pobres são objeto especial da solicitude de Deus. Ocupa-se deles repetidas vezes nos estatutos da Sua administração moral; e aqui é dito expressamente d'Aquele que cedo tomará as rédeas do governo, em glória: "Porque ele livrará ao necessitado quando clamar, como também ao aflito e ao que não tem quem o ajude. Compadecer-se-á do pobre e do aflito e salvará a alma dos necessitados. Libertará a sua alma do engano e da violência, e precioso será o sangue aos olhos dele" (SI 72:12-14).

Possamos nós tirar proveito com o estudo destas verdades preciosas e profundamente práticas! Que os nossos corações sejam impressionados e a nossa conduta influenciada por elas. Vivemos num mundo cruel; e existe muito egoísmo em nossos corações. Não nos comovemos com o pensamento da necessidade dos outros. Somos propensos a esquecer os pobres no meio da nossa abundância. Esquecemos freqüentemente que as próprias pessoas cujo labor contribui para o nosso conforto pessoal vivem, talvez, na maior pobreza. Pensemos nestas coisas. Guardemo-nos de "moer as faces do pobre" (Is 3:15). Se os judeus dos tempos antigos foram ensinados pelos estatutos e ordenações da economia moisaica a acolher os pobres com sentimentos afetuosos e a tratar os filhos do trabalho com afeto e benevolência, quanto mais a ética mais elevada e espiritual da dispensação do Evangelho deveria produzir no coração e na vida do cristão sentimentos de benevolência para com todas as formas de necessidade humana!

É verdade que há instante necessidade de prudência e precauções, não seja o caso de tirarmos um homem da posição honrosa para a qual foi destinado e preparado — isto é, uma posição de dependência dos frutos preciosos e fragrantos de uma profissão honesta. Isto seria um grave erro em vez de um benefício. O exemplo de Boaz deveria servir de exemplo quanto a este assunto. Deixou que Rute fosse respigar para o seu campo, e teve o cuidado de ver que o seu trabalho fosse produtivo. É um princípio seguro e muito simples. Deus quer que o homem trabalhe numa coisa ou noutra, e nós procedemos contra a Sua

vontade quando tiramos o nosso semelhante do lugar de dependência dos resultados de atividade paciente para o lugar de dependência da falsa benevolência. O primeiro gênero de vida é tão honrado e elevado como desprezível e imoral é o segundo. Não há pão de gosto tão agradável como aquele que é ganho nobremente; porém é preciso que os que ganham o seu pão ganhem bastante. Se um homem cuida e alimenta os seus cavalos, com quanto mais razão deverá fazer o mesmo com aquele que presta o trabalho das suas mãos desde segunda-feira de manhã até sábado à noite.

Mas, dirá alguém, há dois lados desta questão. Há, certamente; e, sem dúvida, entre os pobres encontra-se muita coisa que esgota os sentimentos de benevolência e verdadeira simpatia. Há muitas coisas que tendem a endurecer o coração e cerrar a mão; porém uma coisa é certa: vale mais ser-se enganado em noventa e nove casos por cento do que fechar as entranhas de compaixão a um só objeto digno dela. O nosso Pai celestial faz com que o sol brilhe sobre os maus e os bons, e manda a chuva sobre os justos e os injustos. Os mesmos raios de sol que alegam o coração de algum consagrado servo de Cristo expraiaram-se também sobre o caminho de algum ímpio pecador, e o mesmo aguaceiro que cai sobre a lavoura de um verdadeiro crente enriquece também as leivas de algum infiel blasfemo. Eis o que deve ser o nosso modelo: "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mt 5:48). É só contemplando o Senhor e andando na força da Sua graça que podemos ir, dia a dia ao encontro de todas as formas possíveis de miséria humana com coração compassivo e mão aberta. É só bebendo nós próprios da fonte inexaurível do amor e bondade divinos que podemos continuar aliviando as necessidades dos nossos semelhantes sem fazermos caso das freqüentes manifestações de depravação humana. As nossas tênues fontes depressa se esgotariam se não fossem mantidas em ligação ininterrupta com essa origem inesgotável.

A Atitude para com o Surdo e o Cego

O estatuto que a seguir se apresenta para nossa consideração exemplifica também, de modo tocante, o cuidado terno do Deus de Israel. "Não amaldiçoarás ao surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas terás temor do teu Deus: Eu sou o SENHOR" (versículo 14). Aqui é posto um freio aos impulsos de impaciência que a natureza desorientada não deixaria de manifestar para com a enfermidade pessoal de surdez. Como compreendemos isto tão bem! O homem natural não gosta de repetir as suas palavras, como exige a enfermidade do surdo. O

Senhor pensou nisto e proporcionou o remédio. E qual é este remédio¹? "Terás temor do teu Deus". Quando a nossa paciência for posta à prova por uma pessoa surda, recordemos o Senhor, e esperemos d'Ele graça para podermos dominar o nosso temperamento.

A segunda parte deste estatuto revela um grau humilhante de maldade na natureza humana. A idéia de pôr uma pedra de tropeço no caminho do cego é praticamente a crueldade mais maliciosa que pode imaginar-se; e contudo o homem é capaz de o fazer, se não o fosse não seria admoestado contra isso. Sem dúvida, este, assim como muitos outros estatutos, presta-se a uma aplicação espiritual; mas isso não interfere em nada com o princípio exposto. O homem é capaz de pôr um tropeço no caminho de um dos seus semelhantes aflito de cegueira. Assim é o homem! Seguramente o Senhor sabia o que havia no homem quando escreveu os estatutos e juízos do Livro de Levítico.

Deixo agora o leitor entregue à meditação do final deste capítulo. Descobrirá como cada estatuto ensina uma lição dupla—lição sobre a tendência da natureza para o mal e também uma lição sobre o cuidado terno do Senhor (¹).

¹ Os versículos 16 e 17 do capítulo 19 requerem atenção especial. "Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo". Esta recomendação é conveniente ao povo de Deus de todos os tempos. Um mexeriqueiro faz mal incalculável. Diz-se com razão que um mexeriqueiro faz mal a três pessoas; a si próprio, àquele que o escuta e à pessoa de quem fala. Faz tudo isto de uma maneira direta, e quanto às conseqüências indiretas quem pode descrevê-las? Guardemo-nos cuidadosamente deste horrível mal. Não permitamos que um mexerico saia jamais dos nossos lábios; e recusemos sempre dar ouvidos aos mexeriqueiros. Saibamos sempre como afastar uma língua difamadora com um olhar severo, do mesmo modo que o vento norte leva a chuva.

No versículo 17 vemos o que deve ocupar o lugar da bisbilhotice. "Não deixarás de repreender o teu próximo e nele não sofrerás pecado". Em lugar de difamar junto de outro o nosso semelhante, somos chamados a ir com ele e repreendê-lo, no caso de haver mal. Este é o método divino. O método de Satanás é usar o mexeriqueiro.

O QUE DEVE CARACTERIZAR OS SACERDOTES

Estes capítulos mostram pormenorizadamente quais eram as exigências divinas em relação àqueles que tinham o privilégio de se aproximar como sacerdotes para "oferecer o pão do seu Deus". Nesta, como na parte precedente, vemos a conduta como *resultado* das suas relações com Deus e não como *a causa*. Convém ter isto bem presente.

Todos os filhos de Arão eram sacerdotes de Deus, em virtude do seu nascimento. Gozavam todos este privilégio. Não era uma questão de mérito, de progresso ou qualquer coisa que uns tivessem e outros não. Eram sacerdotes por nascimento. A sua capacidade para compreenderem esta posição e gozar os privilégios inerentes a ela era, evidentemente, uma coisa muito diferente. Um podia ser menino; e outro podia ter chegado à idade viril. Aquele era naturalmente incapaz de comer do alimento sacerdotal, sendo menino necessitava de "leite" e não de "sólido mantimento"; mas era tão verdadeiro membro da família sacerdotal como o homem que pisava com pé firme os átrios da casa do Senhor e se alimentava do "peito" e da "espádua direita" dos sacrifícios.

Esta distinção é fácil de compreender no caso dos filhos de Arão, e, por isso, servirá para ilustrar, de um modo muito simples, a verdade relativa aos membros da verdadeira família sacerdotal a que preside o nosso Grande Sumo Sacerdote, e à qual pertencem todos os verdadeiros crentes (Hb 3:6). Todo o filho de Deus é sacerdote. E alistado como membro da casa sacerdotal de Cristo. Pode ser ignorante, porém a sua posição, como sacerdote, não é baseada sobre o conhecimento, mas sobre a vida. Podia ter muito pouca experiência, mas o seu lugar como sacerdote não depende das suas aptidões, mas sim de que tenha vida. Foi nascido na posição e com as relações de sacerdote. Não se impôs por si; nem foi por seus próprios esforços que chegou a ser sacerdote. Tornou-se sacerdote por nascimento. O sacerdócio espiritual, juntamente com todas as suas funções espirituais, é o adjunto necessário ao nascimento espiritual. A capacidade para gozar os privilégios e cumprir as funções de uma posição não deve ser confundida com a própria posição. A distinção entre as duas coisas tem de ser bem clara. Uma coisa é o parentesco que se tem; outra muito diferente

o grau de capacidade que se possuir.

Demais, considerando a família de Arão, vemos que nada podia romper o parentesco entre ele e o seus filhos. Havia muitas coisas que podiam interferir com o pleno gozo dos privilégios ligados com esse parentesco. Um filho de Arão podia "contaminar-se por um morto". Podia contaminar-se por meio de uma ligação impura. Podia ter qualquer "defeito" corporal; podia ser "cego", "coxo" ou "anão". Qualquer destas coisas afetaria incontestavelmente o gozo dos seus privilégios e o cumprimento das funções que pertenciam a esta relação de parentesco, visto que lemos: "Nenhum homem da semente de Arão, o sacerdote, em quem houver alguma deformidade, se chegará para oferecer as ofertas queimadas do SENHOR; falta nele há; não se chegará para oferecer o pão do seu Deus. O pão do seu Deus, das santidades de santidades e das coisas santas, poderá comer. Porém até ao véu não entrará, nem se chegará ao altar, porquanto falta há nele, para que não profane os meus santuários; porque eu sou o SENHOR que os santifico" (Lv 21:21-23).

Porém, nenhuma destas coisas podia alterar as relações baseadas sobre os princípios da natureza humana. Ainda que um filho de Aarão fosse anão, esse anão era filho de Aarão. É verdade que, como anão, estava privado de muitos dos preciosos privilégios e altas dignidades do sacerdócio; mas ainda que assim fosse era filho de Aarão. Não podia gozar o mesmo grau de comunhão nem desempenhar as mesmas funções elevadas do serviço sacerdotal, como aquele que havia chegado à perfeita estatura do homem feito; mas era membro da casa sacerdotal, e, portanto, era autorizado a comer "o pão do seu Deus". O parentesco era verdadeiro, embora o desenrolar fosse defeituoso.

A aplicação espiritual de tudo isto é tão simples quanto prática. Uma coisa é ser filho de Deus, e outra muito diferente estar no pleno gozo de comunhão e culto sacerdotais. O culto é, infelizmente, perturbado por muitas coisas. As circunstâncias e as nossas relações exercem sobre nós a sua contagiosa influência. Não devemos esperar que todos os cristãos conheçam pela prática a mesma elevada conduta, a mesma intimidade de comunhão e que estejam na mesma proximidade de Cristo. Não têm, infelizmente! Temos que lamentar os nossos defeitos espirituais. Há os que coxeiam, os que têm o sentido de vista defeituosa, os enfezados. Por vezes, deixamo-nos contaminar pelo contato com o mal e somos enfraquecidos e embaraçados por relações impuras. Numa palavra, assim como os filhos de Aarão, ainda que sacerdotes por nascimento, estavam, não obstante, privados de muitos privilégios pelas impurezas legais e defeitos físicos, também nós, embora sendo sacerdotes de Deus, por meio do

nascimento espiritual, estamos privados de muitos dos elevados e santos privilégios da nossa posição pelas impurezas e defeitos espirituais. Somos privados da nossa dignidade por crescimento espiritual defeituoso. Falta-nos singela de fé, vigor espiritual, e inteira consagração. Salvos estamos pela graça de Deus, com base no perfeito sacrifício de Cristo. "Somos filhos de Deus, pela fé em Jesus Cristo". Porém a salvação é uma coisa, comunhão outra muito diferente. Filiação é uma coisa; comunhão outra muito diferente.

Convém distinguir estas coisas cuidadosamente. Os capítulos que formam esta parte do Livro de Levítico ilustram claramente esta distinção. Se acontecesse um dos filhos de Arão ter um "pé quebrado, ou quebrada a mão" tinha de ficar privado da sua relação de filiação. Não, certamente. Era privado da sua posição sacerdotal. De modo nenhum. Estava claramente estabelecido que "O pão do seu Deus, das santidades de santidades e das coisas santas poderá comer". Que era, pois, o que perdia por causa da sua deformidade física? Não lhe era permitido desempenhar alguma das funções mais elevadas do serviço sacerdotal. "Porém, até ao véu não entrará, nem se chegará ao altar". Estas proibições eram graves; e embora possa argumentar-se que um homem não podia evitar muitos destes defeitos físicos, nem por isso a questão era alterada. O Senhor não podia ter um sacerdote defeituoso ante o Seu altar nem um sacrifício defeituoso sobre ele. Era necessário que tanto o sacerdote como o sacrifício fossem perfeitos. "Nenhum homem da semente de Arão, o sacerdote, em quem houver alguma deformidade, se chegará para oferecer as ofertas queimadas do SENHOR" (Lv 21:21). "Nenhuma coisa em que haja defeito oferecereis, porque não seria aceita a vosso favor" (Lv 22:20).

Aplicação Prática

Ora, nós temos ao mesmo tempo o sacerdote perfeito e o perfeito sacrifício na Pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. O qual "havendo-se oferecido a si mesmo a Deus sem pecado" penetrou nos céus como nosso grande Sumo Sacerdote, vivendo sempre para interceder por nós. A Epístola aos Hebreus trata pormenorizadamente destes dois pontos. Põe em contraste admirável o sacrifício e o sacerdócio do sistema Moisaico com o sacrifício e o sacerdócio de Cristo. N'Ele temos a perfeição divina, quer O consideremos como a vítima quer como o Sacerdote. Temos tudo que Deus podia exigir e tudo que o homem podia necessitar. O Seu precioso sangue tirou todos os nossos pecados; e a Sua poderosa intercessão mantém-nos em toda a perfeição do lugar em que fomos introduzidos pelo Seu sangue. "Nele estamos

perfeitos" (Cl 2:10); e contudo somos tão fracos em nós mesmos, temos tantas faltas e fraquezas, somos tão inclinados a errar e tropeçar no nosso caminho, que não poderíamos estar de pé um só instante se não fosse porque "Ele vive sempre para interceder por nós".

Já nos ocupamos destas coisas nos primeiros capítulos deste livro, e portanto não julgamos ser necessário insistir nelas aqui. Os que compreendem alguma coisa das grandes verdades fundamentais do Cristianismo e têm alguma experiência da vida cristã poderão compreender como é que, estando "perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade" (Cl 2:10), necessitam, todavia, enquanto estão neste mundo, no meio de fraquezas, conflitos e lutas da terra, da advocacia do seu adorável e divino Sumo Sacerdote. O crente está "lavado, santificado e justificado" (1 Co 6); está "aceito no Amado" (Ef 1:6). Quanto à sua pessoa nunca poderá ir a juízo (veja-se Jo5:24, onde a palavra é *krisin*, e não *katakrisin*). A morte e o juízo estão atrás dele, porque está ligado a

Cristo, que passou por essas coisas em seu lugar. Todas estas coisas são verdades divinas a respeito mesmo do membro mais fraco, ignorante e imperfeito da família de Deus; mas visto que traz consigo uma natureza má, que está irremediavelmente arruinada e que não pode ser disciplinada por ser incorrigível, por habitar um corpo de pecado e morte, está rodeado por todos os lados de influências hostis e é chamado a lutar continuamente com as forças combinadas do mundo, da carne e do mal — não poderia manter--se, e muito menos fazer progresso, se não estivesse protegido pela poderosa intercessão do seu Sumo Sacerdote, que leva os nomes do Seu povo sobre o Seu peito e os Seus ombros.

Sabemos que muitas pessoas têm encontrado grande dificuldade em conciliar a idéia da perfeita posição do crente em Cristo com a necessidade do sacerdócio. "Se", argumentam, "está perfeito, que necessidade tem de um sacerdote?" — As duas coisas são tão claramente ensinadas na Palavra de Deus como são compatíveis uma com a outra e compreendidas na experiência de todo o cristão devidamente instruído. É da maior importância compreender com clareza e exatidão a harmonia perfeita destes dois pontos.

O crente é perfeito em Cristo; mas, em si mesmo, é uma pobre e débil criatura, exposta sempre a cair. Por isso, a infável bem-aventurança de ter à destra da Majestade nos céus Um que pode tratar de todos os seus interesses — Um que o sustem continuamente pela destra da Sua justiça, que nunca o abandonará; que é poderoso para o salvar até ao fim; que "é o

mesmo ontem, hoje e para sempre"; que o fará passar em triunfo através de todas as dificuldades e perigos que o rodeiam; e, que, por fim, o apresentará inculpável perante a Sua excelsa glória, com gozo inexcedível.

Bendita seja para sempre a graça que tão abundantemente fez provisão para todas as nossas necessidades pelo sangue de uma Vítima Incontaminada e pelo divino Sumo Sacerdote!

Prezado leitor, esforcemo-nos por andar de tal maneira que nos guardemos "da corrupção do mundo" (Tg 1:27), e a mantermo-nos separados de todas as relações impuras, a fim de podermos gozar os mais elevados privilégios e desempenhar as funções mais altas da nossa posição como membros da casa sacerdotal de que Cristo é o Chefe. Temos "ousadia para entrar no santuário pelo sangue de Jesus"; "temos um grande sumo sacerdote sobre a casa de Deus" (Hb 10). Nada jamais nos poderá roubar estes privilégios.

Contudo, a nossa comunhão pode ser perturbada, o nosso culto pode ser impedido, as nossas santas funções podem serdes curadas. Estas questões cerimoniais, contra as quais os filhos de Aarão eram advertidos, nesta parte do Livro, têm o seu antítipo na economia cristã. Eram exortados contra contatos impuros? Também nós o somos. Tiveram de ser exortados contra ligações impuras? Também nós fomos exortados a esse respeito. Tiveram de ser exortados contra toda a sorte de impureza cerimonial? Também nós somos exortados a purificarmo-nos de "toda a imundícia da carne e do espírito" (2 Co 7:1). Foram privados de muitos dos mais elevados privilégios sacerdotais devido a deformações físicas e enfermidades corporais¹? Acontece o mesmo conosco devido às imperfeições morais e a um crescimento espiritual imperfeito.

Querirá alguém pôr em dúvida a importância prática destes princípios? Não é evidente que quanto mais apreciarmos as bênçãos ligadas a esta casa sacerdotal de que fomos feitos membros, em virtude do nosso novo nascimento, tanto mais guardaremos de tudo que, de alguma maneira, tende a tirar-nos o gozo delas? Sem dúvida. É isto o que torna o estudo desta parte tão importante para a nossa vida. Oxalá sintamos o seu poder por meio da aplicação do Espírito Santo! Então *gozaremos* o nosso lugar de sacerdotes. Então desempenharemos fielmente as nossas funções sacerdotais. Seremos capazes de "apresentar os nossos corpos em sacrifício vivo a Deus"(Rm 12:1). Seremos capazes de "oferecer sacrifícios de louvor continuamente a Deus, como o fruto de nossos lábios, dando graças em seu nome" (Hb 13:15). Como membros da "casa sacerdotal" e do "sacerdócio santo" seremos capazes de "oferecer sacrifícios agradáveis a Deus, por Jesus Cristo" (1 Pe 2:5). Seremos capazes de antecipar, até certo ponto, o

tempo feliz em que as aleluias de louvor inteligente e fervoroso de uma criação redimida subirão ao trono de Deus e do Cordeiro durante toda a eternidade.

— CAPITULO 23 —

AS SETE FESTAS DO SENHOR

Chegamos a um dos capítulos mais profundos e compreensivos do volume inspirado que temos perante nós, e que requer estudo atento e oração. Contém a descrição das sete grandes festas ou solenidades periódicas em que se dividia o ano de Israel. Por outras palavras, oferece-nos um quadro perfeito do trato de Deus para com Israel durante todo o período mais agitado da sua história.

Tomando as festas por separado, temos o Sábado, a Páscoa, a festa dos Asmos, a festa das Primícias, o Pentecostes, as Trombetas, o dia da Expição e a festa dos Tabernáculos.

O Dia do Descanso

Ao todo são oito; mas é evidente que o Sábado ocupa um lugar único e independente. É mencionado primeiro e as características e circunstâncias que o acompanham são plenamente expostas; e então, lemos: "Estas são as solenidades do SENHOR, as santas convocações, que convocareis no seu tempo determinado" (versículo 4). De sorte que, propriamente falando, como o leitor atento poderá observar, *a primeira* grande solenidade de Israel era a Páscoa e *a sétima* era a festa dos Tabernáculos. Quer dizer, tirando-lhe a sua forma típica, temos primeiro a redenção; e depois, na última de todas, a glória do milênio. O cordeiro da Páscoa prefigurava a morte de Cristo (1 Co5:7); e a festa dos Tabernáculos simbolizava "os tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio" (At3:21).

Tais eram as festas que abriam e fechavam o ano judaico. A expiação é a base, a glória a pedra cimeira do edificio; enquanto que entre os dois pontos temos a ressurreição de Cristo (versículos 10 a 14), o ajuntamento da Igreja (versículos 15 a 21), o despertar de Israel ao sentimento da sua glória há muito perdida (versículos 24 - 25), o seu arrependimento e a cordial recepção do Messias (versículos 27 e 32). E para que não faltasse um só traço a esta grande representação típica, temos ainda o remédio para os gentios poderem entrar no fim da colheita e respigar os campos de Israel (versículo 22). Tudo isto torna o quadro divinamente perfeito e desperta no coração de todos aqueles que amam as Escrituras uma profunda admiração. Poderá haver alguma coisa mais

completai O sangue do Cordeiro e a santidade prática baseados nela; a ressurreição de Cristo de entre os mortos e Sua assunção ao céu; a descida do Espírito Santo, em todo o poder do Pentecostes, para formara Igreja; o despertar do remanescente, seu arrependimento e restauração; a bênção do "pobre e do estrangeiro"; a manifestação da glória; e o descanso e a bem-aventurança do reino. Estas são as coisas que este maravilhoso capítulo contém, e a cujo exame pormenorizado vamos agora proceder. Que Deus Espírito Santo seja o nosso Mestre!

"Depois, falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: As solenidades do SENHOR, que convocareis, serão santas convocações; estas são as minhas solenidades. Seis dias obra se fará, mas ao sétimo dia será o sábado do descanso, santa convocação; nenhuma obra fareis; sábado do SENHOR é, em todas as vossas habitações".

O lugar dado aqui ao sábado é cheio de interesses. O Senhor ia dar uma figura de todas as Suas ações em graça com o Seu povo; e, antes de o fazer, apresenta o sábado como a expressão significativa do descanso que resta para o povo de Deus. Era uma festa que devia ser observada por Israel, mas era também uma figura do que ainda há - de vir, quando toda essa obra grande e gloriosa prefigurada neste capítulo há - de ser cumprida. E o descanso de Deus, no qual podem entrar agora, em espírito, todos os que crêem; mas cujo pleno cumprimento ainda não chegou (Hb 4). Agora trabalhamos. Descansaremos dentro em pouco. Em certo sentido o crente entra no descanso; noutro, trabalha para entrar nele. Encontrou o seu descanso em Cristo; esforça-se por entrar no seu repouso em glória. Encontrou o seu pleno repouso mental em tudo que Cristo fez por ele, e o seu olhar repousa sobre esse sábado eterno em que entrará quando todos os seus trabalhos e conflitos do deserto tiverem acabado. Não pode descansar no meio de uma cena de pecado e miséria. Descansa em Cristo, o Filho de Deus, que "tomou a forma de servo". E, enquanto assim descansa, é chamado para trabalhar como obreiro com Deus, na plena certeza de que, quando o seu labor tiver terminado, gozará de repouso eterno e permanente nessas mansões de luz inalterável e de pura felicidade em que o labor e a tristeza não entrarão.

Bendita perspectiva! Que possa bilhar mais e mais cada hora que passa ante a visão da fé! Possamos nós trabalhar, trabalhar para entrar nele. Encontrou o seu descanso final! E verdade que há gozo antecipado deste sábado eterno; porém apenas nos faz desejar com mais ardor a bendita realidade, essa "santa convocação", que não se dissolverá nunca.

Já temos observado que o sábado ocupava um lugar aparte e

independente neste capítulo. Isto é evidente pelas palavras do versículo quatro, onde o Senhor parece começar de novo com a expressão: "Estas são as solenidades do SENHOR", como para distinguir o sábado das sete festas que se seguem, ainda que é, em realidade, o tipo do repouso a que essas festas introduzem a alma.

A Páscoa

"Estas são as solenidades do SENHOR, as santas convocações, que convocareis no seu tempo determinado: no mês primeiro, aos catorze do mês, pela tarde, é a Páscoa do SENHOR" (versículos 4 e 5). Aqui temos, pois, a primeira das sete solenidades periódicas — a oferta do cordeiro da páscoa cujo sangue havia ocultado o Israel de Deus da espada do anjo destruidor na terrível noite em que os primogênitos do Egito foram abatidos. E o reconhecido tipo da morte de Cristo; e, por isso, o seu lugar neste capítulo é próprio. É a base de tudo. Nada podemos saber de repouso, santidade, comunhão, salvo sobre a base da morte de Cristo.

É interessante e admirável observar que logo que se fala do repouso de Deus o assunto de que se trata imediatamente é o sangue do cordeiro da páscoa. Era como se dissesse: "Existe repouso, mas aqui está o vosso *direito* a ele". Sem dúvida, o labor faz-nos-á *capazes* de gozar o repouso, mas é o sangue que nos *dá direito* a gozar do repouso.

A Festa dos Pães Asmos

"E aos quinze dias deste mês é a festa dos Asmos do SENHOR: sete dias comereis asmos; no primeiro dia, tereis santa convocação; nenhuma obra servil fareis; mas sete dias oferecereis oferta queimada ao SENHOR; ao sétimo dia haverá santa convocação; nenhuma obra servil fareis" (versículos 6 a 8). O povo está reunido aqui na presença do Senhor naquela santidade prática que é baseada na redenção efetuada; e, enquanto estão assim reunidos, o odor fragrante do sacrificio sobe do altar de Israel ao trono do seu Deus. Isto oferece-nos uma bela representação da santidade que Deus procura na vida dos Seus remidos. É baseada no sacrificio e sobe intimamente ligada com a aceitação da fragrância da Pessoa de Cristo. "Nenhuma *obra servil* fareis. Mas... oferecereis *oferta queimada* ao SENHOR". Que contraste! A obra servil das mãos do homem e o bom odor do sacrificio de Cristo! A santidade prática do povo de Deus não é labor servil. É a viva manifestação de Cristo neles por intermédio do Espírito Santo.

"Para mim o viver é Cristo". Esta é a verdadeira idéia. Cristo é a nossa vida; e toda a manifestação dessa vida está, no juízo divino, impregnada da fragrância de Cristo. Isto pode parecer um

assunto insignificante ao homem, mas visto ser um reflexo da vida de Cristo é infinitamente precioso para Deus. Sobe para Ele e não pode ser esquecido. "Os frutos de justiça, que são por Jesus Cristo", são produzidos na vida do crente, e nenhum poder da terra ou do inferno pode impedir que a sua fragrância suba ao trono de Deus.

E necessário ponderar seriamente o contraste entre "obra servil" e a manifestação da vida de Cristo. O tipo é admirável. Cessava todo o trabalho manual na assembléia; mas o odor suave da oferta queimada subia para Deus. Estas eram as duas grandes características da festa dos asmos. Cessava o labor do homem, e o perfume do sacrificio subia como tipo de santidade prática da vida do crente. Que resposta convincente temos aqui para o legalista, por um lado, e para o antinomianista, por outro! O primeiro é reduzido ao silêncio pelas palavras "nenhuma obra servil fareis"; e o último é confundido pela expressão "oferecereis oferta queimada ao Senhor". As obras esmeradas do Homem são "servis", mas o menor racimo de "frutos de justiça" é glória e honra de Deus. Durante todo o período da vida do crente não deve haver nenhuma obra servil; nada que tenha os elementos odiosos e degradantes do legalismo. Deve haver somente a apresentação contínua da vida de Cristo, operada e desenvolvida pelo poder do Espírito Santo. Durante os "sete dias" da segunda solenidade de Israel não devia haver "fermento", porém, em vez disso, o cheiro suave da "oferta queimada" devia ser apresentado ao Senhor. Possamos nós compreender inteiramente esta admirável e instrutiva figura!

A Festa das Primícias

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra, que vos hei de dar, e segardes a sua sega, então, trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote; e ele moverá o molho perante o SENHOR, para que sejais aceitos; ao seguinte dia do sábado, o moverá o sacerdote. E, no dia em que moverdes o molho, preparareis um cordeiro sem mancha, de um ano, em holocausto ao SENHOR. E sua oferta de manjares serão duas dízimas de flor de farinha, amassada com azeite, para oferta queimada em cheiro suave ao SENHOR, e a sua libação de vinho, o quarto de um him. E não comereis pão, nem trigo tostado, nem espigas verdes, até àquele mesmo dia em que trouxerdes a oferta do vosso Deus; estatuto perpétuo é por vossas gerações, em todas as vossas habitações" (versículos 9 a 14).

"Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito *as primícias* dos que dormem" (1 Co 15-20). A formosa ordenação da

apresentação do molho das primícias tipificava a ressurreição de Cristo, que, "No fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana", saiu triunfante do túmulo, tendo cumprido a obra gloriosa da redenção. A Sua ressurreição foi "*de entre os mortos*"; e nela temos a garantia e o tipo da ressurreição do Seu povo. "Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda". Quando Cristo vier o Seu povo será "ressuscitado de entre os mortos" (*ek nekron*), quer dizer, aqueles de entre eles que dormem em Jesus. "Mas os outros mortos não reviveram até que os mil anos se acabaram" (Ap 20:5). Quando imediatamente depois da transfiguração nosso bendito Senhor falou da Sua ressurreição "*de entre os mortos*", os discípulos interrogaram-se sobre o que isso queria dizer (veja-se Mc 9). Todo o judeu ortodoxo acreditava na doutrina da "ressurreição dos mortos" (*anastasis nekron*). Mas a idéia de uma "ressurreição *de entre os mortos*" (*anastasis ek nekron*) não podia ser compreendida pelos discípulos; e, sem dúvida, muitos discípulos desde então têm tido grande dificuldade a respeito de um ministério tão profundo.

Contudo, se o leitor estudar devotamente e comparar 1 Coríntios 15 e 1 Tessalonicenses 4:13-18, encontrará preciosas instruções sobre esta verdade tão interessante como prática. Pode também ler Romanos 8:11 em relação com aquelas passagens. "E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus, habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo, também viverá os vossos corpos mortais pelo seu Espírito que em vós habita". Segundo estas passagens vê-se que a ressurreição da Igreja verificar-se-á segundo o mesmo princípio da ressurreição de Cristo. Ambos, a Cabeça e o corpo, são ressuscitados "dos mortos". O primeiro molho e as gabelas que seguem depois são moralmente juntos.

Deve ser evidente para qualquer pessoa que ponderar cuidadosamente o assunto, à luz das Escrituras, que existe uma diferença essencial entre a ressurreição do crente e a ressurreição dos incrédulos. Uns e outros ressuscitarão; porém Apocalipse 20:5 demonstra que haverá um período de mil anos entre as duas ressurreições, de forma que elas diferem tanto em princípio como quanto à época. Alguns têm achado dificuldade com referência a este assunto, devido ao fato de que, em João 5:28, o Senhor fala da "*hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz*". "Como", pode perguntar-se, "pode haver um intervalo de mil anos entre as duas ressurreições quando é dito que as duas ocorrem numa hora?" A resposta é muito simples. Em versículo 28, fala-se da vivificação das almas mortas como tendo lugar numa "hora"; e esta obra tem continuado por mais de mil e oitocentos anos. Ora, se um período de cerca de *dois* mil anos pode ser

representado pela palavra "hora", que objeção pode fazer-se à idéia de *mil* anos estarem representados do mesmo modo? Nenhuma, seguramente, sobretudo quando está expressamente declarado que "Os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram".

Além disso, quando vemos que se menciona uma "*primeira* ressurreição", não é evidente que nem todos serão ressuscitados ao mesmo tempo? Porque falar de uma "primeira" ressurreição se há só uma?? Poderá dizer-se que "a primeira ressurreição" se refere à alma; mas onde se encontra na Escritura a base para esta afirmação? O fato solene é este: quando a "voz de arcanjo" e a "trombeta de Deus" se fizerem ouvir, os remidos que dormem em Jesus serão ressuscitados para o encontrarem em glória. Os pecadores mortos, quem quer que sejam, desde os dias de Caim, permanecerão nas suas sepulturas durante os mil anos de bem-aventurança milenial; e no fim desse brilhante e feliz período sairão para comparecer diante do "grande trono branco" para ali serem "julgados segundo as suas obras" e para passarem do trono do juízo ao lago de fogo.

Que terrível pensamento!

Oh, prezado leitor, em que estado se encontra a sua alma preciosa¹?! Tem visto, pela fé, o sangue do Cordeiro da páscoa derramado para sua proteção nessa hora terrível? Tem visto o precioso molho de primícias colhido e recolhido no celeiro celestial, como penhor de que também a sua recolha será feita em devido tempo? Estas interrogações são profundamente solenes. Não devem ser postas de parte. Certifique-se *agora* de que está sob o abrigo do sangue de Jesus. Lembre-se de que não pode rebuscar tanto como uma simples espiga nos campos da redenção antes de ver a verdadeira gabela movida perante o Senhor.

"E não comereis pão, nem trigo tostado, nem espigas verdes, até àquele mesmo dia em que trouxerdes a oferta do vosso Deus". A colheita não podia ser tocada antes de terem sido oferecidas as primícias e com elas um holocausto e uma oferta de manjares.

A Festa de Pentecostes (ou: das Semanas)

"Depois, para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão. Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então, oferecereis nova oferta de manjares ao SENHOR. Das vossas habitações trareis dois pães de movimento; de duas dízimas de farinha serão, levedados se cozerão; primícias são ao SENHOR" (versículos 15a 17). Esta é a festa do pentecostes—figura do povo de Deus reunido pelo Espírito Santo e apresentado perante Ele, em conexão com toda a

preciosidade de Cristo. Na páscoa temos representada a morte de Cristo; no molho das primícias vemos a ressurreição de Cristo; e na festa do pentecostes temos a descida do Espírito Santo para formar a Igreja. Tudo isto é divinamente perfeito. A morte e ressurreição de Cristo tinham de ser cumpridas, antes que a Igreja pudesse ser formada.

E note-se a expressão "*levedados se cozerão*". Porque deviam os dois pães ser cozidos com fermento. Porque tipificavam os que, embora cheios do Espírito Santo e dotados com os Seus dons e graça, tinham, todavia, *mal* em si mesmos. A assembléia, no dia de pentecostes, desfrutava por completo os benefícios do sangue de Cristo, e estava adornada com os dons do Espírito Santo; mas havia também nela mal. O poder do Espírito Santo não podia evitar que o mal estivesse entre o povo de Deus. O mal podia ser combatido e ocultado; mas ainda assim estava ali. Este fato é representado em figuras pelo fermento nos dois pães; e é encontrada a sua expressão na história da Igreja; porque, apesar de Deus o Espírito Santo estar presente na Assembléia, a carne manifesta-se também mentindo-lhe. A carne é carne, e dela não poderá jamais fazer-se outra coisa. O Espírito Santo não desceu, no dia de pentecostes, para melhorara natureza humana ou acabar com a realidade do mal nela, mas, sim, para batizar os crentes em um corpo e ligá-los com a Cabeça que vive no céu.

Já fizemos alusão, no capítulo que trata do sacrifício pacífico, ao fato que o fermento era permitido em relação com esse sacrifício. Por este meio Deus reconhecia a existência de mal no adorador. Assim é também na ordenação dos "dois pães de movimento"; deviam ser cozidos com *fermento*, devido ao *mal* no antítipo.

Mas, bendito seja Deus, se a existência do mal era divinamente reconhecida, também era feita provisão do remédio. Isto dá paz e consolação à alma. E consolador saber que Deus conhece o pior que há em nós; e, além disso, que deu o remédio, segundo o *Seu* conhecimento, e não apenas segundo *o nosso*.

"Também *com o pão* oferecereis sete cordeiros *sem mancha*, de um ano, e um novilho, e dois carneiros; holocausto serão ao SENHOR, com a sua oferta de manjares e as suas libações, por oferta queimada de cheiro suave ao SENHOR" (versículo 18).

Portanto, temos aqui, em imediata ligação com os pães levedados, a oferta de um sacrifício sem mancha, tipificando a verdade muito importante de que é a perfeição de Cristo e não a nossa iniquidade que está sempre perante os olhos de Deus. Observe-se especialmente as palavras "também *com o pão* oferecereis sete cordeiros *sem mancha*". Que preciosa verdade! Eminentemente preciosa, ainda que revestida de formas típicas.

Possa o leitor compreendê-la, apropriar-se dela, fazer dela o apoio da sua consciência, o alimento e refrigério de seu coração, e as delícias da sua alma; e dizer: Não eu, mas Cristo.

Dir-se-á que o fato de Cristo ser o Cordeiro imaculado não basta para tirar o peso de culpa de uma consciência manchada— que uma oferta de cheiro suave não aproveitaria, em si, ao pecador culpado. Pode apresentar-se esta objeção; porém ela é não só contestada como desfeita pelo símbolo que estamos a analisar. Em boa verdade, que um Holocausto não teria bastado havendo "fermento"; e por isso lemos: "Também oferecereis um bode para *expição do pecado* e dois cordeiros de um ano por sacrificio pacífico" (versículo 19). A "expição do pecado" era a resposta ao "fermento" nos pães — firmava-se "a paz" de forma que podia gozar-se de comunhão, e subia em imediata conexão com o "cheiro suave" do "holocausto" para o Senhor.

Assim, no dia de pentecostes a Igreja foi apresentada em todo o valor e excelência de Cristo pelo poder do Espírito Santo. Embora tendo em si mesma o fermento da velha natureza, esse fermento não era tido em conta, porque a divina expiação do pecado tinha respondido por ele. O poder do Espírito Santo não tirava o fermento, mas o sangue do Cordeiro de Deus tinha feito expiação pelo mal nele representado. É uma distinção das mais importantes e ao mesmo tempo interessantes. A obra do Espírito no crente não tira o mal que nele habita. Torna-o capaz de detectar, de julgar e de dominar o mal, mas não há poder espiritual que possa anular o fato de que o mal existe nele — embora, bendito seja Deus, a consciência esteja perfeitamente em paz, visto que o sangue da expiação do pecado resolveu para sempre toda a questão; e, portanto, Deus, em vez de ter presente o nosso mal, afastou-o da vista para sempre, e nós somos aceitos em Cristo, que se ofereceu a Si mesmo a Deus em sacrificio de cheiro suave, para poder glorificá-Lo perfeitamente em todas as coisas e ser para sempre o alimento do Seu povo.

Dissemos o bastante sobre o pentecostes — depois do qual desliza um longo período sem que haja qualquer movimento entre o povo. Há contudo uma alusão ao "pobre e estrangeiro" nesta bela ordenação que temos considerado em seu aspecto moral. Aqui podemos considerá-la sob o ponto de vista dispensacional. "E, quando segardes a sega da vossa terra, não acabarás de segar os cantos do teu campo, nem colherás as espigas caídas da tua sega; para o pobre e para o estrangeiro as deixarás. Eu sou o SENHOR, VOSSO Deus" (versículo 22). Aqui é determinado que todo o estrangeiro possa respigar nos campos de Israel. Os gentios são introduzidos para participar da bondade superabundante de Deus. Quando os celeiros e lagares de Israel estiverem cheios,

haverá preciosas gabelas e ricos cachos para que os gentios os possam colher.

Não devemos contudo supor que as bênçãos espirituais com que a Igreja é dotada nos lugares celestiais com Cristo são representadas pela figura de um estrangeiro rebuscando espigas nos campos de Israel. Estas bênçãos são tão novas para os descendentes de Abraão como para os gentios. Não são as espigas de Canaã, mas as glórias do céu — as glórias de Cristo. A Igreja não é apenas abençoada *por* Cristo, mas *com* Cristo e *em* Cristo. A noiva de Cristo não terá que ir, como um estrangeiro, rebuscar as espigas e os cachos nos campos e vinhedos de Israel. Não; ela tem maiores bênçãos, mais rico gozo, dignidades mais elevadas do que Israel jamais conheceu. Não tem de rebuscar como um estrangeiro na terra, mas sim de gozar a sua riqueza e feliz morada no céu a que pertence. Estas são "as melhores coisas" que Deus tem, em Sua graça e sabedoria, "preparado" para ela. Sem dúvida, será um feliz privilégio para "o estrangeiro" poder respigar depois de terminada a ceifa de Israel; porém a parte da Igreja é incomparavelmente melhor, como é ser a noiva do Rei de Israel, que compartilha do Seu trono, tem parte nas Suas honras e glória; ser semelhante a Ele e estar com Ele para sempre. As moradas eternas da casa do Pai nas alturas, e não os rincões sem espigas dos campos de Israel, são a porção da Igreja. Conservemos isto sempre em nosso espírito para podermos viver de uma maneira digna de tão nobre e santo destino!

A Festa das Trombetas (Números 29:1)

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, dizendo: No mês sétimo, ao primeiro do mês, tereis descanso, memória de jubilação, santa convocação. Nenhuma obra servil fareis, mas ofereceis oferta queimada ao SENHOR" (versículos 23-25).

As palavras "E falou o SENHOR a Moisés" servem de introdução a outro assunto, que, diga-se de passagem, é de grande utilidade na classificação dos assuntos de todo o capítulo. Assim, o sábado, a páscoa, e a festa dos asmos são dados na primeira comunicação. O molho das primícias da sega, os dois pães de movimento, os cantos do campo por segar são mencionados na segunda parte; depois segue-se um longo intervalo durante o qual nada se diz, e então vem a comovedora festa das trombetas, no primeiro dia do sétimo mês. Esta ordenação conduz-nos ao tempo que rapidamente se acerca de nós, em que o remanescente de Israel "tocar a trombeta" para memorial, recordando a sua glória desde há longo tempo perdida, e despertando em busca do Senhor.

O Dia da Expição

A festa das trombetas está intimamente ligada com outra solenidade, isto é, "o dia da expiação". "Mas, aos dez deste mês sétimo será o Dia da Expição; tereis santa convocação, e afligireis a vossa alma; e oferecereis oferta queimada ao Senhor. E, naquele mesmo dia, nenhuma obra fareis, porque é o Dia da Expição, para fazer expiação por vós, perante o SENHOR, vosso Deus... sábado de descanso vos será; então, afligireis a vossa alma; aos nove do mês, à tarde, de uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado" (versículos 27-32). Assim, depois do toque das trombetas segue-se um intervalo de oito dias, e então temos o dia da expiação, com o qual estas coisas estão relacionadas, isto é, aflição da alma, expiação do pecado, e descanso do labor. Todas estas coisas encontrarão em breve o seu próprio lugar na experiência do remanescente judeu. "Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos" (Jr 8:20). Tal será a comovedora lamentação do remanescente quando o Espírito de Deus tiver tocado os seus corações e consciências:"... e olharão para mim, a quem traspassaram; e o prantearão como quem pranteia por um unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia, será grande o pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimmon no vale de Megido. E a terra pranteará, cada linhagem à parte" (Zc 12:10-14).

Que profundo pranto, que intensa aflição, que verdadeira penitência haverá quando, sob a poderosa ação do Espírito Santo, a consciência do remanescente relembrar os pecados do passado, a indiferença pelo sábado, a transgressão da lei, o apedrejamento dos profetas, a crucifixão do Filho e a resistência ao Espírito! Todas estas coisas se apresentarão ante a consciência iluminada e exercitada e produzirão uma profunda aflição da alma.

Mas o sangue de expiação responderá por tudo." Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém contra o pecado e contra a impureza" (Zc 13:1). Ser-lhes-á concedido sentir a sua culpa e serem afligidos e serão também levados a ver a eficácia do sangue e a achar paz perfeita — um sábado de descanso para as suas almas.

Ora, quando tais resultados tiverem sido verificados na história de Israel, dos últimos dias, o que devemos nós esperara Certamente, A GLÓRIA. Quando tiver sido removida "a cegueira" e "o véu" for tirado, quando o coração do remanescente se voltar para o Senhor, então os brilhantes raios do "Sol da Justiça" incidirão, trazendo saúde, restauração e poder libertador, sobre um pobre povo, verdadeiramente arrependido e aflito.

Seria necessário todo um volume para tratar este assunto com todos os pormenores. As experiências, lutas, provações e dificuldades e por fim as bênçãos do remanescente estão amplamente descritas nos Salmos e nos Profetas. A existência de um tal corpo deve ser claramente reconhecida antes de se poder estudar os Salmos e os Profetas inteligentemente e com proveito. Não quer dizer que não possamos aprender muito com essas porções de inspiração, porque "toda a Escritura é proveitosa". Mas a maneira mais segura de fazer um bom uso de qualquer porção da Palavra de Deus é compreender bem a sua aplicação primária. Se, portanto, aplicarmos à Igreja ou corpo celestial as passagens que se referem, rigorosamente falando, ao remanescente judeu ou corpo terrestre, seremos envolvidos em graves erros tanto a respeito de um como do outro. De fato, acontece em muitos casos, que a existência de um tal corpo como o remanescente é completamente ignorada, e a verdadeira posição e esperança da Igreja são inteiramente perdidas de vista. Estes erros são graves e o leitor deve evitá-los. Não suponha, nem por um momento, que são meras especulações próprias para ocupar a atenção dos curiosos, sem qualquer poder prático. Não pode haver suposição mais falsa. O quê? Não tem importância sabermos se pertencemos ao céu ou à terra? Não importa saber se estaremos em descanso nas mansões celestiais ou passando pelos juízos do Apocalipse na terra? Quem pode admitir uma idéia tão extravagante? A verdade é que não é fácil encontrar verdades mais práticas do que a que descreve os destinos do remanescente terrestre e da Igreja celestial. Não prosseguirei com o assunto; mas o leitor o encontrará merecedor de estudo atento e profundo. Terminaremos esta parte com uma vista de olhos à festa dos tabernáculos — a última das solenidades do ano judeu.

A Festa dos Tabernáculos

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo-. Fala aos filhos de Israel, dizendo: Aos quinze dias deste mês sétimo, será a festa dos tabernáculos ao SENHOR, por sete dias... Porém, aos quinze dias do mês sétimo, quando tiverdes recolhido a novidade da terra, celebrareis a festa do SENHOR, por sete dias; ao dia primeiro haverá descanso, e ao dia oitavo haverá descanso. E, ao dia primeiro, tomareis para vós ramos de formosas árvores, ramos de palmas, ramos de árvores espessas e salgueiros de ribeiras; e vos alegrareis perante o SENHOR vosso Deus, por sete dias. E celebrareis esta festa ao SENHOR, por sete dias cada ano; estatuto perpétuo é pelas vossas gerações; no mês sétimo, a celebrareis. Sete dias habitareis debaixo de tendas; todos os naturais em Israel habitarão em tendas; para que saibam as vossas gerações

que eu fiz habitar os filhos de Israel em tendas, quando os tirei da terra do Egito. Eu sou o SENHOR vosso Deus" (versículos 33-43).

Esta festa nos mostra a glória de Israel nos últimos dias, e portanto forma o mais belo e apropriado remate na série de festas. A ceifa estava feita, tudo estava feito, os celeiros estavam amplamente fornecidos, e o Senhor queria que o Seu povo desse expressão à sua alegria. Mas, infelizmente, parecem ter tido pouca vontade de compreender os pensamentos divinos a respeito desta deliciosa ordenação. Esqueceram o fato que haviam sido estrangeiros e peregrinos em terra estranha, e daí o longo olvido desta festa. Desde os dias de Josué ao tempo de Neemias, a festa dos tabernáculos não havia sido celebrada uma só vez. Estava reservado ao remanescente que veio do cativeiro de Babilônia fazer o que nem sequer nos dias brilhantes de Salomão havia sido feito. "E toda a congregação dos que voltaram do cativeiro fizeram cabanas e habitaram nas cabanas; porque nunca fizeram os filhos de Israel, desde os dias de Josué, filho de Num, até àquele dia; e houve muita alegria" (Ne 8:17). Quão consoladora deveria ter sido para aqueles que tinham pendurado as suas harpas nos salgueiros da Babilônia encontrarem-se à sombra dos salgueiros de Canaã! Era uma agradável antecipação daquele tempo de que a festa dos tabernáculos era um tipo, quando as tribos restauradas de Israel repousarão nas cabanas mileniais que a mão fiel do Senhor levantará para eles na terra que jurou havia de dar a Abraão e aos seus descendentes para sempre! Feliz momento quando os celestiais e os terrestres se encontrarem, como dá a entender "o primeiro dia" e "o oitavo dia" da festa dos tabernáculos! "E acontecerá naquele dia que eu responderei, diz o SENHOR, eu responderei aos céus, e estes responderão à terra. E a terra responderá ao trigo e ao mosto e ao óleo; e estes responderão a Jezreel" (Os2:21-22).

Existe no último capítulo de Zacarias uma formosa passagem que prova claramente que a verdadeira celebração da festa dos tabernáculos pertence à glória dos últimos dias. "E acontecerá que, todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorarem o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e celebrarem a festa das cabanas" (Zc 14:16). Que cena! Quem ousará tirar-lhe a sua beleza característica por um vago sistema de interpretação chamado espiritual? Seguramente, Jerusalém quer dizer Jerusalém, nações quer dizer nações; e a festa dos tabernáculos significa festa dos tabernáculos. Há nisto alguma coisa incrível? Nada, seguramente, salvo para a razão humana que rejeita tudo que está fora do seu limitado alcance. A festa dos tabernáculos será ainda celebrada na terra de Canaã e as nações dos salvos subirão ali para tomar parte

nas suas santas e gloriosas solenidades. As guerras de Jerusalém terão então terminado, e será posto fim ao estrondo das batalhas. A espada e a lança serão transformadas em instrumentos de agricultura; Israel repousará à sombra refrescante dos seus vinhedos e figueirais; e toda a terra regozijar-se-á no governo do "Príncipe da Paz". Tal é a perspectiva que nos oferecem as inerrantes páginas de inspiração. É prefigurada nos símbolos; os profetas profetizaram-na; a fé crê nela; e a esperança antecipa-a.

NOTA — No final do capítulo lemos. "Assim, pronunciou Moisés *as solenidades do SENHOR* aos filhos de Israel". Este era o seu verdadeiro caráter, o seu título original; mas no Evangelho de João são chamadas "*festas dos judeus*". Durante longo tempo tinham deixado de ser as festas do Senhor. Ele estava excluído delas. Eles não O queriam; e, por isso, em João 7, quando Jesus foi convidado a subir a Jerusalém à "*feira dos judeus*", "*a dos tabernáculos*", Ele respondeu, dizendo: "Ainda não é chegado o meu tempo"; e quando subiu foi "como em oculto" para tomar o Seu lugar fora de todas as cerimônias oficiais, e convidar toda a alma sedenta a vir a Si e beber. Há nisto uma lição solene. As instituições divinas degeneraram rapidamente nas mãos dos homens; mas, quão bem-aventurada coisa é saber que a alma sequiosa que sente a secura e aridez relacionadas com um sistema de vazia religiosidade e formalidade só tem que refugiar-se em Jesus e beber de graça da Sua fonte inesgotável e desta forma tornar-se um meio de bênção para outros.

ISRAEL É CONSERVADO PARA O PAÍS DE CANAÃ

Há neste breve capítulo muitas coisas que devem interessar a mente espiritual. No capítulo 23 temos visto a história do procedimento de Deus para com Israel, desde a oferta do verdadeiro Cordeiro pascal até ao repouso e glória do reino milenial. No capítulo que temos agora perante nós temos duas grandes idéias: primeiro, o testemunho e o memorial das doze tribos (mantidos continuamente diante de Deus pelo poder do Espírito Santo e pela eficácia do sacerdócio de Cristo); e, segundo, a apostasia de Israel segundo a carne e o conseqüente juízo divino. E preciso compreender bem a primeira para poder compreender a segunda.

O Azeite para a Luminária, para Acender as Lâmpadas Continuamente

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Ordena aos filhos de Israel que te tragam azeite de oliveira, *puro, batido*, para a luminária, para acender as lâmpadas *continuamente*. Arão as porá em ordem perante o SENHOR, *continuamente, desde a tarde até à manhã*, fora do véu do testemunho, na tenda da congregação; estatuto perpétuo é, pelas vossas gerações. Sobre o castiçal puro porá em ordem as lâmpadas, perante o SENHOR *continuamente*" (versículos 1-4).

O "azeite puro" representa a graça do Espírito Santo, baseada na obra de Cristo, representada por sua vez pelo castiçal de "ouro batido". A "azeitona" era *moída* para dar o "azeite", e o outro era *"batido"* para formar o castiçal. Por outras palavras, a graça e luz do Espírito estão baseadas na morte de Cristo e mantidas, com clareza e poder, pelo sacerdócio de Cristo. A lâmpada de ouro espalhava a sua luz em todo o recinto do santuário, durante as tristes horas da noite, quando as trevas cobriam toda a nação e todos estavam envolvidos no sono. Em tudo isto temos uma intensa representação da fidelidade de Deus para com o Seu povo, qualquer que pudesse ser a sua condição exterior. As trevas e a sonolência podiam estender-se sobre eles, mas a lâmpada devia arder "continuamente". O sumo sacerdote tinha a responsabilidade de velar para que a luz do testemunho ardesse durante as horas enfadonhas da noite, "Arão as porá em ordem, perante o Senhor, continuamente, desde a tarde até à

manhã, fora do véu do testemunho, na tenda da congregação". A conservação desta luz não dependia de Israel. Deus havia ordenado alguém cujo dever era velar por ela e pô-la em ordem continuamente.

A Unidade do Povo de Israel

Mais adiante lemos: "Também tomaras da flor de farinha e dela cozerás doze bolos; cada bolo será de duas dízimas. E os porás em duas fileiras, seis em cada fileira, sobre a mesa *pura*, perante o SENHOR. E sobre cada fileira porás incenso/wo, que será, para o pão, por oferta memorial; oferta queimada é, ao SENHOR. Em cada dia de sábado, isto se porá em ordem perante o SENHOR, continuamente, pelos filhos de Israel, por concerto perpétuo. E será de Arão e de seus filhos, os quais o comerão no lugar santo, porque uma coisa santíssima é para eles, das ofertas queimadas ao SENHOR, por estatuto perpétuo" (versículos 5-9).

Não se menciona o fermento nestes pães. Não tenho dúvidas que representam Cristo em imediata relação com "as doze tribos de Israel". Estavam expostos no santuário perante o Senhor, sobre a mesa pura, durante sete dias, depois dos quais eram alimento para Arão e seus filhos, oferecendo outra figura notável da condição de Israel aos olhos do Senhor, qualquer que fosse o seu aspecto exterior. As doze tribos estão continuamente diante d'Ele. O memorial jamais pode perecer. Estão colocadas em ordem divina no santuário, cobertas com o incenso fragrante de Cristo, e refletem desde a mesa pura os raios resplandecentes da lâmpada de ouro, que brilha, com inalterável brilho, durante as horas mais sombrias da noite moral da nação.

Convém certificarmo-nos de que não sacrificamos um juízo são ou verdade divina no altar da fantasia, quando ousamos interpretar deste modo os utensílios místicos do santuário. Em Hebreus 9 temos o ensino de que todas estas coisas eram "figuras das coisas que estão no céu"; e em Hebreus 10:1 que são "a sombra dos bens futuros". Estamos, pois, autorizados para crer que há "coisas que estão no céu" que correspondem às "figuras" — que existe uma substância que corresponde à "sombra". Numa palavra, estamos autorizados para crer que há "nos céus" alguma coisa que corresponde às "sete lâmpadas", "a mesa pura" e os "doze pães". Isto não é imaginação humana, mas, sim, verdade divina de que a alma se alimenta, em todos os tempos.

Que significava o altar de Elias formado por "doze pedras", no monte Carmelo? Não era nada menos que a expressão da sua fé na verdade que os "doze pães" eram "figuras" ou "sombrias". Elias cria na unidade indissolúvel da nação mantida perante Deus na estabilidade eterna da promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó,

qualquer que fosse a condição externa da nação. O homem podia procurar em vão a unidade visível das doze tribos; mas a fé podia sempre ver no recinto sagrado do santuário os doze pães cobertos com o incenso puro e exposto em ordem perfeita sobre a mesa pura; e ainda que tudo fora estivesse envolto em densas trevas, a fé discernia, à luz das *sete* lâmpadas de ouro, a mesma verdade fundamental prefigurada; isto é, a unidade indissolúvel das doze tribos de Israel.

Assim era, então; e assim é agora. A noite é escura e triste. Não há, em todo este mundo, um só raio de luz pelo qual a mente humana possa distinguir a unidade das tribos de Israel. Estão dispersas entre as nações e perdidas para a visão do homem. Porém o seu memorial está perante o Senhor. A fé reconhece isto porque sabe que "todas as promessas de Deus são sim e amém em Cristo Jesus". Vê no santuário do alto, à luz perfeita do Espírito, as doze tribos fielmente lembradas. Escute-se estes nobres acentos da fé: "E agora pela esperança da promessa, que por Deus foi feita a nossos pais, estou aqui e sou julgado. A qual as nossas doze *tribos* esperam e desviará de Jacó as impiedades. E este será o meu concerto com eles, quando eu tirar os seus pecados. Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento. Porque assim como vós também, antigamente fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também estes, agora, foram desobedientes para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada. Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência para com todos usar de misericórdia. O profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, cômoda ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém" (Rm 11:25-36).

Poderia multiplicar-se as passagens para provar que ainda que Israel esteja sob o juízo de Deus por causa do pecado, "os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento", e que embora o blasfemo seja apedrejado fora do arraial, os doze pães permanecem intactos dentro do santuário. "As vozes dos profetas" declaram e as vozes dos apóstolos repetem a gloriosa verdade que "todo o Israel será salvo"; não porque não hajam pecado, mas porque "os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento". Que os cristãos tenham cuidado com a forma como tratam "as promessas feitas aos pais". Se estas promessas forem mal

aplicadas ou mal expostas, o nosso sentimento moral da integridade divina e exatidão das Escrituras como um todo será infalivelmente enfraquecido. Se uma parte for menosprezada, também o será outra. Se uma passagem for vagamente interpretada, também o será outra; e assim acontecerá que perdemos a certeza bendita que constitui o fundamento do nosso repouso quanto a tudo que o Senhor tem declarado. Mas diremos mais alguma coisa a este respeito quando analisarmos os últimos capítulos deste livro.

CANAÃ É CONSERVADA PARA A CASA DE ISRAEL

"Quando tiverdes entrado na terra"

O leitor encontrará uma íntima relação entre este capítulo e o anterior. Segundo o capítulo 24 sabemos que a casa de Israel é preservada para a terra de Cana. Em capítulo 25 aprendemos que a terra de Cana é preservada para a casa de Israel. Conjuntamente dão-nos o relato de uma verdade que nenhuma potência da terra ou do inferno pode destruir. "Todo o Israel será salvo", e "a terra não será vendida para sempre". A primeira destas declarações expõe um princípio que tem resistido como uma rocha no meio do oceano de interpretações contraditórias: enquanto que a última declara um fato que muitas nações incircuncisas têm tentado, ainda que em vão, ignorar.

O leitor observará, sem dúvida, o modo peculiar como abre este capítulo. "Falou mais o SENHOR a Moisés *no monte de Sinai*". A maior parte das comunicações contidas no Livro de Levítico é caracterizada pelo fato de emanar "do tabernáculo da congregação". Isto se explica facilmente. Essas comunicações tinham uma relação especial com o serviço, comunhão e adoração dos sacerdotes ou com o estado moral do povo, e por isso se faziam, como podia esperar-se, "do tabernáculo da congregação"; esse centro de tudo que dizia respeito, de algum modo, ao serviço sacerdotal. Porém, aqui a comunicação é feita de um ponto muito diferente. "O SENHOR falou a Moisés *no monte de Sinai*". Ora nós sabemos que cada expressão nas Escrituras tem o seu próprio sentido especial, portanto temos motivo para esperar do "Monte de Sinai" um gênero diferente de comunicações daquele que nos chega "do tabernáculo da congregação". E assim é. O capítulo a que temos agora chegado trata dos direitos de Jeová como Senhor de toda a terra. Já não é o culto e a comunhão de uma casa sacerdotal ou a organização interna de uma nação; mas os direitos de Deus em Seu governo, o direito que tem de dar a determinado povo uma certa parte da terra que devem ocupar como Seus usufrutuários. Numa palavra, não é o Senhor "no tabernáculo" — o lugar de *culto*; mas, sim, o Senhor no "Monte de Sinai" — o lugar *de governo*.

O Ano de Descanso

"Falou mais o SENHOR a Moisés no monte de Sinai, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando tiverdes entrado na

terra, que eu vos dou, então, a terra guardará um sábado ao SENHOR. Seis anos semearás a tua terra, seis anos podarás a tua vinha, e colherás a sua novidade. Porém, ao sétimo ano, haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao SENHOR; não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha. O que nascer de si mesmo da tua sega não segará e as uvas da tua vide não tratada, não vindimarás; ano de descanso será para a terra. Mas a novidade do sábado da terra vos será por alimento, a ti, e ao teu servo, e à tua serva, e ao teu jornaleiro, e ao estrangeiro que peregrina contigo; e ao teu gado, e aos teus animais que estão na tua terra, toda a sua novidade será por mantimento" (versículos 1-7).

Aqui temos, pois, a característica especial da terra do Senhor. Queria que ela gozasse um ano sabático e nesse ano devia haver uma prova da rica profusão com que abençoaria os que a ocupavam como seus rendeiros. Felizes esses privilegiados vassallos! Que honra dependerem imediatamente do Senhor! Livres de impostos, encargos ou renda! Deles bem podia dizer-se: "Bem-aventurado o povo a quem assim sucede! Bem-aventurado é o povo cujo Deus é o SENHOR!" (SI 144:15). Sabemos, infelizmente, que Israel falhou em tomar plena posse dessa rica terra que o Senhor lhe dava. Ele dera-a *toda*; dera-a *para sempre*. Eles tomaram apenas *uma parte*, e esta por *algum tempo*. Contudo, a propriedade está ali, embora os rendeiros hajam sido expulsos dela: "... a terra não se venderá em *perpetuidade*, porque *a terra é minha*: pois vós sois estrangeiros e peregrinos comigo".

Que quer isto dizer senão que Cana pertence especialmente ao Senhor e que Ele quer conservá-la por meio das tribos de Israel? Em boa verdade, "a terra é do SENHOR", mas isso é outra coisa muito diferente. É evidente que Lhe aprouve, em Seus propósitos inescrutáveis, tomar posse especialmente do país de Canaan. e submeter este país a um tratamento especial, a fim de o distinguir de todos os outros países, chamando-o propriamente Seu e distinguindo-o com juízos, ordenações e solenidades periódicas, cuja simples contemplação ilumina a inteligência e comove o coração. Onde lemos que haja em toda a terra um país que goze de um ano de ininterrupto repouso — um ano da mais rica abundância? O racionalista pode perguntar: "Como se podem fazer estas coisas?" O céptico pode duvidar que fossem possíveis; mas a fé recebe uma resposta satisfatória dos lábios do Senhor: "Se disserdes: Que comeremos no ano sétimo, visto que não havemos de semear nem colher a nossa novidade? Então, eu mandarei a minha bênção sobre vós no sexto ano, para que dê fruto por três anos. E, no oitavo ano, semeareis, e comereis da colheita velha até ao ano nono; até que venha a sua novidade,

comereis a velha" (versículos 20-22). O homem natural podia dizer: "Que faremos das *nossas sementeiras*?" A resposta de Deus é: "Eu mandarei a *minha bênção*". A bênção de Deus é muito melhor do que a "semeadura" do homem. Não ia deixá-los passar fome no ano sabático. Deviam alimentar-se dos frutos da Sua bênção, enquanto celebravam o Seu ano de repouso — um ano que indicava o sábado eterno que resta para o povo de Deus.

O Ano do Jubileu

"Também contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos, de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos. Então, no mês sétimo, aos dez do mês, farás passar a trombeta do jubileu; no Dia da Expição fareis passar a trombeta por toda a vossa terra" (versículos 8 - 9). É muito interessante notar as diversas maneiras em que estava prefigurado na economia Judaica o repouso milenial. Cada sétimo dia era um dia sabático; cada sétimo ano era um ano sabático; e ao cabo de sete vezes sete anos havia um jubileu. Cada uma destas solenidades típicas apresenta à vista da fé a perspectiva bendita do tempo em que o labor e a pena cessariam; quando "o suor do rosto" não será mais necessário para satisfazer as necessidades da fome; quando uma terra milenária, enriquecida por abundantes chuvas de graça divina, e fertilizada pelos brilhantes raios do Sol da justiça, verterá a sua abundância nos celeiros e lares do povo de Deus. Ditoso tempo! Feliz povo! Quão bem-aventurada coisa é estar seguro de que estas coisas não são quadros da fantasia ou rasgos da imaginação, mas, sim, verdades substanciais de revelação divina para serem desfrutadas pela fé, que é "O firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem". De entre todas as solenidades judaicas o jubileu parece ter sido a mais comovedora e alegre. Estava intimamente ligada ao grande dia da expiação. Era quando o sangue da vítima era derramado que o som libertador da trombeta do jubileu se fazia ouvir através dos montes e vales da terra de Canaã. Esse som tão desejado tinha o objetivo de despertar a nação do próprio centro do seu ser moral, agitar as maiores profundidades da alma e fazer correr um rio de alegria divina e inefável por toda a largura e comprimento do país. "No dia da expiação fareis soar a trombeta por *toda* a vossa terra". Nem um irmão devia ficar sem ser despertado pelo "som alegre" da trombeta. O aspecto do jubileu era tão vasto como o aspecto da expiação sobre a qual se baseava o jubileu. "E santificareis o ano quinquagésimo e apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores; Ano de Jubileu vos será, e tomareis, cada um à sua possessão, e tomareis cada um, à sua família. O ano

qüinquagésimo vos será jubileu; não semeareis, nem segareis o que nele nascer de si mesmo, nem nele vindimareis as uvas das vides não tratadas. Porque jubileu é, santo será para vós; a novidade do campo comereis. Neste ano do jubileu tomareis cada um à sua possessão" (versículos 10-13).

Todo o povo, em todo o país, quaisquer que fossem as suas condições, podia sentir a santa consoladora influência desta nobre instituição. O exilado regressava ao país; o cativo era libertado; o devedor perdoado; as famílias abriam os seus braços para receber em seu seio os membros há muito tempo afastados; cada herança passava para a posse do seu antigo possuidor. O som da trombeta era o sinal bem-vindo e comovedor para todo o cativo escapar do cativeiro — para o escravo pôr de lado as cadeias da escravidão, para o homicida voltar para casa, e os pobres e arruinados tomarem posse da herança perdida.

Apenas acabava de ecoar pela terceira vez o som alegre da trombeta e já a onda poderosa da bênção se levantava majestosamente para atingir com a sua ondulação os rincões mais afastados da terra favorecida do Senhor.

A Terra (Canaã) é Minha

"E, quando venderdes alguma coisa ao vosso próximo ou a comprardes da mão do vosso próximo, ninguém oprima a seu irmão. Conforme o número dos anos desde o jubileu, comprarás ao teu próximo; e, conforme o número dos anos das novidades, ele venderá a ti. Conforme à multidão dos anos, aumentarás o seu preço; e, conforme à diminuição dos anos, abaixarás o seu preço; porque, conforme o número das novidades, é que ele te vende. Ninguém, pois, oprima ao seu próximo; mas terás temor do teu Deus; porque eu sou o SENHOR VOSSO Deus" (versículos 14-17). O ano do jubileu recordava tanto ao comprador como ao vendedor que a terra pertencia ao Senhor, e não era para ser vendida. "Os frutos" podiam ser vendidos, mas nada mais — o Senhor não podia ceder o país a ninguém. É importante ter isto fixado na mente; porque pode dar-nos uma extensa linha da verdade. Se a terra de Canaã não é para ser vendida, se o Senhor declara que ela Lhe pertence para sempre, então para quem quer Ele que ela seja? Quem deve possuí-la? Aqueles a quem Ele a deu por pacto eterno, para que eles a possuíssem enquanto durar a luta — em todas as gerações.

Não há em toda a terra lugar semelhante a Canaã, segundo o parecer divino. Ali estabeleceu o Senhor o Seu trono e o Seu santuário; ali os Seus sacerdotes oficiavam continuamente perante Ele; ali eram ouvidas as vozes dos Seus profetas denunciando a ruína atual e vaticinando a restauração e glória

futuras. Ali João Batista começou, continuou e acabou a sua carreira como precursor do Messias; ali o bendito Senhor foi "nascido de mulher"; ali foi batizado; ali pregou e ensinou; ali trabalhou e morreu; dali subiu em triunfo para a destra de Deus; para ali desceu Deus o Espírito Santo, em poder, no dia de Pentecostes; dali procedeu a onda superabundante do testemunho de Deus para os confins da terra; para ali descera, dentro em pouco, o Senhor da glória, e porá os Seus pés sobre "o Monte das Oliveiras"; ali será restabelecido e restaurado o Seu culto. Numa palavra, os Seus olhos e o Seu coração estão continuamente postos ali; o Seu pó é precioso à Sua vista; é o centro de todos os Seus pensamentos e ações respeitantes a este mundo; e é Seu propósito fazer dela a jóia de muitas gerações e torná-la eternamente excelente.

É, pois, repito, imensamente importante ter uma nítida compreensão desta linha de verdade a respeito da terra de Canaan. Acerca dessa terra o Senhor tem dito: "E MINHA." Quem Lhe a tomará i Onde está o rei ou imperador, poder humano ou diabólico, que possa arrancar "a terra agradável" à posse do Senhor Onipotente? E verdade que tem sido um pomo de discórdia, um motivo de discussões para todas as nações. Tem sido, e será ainda, teatro e centro de cruéis guerras e efusão de sangue. Mas muito acima do estrépito da batalha e das contendidas das nações estas palavras soam ao ouvido da fé com clareza e poder divinos, *"a terra é minha!"* O Senhor nunca poderá renunciar a esse país nem a essas "doze tribos" mediante as quais deve possuí-lo para sempre. Medite o leitor nisto. Pondere o assunto. Guardemo-nos de todo o vago raciocínio e interpretação duvidosa sobre este assunto. Deus não desprezou o Seu povo nem a terra que jurou Lhe daria por possessão eterna. Os "doze pães" de Levítico são um testemunho daquela afirmação, e o jubileu de Levítico 25 dá testemunho da verdade acerca desta. O memorial das "doze tribos de Israel" está sempre perante o Senhor; e o momento aproxima-se rapidamente em que a trombeta do jubileu soará sobre as montanhas da Palestina. Então, na realidade o cativo largará as cadeias afrontosas com que, durante séculos, tem estado preso. Então os desterrados regressarão à terra feliz da qual têm sido por tanto tempo exilados. Então será cancelada toda a dívida, desaparecerá todo o jugo e será enxugada toda a lágrima. "Porque assim diz o SENHOR: Eis que estenderei sobre ela (Jerusalém) a paz, como um rio, e a glória das nações, como um ribeiro que transborda; então, mamareis, ao colo vos trarão e sobre os joelhos vos afagarão. Como alguém sua mãe consola a quem, assim eu vos consolarei; e em que Jerusalém vós sereis consolados. Isso vereis, e alegrar-se-á o vosso coração, e os vossos

ossos reverdecirão como a erva tenra; então, a mão do SENHOR será notória aos seus servos, e ele se indignará contra os seus inimigos. Porque eis que o SENHOR virá em fogo; e os seus carros, como um torvelinho, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo. Porque, com fogo e com a sua espada, entrará o SENHOR em juízo com toda a carne; e os mortos do SENHOR serão multiplicados.... porque conheço as suas obras e os seus pensamentos! O tempo vem, em que ajuntarei todas as nações e línguas; e virão e verão a minha glória. E porei entre eles um sinal e os que deles escaparem enviarei às nações, a Társis, Pul e Lude, flecheiros, a Tubal e Javã, até às ilhas de mais longe que não ouviram a minha fama, nem viram a minha glória; e anunciarão a minha glória entre as nações. E trarão todos os vossos irmãos, dentre todas as nações, por presente ao SENHOR, sobre cavalos, e em carros, e em liteiras, e sobre mulas, e sobre dromedários, ao meu santo monte, a Jerusalém, diz o SENHOR, como quando os filhos de Israel trazem as suas ofertas em vasos limpos à Casa do SENHOR. E também deles tomarei a alguns para sacerdotes e para levitas, diz o SENHOR. Porque, como os céus novos e a terra nova que hei de fazer estarão diante da minha face, diz o SENHOR, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome. E será que, desde uma Festa da Lua Nova até à outra e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR" (Is 66:12-23).

E agora consideremos por um momento o efeito prático do jubileu. "E, quando venderdes alguma coisa ao vosso próximo ou a comprardes da mão do vosso próximo, ninguém oprima a seu irmão. Conforme o número dos anos desde o jubileu, compraras ao teu próximo; e, conforme o número dos anos das novidades, ele venderá a ti". A escala de preços devia ser regulada pelo jubileu. Se esse glorioso acontecimento estava perto, o preço era baixo; se estava longe, o preço era elevado. Todos os contratos humanos quanto à terra eram anulados no momento em que se ouvia a trombeta do jubileu, porque a terra do Senhor; e o jubileu repunha tudo na sua condição normal.

Isto nos ensina uma admirável lição. Se os nossos corações acalentam continuamente a esperança da vinda do Senhor, consideraremos como fúteis todas as coisas terrestres. É moralmente impossível estarmos à espera do Filho de Deus dos céus sem sermos desligados das coisas deste mundo. "Seja a vossa equidade notória a todos os homens. Perto está o Senhor" (Fp 4:5). Uma pessoa pode aceitar "a doutrina do milênio", como é chamada, ou a doutrina da "segunda vinda" e continuar a ser mundana; porém aquele que vive na expectativa do aparecimento de Cristo deve separar-se do que será julgado e destruído quando Ele vier. Não se

trata da brevidade e incerteza da vida humana, tão certas; nem do caráter passageiro e insatisfatório das coisas temporais, infelizmente certos. Mas de alguma coisa mais poderosa e de maior influência do que qualquer ou todas essas coisas. E simplesmente isto: "*O Senhor está perto*. Que os nossos corações sejam impulsionados e a nossa conduta influenciada por esta preciosa e santificadora verdade!

O GOVERNO DE DEUS SOBRE ISRAEL

Este capítulo requer algumas breves explicações. Contém uma narração solene e tocante de bênçãos ligado à obediência, por um lado, e das conseqüências terríveis da desobediência, por outro. Tivesse Israel andado em obediência e teria sido invencível. "Também darei paz na terra; e dormireis seguros, e não haverá quem vos espante; e farei cessar os animais nocivos da terra, e pela vossa terra não passará espada. E perseguireis os vossos inimigos, e cairão à espada diante de vós. Cinco de vós perseguirão um cento, e cem de vós perseguirão dez mil; e os vossos inimigos cairão à espada diante de vós. E para vós olharei, e vos farei frutificar, e vos multiplicarei, e confirmarei o meu concerto convosco. E comereis o depósito velho, depois de envelhecido; e tirareis fora o velho, por causa do novo. E porei o meu tabernáculo no meio de vós e a minha alma de vós não se enfadará. E andarei no meio de vós, e eu vos serei por Deus, e vós me sereis por povo. Eu sou o SENHOR vosso Deus, que vos tirei da terra dos egípcios, para que não fósseis seus escravos; e quebrei os timões do vosso jugo e vos fiz andar direitos" (versículos 6-13).

A presença de Deus deveria ser sempre o seu escudo e broquel. Nenhuma arma forjada contra eles poderia prosperar. Mas a presença divina só podia ser desfrutada por um povo obediente. O Senhor não podia sancionar com a Sua presença a desobediência ou a iniquidade. As nações incircuncisas em redor deles podiam contar com a sua valentia e recursos militares. Israel só tinha que contar com o braço do Senhor, e esse braço nunca poderia ser estendido para proteger a impiedade ou desobediência. A sua força estava em andar com Deus no espírito de dependência e obediência. Desde que assim andassem havia uma muralha de fogo em redor deles para os proteger contra todo o inimigo e todo o perigo.

Mas, infelizmente, Israel falhou completamente. Não obstante o quadro solene e espantoso posto diante dos seus olhos, em versículos 14 a 33 deste capítulo, eles deixaram o Senhor e serviam outros deuses, e assim trouxeram sobre si mesmos os dolorosos juízos com que haviam sido ameaçados neste capítulo, cuja simples memória é bastante para fazer um zunido nos ouvidos. Estão sofrendo neste próprio momento sob o peso destes juízos. Dispersos e expoliados, arruinados e proscritos, são monumentos da justiça infalível e verdadeira do Senhor. Dão a todas as nações da terra uma lição tocante sobre o assunto do

governo moral de Deus—uma lição que estas nações fariam bem em estudar atentamente, e que os nossos próprios corações deveriam ponderar também.

Estamos sempre prontos a confundir duas coisas que estão claramente assinaladas na Palavra de Deus, a saber: *O governo* de Deus e *a graça* de Deus. Esta confusão conduz a maus resultados. Enfraquece o sentimento da dignidade e solenidade do governo e da pureza, plenitude e elevação da graça. É muito verdade que Deus reserva no Seu governo o direito soberano de agir em paciência, longanimidade e misericórdia; mas o exercício destes atributos, em relação com o Seu trono de governo, nunca deve ser confundido com os atos incondicionais de pura e absoluta graça.

O capítulo que temos perante nós é uma exposição do governo divino e contudo encontramos cláusulas como as seguintes: "Então, confessarão a sua iniquidade, e a iniquidade de seus pais, com as suas transgressões, com que transgrediram contra mim; como também confessarão que, por terem contrariamente para comigo, eu também andei com eles contrariamente e os fiz entrar na terra dos seus inimigos; se, então, o seu coração incircunciso se humilhar, e então tomarem por bem o castigo da sua iniquidade, também eu me lembrarei do meu concerto com Jacó, e também do meu concerto com Isaque, e também do meu concerto com Abraão me lembrarei. E da terra me lembrarei; e a terra será desamparada por eles e folgará nos seus sábados, sendo assolada por causa deles; e tomarão por bem o castigo da sua iniquidade, em razão mesmo de que rejeitaram os meus juízos e a sua alma se enfatiou dos meus estatutos. E, demais disto também, estando eles na terra dos seus inimigos, não os rejeitarei, nem me enfadarei deles, para consumi-los e invalidar o meu concerto com eles, porque eu sou o SENHOR, seu Deus. Antes, por amor deles, me lembrarei do concerto com os seus antepassados, que tirei da terra do Egito perante os olhos das nações, para lhes ser por Deus. Eu sou o SENHOR" (versículos 40-45).

Esta passagem apresenta-nos Deus governando e respondendo em paciente misericórdia aos mais fracos suspiros de um coração quebrantado e penitente. A história dos juízes e reis oferece numerosos exemplos do exercício deste bendito atributo do governo divino. Repetidas vezes, a alma do Senhor foi afligida por Israel (Jz 10:16) e lhes enviou libertador após libertador, até que, por fim, não havia mais esperança, e os justos direitos do Seu trono exigiram a sua expulsão da terra que eram totalmente incapazes de possuir.

A Graça de Deus para com Israel

Tudo isto é *governo*. Porém, dentro em pouco, Israel entrará de posse da terra de Canaan em virtude da *graça* imutável — graça exercida em justiça divina pelo sangue da cruz. Não será pelas obras da lei; nem tão-pouco pelas instituições de uma economia evanescente, mas por aquela graça que "reina pela justiça em nosso Senhor Jesus Cristo". Pelo que nunca mais serão lançados fora da sua possessão. Nenhum inimigo jamais os molestará. Gozarão tranqüilo repouso protegidos pelo escudo do favor do Senhor. O seu título de posse será de conformidade com a estabilidade eterna da graça divina e a eficácia do sangue do concerto eterno. Serão salvos com uma "eterna salvação" (Is 45-17).

Que o Espírito de Deus nos conduza a uma compreensão mais profunda da verdade divina e nos conceda uma maior capacidade para julgar as coisas que diferem, e manejar bem a Palavra da Verdade! (2Tm2:15).

A EXPIAÇÃO: A MESMA MEDIDA PARA TODOS

A parte final do nosso livro trata do "voto particular" ou ato voluntário mediante o qual uma pessoa se consagrava a si própria ou a sua propriedade a Deus.

"Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando alguém fizer particular voto, segundo a tua avaliação serão as pessoas ao SENHOR. Será a tua avaliação... segundo o ciclo do santuário".

Ora, no caso de uma pessoa que se consagrava a si própria ou o seu animal, a sua casa ou o seu campo ao Senhor, era evidentemente uma questão de capacidade ou valor; e, por isso, havia um certo sistema de avaliação, segundo a idade. Moisés, como representante dos direitos de Deus, era convidado a avaliar, em cada caso, segundo o padrão do santuário. Se um homem decide fazer um voto tem de ser avaliado pelo padrão da justiça; e, além disso, em todos os casos, nós temos de reconhecer a diferença entre *capacidade* e o *título*. Em Êxodo 30:15 lemos: "O rico não aumentará, e o pobre não diminuirá da metade do ciclo, quando derem oferta ao SENHOR, para fazer expiação por vossas almas". No caso da expiação todos estão no mesmo nível. Assim terá de ser sempre. Ricos e pobres, cultos e ignorantes, velhos e novos, todos têm a mesma designação. "Não há diferença". Todos subsistem igualmente sobre o valor ilimitado do sangue de Cristo. Pode haver uma grande diferença quanto à capacidade, mas quanto ao título não há nenhuma. Pode haver diferença enquanto ao conhecimento, dons e frutos, mas quanto ao título não existe nenhuma. O renovo e a árvore, o bebê e o pai, o convertido de ontem e o crente maduro, estão todos sobre o mesmo terreno. "O rico não aumentará, e o pobre não diminuirá". Não se podia dar mais e não podia aceitar-se menos. "Temos ousadia para entrar no santuário pelo sangue de Jesus". Este é o título que nos dá entrada ali. Uma vez dentro, a nossa capacidade para adorar dependerá da nossa energia espiritual. Cristo é o nosso título: O Espírito Santo a nossa capacidade. O ego nada tem que ver com um ou com o outro. Que graça perfeita! Entramos pelo sangue de Jesus, e gozamos pelo Espírito Santo do que ali encontramos. O sangue de Jesus abre a porta; o Espírito Santo guia-nos pela casa. O sangue de Jesus abre o cofre; o Espírito Santo mostra-nos o seu precioso conteúdo. O sangue de Jesus dá-nos o cofre; o Espírito Santo torna-nos capazes de apreciar as suas raras e valiosas jóias.

O Serviço: A Medida é segundo a Capacidade de Cada Um

Mas em Levítico 27 trata-se inteiramente de uma questão de habilidade, capacidade ou valor. Moisés dispunha de um certo padrão abaixo do qual não era possível descer. Tinha uma certa regra da qual não lhe era possível afastar-se. Se alguém podia alcançá-la, muito bem; caso contrário ele tinha de deliberar segundo o resultado.

Que era, pois, necessário fazer a respeito da pessoa que não podia elevar-se à altura dos direitos apresentados pelo representante da justiça divina? Escutai a consoladora resposta. "Mas, se for mais pobre do que a tua avaliação, então, apresentar-se-á diante do sacerdote, para que o sacerdote o avalie; conforme o que alcançar a mão do que fez o voto, o avaliará o sacerdote" (versículo 8). Por outras palavras, se se trata dos esforços do homem para satisfazer as exigências *da justiça*, então tem de satisfazê-las. Mas, por outra parte, se sente é inteiramente incapaz de satisfazer essas exigências, só tem de recorrer à *graça*, que o receberá tal qual ele é. Moisés é o representante dos direitos da justiça divina. O sacerdote é o expoente dos recursos da graça divina. O pobre que era incapaz de permanecer diante de Moisés caía nos braços do sacerdote. Assim é sempre. Se não podemos "cavar", podemos "pedir"; e pomo-nos diretamente no lugar de um mendigo; já não se trata de uma questão do que somos capazes *de alcançar*, mas do que Deus tem prazer em *nos dar*. "A graça será a coroa de toda a obra de Deus pelos séculos dos séculos". Quão bem-aventurado é ser-se devedor à graça! Que dita receber quando Deus é glorificado em dar! Quando se trata do homem, é infinitamente melhor cavar do que pedir ; mas quando se trata de Deus é precisamente o contrário.

A Conclusão Concernente a Israel

Devo acrescentar que este capítulo se refere, segundo o nosso parecer, de um modo especial à nação de Israel. Está intimamente ligado com os dois capítulos precedentes. Israel fez "um voto singular" ao pé do monte Horebe; porém foi de todo incapaz de cumprir as exigências da lei — eram muito mais pobres do que "a avaliação de Moisés". Mas, bendito seja Deus, serão introduzidos sob os ricos recursos da graça divina. Tendo reconhecido a sua total incapacidade para "cavar" a terra, não terão vergonha de "pedir"; e, por isso, experimentarão a imensa graça de depender da misericórdia soberana do Senhor, que se estende, como uma cadeia de ouro, "desde eternidade a eternidade". E bom ser pobre, quando o conhecimento da nossa pobreza serve para desenrolar à nossa vista as riquezas

inexauríveis da graça divina. Essa graça não se nega nunca a favorecer o desvalido. Nunca declara ninguém pobre demais. Pode satisfazer as maiores necessidades humanas; e ser glorificada em as satisfazer. Isto é verdade em todos os casos. É verdade a respeito de todo o pecador individualmente; e é verdade a respeito de Israel, que, tendo sido avaliado pelo legislador, foi encontrado "mais pobre do que a sua avaliação". A graça é o único recurso para todos. É a base da nossa salvação; a base de uma vida de piedade prática; e a base da nossa esperança imorredoura que nos anima no meio das provas e lutas deste mundo de pecado. Que tenhamos um sentimento mais profundo da graça e um desejo mais ardente da glória!

Terminamos aqui as nossas meditações sobre este Livro tão profundo e precioso. Se Deus se servir das páginas precedentes para despertar interesse por esta parte inspirada da Escritura que tem sido tão negligenciada pela Igreja, em todos os tempos, não terão sido escritas em vão.